

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Programa de Pós-Graduação em História

Região, Etnicidade e Política:

**O Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na
década de 1930**

João Henrique Zanelatto

Porto Alegre

2007

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Programa de Pós-Graduação em História

Região, Etnicidade e Política:

**O Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na
década de 1930**

João Henrique Zanelatto

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr. René Gertz

Porto Alegre

2007

João Henrique Zanelatto

Região, Etnicidade e Política:
O Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense na década
de 1930

Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em História – Área de História das Sociedades Ibéricas e Americanas – Doutorado, da Faculdade de filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em História.

Banca Examinadora

Prof. Dr. René Ernani Gertz (PUCRS) Presidente dos Trabalhos/ Orientador

Prof. Dr. Carlos Renato Carola (UNESC)

Prof^a. Dr^a. Magaret Marchiori Bakos (PPG-História/PUCRS)

Prof. Dr. Elder Gordim da Silveira (PPG-História/PUCRS)

Prof^a. Dr^a Carla Brandalise (UFRGS)

Porto Alegre, 20 de agosto de 2007

RESUMO

ZANELATTO, João Henrique. Região, Etnicidade e Política: o Integralismo e as lutas pelo poder político no Sul Catarinense, na década de 30. Porto Alegre: PUCRS, 2007.

Essa tese ao fazer um estudo do Integralismo buscou compreender as lutas pelo poder político em Santa Catarina e em particular no Sul Catarinense na década de 1930. A fim de elucidar esse processo, foram observados os seguintes aspectos do Integralismo no Sul Catarinense: a estruturação, as características regionais, os canais de difusão da doutrina do movimento, a composição social e étnica do Integralismo, o jogo político local e regional, a popularidade e repercussão do discurso integralista e de seus opositores, as tensões e alianças entre as diversas forças político-sociais. Ao estudar a trajetória do Integralismo no Sul Catarinense estabeleceu-se um comparativo com outras regiões, o Vale do Itajaí e o Norte do estado, visibilizando as particularidades de cada região.

ABSTRACT

ZANELATTO, João Henrique. Region, Ethnicity and Politic: The Integralism and fights by the politic power in the South Catarinense, in the decade 1930. Porto Alegre: PUCRS, 2007.

This thesis to do na study about Integralism got to compreend the fughts by the politic power in Santa Catarina and private in the South Catarinense in the decade 1930. To elucidate this process it went observe the following aspects of the Integralism in the South Catarinense: the structure, the regional feature, the canal of the diffusion of the doctrine of the movement, the social and ethnic composition of the Integralism, the game politic local and regional, the popularity and repercussion of the discourse Integralist and yuor apponents, the tensions and alliance betu un the severals forces politic-social. To study the trajectory of the Integralism in the South Catarinense to establish a comparative with others regions the Vale do Itajaí and Noth of the state, visibility the peculiarities of the each region.

AGRADECIMENTOS

Aos amigos, colegas e professores do Curso de História da UNESC, Carlos Renato Carola, Antonio Luiz Miranda, João Batista Bitencourt, Dorval do Nascimento, Paulo Sérgio Osório, Marli de Oliveira Costa, Débora Michels Mattos, Nivaldo Aníbal Gourlat, Leila Lourenço, Márcia Turatti, Lucy Cristina Ostetto, Albertina Serafim Daminelli, Iruan Teixeira, Juçara Luiza Cardoso Jeronimo, Edison Peagle Balod, João Batanolli, Heliete Rocha, José Pedro Idalino.

À Andréia amiga e colega de trabalho, secretaria do Curso de História.

Ao Dr. René Gertz pela paciência no processo de orientação.

Aos meus pais João Zanelatto e Maria Ivanir Zanelatto que me iniciaram e sempre estimularam na minha busca de crescimento intelectual.

Aos meus filhos, Bianca, Beatriz e Pedro Henrique que suportaram minhas constantes ausências.

À Sandra, minha companheira que soube compreender as minhas inquietações, angústia e esteve sempre ao meu lado durante todo o processo de escrita dessa tese.

Aos funcionários da Pós-Graduação em História da PUCRS.

Aos funcionários da Biblioteca Pública de Florianópolis.

Aos funcionários do Arquivo Histórico de Tubarão e Laguna.

Ao Carlos Merega que me possibilitou pesquisar em seu arquivo.

Finalmente, a Capes pelo período de bolsa que me concedeu.

LISTAS DE QUADROS

Quadro 01	Organização do Integralismo em Santa Catarina por Regiões.	39
Quadro 02	Cisões na Política Catarinense e no Partido Republicano durante a Primeira República.	47
Quadro 03	Nominata dos Candidatos da AIB para Câmara Federal nas eleições de 1934 e suas respectivas profissões.	56
Quadro 04	Nominata de Candidatos da AIB para a Assembléia Constituinte Estadual nas Eleições de 1934 e suas respectivas profissões.	57
Quadro 05	Cisões na Política Catarinense 1930 – 1935.	62
Quadro 06	Prefeitos eleitos pela AIB em 1936.	90
Quadro 07	Candidatos ao pleito de 1936 em Jaraguá do Sul.	93
Quadro 08	Resultado geral do pleito de 1936 em Jaraguá do Sul.	94
Quadro 09	Resultado Geral das Eleições Realizadas no Estado de Santa Catarina Em 1 de Março de 1936.	96
Quadro 10	Produção Agrícola Recenseados em Tubarão em 1920.	117
Quadro 11	População Urbana os Municípios do Sul Catarinense em 1940.	175
Quadro 12	Famílias luso-brasileiras que dominaram a região na Primeira República.	176
Quadro 13	Domínio Político nos Municípios de Urussanga Orleans e Criciúma até a Década de 1930.	179
Quadro 14	Quadro da Receita dos Municípios do Sul Catarinense em Ordem Decrescente em 1936.	184
Quadro 15	Relação de Superintendentes e Prefeitos nomeados e eleitos no Sul Catarinense entre 1930-1945.	242
Quadro 16	Número de eleitores e seções eleitorais nos municípios catarinenses em 1929.	264
Quadro 17	Resultado das eleições para prefeito em vários municípios do estado em 1936.	266
Quadro 18	Resultados das eleições municipais de 1936 nos municípios do Sul Catarinense.	269
Quadro 19	Jornais editados nos municípios do Sul Catarinense entre 1930-1940.	288
Quadro 20	Publicações sobre o Integralismo na imprensa Sul Catarinense.	294
Quadro 21	Grau de alfabetização da população no Sul Catarinense na década de 1920.	300
Quadro 22	Jornais editados nos municípios do Vale do Itajaí na década de 1930.	313
Quadro 23	Jornais editados nos municípios da região Norte do estado na década de 30.	322

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	07
Capítulo I - O INTEGRALISMO E A POLÍTICA REGIONAL EM SANTA CATARINA -----	25
O Sigma em território Barriga Verde: sua estrutura nos municípios -----	31
Os integralistas vão as urnas -----	42
Republicanos e Liberais... o Integralismo como opção -----	60
O Congresso integralista de 1935 -----	74
As eleições municipais de 1936 -----	84
Capítulo II - O SUL CATARINENSE ESPAÇO E SOCIEDADE PLURAIS -----	100
Laguna, Tubarão e Araranguá: a formação histórica da região e o domínio luso-brasileiro na Primeira República -----	104
Imaruí, Jaguaruna e Imbituba: satélites que gravitam em torno dos municípios-pólos -----	126
Peculiaridades da imigração europeia -----	135
Urussanga, Orleans e Criciúma: as relações de poder nos núcleos coloniais -----	153
Diferença cultural e relações de poder -----	172
Capítulo III - DIFERENÇAS, TENSÕES E CONEXÕES: OS CONTORNOS DA POLÍTICA NO PÓS-30 -----	182
Carvão e ferrovia, público e privado: ecos do progresso -----	187
Ambivalência: os fascismos europeus e a nacionalização -----	197

Nazismo e Integralismo: algumas abordagens-----	206
O Integralismo e o fascismo italiano-----	216
Liberais e Integralistas: singularidades da política regional-----	236
Capítulo IV - IMPRENSA E PODER: A LUTA PELO MONOPÓLIO POLÍTICO-	272
Geografia, economia, etnia e cultura: um estado fragmentado-----	275
A imprensa Sul Catarinense e o Integralismo-----	287
A Imprensa entre os teuto-brasileiros no Vale do Itajaí e Norte do estado---	309
Alvorada, Flama Verde e Anauê: as tensões entre o Integralismo X	326
oposição-----	
ÚLTIMAS PALAVRAS-----	338
FONTES-----	344
REFERÊNCIAS-----	348
ANEXOS-----	364

INTRODUÇÃO

O interesse do autor pela temática desta tese foi se configurando a partir de 1998, ao trabalhar na Universidade do Extremo Sul Catarinense no Curso de História com as disciplinas História de Santa Catarina, História Local e Regional e no curso de especialização Lato Sensu com a disciplina Imigração, Colonização e Identidade Cultural.

Ao fazer um levantamento das produções para elaborar os programas das disciplinas constatou-se a existência de algumas obras referentes ao Integralismo, que, no entanto, abordavam o tema especificamente em algumas regiões do estado: o Vale do Itajaí e o Norte do estado. Esses trabalhos apontavam para o grande crescimento do Integralismo nas áreas de imigração européia, as relações entre nazismo, fascismo e Integralismo, e também para as disputas políticas em âmbito regional.

Quanto às outras regiões do estado, em especial o Sul Catarinense, foram encontradas apenas algumas referências esparsas sobre o Integralismo, constituídas de fragmentos, parágrafos seguidos por alguma imagem. Constatou-se que, de maneira geral, a história política do Sul Catarinense na década de 1930 estava também escrita em subcapítulo, fragmentos, parágrafos, imagens ou em alguns livros, dissertações e teses, mas que se circunscreviam a algum município da região.

No contato com algumas evidências como, por exemplo, a imprensa da região, e os relatórios de cônsules italianos, foi possível observar comparações que eram estabelecidas do Sul Catarinense com o Vale do Itajaí e o Norte do estado. Nessas evidências, o Vale do Itajaí e o Norte do estado apareciam como as regiões que eram exemplo de progresso, enquanto no Sul Catarinense imperava o atraso.

Ao longo dos anos, essas questões foram provocando uma inquietação que foi decisiva para o desenvolvimento desse trabalho. Assim, ao fazer um estudo do Integralismo buscou-se compreender as lutas pelo poder político em Santa Catarina e em particular no Sul Catarinense na década de 1930. A fim de elucidar esse processo, foram observados os seguintes aspectos do Integralismo no Sul Catarinense: a estruturação, as características regionais, os canais de difusão da doutrina do movimento, a composição social e étnica do Integralismo, o jogo político local e regional, a popularidade e repercussão do discurso integralista e de seus opositores, as tensões e alianças entre as diversas forças político-sociais. Desse modo, ao estudar a trajetória do Integralismo no Sul Catarinense estabeleceu-se um comparativo com outras regiões, o Vale do Itajaí e o Norte do estado, visibilizando as particularidades de cada região.

Foram fundamentais para este estudo os conceitos de região, etnicidade, e história política. Além disso, contribuíram as abordagens sobre o Integralismo em âmbito nacional e as de cunho regional, sobretudo aquelas que centraram suas análises em Santa Catarina.

No que tange ao conceito de região, é preciso compreender que esse termo sofreu alterações ao longo do tempo.¹ Nesse estudo tomou-se a região como o um lugar que “possui uma história própria, um conjunto de relações sociais delimitadas, um espaço de memória, de formação de identidades e de práticas políticas específicas”.² Caminhando nessa direção, pode-se dizer ainda que a região é “formada por um conjunto de valores socialmente aceitos e partilhados pelos seus agentes, que

¹ Sobre as alterações sofridas pelo termo região ver: RECKZIEGEL, Ana Luíza Setti. História Regional: dimensões teórico-conceituais. *História: debates e tendências*. Passo Fundo, v. 1, n. 1, 1999, p. 16.

² RECKZIEGEL, *História Regional...*, p. 20.

conferem a ela uma identidade própria, capaz de gerar comportamentos mobilizadores de defesa de interesses”.³ Nessa perspectiva, o estudo da história regional não deve ser visto com um fornecedor de elementos que somados constituiriam em uma “história nacional” ou uma “história geral”. O que se quer dizer com isso é que a história regional pode revelar aspectos que não foram analisados ou relegados pelas abordagens macro.⁴

As monografias regionais são, às vezes, de relevância fundamental para a compreensão do conjunto... Alguns traços regionais, que se esmaecem na fisionomia do conjunto, assumem então uma importância que não se costuma avaliar na síntese geral.⁵

Nessa direção, pode-se afirmar também que a história regional é fundamental para os estudos comparados. Portanto, entende-se o regional como um conjunto em que se estabelecem “relações e articulações estruturadas em torno de identidades singulares”.⁶ Dessa forma, na história regional encontram-se “simultaneamente características universais e particulares”.⁷

Ainda sobre o conceito de região, o sociólogo Pierre Bordieu, ao analisar o surgimento das divisões regionais e o comportamento regionalista de grupos políticos, afirma que o critério de divisão regional surgiu simbolicamente, sendo legitimado e

³ VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Elites Políticas em Minas Gerais na Primeira República. *Estudos Históricos: História e Região*. Rio de Janeiro: FGV, v. 8, n. 15, 1995, p. 40.

⁴ As reflexões em torno das contribuições para o estudo da história regional podem ser buscadas em: SILVA, Marcos A. (Org.). *República em Migalhas: História Regional e Local*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1990. Essa coletânea organizada por Marcos Silva apresenta trabalhos de vários historiadores que abordam a temática do regional sob diferentes perspectivas. VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. História, Região e Poder: A busca de interfaces metodológicas. *Lócus: revista de história*. Juiz de Fora: Núcleo de História regional/EDUFJF, v. 3, n. 1, 1997. RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. História regional e Local: problemas teóricos e práticos. *História & perspectivas*, (16/17), Jan./Dez. 1997. Pode-se destacar também os estudos de BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertand, 1989, Cap. 5.

⁵ LACOMBE, Américo J. *Introdução ao Estudo da História do Brasil*. São Paulo: Nacional/USP. 1973, p. 71.

⁶ RECKZIEGEL, *História Regional...*, p. 20.

⁷ Idem, p. 21.

reconhecido posteriormente. Para o autor, a divisão regional não existe, ela é construção humana, a delimitação regional é definida por aqueles que nela vivem passando a incorporar o imaginário dos que a evocam.⁸

Dessa maneira, compreendendo-se a importância dos estudos regionais para dar visibilidade às particularidades, delimitaram-se como recorte regional para esse estudo o Sul Catarinense, uma divisão política administrativa já existente. O estudo abordou o Integralismo e as lutas pelo poder político centrando a análise nos municípios que compunham a região no período. Cabe destacar que as comparações com outras regiões do estado permearam todo o trabalho, aflorando diferenças e particularidades.

Outro conceito que permeou o trabalho foi o de etnicidade. Nas disputas pelo poder político em Santa Catarina e em especial no Sul Catarinense as várias forças políticas investiram na afirmação de fronteiras étnicas. As tensões entre luso-brasileiros e imigrantes europeus e seus descendentes foram uma constante durante toda a Primeira República e se acentuaram na década de 30.⁹

A afirmação de fronteiras étnicas é aqui mostrada numa perspectiva relacional entre os grupos, demarcando uma zona de “fricção interétnica” e criando um conjunto de representações classificando o “nós” e os “outros”.¹⁰ Dessa maneira, as

⁸ BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertand, 1989, Cap. 5.

⁹ Em Santa Catarina vários estudos têm apontado a questão da etnicidade: SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Florianópolis: FCC, 1981. SERPA, Élio Cantalício. A Identidade Catarinense nos Discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. *Revista de Ciências Humanas*, v. 14, n. 20. Florianópolis: Editora da UFSC, 1986, p. 63-79. FROTSCHER, Méri. *Etnicidade e Trabalho Alemão: Outros Usos e Outros Produtos do Labor Humano*. Florianópolis: UFSC, 1998. (Dissertação de Mestrado em História). SEVERINO, José Roberto. *Itajaí e a Identidade Açoriana: A Maquiagem Possível*. Itajaí: Editora da Univali, 1999. NASCIMENTO, Dorval do. *Faces da Urbe. Processo Identitário e Transformações Urbanas em Criciúma/SC (1945-1980)*. Porto Alegre: UFRGS, 2006 (Tese de Doutorado em História).

¹⁰ BARTH, Frederick. *Os grupos étnicos e suas fronteiras*. Tradução de Rodrigo Lavina. México: Fundo de Cultura Econômica, 1976.

relações sociais de fundo étnico surgem por oposição, se afirmam negando a outra identidade, e criam símbolos, mitos e valores para se distinguirem. Elas constituem-se em uma espécie de ferramenta tática de que os indivíduos ou grupos podem se utilizar, se perceberem vantagens nisso. Portanto são expressões de lutas, são categorias de classificação com forte sentido político e por isso são fluídas e flexíveis, e possíveis de manipulação. Em síntese, a etnicidade pode se caracterizada como “uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores”.¹¹

Este estudo alicerçou-se fundamentalmente na história política, abordagem que até alguns anos atrás enfrentava uma série de preconceitos. Isso ocorreu devido ao “descrédito em que foi lançado durante algum tempo o estudo dos fatos políticos pela afirmação de um interesse por outras dimensões da história”¹², transformando a abordagem da história política no “próprio símbolo de uma história fora de moda”.¹³ Isso porque até então a história política havia sido “admitida para ser essencialmente relacionada ao Estado; em outras palavras, era mais nacional e internacional, do que regional”.¹⁴ Esse descrédito emergiu a partir das críticas contundentes que a história política recebeu do grupo dos *Annales*, provocando uma marginalização da dimensão política dos fatos sociais, pois a consideravam literária, passível de ser romanceada e,

¹¹ POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998, p. 141.

¹² RÉMOND, René. As eleições. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2003, p. 44.

¹³ Idem.

¹⁴ BURKE, Peter. Abertura a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 10.

sobretudo, por fundamentar-se em conflitos localizados e de curta duração. “Cada vez mais essa história será conhecida como tradicional”.¹⁵

Na década de 1960, a crítica à história política viria do marxismo e do estruturalismo, contribuindo também para o descrédito da história política, ao identificá-la como um tipo de história que estava ancorada exclusivamente no acontecimento, na linearidade e na narração dos fatos.

O marxismo ao centrar a explicação histórica no primado da luta de classes e no econômico, marginalizou a importância do político que passou a ser analisado em decorrência do econômico.¹⁶ Quanto ao estruturalismo, transformou “o político – visto como jurídico-político – de superestrutura em um nível, numa instância ou uma estrutura regional, visto ao lado de outras duas, a econômica e a ideológica”¹⁷; que, ao debaterem-se, o econômico, em última instância, acaba sendo o determinante. Assim, historiadores das três correntes: annales, marxismo e estruturalismo foram responsáveis pelo descrédito sofrido pela história política até o final da década de 60.

Na década de 1970, teve início um processo de revalorização e renovação da história política. Jacques Julliard foi um dos primeiros historiadores a propor a reversão do quadro da história política tradicional. Inicialmente apontou seus vícios e defeitos.

A história política é psicológica e ignora condicionamentos, é elitista, biográfica mesmo, e ignora a sociedade global e as massas que a compõem; é qualitativa e ignora o serial; visa o particular e ignora a comparação; é narrativa e ignora a

¹⁵ FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 68.

¹⁶ FELIX, Loiva Otero. Historiografia política: impasses e rumos nas décadas de 1970-90. *Logos*. Canoas, v. 11, n. 1, maio 1999, p. 8.

¹⁷ BORGES, Vavy Pacheco. História e Política: laços permanentes. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 12, n. 23/24, set. 91/ago. 92, p. 13.

análise; é materialista e ignora o material; é ideológica e não tem disso consciência; é parcial e não sabe que o é; atém-se ao consciente e ignora o inconsciente; é pontual e ignora o longo prazo; numa palavra, porque esta palavra resume tudo na gíria dos historiadores, é factual.¹⁸

Depois de expor os defeitos e vícios, Julliard propôs a necessidade de renovação da história política, para que se recuperasse de seu atraso, e foi enfático ao considerar que “marxista ou não, o historiador não pode desinteressar-se do problema da natureza social do poder político”.¹⁹ Assim, até a década de 70, a história política era “a própria imagem e o exemplo perfeito da história dita factual”²⁰, ficando na superfície das coisas, e esquecendo-se de “vincular os acontecimentos às suas causas profundas”.²¹ Privilegiava o particular e o nacional, dando as costas para a possibilidade de comparações no espaço e no tempo.

A renovação que a história política vem experimentando nas últimas décadas pode ser entendida levando-se em consideração a amplitude das transformações sociais, e as “novas orientações da pesquisa histórica”.²² Desse modo, nos últimos anos foram se multiplicando as manifestações de um retorno com força total da história política. A produção de trabalhos em torno do político “pupulam, numerosas teses lhe são consagradas”. Até mesmo no ensino que havia descartado a política “em benefício da economia e das relações sociais, tende hoje a reintroduzir a dimensão política dos fatos coletivos”.²³ Assim, na década de 80, a situação de descrédito foi

¹⁸ JULLIARD, Jacques. A Política. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (Orgs.). *História: novas abordagens*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 181.

¹⁹ Idem, p. 280.

²⁰ RÉMOND, René. Uma História Presente. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2003, p. 16.

²¹ Idem, p. 17.

²² RÉMOND, *Uma História Presente...*, p. 19.

²³ Idem, p. 21. Vários elementos que contribuíram para a renovação da história política podem ser encontrados em: FALCON. História e poder... Para outra reflexão em torno da história política ver: GERTZ, René. História política. *Logos*. Canoas, v. 11, n. 1, maio de 1999, p. 13-33. O autor estabelece

sendo modificada, a renovação da história política tomava fôlego “com o gradativo abandono da história política tradicional em favor de uma compreensão do político na história”.²⁴

Quanto aos estudos sobre o Integralismo, é possível afirmar que entre 1940 e 1980, surgiram várias análises a partir de diferentes perspectivas, em que predominavam as explicações do movimento em sua dimensão nacional. Podem-se destacar como marcos dessa etapa as interpretações de Héglio Trindade²⁵, José Chasin²⁶, Gilberto Vasconcelos²⁷ e Marilena Chauí²⁸.

Mais recentemente, os historiadores assumiram o Integralismo como objeto de suas pesquisas buscando compreendê-lo em suas especificidades regionais. No Sul do Brasil, e em especial no estado de Santa Catarina, constituem exemplos desse viés as análises de René Gertz e Luis Felipe Falcão.

René Gertz, ao estudar o Integralismo em Santa Catarina, divergiu das análises que, ao abordarem o surgimento e a organização desse movimento no estado, tinham na variável étnica a principal explicação para o seu grande crescimento entre os imigrantes europeus e seus descendentes. Geralmente as explicações sustentavam-se em uma suposta idéia de “quisto étnico”, na resistência à assimilação e na indiferença

um diálogo com a historiografia alemã, compara com a historiografia francesa, aponta para as preocupações dos historiadores alemães em relação à história política, a história social e a nova história, destacando um certo ceticismo com esta última, mesmo admitindo a necessidade da inclusão da cultura como objeto da história. Gertz enfatiza que esses historiadores propõem uma história social ampliada que inclui a história política.

²⁴ FELIX, A *História Política Hoje...*, 58.

²⁵ TRINDADE, Héglio. *O fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel; Porto Alegre: UFRGS, 1974.

²⁶ CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado. Forma de regressividade no capitalismo hiper-terdio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

²⁷ VASCONCELOS, Gilberto. *A Ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

²⁸ CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena. FRANCO, Maria S. C. *Ideologia e Mobilização Popular*. São Paulo: Paz e Terra/CEDEC, 1978.

das populações das regiões de colonização em relação à realidade brasileira. Essas explicações apontavam também para uma identificação entre Nazismo e Integralismo e que este último era utilizado para camuflar a ação nazista.²⁹

Divergindo dessa perspectiva, Gertz apontou para outras especificidades da popularidade do Integralismo em Santa Catarina: a política regional e a ascensão econômica dos descendentes de imigrantes europeus, em especial os alemães situados no Vale do Itajaí e Norte do estado. Inicialmente tratou de averiguar a vida nas colônias³⁰ teuto-brasileiras, onde a população, em grande parte, cultivava a língua alemã, mantinha imprensa, escolas e clubes alemães. Conforme o autor, um panorama tão germânico levava a crer que o nacional-socialismo penetraria com facilidade nas colônias. Analisou diversas fontes que tratam direta e indiretamente das relações entre o Integralismo e o nazismo, e concluiu que o assunto ainda não tinha recebido o tratamento adequado, pois todos os trabalhos colocam a variável étnica para explicar tudo o que ocorreu nas regiões de colonização alemã no Sul do Brasil.³¹

Gertz analisou separadamente os movimentos integralistas, nazistas e germanista, para saber até que ponto eles se identificavam. Argumenta que o Integralismo pode ter sido influenciado ideologicamente pelo nazismo, mas sua expansão entre os teutos não pode ser explicada a partir do apoio ou da orientação

²⁹ Dentre as obras que tinham na variável étnica a explicação para a popularidade do Integralismo entre os descendentes de imigrantes europeus podem ser destacadas: KUEHNE, João. O integralismo nazi-fascista em Santa Catarina. In: Delegacia de Ordem Política e Social de Santa Catarina. *O Punhal Nazista no Coração do Brasil*. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1943. SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: FCC, 1981.

³⁰ O termo “colônia” segundo SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: UnB, 1990, p. 21, identifica uma estrutura social e um modo de vida comum entre os imigrantes agricultores do sul do Brasil – o ethos camponês. Para IANNI, Constantino. *Homens sem paz: os conflitos e os bastidores da emigração italiana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972, p. 27, indica aglomeração de italianos no exterior. A palavra colono passou a identificar o habitante das colônias, ou do lote – colônia.

³¹ GERTZ, René. *O fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

nazista. Nas colônias alemãs, alguns membros do partido nazista aliaram-se ao Integralismo, porém, em geral existiam mais atritos do que colaboração entre nazistas e integralistas.³² Assim, para o autor a explicação mais plausível para o crescimento do Integralismo em Santa Catarina estava no dinamismo das colônias e na política regional.

O estudo de Luís Felipe Falcão enfatizou que “foi sem dúvida a difusão de uma certa concepção nacionalista que proporcionou a singularidade mais notável do Integralismo”³³ em Santa Catarina. Através da análise dos discursos dos jornais, o autor argumenta que o Integralismo teria surgido como uma alternativa para as populações de origem germânica “se integrarem ativamente na construção da nacionalidade brasileira”³⁴ e não a uma nacionalidade já construída.

Não se pretende nesse trabalho divergir das teses de Gertz e Falcão, muito pelo contrário, entende-se que elas se completam quando se trata de analisar o Integralismo no Vale do Itajaí e o Norte do estado entre os imigrantes europeus e seus descendentes. Pretende-se, sim, ampliar o olhar sobre o Integralismo em Santa Catarina e apontar para outras especificidades. Isso porque todas as análises produzidas sobre o Integralismo no estado, inclusive as de Gertz e Falcão, estão centradas basicamente em duas regiões: o Vale do Itajaí e o Norte do estado. O Sul Catarinense não aparece nessas obras, ou aparece marginalmente. Entretanto, quando se observa, por exemplo, os resultados das eleições municipais em 1936, no Sul Catarinense, os integralistas obtiveram um desempenho significativo, lançaram

³² Idem, p. 131-132.

³³ FALCÃO, Luís Felipe. *Entre o ontem e amanhã: diferença cultural tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: Editora da Univalli, 2000, p. 140.

³⁴ FALCÃO, *Entre o ontem e amanhã...*, p. 150.

candidatos a vereadores em todos os 8 municípios e para prefeito em 5. Essas eleições no sul Catarinense demarcaram as disputas pelo poder político, entre as várias forças da região, e demonstraram que, naquele contexto, as mais acirradas ocorreram entre integralistas e liberais.

Nessas eleições, os integralistas elegeram 12 vereadores, dado que se torna relevante, quando comparado com as outras regiões do estado: o Planalto Serrano, o Oeste e a Capital, ou até mesmo com o Rio Grande do Sul, que em todo o estado, mesmo com a grande organização do Integralismo na região colonial, só conseguiu eleger 4 vereadores, 1 em Novo Hamburgo e 3 em Caxias do Sul.³⁵ A eleição de 1936 demonstrou que no Sul Catarinense estava concentrado um contingente significativo de simpatizantes e militantes do Integralismo.

No que tange às evidências utilizadas para o desenvolvimento do trabalho, podem ser destacados a imprensa, a historiografia local e regional, os relatórios de cônsules, Diário Oficial, mensagens de governadores, questionário do Ministério da Justiça e Negócios Interiores etc... Das evidências aqui arroladas, fazem-se algumas considerações sobre a historiografia local, bem como da imprensa tendo em vista que foram essas as mais utilizadas no trabalho.

Os trabalhos da historiografia local e regional mais utilizados por esta pesquisa podem ser aqui colocados dentro do esquema (seis pontos de contraste) criado por Peter Burke³⁶ para diferenciar a chamada nova história da história tradicional.

³⁵ Sobre a inserção do Integralismo na região colonial e o resultado das eleições municipais em Caxias do Sul ver: BRANDALISE, Carla. *O Fascismo Na Periferia Latino-Americana: O paradoxo da implantação do Integralismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

³⁶ BURKE, Peter. Abertura a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. Os seis pontos de contraste são apresentados pelo autor da seguinte forma: para o paradigma tradicional a história é essencialmente política (centrada no Estado), narrativa, vista de cima, utiliza basicamente registro

Desse modo, pode-se arrolar dentro do paradigma tradicional em âmbito local os trabalhos de João Leonir Dall’Alba³⁷, Luigi Marzano³⁸, Agenor Neves Marques³⁹ Paulo Hobold⁴⁰, Auricélio Costa⁴¹ Jocely Lonttin⁴², Rolando Christian Sant’ Helena Coelho⁴³, Archimdes Naspolini⁴⁴, Pedro Milanez⁴⁵, Mário Belolli⁴⁶, Zulmar Bortolotto⁴⁷, Walter Zumblik⁴⁸, Amadio Vetoretti⁴⁹, Ondina Pereira Bossle⁵⁰ e Ruben Ulysséa.⁵¹ Essas produções da historiografia local foram extremamente úteis para o desenvolvimento deste trabalho, produções de âmbito municipal, a maioria delas, muitas vezes, fruto do esforço de historiadores amadores. “É uma história próxima e viva e, no entanto muitas

oficiais, a explicação histórica centrada nos personagens colocados em evidência na documentação e por último a história é objetiva. Por sua vez, a nova história interessa-se por todas as atividades humanas, trabalha com análise de estruturas, processos e acontecimentos, vista de baixo (privilegia a experiência das pessoas comuns), amplia a noção de fontes, problematiza as fontes, e por fim o passado é apresentado como uma perspectiva. Usando o esquema de Burke, a historiadora Cristina Scheibe Wolff propôs uma classificação para a historiografia catarinense em três grupos: Abordagens estadual tradicional, local tradicional e temática. Para essa classificação, partiu da delimitação dos objetos de estudo e de sua abordagem teórico metodológica. WOLFF, Cristina Scheibe. *Historiografia catarinense: uma introdução ao debate*. *Revista Catarinense de História* – n. 2, p. 5-15, 1994.

³⁷ Arrolam-se aqui somente as obras desse autor utilizadas ao longo do trabalho: DALL’ALBA, João Leonir. *O Vale do Braço do Norte*. Orleans: Edição do autor, 1973. *Laguna antes de 1880: documentário*. Florianópolis: Lunardelli/UDSC, 1979. *Imigração italiana em Santa Catarina*. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul. Florianópolis: Lunardelli, 1983. *Colonos e mineiros no grande Orleans*. Florianópolis: Lunardelli, 1986. *História do grande Araranguá*. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997. *Pioneiros nas terras dos condes*. 2ª ed. Orleans: Gráfica do Lelo, 2003. *São Ludugero para o Brasil: Memórias do padre José Pereira Kuns*. Orleans: FEBAVE, 2005.

³⁸ MARZANO, Luigi. *Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil*. Tradução de João Leonir Dall’Alba. Florianópolis: Editora da UFSC/Prefeitura Municipal de Urussanga, 1985.

³⁹ MARQUES, Agenor Neves. *História de Urussanga*. Prefeitura Municipal de Urussanga, 1979.

⁴⁰ HOBOLD, Paulo. *A história de Araranguá*. Complementada e atualizada por Alexandre Rocha. Araranguá: [s.n], 2005.

⁴¹ COSTA, Auricélio. *Imaruí do Senhor dos Passos: tópicos para a construção da história de Imaruí e do Senhor dos Passos*. Garopaba: Editora: São Joaquim, 2003.

⁴² LONTTIN, Jucely. *Orleans 2000: história e desenvolvimento*. Florianópolis: Elbert, 1998.

⁴³ COELHO, Rolando Christian Sant’ Helena. *Assim nasceu Sombrio*. Sombrio: Correio do Sul, 2003.

⁴⁴ NASPOLINI FILHO, Archimedes. *Criciúma 70 anos: 1925/1995: ensaio para a sua história político-administrativa*. 4ª ed. Criciúma: Editora do autor, 1995.

⁴⁵ MILANEZ, Pedro. *Fundamentos históricos de Criciúma*. Florianópolis: Ed. do autor, 1991.

⁴⁶ BELOLLI, Mário. *História do Carvão de Santa Catarina*. Criciúma: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002.

⁴⁷ BORTOLOTTI, Zulmar. *História de Nova Veneza*. Prefeitura Municipal de Nova Veneza, 1992.

⁴⁸ ZUMBLICK, Walter. *Este Meu Tubarão...!* Tubarão: Edição do autor, 1974.

⁴⁹ VETORETTI, Amadio. *História de Tubarão: das origens ao século XX*. Tubarão, Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992.

⁵⁰ BOSSLE, Ondina Pereira. *Henrique Lage e o desenvolvimento Sul Catarinense*. Florianópolis: editora da UFSC, 1981.

⁵¹ ULYSSÉA, Ruben. *Laguna: memória histórica*. Brasília: Letra Ativa, 2004.

vezes embora escrita como um trabalho de amor, é tão repetitiva e sem vida”.⁵² Esse paradoxo se explica levando em consideração os métodos de pesquisa, as fontes utilizadas, e a noção de história local desses historiadores. O local é muitas vezes estudado por esses historiadores isoladamente como uma identidade distinta e isolada.

De maneira geral, as obras desses autores caracterizam-se por uma reprodução de documentos, descrição de fatos, os mais diversos, que vão desde a criação de escolas, times de futebol, associações, clubes sociais, política local, biografias de pessoas “ilustres” políticos, padres, empresários, fundador da cidade, principais famílias. No geral, tudo isso perpassado sem tensões e por um elogio às elites locais.

Assim, são exemplos dessa forma de escrever a história os trabalhos do padre Dall’Alba, autor com o maior número de publicações sobre a história do Sul Catarinense. Seus livros, basicamente, se constituíram de uma reunião de dados, reprodução de relatórios consulares e um número significativo de entrevistas transcritas e publicadas na íntegra. Não se observa nenhuma análise das entrevistas e nem dos relatórios. Dos autores citados, somente Belloli, Bortolotto e Vetoretti são historiadores de formação. No entanto, seus trabalhos seguem a mesma perspectiva tradicional, enaltecem as elites locais, ou são escritos com a pretensão de abarcar “toda” a história do município.

Mesmo constituindo obras na perspectiva tradicional, foram de suma importância para a realização desse trabalho. São uma fonte riquíssima, trazendo informações sobre as elites que dominaram os municípios da região. Garimpendo e analisando essas obras, abriu-se um caminho para revelar as disputas pelo poder

⁵²WOLFF, *Historiografia catarinense...*, p. 9-10.

político na região, no período. É preciso explicar que mesmo com todas as mudanças ocorridas na história nos últimos anos, boa parte da história do Sul Catarinense foi e ainda é escrita nessa perspectiva.

Foi somente nos final dos anos 90 que vai aparecendo uma produção de trabalhos sobre a história do Sul Catarinense nas mais variadas perspectivas e divergindo do paradigma tradicional. Foram livros, artigos, dissertações e teses, a maioria ainda muito restrita ao público da academia. Pouco tem chegado, por exemplo, às escolas dos primeiro e segundo graus, um dos canais por onde o conhecimento histórico tem chegado. De fato, muito do que tem chegado nas escolas através da imprensa, de folhetos turísticos ou livros é a história tradicional.

Dessa nova geração de historiadores que renovaram os estudos sobre o Sul Catarinense divergindo do paradigma tradicional, e que muito contribuíram para este trabalho, destacam-se os trabalhos de: João Batista Bitencourt⁵³, Carlos Renato Carola⁵⁴, Dorval do Nascimento⁵⁵ Alcides Goulrati Filho⁵⁶, José Paulo Teixeira⁵⁷, Claricia Otto⁵⁸, Nelma Baldin⁵⁹ e Elias Manoel da Silva⁶⁰. Desses autores Goulrati Filho é economista e Teixeira sociólogo, os demais são todos historiadores. As abordagens

⁵³ BITENCOURT, João Batista. *Estado Novo, Cidade Velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. (Tese de Doutorado em História).

⁵⁴ CAROLA, Carlos Renato. *Assistência Médica, Saúde Pública e o Processo Modernizador da Região Carbonífera de Santa Catarina (1930-1963)*. São Paulo: USP, 2004. (Tese de Doutorado em História).

⁵⁵ NASCIMENTO, Dorval do. *Faces da Urbe...*

⁵⁶ GOULARTI FILHO, Alcides. *Formação Econômica de Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

⁵⁷ TEIXEIRA, José Paulo. *Os donos da cidade*. Florianópolis: Insular, 1996.

⁵⁸ OTTO, Claricia. *Catolicidades e italianidades: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930)*. Florianópolis: Insular, 2006.

⁵⁹ BALDIN, Nelma. *Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil: os vênetsos em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 1999.

⁶⁰ SILVA, Elias Manoel da. *A Palmatória "Orleans já teve um tempo perigoso": Revolta Social em área de imigração no Sul de Santa Catarina na Velha República*. Brasília: UnB, 2006. (Dissertação de Mestrado em História)

de Silva, Otto, Teixeira e Bitencourt estão no campo do político, sendo que esse último foi o único que abordou a década de 1930, em especial o Estado Novo.

A imprensa foi também muito utilizada no desenvolvimento deste trabalho. Na década de 1930, ao menos até a implantação do Estado Novo, número significativo de jornais foi publicado em Santa Catarina, constituindo-se dessa maneira em uma evidência importantíssima para a compreensão das disputas entre partidos e grupos que se digladiaram na luta pelo monopólio do poder político. Mas como a imprensa foi abordada nesse trabalho? Antes de responder à questão, faz-se uma rápida reflexão sobre o uso da imprensa na pesquisa histórica.

De modo geral, a imprensa reflete o mundo de seu tempo e ao mesmo tempo influencia na construção deste mundo e, portanto, possui história e historicidade.⁶¹ O conteúdo produzido pela imprensa reflete os momentos políticos, econômicos e culturais de uma sociedade, numa época. Ao refletir o mundo de seu tempo, a imprensa não pode ser entendida como neutra, pois estabelece relações e conexões com sujeitos, instituições e ideologias, de modo que as publicações apresentadas aos leitores explicitavam um conjunto de interesses. Daí a importância na pesquisa com jornais “a análise do maior número deve ser a primeira garantia para o não cometimento de erro; ainda que não seja toda a garantia”.⁶²

A imprensa enquanto um instrumento político e social introduz práticas, maneiras de pensar, idéias dando significado às ações humanas e influenciando de

⁶¹ Um estudo sobre a evolução da história da imprensa ver: ALBERT, P. & TERROU, F. *História da imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. No Brasil a obra de SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, numa perspectiva marxista aponta as mudanças sofridas com a emergência da grande imprensa e seu funcionamento na lógica capitalista-burguesa.

⁶² ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa. *Cadernos de Estudo do PPG em História da UFRGS*. Porto Alegre, n. 13, 1995, p. 23. O autor ainda aponta para outros procedimentos no uso da fonte jornalística.

forma decisiva na construção dos acontecimentos. A grande importância alcançada pela imprensa levou muitos autores a compará-la a um “quarto poder” nos países. No Brasil, a imprensa, ao longo de suas diversas etapas, ao atuar na orientação, formação ou manipulação da opinião pública, “transformou-se em verdadeiro elemento constitutivo da sociedade e refletiu, através das páginas dos jornais, os diferentes momentos históricos do Estado Nacional Brasileiro, bem como influenciou direta/indiretamente em cada um deles”.⁶³

Dessa maneira, a imprensa configurou-se em um instrumento imprescindível para as interpretações históricas, da formação sócio-político-econômico-cultural brasileira.

A leitura dos discursos expressos nos jornais permite acompanhar o movimento das idéias que circulam na época. A análise do ideário e da prática política dos representantes da imprensa revela a complexidade da luta social. Grupos se aproximam e se distanciam segundo as conveniências do momento; seus projetos se interpenetram, se mesclam e são matizados. Os conflitos desencadeados para a efetivação dos diferentes projetos se inserem numa luta mais ampla que perpassa a sociedade por inteiro. O confronto das falas, que exprimem idéias e práticas, permite ao pesquisador captar, com riqueza de detalhes, o significado da atuação de diferentes grupos que se orientam por interesses específicos.⁶⁴

Como se pode observar a imprensa é uma evidência indispensável para as pesquisas que tem o político como seu objeto de estudo. Os trabalhos que utilizam o jornal como instrumento de análise podem ser arrolados sob duas vertentes básicas: uma história através da imprensa ou uma história da imprensa. No primeiro caso, o jornal serve de “fonte de informação para a reconstrução de um determinado elemento

⁶³ ALVES, Francisco das Neves. *O Discurso Político-Partidário Sul-Rio-Grandense sob o Prisma da Imprensa Rio-Grandina (1868-1895)*. Porto Alegre: PUCRS, 1998, p. 9. (Tese de Doutorado em História).

⁶⁴ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994, p. 34.

constitutivo de uma dada sociedade”⁶⁵, e, no segundo, o historiador estuda o jornal “em si mesmo, sua evolução, suas manifestações e as formas pelas quais ele retrata os acontecimentos”.⁶⁶

Assim, neste trabalho, as duas vertentes de pesquisa acerca do jornal se cruzam e completam-se de tal maneira que a imprensa foi utilizada tanto como fonte, quanto como objeto de análise.

A compreensão da organização e a popularidade do Integralismo bem como as lutas pelo poder político no Sul Catarinense se entrelaçam com a sua formação sócio-histórica, e impõem comparações com outras regiões do estado. Para dar visibilidade a trama dessas relações, este estudo encontra-se distribuído em quatro capítulos.

O primeiro capítulo pretende dar ao leitor uma panorâmica da grande popularidade do integralismo em Santa Catarina. Aponta-se para as motivações desta grande aceitação da AIB em todo o estado enfatizando que essa popularidade deu-se principalmente nas regiões de imigração européia: o Vale do Itajaí, o norte do estado e também o Sul Catarinense. Aponta-se para as disputas entre as várias forças políticas que foram se constituindo no período.

No segundo capítulo, abordou-se a formação sócio-econômico-político-cultural, desta região, procurando apontar para suas diferenças e singularidade em relação a outras regiões do estado, e dessa forma compreender com que eficácia o Integralismo foi recebido na região. Procurou-se abordar a formação histórica da região

⁶⁵ ALVES, *O Discurso Político-Partidário Sul-Rio-Grandense...*, p. 11.

⁶⁶ Idem, p. 11.

a partir da constituição dos seus municípios, bem como as forças políticas que se configuraram na região.

Quanto ao terceiro capítulo, busca analisar como o Integralismo foi recebido pela população no Sul Catarinense, procura reconstituir os contornos da política na região no pós-30, apontando para suas diferenças, tensões e conexões. Analisa-se a influência dos fascismos europeus na região e no estado e demonstra-se que as mudanças ocorridas na região impuseram uma maior dificuldade para a difusão do Integralismo nos municípios do Sul Catarinense.

Por fim, no último capítulo buscou-se fazer estudo sobre a imprensa catarinense no período, e dessa forma perceber em que medida os periódicos foram um instrumento relevante, tanto para os integralistas, quanto para os outros grupos e as forças políticas das várias regiões do estado nas lutas pelo poder político.

CAPÍTULO I

INTEGRALISMO E POLÍTICA REGIONAL EM SANTA CATARINA

Avante! Avante!
 Pelo Brasil, toca a marchar!
 Avante! Avante!
 Nosso Brasil vai despertar
 Avante! Avante!
 Eis que desaponta outro arrebol!
 Marchar que é a Primavera
 Que a Pátria espera:
 É o nosso sol!
 Eia! Avante, brasileiros,
 Mocidade varonil!
 Sob as bênçãos do Cruzeiro,
 Anauê, pelo Brasil!
 Avante! Avante!
 Pelo Brasil toca a marchar!
 Avante! Avante!
 Nosso Brasil vai despertar!
 Olha a Pátria que desperta,
 Mocidade varonil!
 Marcha! Marcha e branda,
 Alerta
 Anauê, pelo Brasil!⁶⁷

O integralismo, no contexto entre guerras, em plena década de 1930, avançava e se expandia para boa parte do território brasileiro. Em 1937, a Ação Integralista Brasileira contava com mais de um milhão de adeptos.⁶⁸ Esse crescimento pode ser percebido quando fazemos um comparativo entre o número de inscrições efetuadas entre 1933 a 1937. Conforme o Monitor Integralista⁶⁹, ao final de 1933, a AIB contava com vinte mil inscritos, em 1934, passou para cento e oitenta mil, em 1935, o número saltou para trezentos e oitenta mil, em 1936 chegou a novecentos e dezoito mil

⁶⁷ Protocolos e Rituais, Cap.VI, Art. 51.

⁶⁸ *Monitor Integralista*, 7 de outubro de 1937. Ano V, n.22, p. 4.

⁶⁹ *Idem*, p. 4.

e, finalmente, em 1937, já havia mais de um milhão de pessoas inscritas. Mesmo que esses dados contenham um certo grau de exagero e possam ser contestados, não se pode negar o grande crescimento da AIB em todo o Brasil.⁷⁰

Em Santa Catarina, não foi diferente, pois “apesar de se tratar de um Estado relativamente pequeno, no qual viviam apenas um milhão dos quarenta milhões de habitantes do Brasil, havia nele segundo estatísticas integralistas, o terceiro maior contingente de filiados à AIB, só perdendo para São Paulo e Bahia”.⁷¹

Os estudos sobre o integralismo no Brasil parecem ganhar fôlego nas décadas de 1970 e 1980. Na historiografia brasileira, neste período observa-se uma quantidade significativa de obras tematizando a AIB. Quando se faz um levantamento dessa produção, constata-se a existência de um número razoável de trabalhos sobre o tema com as mais diversas perspectivas de abordagens. Encontram-se teses acadêmicas, ensaios e artigos produzidos em diferentes áreas do conhecimento.⁷²

Esse crescimento nos estudos em torno do integralismo no período parece se confundir com a renovação dos estudos em torno da história política. A renovação da história política pode ser observada também em diversos aspectos: os temas tradicionais, como os partidos, eleições, guerras ou biografias não foram abandonados,

⁷⁰ Segundo GERTZ, René. O integralismo em Santa Catarina. *Revista do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina*, 3ª fase, n. 5, 1984, p. 17, a AIB possuía 600.000 inscritos em todo o Brasil. Já ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. *Totalitarismo e Revolução: O integralismo de Plínio Salgado*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 25, ao colocar o integralismo como o primeiro partido de massa destaca que em 1935 havia 1.123 grupos organizados em 538 municípios com cerca de 400.00 adeptos distribuídos de norte a sul do país.

⁷¹ GERTZ, René. *O fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 172.

⁷² Dentre as obras que abordam a temática em nível nacional, destaca-se: TRINDADE, Héliogio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, Porto Alegre: UFRGS, 1974. CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade do capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978. VASCONCELOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979. CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena e FRANCO, Maria S. C. *Ideologia e Mobilização Popular*. São Paulo: Paz e Terra CEDEC, 1978.

porém trabalhados em uma nova perspectiva, opinião pública, mídia ou discurso foram incorporados como novos objetos de análise; o contato com outras disciplinas como a sociologia, a antropologia, a lingüística, contribuíram para a produção de trabalhos sobre a sociabilidade, análise de discurso, ideologias, “mentalidades coletivas” e a cultura política. Assim, observa-se que a renovação da história política passou pela interdisciplinaridade. Acrescenta-se a isso que a nova história política “preenche todos os requisitos necessários para ser reabilitada. Ao se ocupar com o do estudo da participação na vida política e dos processos eleitorais, integra todos os atores, mesmo os mais modestos, perdendo assim seu caráter elitista e individualista e elegendo as massas como seu objeto central”.⁷³

Uma outra dimensão ocorrida na esteira desta renovação estava ligada à noção de paixão usada recentemente por Pierre Ansart, ao trabalhar com afetividade política, do amor e do ódio, das emoções e dos sentimentos, que acompanham a vida política. Dos momentos de angústia e revolta ou de simpatia e afeição.⁷⁴

Também na década de 1990, Jean-François Sirinelli percebeu, na emergência da nova história cultural, o ressurgimento da história política. A aproximação da cultura com a história política possibilitou a incorporação por esta última de novos objetos e recortes: são perspectivas de abordagens ligadas ao imaginário social e à representação. Segundo Sirinelli, a política vista a partir do

⁷³ RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 7.

⁷⁴ ANSART, Pierre. *Lés Cliniciens des passions politiques*. Paris: Senil, 1997, p. 7. Ainda sobre essa dimensão ver: JACY, A. Seixas; BRESCIANI, Maria Stella; BREPOHL, Marion (org.). *Razão e Paixão na Política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

universo cultural contribuiu para um maior entendimento da complexidade das relações sociais.⁷⁵

Esse processo de renovação e valorização da história política refletiu-se também em trabalhos de âmbito regional. As análises sobre integralismo em âmbito regional apontaram para várias peculiaridades e singularidades. No sul do Brasil, uma das regiões nas quais o integralismo teve grande aceitação, observa-se que o Rio Grande do Sul possui uma vantagem no que tange à quantidade de obras acadêmicas sobre a AIB, a diversidade de abordagens e o aprofundamento nas análises⁷⁶, quando comparados ao Paraná⁷⁷ e a Santa Catarina.

⁷⁵ SIRINELLI, Jean-François. L'História Politique et culturelle Sciences Humaines. *Hors Série*, nº 18, sep/oct 1997, p. 36-39.

⁷⁶ Sobre os estudos do integralismo no Rio Grande do Sul ver: TRINDADE, Héglio. Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937). In: DACANAL, José H. e GONZAGA, Sérgio (org.) *RS: economia e política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979. GERTZ, René. O integralismo na zona colonial alemã. In: DACANAL, José H. e GONZAGA, Sérgio. *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. PESAVENTO, Sandra J. *O imigrante na política rio-grandense*. In: DACANAL, José H. GONZAGA, Sérgio. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. CASSOL, Ivone Maria. Integralismo e imprensa doutrinária no Rio Grande do Sul (1934-1937). In: TRINDADE, Héglio. *Revolução de 30: partido e imprensa partidária no RS (1928-1937)*. Porto Alegre: L&PM, 1980. GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1991. BRANDALISE, Carla. *O facismo na periferia latino-americana: paradoxo da implantação do integralismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1992, Dissertação de Mestrado. CANABARRO, Ivo dos Santos. *Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos 30: o caso do integralismo em Ijuí*. Porto Alegre: UFRGS, 1994, Dissertação de Mestrado. BARRERAS, Maria J. Lanzioiti. *Dario de Bittencourt 1901-1974. Uma incursão pela cultura política autoritária gaúcha*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 1998. BERTONHA, João Fábio. Entre a bombacha e a camisa negra: nota sobre a ação do facismo italiano e do integralismo no Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero- Americanos*. PUCRS, v. XXIV, n. 2, p. 247-268, dezembro de 1998. GERTZ, René. Nazismo, facismo, integralismo e o apoio da oligarquias no Rio Grande do Sul e Santa Catarina no Estado Novo. *Estudos Ibero Americanos*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, julho de 1998. SILVA, Carla Luciana da S. CALIL, Gilberto G. *Velhos integralistas: a memória dos militantes do signo*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2000. PISTORELLO, Daniela. "Os homens somos nós": o integralismo na região colonial italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 2001, Dissertação de Mestrado. CALIL, Gilberto G. *O integralismo no pós-guerra. A formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2001. IRSCHLINGER, Fausto Alencar. *Perigo verde: integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932-1938)*. Passo Fundo: UPF, 2001. MILKE, Daniel Roberto. *O integralismo na capital gaúcha: espaço político receptividade e repressão (1934-1938)*. Porto Alegre: Pucrs, 2003, Dissertação de Mestrado. TANINI, Veridiana M. *Relação de amor e ódio: o caso Wolfran Metzler (Integralismo, PRP e igreja católica 1932-1957)*. Passo Fundo: Ed. Universidade Passo Fundo, 2003.

⁷⁷ Quanto às obras sobre o integralismo no Paraná destaca-se CHAVES, Niltonci Batista. *O diário dos campos: discursos e representações sociais em Ponta Grossa (Paraná) década de 1930*. Assis, 1998. Dissertação de Mestrado. SZVARÇA, Décio e CIDADE, Maria Lúcia. 1955: o voto verde em Curitiba. *História: questão e debates*. Curitiba, APAH, jun-dez, 1989. CHAVES, Niltonci Batista. *A saia verde está*

Em Santa Catarina ainda são pouquíssimas as obras sobre a AIB, o que causa certa estranheza diante do fato que neste Estado havia o terceiro maior número de adeptos do país. Pode-se dizer que as duas obras referenciais sobre a temática no estado são as de Gertz e Falcão. Os demais trabalhos encontrados sobre o Integralismo no estado abordaram a organização da AIB em âmbito municipal: sobre Joinville há uma dissertação de mestrado defendida na UFSC⁷⁸, sobre Jaraguá do Sul, dois livros, sendo que um faz uma descrição da AIB no município⁷⁹ e o outro é um romance.⁸⁰ Os demais trabalhos são constituídos de monografias de graduação e especialização, e artigos científicos.⁸¹ Quanto ao sul catarinense, foi encontrado uma monografia de especialização⁸² e recentemente foram produzidos um artigo⁸³ e duas monografias todas orientadas por este autor.

na ponta da escada!_as representações discursivas do diário dos Campos a respeito do integralismo em Ponta Grossa. *Revista de História Regional*. vol. 4, n. 1, 1999. ALMEIDA, Beatriz Raize T. de. *O facismo italiano e o integralismo no Paraná no período entre guerras (1919-1945)*. 2003. Monografia de Graduação. DITZEL, Carmencita de Holleben M. *Manifestações autoritárias: o integralismo nos campos gerais (1932-1955)*. Florianópolis, UFSC, 2004, Doutorado em História.

⁷⁸ CAVALETT, Lauci Aparecida. *O Integralismo e o Teuto Brasileiro: Joinville, 1930-1938*. Florianópolis, UFSC, 1998, Dissertação de Mestrado em História.

⁷⁹ SCHMOCKEL, Eugênio Victor. *Memória Jaraguaense: o integralismo. O “Estado Novo” – 60 anos. “A noite dos tambores silenciosos” e o Assassinato de Ricardo Gruenwaldt*. Jaraguá do Sul: Gráfica Editora, 1997.

⁸⁰ SCHOROEDER, Carlos Henrique. *A rosa verde*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Jaraguá do Sul: Ed. da UNERJ, 2005.

⁸¹ FUCK, Márcia Allage; e SACHWEH, Maria da Salete. As interferências do movimento integralista na formação do homem de Canoinhas_ *Revista de Divulgação Científica da Universidade do Contestado, Caçador (SC)*, v. 12, n. 2, p. 218-219, dez/2003. UNGER, Beatriz Garcia. *Joinville: uma ideologia em marcha*. Joinville, 1989, Monografia de Especialização. *O Integralismo em Blumenau: histórico e estatística: Blumenau em Cadernos*. Blumenau: v. 40, n.11/12, nov/dez 1999. p. 26-44. WAHLE, Sigfried Carlos. O integralismo no Vale do Itajaí. *Blumenau em Cadernos*: v. 39, n. 02, fev 1998, p. 33-37. GERTZ, René. O integralismo em Santa Catarina_ *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. N. 5, p.16-28, 1984. HARTMANN, Silvia. *Os joinvilenses e a ação integralista brasileira nos anos de 1934 a 1936*. Joinville: UNIVILLE, 2002. Monografia de graduação. WERLE, Marcelo. *Aspectos básicos da formação política integralista em São Carlos*. Caderno de CEOM. Chapecó: Grifos, 1996. LOBMANN, Helena. O integralismo na comunidade de São Carlos. In: HASS, Mônica (org.) *Partidos eleições e voto*. Chapecó: Argus, 2003.

⁸² GABRIEL, Rosa Maria C. *O integralismo no rio Jundiá*. Criciúma: Unesc, 1993, Monografia de Especialização.

⁸³ SABINO, Anselmo Teles; e GHISLANDI, Chairlene Nuernberg_ *A ação integralista no Sul de Santa Catarina na década de 1930*. *Tempos Acadêmicos: Revista do Curso de História*: Unesc. Criciúma, n. 2,

O integralismo começou a ser organizado em Santa Catarina a partir de 1934. Seu crescimento ocorreu rapidamente, em especial nas zonas de colonização alemã e italiana no Vale do Itajaí e norte do estado, tornando-se uma das principais alternativas de oposição frente aos grupos políticos que estavam no poder do estado. Quanto ao sul catarinense, observa-se que a difusão do integralismo ocorreu não só entre os imigrantes e descendentes de italianos e alemães, mas também entre os luso-brasileiros aqui estabelecidos muito antes da chegada dos imigrantes europeus.

O crescimento do integralismo ocorreu dentro de um cenário de disputas e tramas ocorridas pelo espaço e pelo poder no pós-30 na política tanto no âmbito regional quanto local. Neste cenário, destaca-se o campo político, entendido como “o lugar por excelência, da eficácia simbólica”; a política é uma “ação que se exerce por sinais capazes de produzir coisas sociais e, sobretudo, grupos”.⁸⁴ Em âmbito regional, os imigrantes alemães e italianos e seus descendentes do Vale do Itajaí e norte do estado vivenciaram uma série de enfrentamentos que denunciavam o jogo do poder. No Sul Catarinense os enfrentamentos e as disputas pelo poder se deram no âmbito local entre os imigrantes e os descendentes versus luso-brasileiros. Para além da ação político-partidária, a formação dos grupos dirigentes não se pode esquecer a dinâmica econômica e cultural específicas de cada região ou localidade.

Neste capítulo, pretende-se abordar a instalação do Integralismo em Santa Catarina, a sua organização nos municípios catarinenses: a constituição dos núcleos e sub-núcleos, a participação dos integralistas nas eleições estaduais e federais 1934

2004. GHISLANDI, Chailene N. *Os camisas verdes na colônia de Nova Veneza na década de 1930. Criciúma*: Unesc, 2004. Monografia de graduação. SABINO, Anselmo Teles. *As fileiras do integralismo em Araranguá (1934-1938)*. Criciúma: Unesc, 2005. Monografia de graduação.

⁸⁴ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução: Fernando Tomáz, 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002, p. 159.

(faz-se também uma incursão na política regional durante a primeira república e as mudanças ocorridas no pós-30), a realização do Congresso Integralista em Blumenau e o grande desempenho da AIB no pleito municipal de 1936. Procura-se dar ao leitor uma panorâmica da grande popularidade do integralismo em Santa Catarina. Aponta-se para as motivações desta grande aceitação da AIB em todo o estado enfatizando que essa popularidade deu-se principalmente nas regiões de imigração européia: o Vale do Itajaí, o Norte do estado e também o Sul Catarinense. Essas regiões apresentavam diferenças no que tange a suas estruturas de poder político, econômico, cultural, e foram decisivas na maior ou menor aceitação da AIB. Procura-se esboçar essas diferenças neste capítulo e aprofundá-las ao longo de toda a tese, pois parte-se do pressuposto de que ao apontar para essas diferenças e compará-las pode-se encontrar outras peculiaridades do integralismo ainda não visibilizadas na historiografia.

O sigma em território barriga verde: sua estruturação nos municípios

Segundo René Gertz, a Ação Integralista Brasileira “começou a estruturar-se em Santa Catarina no início de abril de 1934, quando por iniciativa de Othon Gama D Eça, Antonio Portini e Carlos Seabra, se constituiu o primeiro núcleo em Florianópolis”.⁸⁵ Como já foi observado anteriormente, a AIB teve grande aceitação nas regiões em que se encontravam estruturadas muitas colônias alemãs e italianas. Com maior ou menor expressão, a AIB se organizou nos municípios de Blumenau, Joinville, Jaraguá, Rio do Sul, Brusque, Hamônia, Rodeio, São Bento, Timbó, Araranguá, Canoinhas, Criciúma, Campos Novos, Itajaí, Florianópolis, Lages, Laguna, Cruzeiro,

⁸⁵ GERTZ. *O Fascismo...*, p. 179.

Curitibanos, Itaiópolis, São Francisco, Palhoça, Caçador, Chapecó, Urusanga, Campo Alegre, Imaruí, Mafra, São José, Tubarão, Concórdia, Orleans, Jaguaruna, Porto União, Tijucas, Parati e São Joaquim.⁸⁶ Como se pode perceber, o Integralismo expandiu-se rapidamente por todo o estado, seu prestígio chegou a tal ponto que se difundiu a opinião de que as eleições presidenciais, previstas pela constituição brasileira para 1938, seriam vencidas com relativa facilidade.

Já para Luiz Felipe Falcão, o integralismo começou a ser organizado a partir de janeiro de 1934, quando “um pequeno grupo de homens reunidos em Itajaí, decidiu fundar um núcleo municipal da Ação Integralista Brasileira”.⁸⁷ Observa também que o integralismo chegou ao estado por diversos caminhos. A partir disso, traçou um perfil dos integralistas catarinenses, destacando três grupos: o primeiro formado por funcionários públicos militares ou civis, profissionais liberais, provinham de famílias conhecidas, gozaram de estabilidade financeira, estando entre a meia idade e a velhice, e se achavam desiludidos com os destinos do país no pós-1930. Muitos deles ocuparam os principais cargos na estrutura estadual da AIB. São representativos deste perfil Othon Gama D Eça, chefe provincial, José Vieira da Rosa, chefe “arquiprovincial”, Carlos Remor, líder da AIB em Laguna, e Juventino Linhares, secretário do núcleo de Itajaí. No segundo grupo, estavam os pequenos proprietários e funcionários públicos com funções não tão lucrativas quanto os primeiros, descendentes de imigrantes alemães e italianos, com idade entre 20 e 30 anos, desiludidos também com os rumos da política do país no pós-1930, influenciados pelos fascismos europeus e receosos

⁸⁶ LENZI, Carlos Alberto S. *Partidos e políticas de Santa Catarina*. Florianópolis. Ed. da UFSC, 1983, p. 122.

⁸⁷ FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre o ontem e o amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: Ed. da UNIVALLI, 2000, p. 123.

com o avanço comunista. Neste caso, são representativos deste perfil: Aristides Largura (inspetor de ensino do governo estadual), Carlos Brandes (proprietário de farmácia), ambos eleitos prefeitos nas eleições de 1936, o primeiro em Joinville e o segundo em Timbó. E ainda Ricardo Gruenewaldt (também proprietário de farmácia), que foi eleito vereador e presidente da câmara de vereadores em Jaraguá do Sul.

Um terceiro perfil integralista, e mais numeroso, encontrava-se entre os pequenos proprietários urbanos e rurais, descendentes de imigrantes alemães, italianos, poloneses ou de outras origens, estabelecidos principalmente no Vale do Itajaí e no nordeste e sul do estado. Esses pequenos proprietários possuíam muito mais pontos em comum do que diferenças. Isso porque as cidades eram pequenas, havia uma intensa relação comercial entre campo e cidade, e as formas de organização comunitária: igreja, escola, sociedades de atiradores, os salões de baile, “reforçando a sensação de uma comunidade de interesses, pautada numa identidade de origem, num estilo de vida semelhante, e em aspirações e sonhos coincidentes”.⁸⁸ Contudo, para o autor, essa identidade de origem pode ser questionada quando observada a procedência dos imigrantes em termos de lugar e época, evidenciando uma diferenciação econômica, política e social, que avançava a passos largos. Pode-se acrescentar ainda as profundas diferenças no processo de colonização de Santa Catarina. As estruturas de poder em regiões como o Vale do Itajaí e do Sul do estado são muito diferentes.

Na perspectiva de Gertz, “o integralista típico de Santa Catarina é uma pessoa jovem entre 30 e 40 anos em processo de ascensão social”.⁸⁹ Fundamenta seu

⁸⁸ Idem, p. 130.

⁸⁹ GERTZ, *O fascismo...*, p. 197.

argumento ao analisar o processo de crescimento industrial no estado, especialmente nas zonas de colonização. Aponta para uma relação de candidatos integralistas às eleições municipais de 1936 e seus opositores bem como os grupos ou as forças que os apoiavam. Destaca as funções e atividades econômicas que exerciam os respectivos candidatos. Assim, além da “característica etária, pode-se constatar uma clara assimetria socioeconômica entre integralistas e seus adversários. O cerne do Integralismo era constituído de elementos das classes médias e operárias, enquanto a liderança dos seus opositores era exercida pelos elementos economicamente dominantes”.⁹⁰

De todo modo, tanto Falcão quanto Gertz não estão preocupados em propor um perfil definitivo dos grupos sociais que ingressaram na Ação Integralista Brasileira, e sim querem explicitar as motivações para a adesão.⁹¹ Entende-se que para os dois

⁹⁰ Idem, p. 198.

⁹¹ Sobre as motivações em nível nacional ver: TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974. Em seus estudos Héglio Trindade destaca algumas motivações para a adesão ao integralismo: o nacionalismo, corporativismo, valores espirituais, anticomunismo, valores autoritários, anti-semitismo, oposição ao sistema político vigente, desenvolvimento do país e simpatia pelos movimentos fascistas europeus. Destes motivos, quatro foram enfatizados pelo autor como principais: O Anticomunismo aparece como o principal motivo para a adesão ao integralismo. Embora os comunistas tenham adquirido forças surpreendentes principalmente no movimento sindical nos anos de 1920 e 1930, não tinham raízes no Brasil, sua força política foi muito secundária até o surgimento da Aliança Nacional Libertadora em 1935. Grande parte da importância dada a este motivo provém “da inspiração anticomunista dos fascistas europeus”. Como se sabe, a Rússia estava muito longe do Brasil, e aqui também não havia nenhuma tradição de discussão marxista. Já o fascismo estava ligado à negação do comunismo, tanto por opor-se à solução criada pela Revolução Russa para as crises do capitalismo (acabando com o próprio), como por ter sido influenciado pelo revisionismo marxista da virada do século XIX para o XX. O segundo motivo apontado por Trindade é a própria simpatia pelo fascismo europeu. A ascensão dos movimentos fascistas europeus, em especial o nazismo na Alemanha e o fascismo na Itália exerceu influência em parcela significativa dos aderentes integralistas. “Quando não havia uma atração pelos regimes fascistas, mostravam-se ao menos sensíveis à luta desencadeada pelos movimentos fascistas contra o liberalismo e o comunismo”. O tema do nacionalismo aparece como a terceira motivação para a adesão ao integralismo. Este estaria sempre presente “na ideologia, tanto no plano afetivo como no intelectual, tendo um papel central na radicalização nacionalista dos anos 30”. O movimento modernista, da década de 20, com seu nacionalismo literário provocou uma rápida politização e o integralismo tornar-se-á a encarnação na extrema direita após a década de 30”. Explícita que não existiria nenhuma contradição ao dar maior importância aos dois motivos anteriores, pois “o nacionalismo é mais um estado de espírito, é uma atitude afetiva do que uma dimensão ideológica”. A

autores o grande número de adeptos do integralismo são provenientes de um mesmo perfil, pois se para Gertz “o cerne do Integralismo era constituído de elementos das classes médias e operárias”⁹², em Falcão o perfil da maioria dos integralistas se enquadra entre “os pequenos proprietários urbanos e rurais de descendência alemã, italiana, polonesa e outras procedências”.⁹³

Em 1932 foi lançado o “Manifesto de Outubro”, que criou a Ação Integralista Brasileira. Esse documento sintetizou os princípios do Integralismo.

Deus dirige o destino dos povos. O homem deve praticar sobre a terra as virtudes que o elevam e o aperfeiçoam. O homem vale pelo trabalho, pelo sacrifício em favor da família, da pátria, da sociedade (...).

Os homens e as classes, pois, devem viver em harmonia. É possível ao mais modesto operário galgar uma elevada posição financeira ou intelectual. Cumpre que cada um se eleve segundo sua vocação. Todos os homens são suscetíveis de harmonização social e toda superioridade que existe acima dos homens: a sua comum e suprema finalidade. Este é um pensamento profundamente brasileiro, que vem das raízes da nossa história e estará no íntimo de todos os corações (...).

A nação brasileira deve ser organizada, una, indivisível, forte, poderosa, rica, próspera e feliz. Para isso precisamos que todos os brasileiros estejam unidos. Mas o Brasil não pode realizar a união íntima e perfeita de seus filhos, enquanto existirem Estados dentro do Estado; partidos políticos fracionando a nação;

oposição ao sistema político constitui-se na quarta motivação. O combate à democracia liberal, encarnado nas instituições republicanas era uma das principais preocupações da AIB. No que tange aos outros motivos, Trindade explicita que mesmo sendo representativos do universo ideológico integralista, não influenciaram significativamente nas adesões. CHAUI, Marilena. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, 1998. p. 133-135. Segundo Marilena Chauí, os primeiros anos do governo de Getúlio Vargas foram de indefinição gerando temores os mais distintos, especialmente entre os setores médios. Para a autora, entre 1930 e 1932 o país viveu uma crise conjuntural representada por três riscos: o fortalecimento das oligarquias regionais e o enfraquecimento do governo central, à volta a um governo central fraco tutelado pelas oligarquias regionais e por último o retorno da “demagogia parlamentar” ou a “ditadura arbitrária” de alguns. Havia também o medo dos setores médios do triunfo do comunismo. Em síntese temiam o separatismo das oligarquias e o internacionalismo dos trabalhadores. Apresentava-se como saída para crise conjuntural: o fortalecimento do Estado nacional considerando-o o único defensor da nação; controle das classes que se organizariam em corporações profissionais; voto corporativo; economia subordinada ao planejamento estatal; limites ao capital estrangeiro; combate ao comunismo; oposição às idéias estrangeiras fortalecendo a cultura nacional; implementar nas escolas em todos os níveis a brasilidade e o civismo; censura aos meios de comunicação e o disciplinamento da população para o trabalho e aos princípios da moral cristã. O discurso integralista respondia, à sua maneira, às inquietações que amplos setores da sociedade tinham do processo político.

⁹² Idem, p. 197.

⁹³ FALCÃO. *Entre o ontem e amanhã...*, p. 129-130.

classes lutando contra classes; indivíduos isolados, exercendo pessoal ação nas decisões do governo; enfim todo e qualquer processo de divisão do povo brasileiro (...).

Precisamos de autoridade capaz de tomar iniciativas em benefício de todos e de cada um; capaz de evitar que os ricos, os poderosos, os estrangeiros, os grupos políticos exerçam influência nas decisões do governo, prejudicando os interesses fundamentais da nação (...).

O cosmopolitismo, isto é, a influencia estrangeira, é um mal de morte para o nosso nacionalismo. Combatê-lo é o nosso dever (...).

E somos contra a influencia do comunismo, que representa o capitalismo soviético, o imperialismo russo, que pretende reduzir-nos a uma capitania. Levantemo-nos, num grande movimento nacionalista, para afirmar o valor do Brasil e de todo o que é útil e belo, no caráter e nos costumes brasileiros (...).⁹⁴

Pode-se inferir que no manifesto de 1932 encontram-se as idéias-força do Integralismo: a inspiração cristã na concepção de universo e do homem, o nacionalismo (anticapitalista e anticomunista), o princípio da autoridade que envolve hierarquia, confiança e respeito, a crítica à organização dos partidos políticos, a questão social, a família e a nação, vinculados a um Estado forte; o município como conjunto das famílias e célula da nação, e, finalmente, o Estado Integral. Sintetizando, podemos dizer que o manifesto de 1932 propõe o municipalismo, o sindicalismo corporativista, o antifederalismo, o nacionalismo tradicional e espiritualista voltado para a modernização a partir dos instrumentos proporcionados pelo Estado “revolucionário”, o estado Integralista.

⁹⁴ MANIFESTO de outubro de 1932. Transcrito de *A Ofensiva*, de 28 de janeiro de 1936, p. 2 e 3.

No manifesto de outubro de 1932, lançado por Plínio Salgado⁹⁵, o integralismo entenderia o município como algo especial para seus fins. “O município é uma reunião de famílias”⁹⁶, é a “sede das famílias e das classes, será administrado com honestidade, será autônomo e estará diretamente ligado aos desígnios nacionais”.⁹⁷

Esta origem do município centrada na família queria torná-lo autônomo em tudo o que dissesse respeito aos seus interesses peculiares. A família com suas virtudes e

⁹⁵ Sobre a biografia de Plínio Salgado ver: TRINDADE, Hélió. *Integralismo,...* ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. *Totalitarismo e Revolução...*, p. 23; e FREITAS, Marcos César De. *O Integralismo: fascismo caboclo*. São Paulo: Ícone, 1998, p. 36. Já em 1911, após a morte de seu pai, ele é obrigado a abandonar seus estudos e mudar-se para São Paulo, tendo uma estada marcada por dificuldades. Foi por essa época que teve o primeiro contato com autores que influenciaram seu pensamento. Nesta fase de sua vida, leu as obras de Lamark, Spencer, Haeckel e também Le Bon. De volta a São Bento de Sapucaí, na sua terra natal, em 1913, passou a desempenhar várias atividades, empregando-se como professor, jornalista, dirigindo um grupo teatral, um clube de futebol e o tiro de guerra local. Sua propensão para a vida pública vai se confirmar em 1928, quando participou da fundação do partido municipalista, sua primeira opção política, destinada a defender os interesses dos municípios. Neste mesmo ano, Plínio casa-se com Maria Amália Pereira. O casamento teve curta duração, pois sua esposa morreria em seguida, deixando uma filha com apenas 14 dias. A morte da esposa provocou uma profunda crise espiritual em Plínio, que se voltou para a religião. Neste momento, Plínio entrou em contato com os pensadores católicos: Farias Brito e Jakson de Figueiredo, autores declaradamente anti-spencerianos e antipositivistas. Assim, o contato com o materialismo positivista e a ligação com o espiritualismo católico, tendências que caminham em direções opostas, constituirão como ponto de partida para a síntese ideológica que Plínio vai elaborar nos anos de 1930. Ao voltar para São Paulo, Plínio terá uma participação discreta na Semana da Arte Moderna de 1922. No entanto, com a publicação de *O Estrangeiro*, em 1926, transformou-se em um dos intelectuais mais importantes do movimento. Ainda em 1926, Plínio passou a integrar a tendência nacionalista do modernismo, ligando-se, primeiro, ao grupo Verde Amarelo e, mais tarde, ao da Anta. Tendência que vai polemizar, principalmente, com Oswald de Andrade, militante do grupo modernista rival, o movimento Antropofágico. Essas polêmicas podem ser tomadas como um testemunho da importância de Plínio no modernismo. Antes mesmo dos episódios que conduziram Vargas ao poder, em viagem à Europa, Plínio Salgado teve a oportunidade de meditar sobre a política brasileira e de conhecer boa parte da literatura política que circulava no velho mundo, naquele momento. Mais importante, porém, foi sua passagem pela Itália, onde conheceu de perto o fascismo, chegando a encontrar-se com Mussolini, convencendo-se da necessidade de construir uma proposta de ação política para a renovação e a modernização da vida política brasileira. De volta ao Brasil, em São Paulo, teceu críticas ao movimento que levou Vargas ao poder, considerando-o um perigo liberal-democrático. Em 1931, fundou o jornal *A Razão*, diariamente apresentava editoriais que davam visibilidade à sua doutrina política. Neste momento, contraditoriamente, também passou a apoiar o movimento de 1930, dirigindo ao presidente Vargas notas intituladas “Diretrizes à Ditadura”. Plínio argumentava que o movimento de 1930 implodiu a democracia de fachada que predominava até então. Mesmo assim, Vargas não abriu espaço para Plínio em seu governo. A eclosão do movimento de 1932, em São Paulo, organizada pelo Partido Republicano Paulista (PRP), acusou Plínio Salgado de correligionário de Vargas. Isso levou ao empastelamento do jornal *A Razão*. A partir de então, Plínio Salgado passou a articular uma ação política que fosse capaz de envolver as massas em torno de um projeto nacional. Acreditando que naquele contexto o clima político brasileiro estava propício a aceitar suas idéias, fundou, em 1932, a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), que passou a sistematizar o conteúdo de uma doutrina.

⁹⁶ MANIFESTO de outubro de 1932. Transcrito da *ofensiva*, de 28 de janeiro de 1936, p. 10.

⁹⁷ Idem, p. 10.

liberdade moral seria o sustentáculo dos municípios. Sua autonomia impediria a ingerência, a influencia de forças externas. Através da manutenção da autoridade moral do município, o integralismo conseguiria subordinar aos interesses da Região ou da Nação tudo aquilo que se relacionasse com serviços de caráter geral e técnico.⁹⁸ Vê-se aqui a importância dada à família na organização social e política da AIB. Esta certamente influenciou na difusão e criação dos núcleos e sub-núcleos municipais, pois diferenciando-se dos partidos tradicionais, na AIB todos os membros da família participavam na sua organização.

Quanto à estruturação do sigma em Santa Catarina, configurou-se a partir da criação dos primeiros núcleos (Florianópolis, Itajaí, Blumenau, Joinvile, Lages), e, posteriormente, a chefia integralista dividiu o estado em várias regiões, e em cada uma dessas regiões havia um “governador regional”. Nessas regiões⁹⁹, estaria o município ou os municípios em que o sigma estivesse organizado.

⁹⁸ CHAUI, *Ideologia e Mobilização...*, p. 135-137. A ausência de uma identidade nacional levou à percepção da necessidade de criação de uma consciência nacional homogênea. Ora, neste contexto o integralismo apresentava-se como o movimento que despertaria a nação em busca da sua identidade. O integralismo apresentava um programa que passaria pela criação da autoridade e do espírito de disciplina com organização de uma hierarquia social partindo da família e do município, passando pelo sindicato e pela corporação, alcançando as regiões chegando ao topo do estado e sua burocracia. A nação era desenhada em miniatura na organização do partido, antecipando a forma que a nação deverá assumir.

⁹⁹ KUEHNE, João. *O punhal nazista no coração do Brasil: o integralismo nazi-fascista em Santa Catarina*, p. 128.

Regiões	Cidade ou Cidades
Especial	Florianópolis
1 ^a	São José, Palhoça, Biguaçu
2 ^a	Brusque, Nova Trento
3 ^a	Blumenau, Hamônia, Timbó
4 ^a	Rio do Sul, Bom Retiro
5 ^a	Joinville, Campo Alegre, São Francisco, Parati
6 ^a	Jaraguá, São Bento, Mafra, Itaiópolis
7 ^a	Canoinhas, Porto União
8 ^a	Concórdia, Cruzeiro
9 ^a	Chapecó
10 ^a	Lages, São Joaquim
11 ^a	Araranguá, Criciúma, Urussanga, Nova Veneza
12 ^a	Tubarão, Orleans, Jaguaruna
13 ^a	Laguna, Imaruí, Ibituba
14 ^a	Itajaí, Camboriú
15 ^a	Caçador, Campos Novos, Curitibanos

É possível observar no quadro acima que o sigma estava organizado em praticamente todo o estado, pois dos quarenta e três municípios existentes na época, os integralistas já tinham núcleos e sub-núcleos em trinta e nove. Esse dado revela a rápida expansão da AIB pelo estado. Para o controle em todos esses municípios, a chefia provincial contava com uma estrutura hierárquica extremamente rígida formada por “secretários provinciais de: corporações e serviços eleitorais, finanças, estudos, assistência social, propaganda, educação, cultura artística, imprensa, arregimentação feminina e Plinianos e o chefe de gabinete da chefia provincial”.¹⁰⁰ E nos municípios o sigma procurou também implementar esta mesma estrutura através dos secretários municipais. Essas práticas faziam parte das organizações políticas que geralmente se

¹⁰⁰ Idem, p. 129.

estruturam hierarquicamente e criam estratégias para enquadrar eficazmente seus militantes.

A organização integralista, entretanto supera esta função meramente estrutural; além da estrutura vertical e rígida, sob o controle de organismo de enquadramento e socialização ideológica, a AIB incorporou uma nova dimensão capaz de transformar a organização na pré-figuração do Estado Integral. O tipo de organização, as relações entre o chefe e os diversos órgãos estabelecem as bases de uma estrutura estatal. Portanto, a organização da AIB é não somente um meio eficaz voltado para a ação política, mas um instrumento da elaboração e experimentação, em escala reduzida, do Estado Integralista.¹⁰¹

Dentro desta estrutura, a imprensa integralista desempenhou um papel fundamental no processo de difusão e arregimentação de novos adeptos. No estado, a doutrina do sigma era difundida através de periódicos publicadas em vários municípios. Em Joinville, os jornais integralistas eram o *Anauê* (1934-1937); o *Pliniano* (1935) e *Die Zukunft* (1934-1937); Florianópolis contava com dois jornais integralistas, o *Flama* (1935) e o *Flama Verde* (1936-1938); em Blumenau apenas um, foi constatado, o *Alvorada* (1935-1937); em Jaraguá do Sul, o *Jaraguá* (1934-1938); em Lages, o *Mocidade*, (1935); e em Laguna *A Voz do Sul* (1935).

Dos periódicos acima citados, *Die Zukunft* está com uma coleção muito precária. O *Flama*, *Mocidade*, o *Pliniano* e *A Voz do Sul* não foram localizados. Sabemos de sua existência, pois eles aparecem citados em outros periódicos não integralistas. E o caso de *A Voz do Sul*, representante do sigma em Laguna, teve seu lançamento amplamente divulgado no *Correio do Sul*.

Surgiu terça feira finda, o primeiro número semanário *A Voz do Sul*, órgão do movimento integralista nesta região. Esse jornal, obedece à direção dos inteligentes jovens, Nunes Varela, acadêmico de Direito; e Aurélio Grott, secretário do Ginásio Lagunense. Quando foi nesta cidade, da fundação desse

¹⁰¹ TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo. Difusão Européia do Livro: Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 181.

hebdomadário, discursaram em sua redação os Srs. Jornalista Jan Guedes, Antonio Guimarães Cabral e o acadêmico Armando Calil. O Sr. Nunes Varela agradeceu comovido, em nome de seus companheiros de trabalho, todas as homenagens prestadas pelos visitantes, naquele dia de vitória e de contentamento para os integralistas.¹⁰²

O sigma também contava com vários periódicos simpatizantes do movimento, neles difundiam a sua doutrina e teciam críticas aos seus adversários, principalmente os comunistas. Entre estes periódicos estavam *O Farol* (1934-1936), Itajaí, *O Progresso* (1934-1937), Brusque, *Jornal de Joinville* (1934-1937), *Joinvillenser Zeitung* (1934-1937), Joinville, *Blumenauer Zeitung* (1934-1937), Blumenau, o *Correio do Sul* e o *Albor* em Laguna. O apoio que o sigma encontrou nesses periódicos, em alguns casos, extrapolava o espaço de divulgação da doutrina, pois em Laguna “os números da *A Voz do Sul*, órgão do movimento integralista local, serão conforme contrato estabelecido, impressos nas oficinas gráficas”¹⁰³ do jornal *Correio do Sul*, “sendo porém a sua redação e administração na praça Conselheiro Mafra nº 33”.¹⁰⁴ Esses periódicos integralistas e de apoio foram significativos no processo de expansão do sigma no estado. Ainda no que tange à imprensa integralista no estado, e especificamente no Sul Catarinense, é imperativo fazer algumas interrogações. Em que medida a imprensa integralista foi significativa para difusão do integralismo na região? Qual era o seu alcance? Que grupo social ou grupos atingiram? O público leitor dos jornais do Sul Catarinense estava entre os luso-brasileiros ou entre os imigrantes e os seus descendentes? Que comparações podem ser feitas entre a imprensa sul-catarinense com o Vale do Itajaí e o Norte do estado? Essas e outras interrogações serão abordadas com profundidade no quarto capítulo desta pesquisa. Procurou-se

¹⁰² *Correio do sul*, Santa Catarina, 21 de julho de 1935. Ano IV, nº 187, p. 3. Observa-se que o jornal integralista *A Voz do Sul* estava sob a direção de um luso-brasileiro e um teuto.

¹⁰³ *Correio do sul*. Laguna, 28 de julho de 1935. Ano IV, n.188.

¹⁰⁴ *Correio do sul*. Laguna, 28 julho de 1935. Ano IV, n. 188.

demonstrar o processo de implantação da AIB no estado ocorrido a partir de 1934, sua rápida estruturação nos municípios, os vários periódicos fundamentais na difusão e arregimentação de simpatizantes e militantes, bem como os setores nos, quais a ideologia integralista teve maior penetração.

Os Integralistas vão às urnas

Para compreender-se a participação do sigma nas eleições que escolheriam os deputados federais e estaduais do estado¹⁰⁵, é importante remontar, mesmo que sucintamente, o quadro político estadual durante a Primeira República e seu desenrolar com a vitória do movimento¹⁰⁶ de 1930. Este movimento iniciando no Rio Grande do Sul provocou uma ruptura na estrutura política de Santa Catarina. Os grupos que, até aquele momento, estavam no controle, foram aliados do poder, acarretando em mudanças na administração federal, estadual e municipal. O movimento de 30 veio coroar o grupo político que vinha fazendo oposição sistemática desde o início da década de 1920.

¹⁰⁵ Os deputados estaduais eleitos no pleito de 1934 formariam a Assembléia Constituinte, elaborando nova Constituição Estadual, que também iria eleger, indiretamente, o novo governador, em maio de 1935.

¹⁰⁶ A “Revolução de 1930” tem sido constantemente revisitada pelos pesquisadores das ciências humanas que analisam sistematicamente a sua repercussão nas mais diferentes áreas. A bibliografia específica sobre a Revolução é vasta, as versões trabalhadas nestas bibliografias são diversas de forma que, retomá-las, demandaria muitas páginas de discussão. Argumentando que houve uma Revolução de 1930 ou contrapondo-se a este pensamento, o fato é que o termo “revolução” já está consagrado na historiografia brasileira e, nesta pesquisa, faz-se o seu uso, entendendo-o como um “repertório de época”. Como já foi dito, não se pretende nesta pesquisa fazer uma discussão das obras produzidas sobre revolução, mas desejando referenciá-las, cito algumas das mais conhecidas que são leituras obrigatórias para quem queira analisar a Revolução de 1930. Destaca-se as seguintes obras: SANTA ROSA, Virgínio. *O sentido do Tenentismo*. Rio de Janeiro: Schmidt. 1933; SODRÉ, Nelson Werneck. *Formação histórica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense. 1962; SILVA, Hélio. *1930 - A Revolução Traída*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966; CARONE, Edgar. *Revoluções do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Difel, 1977; FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: História e historiografia*: São Paulo: Brasiliense, 1970; DE DECCA, Edgard. *1930: O silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981, TRONCA, Ítalo. *A revolução de trinta: A dominação oculta*. São Paulo: Brasiliense. 1982.

Existem no estado algumas obras produzidas pela historiografia que interpreta a década de 20 e mesmo todo o período da Primeira República, sem maiores tensões ou conflitos, sejam eles interétnicos ou políticos. Divergindo desta historiografia, entende-se o período da Primeira República em Santa Catarina marcado por disputas, mesmo que estas se dessem no seio do Partido Republicano, o único no Estado.¹⁰⁷ A instalação do regime republicano em Santa Catarina culmina com a ascensão ao poder público estadual de uma nova leva de políticos que sob a legenda do Partido Republicano, passaram a controlar os rumos da administração pública durante toda a Primeira República. A ruptura entre esses políticos e o Partido Republicano só viria acontecer, de fato, no início dos anos 20, com a fundação, por Nereu Ramos, da Reação Republicana, em 1921, e, posteriormente, o Partido Liberal Catarinense, em 1927, culminando com a Aliança Liberal, em 1929.¹⁰⁸

Durante praticamente toda a Primeira República, o Partido Republicano e a política catarinense giram em torno dos nomes de Lauro Severino Müller e Hercílio

¹⁰⁷ Tomamos aqui dois exemplos das tensões no Sul Catarinense durante, a Primeira República: o primeiro foi uma revolta armada dos colonos de Orleans em 1923 contra as eleições fraudulentas que elegeram o superintendente municipal Evaristo Nunes, impostos, contribuições exageradas e as arbitrariedades que já vinham ocorrendo desde 1919 quando Galdino Guedes eleito superintendente municipal foi obrigado a renunciar após um ano de pressão do governador Hercílio Luz e de seu genro José Colaço, cuja família controlava politicamente o município de Tubarão. Em 1923 os colonos armados se dirigiram para a prefeitura e exigiram a renúncia do prefeito Evaristo Nunes e do delegado, sendo empossado pelos colonos como superintendente Galdino Guedes. O prefeito deposto telegrafou ao governador Hercílio Luz que prontamente enviou tropas para Orleans sufocando a revolta. “Foram presos em massa mais de cem colonos, cercados num quadrado de policiais com carabinas embaladas. Um a um passaram pela palmatória”. SILVA, Elias Manoel da. Orleans já teve um tempo perigoso: ethos político em área de imigração no Sul de Santa Catarina na Velha República. *Tempos Acadêmicos*, n. 2, Criciúma, SC: Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2004. O segundo constituiu-se de um livro publicado em 1924 intitulado *O Dictador Catharinense* do jornalista João de Oliveira, que denunciava as práticas autoritárias do governador Hercílio Luz. O referido livro constituía-se de reunião de artigos publicados no jornal *A Imprensa* de Tubarão. OLIVEIRA, João. BARRETO, Alexandre. *O Dictador Catharinense*. Tubarão: A Imprensa, 1924.

¹⁰⁸ Sobre a Fundação da Reação Republicana, O Partido Liberal Catarinense e a Aliança Liberal, ver: CORREA, Carlos Humberto. *Um Estado entre duas Repúblicas: A Revolução de 30 e a Política de Santa Catarina até 35*, Florianópolis: Ed. da UFSC, p. 26-34, 1984. PIAZZA, Walter F. *O Poder Legislativo Catarinense: das suas raízes aos nossos dias 1934-1984*. Florianópolis: Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984; e LENZI, *Partidos e Políticos de Santa Catarina...*

Pedro da Luz. Lauro Muller, republicano histórico, foi o primeiro governador do estado, indicado por Deodoro da Fonseca, voltando a assumir a chefia do Executivo Catarinense por mais duas vezes, em 1902 e 1918. Contudo, “a soma dos períodos em que efetivamente esteve no cargo, nestes três mandatos não completou quatro meses”¹⁰⁹, pois veio a assumir por duas vezes o Ministério da Viação e do Exterior nos governos dos presidentes Rodrigues Alves, Hermes da Fonseca e Wenceslau Braz, além de ocupar o legislativo como deputado federal e senador. Hercílio Luz, também republicano, governara o estado por três vezes, eleito em 1894; vice de Lauro de 1918, e novamente conduzido ao cargo em 1922. “Senador por três legislaturas e deputado federal em 1900”.¹¹⁰

E como esses dois políticos controlaram a política em Santa Catarina e o Partido Republicano? Lauro Müller, chefe supremo do partido, controlava-o da esfera federal e Hercílio Luz comandava-o no âmbito estadual. O poder decisivo no partido estava dividido entre eles e, via de regra, ditavam os rumos, indicavam, definiam os candidatos aos cargos públicos da União e do estado, respectivamente. Cabia a Lauro Müller a indicação dos nomes para governadores, vices, deputados federais e senadores. Já Hercílio Luz indicava os deputados estaduais. Esses dois políticos tinham estilos diferentes, o primeiro, tinha uma atuação mais voltada para o legislativo, mesmo exercendo funções executivas, enquanto o segundo tinha uma característica muito mais voltada para o executivo, mesmo exercendo também funções no legislativo.

Ao que parece, essa pretensa harmonia existente no Partido Republicano Catarinense transcorria relativamente bem. Tensões, conflitos e disputas pareciam não

¹⁰⁹ Idem, p. 18.

¹¹⁰ Idem, p. 19.

existir ou eram contornados muito facilmente. Entretanto, é possível apontar para algumas cisões na política catarinense durante a Primeira República. A primeira ocorre durante a Revolução Federalista, em 1893, quando o interventor federal em Santa Catarina, Manoel Joaquim Machado, aliou-se aos federalistas do Rio Grande do Sul, ligados a Silveira Martins; aos revoltosos do Rio de Janeiro rompendo com o governo de Floriano Peixoto. Lauro Müller e Hercílio Luz engajaram-se às tropas de legalistas constituídas para combater os federalistas.¹¹¹

O primeiro apoiou as tropas legais, pois era aliado de Floriano, e o engajamento do segundo deu-se mais pelos ideais republicanos, pois não concordava com as atitudes autoritárias do Presidente da República. Essa primeira cisão foi relativamente branda e as divergências aparadas nas eleições de 1894, quando Hercílio foi apoiado por Müller para o governo do Estado.

A segunda cisão na política catarinense ocorreu quando da viagem de Lauro Müller à Europa para tratamento de saúde, devendo ficar em seu lugar à frente da chefia do partido Hercílio Luz, o que não foi aceito pelo então governador Gustavo Richard. Elucidativa dessas tensões foi à definição das candidaturas para Presidente da República em 1909, quando Hercílio Luz apoiou o candidato de oposição Rui Barbosa (campanha civilista), juntamente com os irmãos Konder, que iniciavam sua participação na política, enquanto os demais membros do partido apoiaram o candidato oficial Hermes da Fonseca.

¹¹¹ MEIRINHO, Jali. *República e oligarquia: subsídios para a história catarinense: 1889 – 1930*. Florianópolis: Insular, 1997.

Outra cisão no Partido Republicano Catarinense aconteceria em 1921, com a fundação no estado, por Nereu Ramos, da Reação Republicana¹¹², que apoiava o candidato de oposição Nilo Peçanha à Presidência da República. Por outro lado, Hercílio Luz, Adolpho Konder, Otacílio Costa e Caetano Costa (os dois últimos adversários dos Ramos em Lages), apoiaram Arthur Bernardes, candidato situacionista. Essa cisão já se iniciara um ano antes, quando o nome de Nereu Ramos foi lançado por seu município para a Câmara Federal e vetado dentro do partido.

Pode-se afirmar que essa dissidência no Partido Republicano foi provocada por Hercílio Luz, que quando da sua volta pela segunda vez ao governo do estado, em 1918, assumiu também a presidência do partido e suplantou Lauro Müller, pouco ligado às questões locais, limitando o espaço de atuação dele “e eliminando assim seu comando no partido, que ficou submetido à liderança absoluta do governador”.¹¹³ Neste contexto, Hercílio Luz tornou-se a figura mais importante dentro do partido, voltando ao Governo do Estado em 1922 e afastando-se por problemas de saúde em 1924, deixando o partido sob a direção dos Konder, que nas eleições de 1926 chegaram ao governo estadual, com Adolpho Konder. “Os irmãos Konder dominaram o cenário político do Norte do estado e controlaram o Partido Republicano e o Governo de Santa Catarina até a Revolução de 1930”.¹¹⁴

¹¹² Sobre a Reação Republicana ver: FAUSTO, Boris. A crise dos anos 20 e a Revolução de 1930. In: *O Brasil Republicano*, Vol. 2; Sociedade e Instituições (1889-1930). Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. Segundo esse autor, o movimento conseguiu atrair vastos setores das populações urbanas e também das forças armadas, desde cabos, soldados, marinheiros, até coronéis, generais e almirantes. A participação do exército na política com o tenentismo, principalmente pela força de seus principais acontecimentos, dos quais se destacam a Marcha dos 18 do Forte (1922), o Levante de São Paulo (1924) e a Coluna Prestes (1925), contribuíram para abalar os alicerces da República Velha.

¹¹³ BITENCOURT, João Batista. *Estado novo, cidade velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. Porto Alegre, 2002. Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Tese Doutorado, p. 33).

¹¹⁴ Idem, p. 34.

A morte de Hercílio Luz, em 1924, e de Lauro Müller, em 1926, abriu um espaço para as novas lideranças que já vinham se configurando há algum tempo. Do Vale do Itajaí, a família Konder, e, de Lages, os Ramos. Os Ramos, juntamente com Henrique Rupp Junior, fundaram a Aliança Liberal, em 1929, ligada ao grupo gaúcho de Vargas, provocando a quarta cisão no Partido Republicano Catarinense, deflagrando um conflito entre as famílias. Nas eleições de 1930, Adolpho Konder fez seu sucessor, elegendo Fúlvio Aducci. Seu governo durou apenas vinte e sete dias, pois foi deposto pela Revolução de 1930.¹¹⁵

**Cisões na Política Catarinense e no Partido Republicano durante a
Primeira República¹¹⁶.**

Primeira Cisão 1893	Contra Floriano Peixoto: Hercílio Luz
	A favor de Floriano Peixoto: Lauro Muller
Segunda Cisão 1909	Militaristas: Lauro Muller Filipe Schmidt Gustavo Richard
	Civilistas: Hercílio Luz Victor Konder Adolpho Konder
Terceira Cisão 1921	Reação Republicana: Nereu Ramos Vidal Ramos Concentração: Lauro Muller Filipe Schmidt

¹¹⁵ Sobre o Movimento de 1930 ver: FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930*,... Em março de 1930, foram realizadas as eleições, com a vitória do candidato paulista Júlio Prestes. Inconformados com o resultado das eleições, setores da Aliança Liberal aproximaram-se das lideranças do movimento tenentista e articularam uma conspiração que rapidamente se alastrou para os vários estados do país. O movimento depôs o então presidente Washington Luís, no Rio de Janeiro, e, em novembro de 1930, Getúlio Vargas foi empossado na presidência da República.

¹¹⁶ GOULART FILHO, Alcides. *Formação econômica de Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002, p. 134.

	Contra-Reação: Hercílio Luz Victor Konder Adolpho Konder Otacílio Costa
Quarta Cisão 1929	Aliança Liberal: Nereu Ramos Vidal Ramos Aristiliano Ramos Henrique Rupp Junior
	Republicanos: Fulvio Aducci Victor Konder Adolpho Konder

Entretanto, antes mesmo da Revolução de 30, durante a campanha eleitoral para Presidente da República (que escolheria também os senadores e os deputados federais do estado), o governo estadual catarinense sendo dirigido pelo republicano Adolpho Konder, apoiou a candidatura de Júlio Prestes, e os Ramos da Aliança Liberal apoiaram Getúlio Vargas.

A campanha da Aliança Liberal em Santa Catarina, não possuindo a máquina governamental para custear as despesas, que não eram poucas, bem como tendo a maior parte das vezes que pagar as notícias em jornais de pequena circulação desgastava fisicamente seus chefes, sempre os mesmos, que também se viam na necessidade de percorrerem milhares de quilômetros em más estradas. Tal não acontecia naturalmente, com a propaganda governamental, pois já encontrava uma estrutura armada nos municípios para poder continuar o antigo sistema eleitoral, apoiado nos prefeitos, juízes e outras autoridades estaduais e municipais.¹¹⁷

¹¹⁷ CORREA, Carlos Humberto. *Um estado entre duas repúblicas: a revolução de 30 e a política de Santa Catarina até 35*. Florianópolis: Ed: UFSC, 1984, p. 42.

Mesmo com toda máquina governamental e a pressão sobre os eleitores, principalmente no interior, a Aliança Liberal conseguiu eleger seus candidatos ao senado Henrique Raupp Junior e à Câmara Federal Nereu Ramos. Quanto ao resultado das eleições presidenciais, o candidato Júlio Prestes, apoiado pelo governo do estado, foi vitorioso. A maioria dos governos estaduais deram apoio ao “candidato oficial” Júlio Prestes. “Os resultados eleitorais apresentaram, nos Estados, claras vitórias para os candidatos apoiados pelos respectivos governos estaduais”.¹¹⁸

No que tange, ao número de votos recebidos por cada candidato, percebe-se divergências que apareciam explícitas nos jornais, tanto de Santa Catarina quanto de outros estados. No Rio Grande do Sul, por exemplo, os jornais *Correio do Povo* e o *Federação* trazem resultados diferenciados em relação aos votos obtidos pelos candidatos. Enquanto no *Correio do Povo*, Júlio Prestes recebia 26.980, votos, na *Federação* obtivera 14.890. Já Getúlio Vargas recebia a mesma quantia de votos nos dois jornais: 11.425.¹¹⁹ Divergindo dos resultados apresentados pelos dois diários gaúchos, o Jornal *Praça de Santos*, registrava a vitória de Júlio Prestes, que recebera 22.000 votos, e para Getúlio Vargas 12.826¹²⁰. Contraditoriamente também foi o resultado apresentado pelo jornal *Kolonie Zeitung*¹²¹ de Joinville, no qual o candidato Júlio Prestes obteve 32.000 votos e Getúlio Vargas 13.000. Mesmo apresentando resultados bastante divergentes, todos esses jornais foram unânimes em noticiar a vitória do “candidato oficial” Júlio Prestes.

¹¹⁸ GERTZ, René. *O fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 174.

¹¹⁹ *O Estado*, Florianópolis, 11 de março 1930, p. 1.

¹²⁰ *A Notícia*. Joinville, 15 de março 1930, p. 1.

¹²¹ *Kolonie- Zeitung*. Joinville, 8 de abril 1930.

É imperativo uma análise mais acurada desses resultados, principalmente nas regiões de imigração. Em Joinville e Blumenau, por exemplo, o candidato Getúlio Vargas obteve 50% dos votos. Observando esse resultado, é possível inferir que mesmo antes do surgimento do integralismo, já estava se configurando nas regiões de imigração, principalmente nas “colônias alemãs” de Santa Catarina, um potencial opositor bem mais elevado se comparado com outros municípios do estado. Esse fato pode ser entendido como um embrião do surgimento de novos atores no cenário da política catarinense e que posteriormente o integralismo se constituía na voz desses novos atores. Além disso, o bom desempenho de Vargas nesta região

significava um voto contrário aos irmãos Konder (teutos), pois Adolpho Konder era governador, Victor era ministro dos Transportes de Washington Luís e como tais apoiaram Júlio Prestes. Além disso, a campanha pró-Vargas, em Santa Catarina, era liderada por Nereu Ramos, membro da tradicional família Ramos de Lages, de onde tradicionalmente partiam discursos “nativistas”.¹²²

A partir da citação, pode-se inferir que, em primeiro lugar, o resultado das eleições de 1930 demonstrou que os Konder já não conseguiam mais exercer o tão propalado controle sobre as populações das “colônias alemãs”. Fica inteligível a existência de “uma clivagem política bastante nítida entre a camada superior tradicional e as demais camadas inferiores”.¹²³ São novos atores emergindo no cenário político catarinense, e o Integralismo será tomado mais tarde como canal de expressão dessas camadas da população. Em segundo lugar, os Ramos que vinham se configurando na oposição no estado desde o início dos anos de 1920 e que lideram a campanha de Vargas não representavam esses novos atores, pois deles emanaram durante

¹²² GERTZ, René. O fascismo..., p. 175.

¹²³ Idem, p. 175.

praticamente toda a primeira república discursos “nativistas”, e, posteriormente, quando ascenderam ao poder estadual no pós-30, iniciaram uma indistinta campanha de hostilidade contra as “colônias alemãs”.

A vitória de Júlio Prestes provocou um movimento revolucionário, iniciado no Rio Grande do Sul, que elevou Vargas ao poder. Em Santa Catarina, o movimento revolucionário levou à derrubada do governador Fulvio Aducci, do Partido Republicano Catarinense, vinculado aos Konder. Os Ramos, articuladores da Aliança Liberal, apoiaram a revolução. Vê-se que o poder político em Santa Catarina, quando acontece a Revolução de 1930, já vinha sendo disputado por duas forças políticas e econômicas distintas, e muito bem estruturadas. De um lado, estavam os Ramos, representantes do Planalto Catarinense, onde predominava o latifúndio, eram a oposição ao governo estadual. Do outro lado, estavam os Konder, representantes do nordeste, onde predominavam os imigrantes e descendentes de origem alemã e italiana, que desenvolviam a agricultura com base na pequena propriedade e na indústria. Eles controlavam o Partido Republicano Catarinense desde o último mandato de Hercílio Luz. Para o historiador João Batista Bitencourt, “a Revolução de 30 surge em Santa Catarina como uma inversão de grupos políticos no comando do estado, transformando um controle político que perdurara por boa parte da última década”.¹²⁴ Este autor percebe, nessa inversão, “os delineamentos de uma étnico-geografia do poder político estadual catarinense”.¹²⁵

O movimento de 1930 nomeou para o cargo de interventor de Santa Catarina o gaúcho general Ptolomeu de Assis Brasil. Desde que assumiu a interventoria no

¹²⁴ BITENCOURT. *Estado novo, cidade velha...*, p. 35-36.

¹²⁵ Idem, p. 36.

estado, o velho general vai sofrer oposição dos partidos, que não escondiam o desejo de substituí-lo por um catarinense. A pressão veio aumentar quando Assis Brasil afastou-se da interventoria sem pedir sua substituição definitiva. Diante da pressão que era explicitada através dos jornais¹²⁶, Assis Brasil escreveu carta a Getúlio Vargas solicitando sua exoneração em caráter irrevogável. A partir daí, a Legião Republicana articulou o nome de um catarinense, Lucas Boiteux, para assumir a interventoria no estado. Contudo, o nome de Lucas Boiteux não foi aceito pelo interventor, que prontamente retirou sua renúncia. Segue um trecho do ofício enviado ao general Ptolomeu de Assis Brasil pela Legião Republicana expressando um descontentamento com tal atitude.

Encaminhavam-se os entendimentos; e, com surpresa nossa, quando a imprensa noticiara o convite feito por intermédio do Almirante Protógenes Guimarães ao comandante Lucas Boiteux a aceitação deste, V. Exa. se apressou a retirar sua renúncia que nos afirmava ser irrevogável. Vimos nessa sua atitude um gesto de desconsideração, o veto ao nome de um catarinense ilustrado e digno por todos os títulos. Bem deverá V. Exa. compreender como essa sua atitude feriu o brio catarinense. Somos um povo organizado, cômico de sua autonomia, e o golpe ferido repercutiu por todos os recantos do Estado, provocando atitudes decididas e francas que, cada vez mais, crescem assumindo hoje um caráter de suma gravidade prestes a irromper de um momento para outro, como um caudal incontível.¹²⁷

Ainda no mesmo ofício, os membros da Legião Republicana pediam ao interventor que renunciasse, no sentido de acalmar as tensões na política catarinense. O referido ofício finaliza dizendo: “queremos reconquistar a nossa autonomia. É justa a nossa aspiração. Santa Catarina quer governar-se por si própria. A renúncia imediata

¹²⁶ As pressões contra Assis Brasil estão explicitadas nos jornais *A Pátria* e *O Estado*, entre janeiro e outubro de 1932. Ver também CORREA, Carlos Humberto. *Um estado entre duas repúblicas...*

¹²⁷ Ofício da Legião Republicana Catarinense ao general Ptolomeu de Assis Brasil, de 31/05/1932 PR. LBA.p. 07. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

de V. Exa., pois se impõe. V. Exa. estamos certos, virá ao nosso encontro aplaudindo-a".¹²⁸

A renúncia oficial do general Ptolomeu de Assis Brasil veio acontecer somente em outubro de 1932, já indicando seu substituto e irmão, o Major Rui Zubaran. A notícia provocou grande surpresa e revolta nos políticos catarinenses. O Major Zubaran ficou à frente da interventoria catarinense durante seis meses. Em março de 1933, o interventor pediu exoneração, sendo substituído pelo catarinense da Aliança Liberal Aristiliano Ramos.

É preciso observar que durante a interventoria de Rui Zubaran o estado experimentou um dos períodos de maior efervescência política. Desde que assumiu a interventoria catarinense, iniciaram as articulações em todos os níveis da política estadual e nacional para o seu afastamento. Ao final do período da interventoria de Zuraban, várias organizações partidárias estavam em pleno funcionamento preparando-se para as eleições, marcadas para 3 de maio de 1933. Foram esses partidos políticos que "direta ou indiretamente, influenciaram no afastamento do interventor"¹²⁹ Rui Zuraban. Até este momento, os partidos que estavam organizados com programas e estatutos eram: o Partido Liberal Catarinense, a Legião Republicana, o Partido Evolucionista (oficial), a Liga Eleitoral Católica, a Liga pró-Estado Leigo, o Clube 3 de Outubro, e também voltava ao cenário da política catarinense o Partido Republicano Catarinense¹³⁰, afastado do processo político desde o movimento de 1930. A

¹²⁸ Idem, p. 7.

¹²⁹ CORREA, *Um estado entre duas repúblicas...* p. 141.

¹³⁰ Estavam também organizados o Partido Operário Socialista, fundado em 1933 em São Francisco do Sul, por membros da União dos Operários Estivadores daquela cidade, e a Liga dos Trabalhadores de Santa Catarina, fundada também naquele ano.

constituição desses partidos políticos representou para o Brasil e particularmente para Santa Catarina abertura política até então desconhecida, pois como já se observou,

na primeira república, o povo e os partidos estavam acostumados a existência de um só partido: o Republicano. A pequena oposição havida a partir de 1921 não teve condições de formar uma agremiação devidamente registrada e estruturada, pelo menos regionalmente e dentro dos moldes da estrutura consolidada do partido republicano. A partir de 1930, com o surgimento do Partido Liberal e quase que imediatamente da Legião Republicana Catarinense novas opções foram oferecidas às ideologias que poderiam ser divulgadas livremente, mesmo num regime de exceção, onde o objetivo era o de centralizar o governo nas mãos de um chefe nacional.¹³¹

Como vimos, nos anos de 1932 e 1933, o estado experimentou um período de intensa efervescência política: a articulação dos políticos catarinenses junto ao governo federal para substituir o interventor gaúcho por um catarinense e a organização de vários partidos políticos que se preparavam para as eleições de maio de 1933. Enquanto isso, no cenário nacional, a AIB, criada por Plínio Salgado, em São Paulo, a partir da publicação do manifesto de outubro de 1932, rapidamente vai se expandir pelo território nacional, chegando a Santa Catarina em 1934, e, neste mesmo ano, participaria nas eleições que escolheriam os deputados estaduais para a Assembléia Constituinte.

É neste contexto de intensa movimentação política que foi empossado o novo interventor, Aristiliano Ramos, em abril de 1933, com o compromisso de ter de organizar politicamente o estado, “agora já com facções e grupos bem definidos, que fatalmente entrariam em choque para uma maior representatividade junto à Assembléia Constituinte”.¹³²

¹³¹ CORREA, *Um estado entre duas repúblicas...* p. 148. Ainda sobre a organização partidária em Santa Catarina ver também: LENZI, *Partidos e políticas de Santa Catarina...* PIAZZA, *O poder legislativo catarinense...*; e CABRAL, *História de Santa Catarina*. 3ª ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

¹³² CORREA, *Um Estado entre duas repúblicas...* p. 161.

Realizadas as eleições, o Partido Liberal conseguiu obter 47,5% dos votos, os Republicanos 22,7%, a Legião Republicana 13,8% e a Liga Pró-Estado Leigo 2,0%, confirmando neste pleito o prestígio inicial do novo interventor Aristiliano Ramos. Derrotado nas urnas, o Partido Social Evolucionista entrou com recurso junto ao tribunal eleitoral, pedindo a anulação das eleições. Alegaram que os envelopes utilizados para a votação eram transparentes e não estavam previstas pelo Código Eleitoral. O tribunal negou a solicitação do partido, que rapidamente recorreu ao Superior Tribunal Eleitoral. Desta vez, o Partido Social Evolucionista sairia vencedor, pois o Supremo Tribunal Eleitoral anulou as eleições, marcando novas eleições para três de dezembro.¹³³ Em decorrência, os partidos procuraram reformular suas chapas, para obterem melhores resultados nas urnas. Assim, as eleições de dezembro de 1933, que escolheriam os deputados à Constituinte Federal, foram disputadas pelo Partido Liberal, a coligação “Por Santa Catarina”, o Partido Evolucionista e a Liga Pró Estado Leigo. Mais uma vez o Partido Liberal saiu vencedor, elegendo Nereu Ramos, Arão Rebelo e Carlos Gomes de Oliveira, e a coligação, Adolpho Konder.

Assim, esta rápida digressão procurou mostrar a política catarinense em um cenário pluripartidário, pois como já foi dito, até 1930 havia um único partido, sendo a atividade oposicionista constituída a partir dos anos 20 praticamente inexpressiva. A intensa movimentação política deste período, aliada às duas eleições, teve papel significativo no sentido de um aprimoramento do exercício político dos catarinenses. Contudo, este cenário de movimentação pluripartidária não se acalmara, pois estavam

¹³³ Sobre a anulação dessas eleições, ver: PIAZZA, *O Poder Legislativo Catarinense...*, p. 413-418; e CORREA, *Um Estado entre duas repúblicas...*, p. 164-169.

marcadas para 14 de outubro de 1934 as eleições que escolheriam os candidatos à Câmara Federal e à Assembléia Constituinte Estadual.¹³⁴

Foi neste cenário de tensões políticas que a AIB começou a se organizar no estado, vindo a participar das eleições para a Câmara dos Deputados e a Assembléia Constituinte Estadual, mesmo apresentando sua nominata de candidatos um dia antes da realização das eleições.

Nominata dos Candidatos da AIB para Câmara Federal nas eleições de 1934 e suas respectivas profissões¹³⁵	
José de Carvalho Ramos	Funcionário Público
Antonio Fedrigo	Comerciante
Juventino Linhares	Comerciante
João Medeiros	Farmacêutico
Walter Herbest	Lavrador
Carlos Gassenfert Netto	Guarda - livros

Quadro elaborado pelo autor

¹³⁴ Essa movimentação política em outros estados pode ser encontrada em: GOMES, Ângela Maria de Castro (Org.). Regionalismo e Centralização Política: partidos e constituinte nos anos 30. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

¹³⁵ *Anauê*, 6 de outubro de 1934. Ano I, n.11.

Nominata de Candidatos da AIB para a Assembléia Constituinte Estadual nas Eleições de 1934 e suas respectivas profissões¹³⁶	
Ivo Stein Ferreira	Médico
Laércio Caldeira de Andrade	Funcionário Público
José Ferreira da Silva	Advogado
Eugênio José Reichert	Carpinteiro
Otto Demarchi	Editor
Adolpho José dos Reis	Varejista
Guilherme Zichmann	Operário
Jacob Vitali	Industrial
Lázaro Umbelino de Brito	Funcionário Público
Emilio Neis	Cirurgião Dentista
Virgílio Dominelli	Industrial
Augusto Grob	Operário
Enwaldo Baasch	Negociante
Luiz Gonzaga Medeiros	Farmacêutico
Estanislau Makowiecky	Pedreiro Construtor
Adalberto Bessa	Funcionário Público
Luiz Cazaniga	Alfaiate
Francisco P. dos Santos	Estivador
Alfredo Baumgarten	Comerciante
Euclides Schmidt Jr.	Tipógrafo
Ewaldo Scheffer	Industrial
Germano Stolf	Agrimensor
Visctório Hostin	Comerciante
Ricardo Gruenwaldt	Farmacêutico
Geraldo Azevedo	Comerciante
Afonso Korman	Comerciante
João Vieira Pamplona	Motorista
Jayme Wendhausen	Comerciante
Oslyn Costa	Estudante
Gentil Waltrick	Fazendeiro
Alfredo Fernandes	Industrial

Quadro elaborado pelo autor

¹³⁶ *Anauê*, 6 de outubro de 1934. Ano I, n.11.

Pode-se inferir a partir da lista acima que a AIB, mesmo estando em um processo de estruturação recente, conseguiu lançar um número significativo de candidatos para as eleições de 1934. Isso vem demonstrar seu rápido crescimento no estado. No que tange às profissões dos referidos candidatos, percebe-se a participação dos mais variados setores da sociedade catarinense, desde operários a empresários, com uma preponderância dos setores médios. Nenhum destes nomes tinha expressão na política regional. O jornal *Anauê* de Joinville fazia a seguinte definição dos candidatos integralistas que concorreram nessas eleições: “nenhum medalhão, nem nome conhecido. Todos, gente nova, gente que não se aluga, nem se vende e que colocou os interesses vitais da nacionalidade, muito acima das competições e dos interesses de indivíduos”.¹³⁷

Realizadas as eleições, com uma vitória apertada do Partido Liberal sobre a Coligação Republicana, a AIB conseguiu obter 2.425 votos: “Apesar de os números sugerirem a insignificância do integralismo, ele se constituiu num fator decisivo para a correlação de forças”.¹³⁸ Foram os votos da AIB que acabaram decidindo o pleito. Isso se explica na medida em que os votos recebidos pela AIB “foram obtidos, sobretudo em municípios onde os republicanos sempre tiveram muito apoio, como Blumenau (perto de 20%) e Brusque (perto de 30%)”.¹³⁹ Essas eleições demonstraram que pela primeira vez em Santa Catarina durante o Regime Republicano a importância dos Partidos

¹³⁷ *Anauê*, Joinville 13 de outubro de 1934. Ano I, n. 12.

¹³⁸ GERTZ, *O Fascismo...*, p. 179.

¹³⁹ FALCÃO, *Entre Ontem e Amanhã...*, p. 144.

Políticos e da opinião pública¹⁴⁰, pois como já se observou durante toda a Primeira República a política no estado era controlada por um único partido dirigido por algumas famílias.

A partir destas eleições, a AIB foi se configurando em uma nova força política no estado e não passou despercebida pelo governo estadual e nem pela oposição. Mesmo que as atenções em fins de 1934 e 1935 estivessem voltadas para a recém eleita “Assembléia Constituinte (que) iria eleger, indiretamente, o novo governador em maio de 1935”¹⁴¹, tanto os liberais quanto os republicanos estavam preocupados com o crescimento do Integralismo. Eleita a Assembléia Constituinte, inicia-se um processo de intensas disputas entre os partidos que elegeram deputados para a escolha do governador. Essas disputas vão ocorrer principalmente no seio do Partido Liberal, entre os dois primos, o interventor Aristiliano e Nereu Ramos. Essa disputa provocou uma cisão dentro do Partido Liberal, e Nereu Ramos acabou sendo eleito governador do estado.

Enquanto os principais partidos estavam se digladiando para escolher o novo governador, a AIB, que não havia conseguido eleger nenhum deputado, ficou fora desse processo. Contudo, este foi o período de maior expansão da AIB em todo o estado. Verifica-se essa rápida expansão tomando como exemplo o Sul Catarinense, as principais cidades da região Laguna, Tubarão e Araranguá constituíram núcleos integralistas entre 1934 e 1935. Ainda neste mesmo ano, o jornal *Correio do Sul* divulgava a criação de mais um núcleo da AIB no Sul do estado: “No dia 14 do corrente

¹⁴⁰ Novos estudos sobre as eleições e sobre a importância da opinião pública começaram a surgir após a Primeira Guerra. “Percebe-se que uma eleição é também um indicador do espírito público, um revelador da opinião pública e de seus movimentos”. RÉMOND, René. *Por uma História Política*, 2ª Ed. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2003. p. 40.

¹⁴¹ LENZI, *Partidos e Políticos de Santa Catarina...*, p. 113. Ver também: CABRAL, *História de Santa Catarina...*; e PIAZZA, *O poder legislativo catarinense...*

mês, às 17 horas será fundado no salão da cooperativa Vitória, em Cresciúma, o núcleo municipal integralista. À referida solenidade do próximo domingo comparecerão os camisas verdes dos núcleos municipais de Tubarão e Araranguá”.¹⁴² Também o jornal *Albor*¹⁴³ fazia referência à participação dos núcleos da AIB já organizados nas cidades do Sul Catarinense na inauguração do núcleo integralista de Orleans. Eram dezenas de núcleos, e podemos dizer centenas de sub-núcleos organizados em todo o estado.

Este sub-capítulo ocupou-se de evidenciar a forma de organização partidária no estado durante a Primeira República, as mudanças provocadas pelo movimento de 30 bem como o surgimento de novos partidos no pós-30, suas disputas políticas, e a decisiva participação dos Integralistas na eleição para deputados estaduais, constituindo-se na mais nova força política do estado.

Republicanos Liberais... o Integralismo como opção

Se, por um lado, como já foi observada, a Revolução de 1930 provocou o alijamento dos Konder do poder, não garantiu, ao menos nos primeiros anos, o retorno dos Ramos ao comando do governo estadual. O comando político catarinense foi assumido pelo general gaúcho Ptolomeu de Assis Brasil e substituído, em 1932, pelo seu irmão o major Rui Zubarán, ficando no comando da interventoria estadual até 1933. Vê-se que a Aliança Liberal Catarinense, mesmo apoiando a ação revolucionária, foi excluída do novo governo. “Os espaços foram ocupados pelos militares procedentes do

¹⁴² *Correio do Sul*. Laguna, Santa Catarina, 7 de abril de 1935. Ano III, nº 172.

¹⁴³ *Albor*, Laguna, 23 de julho de 1935. Ano III, nº 1.605.

Rio Grande do Sul, fortalecidos no contexto nacional, sufocando os interesses provincianos”.¹⁴⁴

Esse período em que o executivo catarinense esteve sob o comando dos militares gaúchos, foi marcado por um clima de tensão na política estadual e municipal. A Aliança Liberal que se tornou um partido político, o Partido Liberal Catarinense, em 1931, enfrentou sua primeira cisão um ano depois, motivada pelo movimento constitucionalista. Nereu Ramos, presidente do partido, apoiava o movimento iniciado em São Paulo, enquanto seu primo Aristiliano Ramos estava à frente dos que apoiavam Getúlio Vargas. Como o partido apoiava Vargas, Nereu afastou-se da presidência. Além disso, a ascensão de Rui Zuraban na interventoria estadual desencadeou uma reação dos liberais¹⁴⁵, que, apoiados pelo interventor gaúcho, Flores da Cunha, o derrubaram, sendo substituído pelo catarinense Aristiliano Ramos. No governo de Aristiliano, o grupo de Nereu Ramos, que havia apoiado os paulistas, foi anistiado e retornou ao partido. Com isso, Nereu voltaria a assumir a presidência do partido em 1934.

Nova cisão viria a ocorrer no Partido Liberal Catarinense, quando das eleições de 1935, que escolheria o novo governador do estado. Uma aliança formada por Henrique Rupp, Fulvio Aducci, Adolpho Konder e Aristiliano Ramos, dissidente do Partido Liberal, formaram a coligação “Por Santa Catarina”, na tentativa de derrotar Nereu Ramos, do Partido Liberal Catarinense. A Coligação não obteve sucesso na sua tentativa, pois Nereu vence as eleições.

¹⁴⁴ MEIRINHO, *Republica e oligarquia...*, p. 202.

¹⁴⁵ Além do Partido Republicano Catarinense, outros partidos foram organizados durante a interventoria dos gaúchos e contribuíram também para o afastamento de Zuraban.

Cisões na Política Catarinense 1930 – 1935¹⁴⁶

Primeira cisão 1932	Constitucionalistas: Nereu Ramos
	Legião Republicana: Aristiliano Ramos, Henrique Rupp Junior
Segunda cisão 1935	Partido Liberal Catarinense: Nereu Ramos Vidal Ramos
	Por Santa Catarina: Aristiliano Ramos Adolpho Konder Victor Konder Fulvio Aducci

As articulações e disputas em âmbito estadual nesses primeiros cinco anos do pós-30 refletiram-se também na política municipal. O interventor, logo que assumiu o comando do governo, substituiu as autoridades estaduais, os prefeitos e intendentes municipais. Os interventores seguiram as diretrizes da política do governo Vargas.

A lei orgânica ou Decreto N. 19.398, de 11 de novembro do ano passado, (1931) foi o primeiro passo nesse sentido. Nela, ficou estabelecida a competência do Governo Federal de nomear interventores de suas confianças para cada Estado, incumbindo-os de exercer, como ele próprio, atribuições executivas e legislativas, e, também, autorizando-os a nomear, a seu turno, os prefeitos para os diversos Municípios. Havia, assim, como que uma delegação de poderes para uma realização comum. Foi além, porém, a mesma lei. Prescreveu obrigações e normas para interventores e prefeitos, submetendo-os à fiscalização do Centro, sendo de citar, entre tais obrigações e normas, a que lhes impõe a publicação mensal de balancetes da receita e despesa¹⁴⁷.

Ainda antes mesmo de a revolução ter sido vitoriosa no Sul Catarinense, Ernesto Lacombe assumiu a chefia do movimento do sul do estado, com o título de governador provisório do sul.¹⁴⁸ Investido desta função, Lacombe decretou vários atos de caráter administrativo, nomeando prefeitos, desmembrando e anexando municípios.

Em data de 06 de outubro de 1930, o governador provisório do Sul do Estado assinou três decretos: o primeiro, anexando o município Imbituba ao de Laguna, com sede neste último; o segundo, dando autonomia a Jaguaruna, até então

¹⁴⁶ GOULART FILHO, *Formação econômica de Santa Catarina...*, p. 135.

¹⁴⁷ G. Vargas. *A nova Política do Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Ed., 1º v. 1938, p. 244.

¹⁴⁸ CORREA, *Um estado entre duas repúblicas...*, p. 53.

incorporado ao município de Laguna e, finalmente, o terceiro, nomeando intendentess municipais de Araranguá, Fontoura Borges do Amaral, Criciúma, Cincinato Napolini, Urussanga, Lucas Bez Batti, Jaguaruna, Bernardo Schmitz, Tubarão, Sylvino Moreira Lima, Orleans, Galdino Guedes, Laguna, Gil Ungaretti e Imaruí, Pedro Bitencourt. Salvo o intendente de Laguna, todos os demais foram mantidos pelo Interventor Federal, General Ptolomeu Assis Brasil.¹⁴⁹

Essas práticas implementadas pelos interventores gaúchos continuarão com a ascensão ao comando estadual do catarinense Aristiliano Ramos. Nesse período alguns municípios catarinenses serão duramente castigados com as práticas adotadas pelos interventores. Interpreta-se as práticas adotadas pelos interventores estaduais de duas maneiras. De um lado, refletiram-se negativamente para as populações de imigrantes e descendentes do Vale do Itajaí e Norte do Estado, que foram duramente castigadas. Por outro lado, no Sul Catarinense, essas práticas foram positivas para os imigrantes e seus descendentes. Um exemplo disso pode ser observado na citação acima, na qual os prefeitos nomeados pelos interventores são descendentes de imigrantes mesmo em cidades com o predomínio dos luso-brasileiros, como Laguna e Jaguaruna.

Nas linhas que seguem procura-se explicar as tensões e disputas geradas pelas práticas adotadas pela interventoria na região do Vale do Itajaí e do Norte do Estado, sendo decisivas para a grande aceitação da AIB entre os imigrantes e os descendentes. No que tange às ações da interventoria no Sul Catarinense serão analisadas separadamente, no terceiro capítulo, pois entende-se que essas configuraram-se em uma das especificidades na política em âmbito local, interferindo na estruturação e difusão da AIB na região.

¹⁴⁹ *O Estado*. Florianópolis, 29 de outubro.

O município mais castigado pela política empreendida pelos interventores no Vale do Itajaí foi Blumenau. Estiveram à frente do comando municipal não menos que seis prefeitos nomeados pelos interventores até as eleições de 1936. A vitória da “Coligação por Santa Catarina” em Blumenau (e também Joinville) veio a provocar uma série de protestos violentos na cidade, pois logo após essas eleições, em fevereiro de 1934, Aristiliano Ramos decretou o desmembramento de Blumenau, emancipando os distritos de Hamônia, Gaspar, Indaial e Timbó. Blumenau já havia sofrido um desmembramento em 1931, quando da emancipação de Rio do Sul. Assim, seu território, que contara em 1930 com 10.375 km, foi reduzido para 1.650 KM em 1934.

Após as eleições e mesmo antes do desmembramento, o interventor havia visitado Blumenau, em janeiro de 1934, sendo recebido por várias personalidades de destaque da cidade, preocupadas com o boato de desmembramento do município. “Em negociações entabuladas em nível estadual, o interventor manteve sua idéia de proceder um plebiscito nos distritos para verificar a opinião dos habitantes, o que não foi cumprido”¹⁵⁰, pois como foi exposto, o interventor decretou o desmembramento de Blumenau.

O desmembramento provocou em Blumenau um movimento de repúdio ao ato do interventor do estado. O comércio e a indústria local fecharam as suas portas em sinal de protesto, foram realizadas passeatas e comícios sob o slogan “Por Blumenau Unido”. Durante mais de uma semana a cidade parecia uma verdadeira praça de guerra. “Houve preparativos para ação armada. Controlaram-se os estoques de

¹⁵⁰ FROTCHER, Meri. *Da celebração da Etnicidade Teuto-brasileira À afirmação da brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau. (1929- 1950)*. Florianópolis, 2003, UFSC (Tese de doutorado em História), p. 49.

combustíveis e de mantimentos, puseram-se guardas nas estradas da cidade”.¹⁵¹ Entre os organizadores deste movimento, estavam “diversos representantes da elite comercial e industrial, assim como alguns da classe média de Blumenau”.¹⁵² Vê-se que do movimento participaram as antigas elites políticas do Partido Republicano Catarinense e também outros “que foram inclusive prefeitos de Blumenau depois da Revolução de 1930”.¹⁵³ Na tentativa de negociar com o governo, foi enviada a Florianópolis uma comissão que não foi recebida pelo interventor. Já o governo envia uma sessão da polícia militar, armada inclusive com metralhadoras, para ocupar Blumenau. Nos setores palacianos esse movimento era propagandeado, como consequência do “movimento hitlerista”.

Contraditoriamente em nível nacional, o governo de Vargas mantinha boas relações econômicas e políticas com a Alemanha, com uma crescente simpatia ao regime nacional-socialista. Essas boas relações se estendiam também para com as colônias existentes no Brasil. Vargas procurava prestigiar pessoalmente eventos importantes dessas colônias ou enviava graduada representação. Em outros estados com a presença expressiva da imigração teuta, as relações entre o governo estadual e as colônias também eram amistosas. É o caso do Rio Grande do Sul, onde o embaixador alemão foi recebido cordialmente por Flores da Cunha em Porto Alegre. Já Aristiliano recusou-se a recebê-lo, em Florianópolis.

Ainda durante a época do desmembramento, em meio a lutas político-partidárias, foram construídas certas representações sobre as diferentes regiões do estado. Em um discurso proferido em Lages, em 1934, Aristiliano Ramos teceu duras

¹⁵¹ SILVA, José Ferreira. *História de Blumenau*. Florianópolis: Edeme, 1972, p. 209.

¹⁵² FROTCHER, *Da celebração da Etnicidade Teuto-brasileira À afirmação da brasilidade...*, p. 52.

¹⁵³ Idem, p. 52.

críticas a imigração estrangeira e o favorecimento político de certas regiões do estado, apresentando-se à população local como aquele que mudaria a situação. Sobre esse discurso o cônsul alemão Dittmar, em Florianópolis, atribuiu a Aristiliano as seguintes palavras:

Cidadãos de Santa Catarina! Se sois meus amigos ou meus adversários, numa coisa não podereis negar: se eu e meus amigos tivéssemos estado no poder nos últimos decênios, não teria acontecido a entrega das mais férteis áreas litorâneas aos estrangeiros e vocês saberiam hoje onde colocar seus pés, para sair da miséria, em que vocês se encontram.¹⁵⁴

Até 1930, os grupos que estavam no comando de governo de Santa Catarina permitiam o estabelecimento de imigrantes alemães no Vale do Itajaí, e estendendo-se até 1932. A partir do governo de Aristiliano Ramos, pelo menos em nível de discurso, essas iniciativas não são mais permitidas, se considerarmos as duras críticas que fez ao estabelecimento de imigrantes nas regiões entre o litoral e o planalto e também em função da própria constituição de 1934 que passou a restringir a entrada de imigrantes estrangeiros no país.

Para justificar o desmembramento de Blumenau, junto ao governo federal, o interventor Aristiliano Ramos dizia estar fazendo “um investimento no sentido de nacionalizar a zona colonial alemã, como também tornar mais rápida, barata e fácil à justiça, facilitando ainda o contato da população não integrada no espírito nacional com as autoridades brasileiras”.¹⁵⁵ Por outro lado, essas medidas tomadas pela interventoria foram interpretadas por muitas pessoas em Blumenau e Joinville como uma tentativa de enfraquecer o *Deutschtum* (germanidade) no estado. Bruno Meckien, diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática, com sede em Hamônia, “representou o

¹⁵⁴ GERTZ, *O fascismo*,..., p. 67.

¹⁵⁵ FROTCHER, *Da celebração da Etnicidade Teuto-brasileira À afirmação da brasilidade*..., p. 51.

desmembramento de Blumenau como um ato visando à nacionalização, caracterizando o governo de Aristiliano como ‘puramente nativista’¹⁵⁶. É preciso atentar para o fato de que as representações não são medidas por critérios de veracidade e sim pela sua capacidade mobilizadora de se apresentarem com plausibilidade para que se acredite nelas. Não é necessário que sejam verdadeiras, porém precisam ser plausíveis e desejáveis, ter coerência, sendo possíveis de se acreditar.¹⁵⁷

O que fica inteligível no desmembramento de Blumenau é que o poder da interventoria no estado, durante este período, foi marcado pela influência das disputas regionais. Mesmo ganhando poder do governo federal para nomear prefeitos, os interventores estaduais não estavam livres dos interesses pessoais e de grupos. Dessa forma, as interventorias estaduais irão funcionar como “pequenas ditaduras, minúsculos regimes de exceção dentro do período de exceção”.¹⁵⁸

A historiadora Cynthia Machado Campos, ao estudar a política da nacionalização em Santa Catarina, apresenta outras explicações para as duras intervenções ocorridas em certas regiões do estado na década de 1930 e 1940. Dentre os elementos que motivaram as intervenções do governo, destacou a dispersão e a autonomia do funcionamento das instituições nos núcleos coloniais. Explicava também que as intervenções do governo Vargas nas regiões de colonização visava “colocar sob o controle do Estado o núcleo industrial significativo construído pelos alemães. Tornava-se urgente para o Estado e elites emergentes, nacionalizar essa economia

¹⁵⁶ Idem, p. 51.

¹⁵⁷ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

¹⁵⁸ FROTCHER, *Da celebração da Etnicidade Teuto-brasileira À afirmação da brasilidade*,..., p. 50.

industrial”.¹⁵⁹ Esse parque industrial era enfatizado na época por um militar a serviço da campanha da nacionalização:

É espantoso o movimento industrial e grande a capacidade de produção do município de Blumenau, sendo que o progresso manufatureiro não fica circunscrito apenas a esse. Por toda parte, funcionam fábricas de tecido, madeiras compensadas, laticínios, salsichas, conservas, etc.¹⁶⁰

Para além dessas explicações, o autor ainda ressalta as preocupações dos governantes do Rio de Janeiro com a expansão da língua e da cultura alemã “entre os demais habitantes do sul, exercendo influência em meio aos descendentes de poloneses, romenos, italianos e portugueses”.¹⁶¹ Era notório, como se propagandeava na época, a superioridade das escolas alemãs em relação às escolas que vinham sendo implantadas pelo Estado, e que uma parcela significativa das crianças não falava a língua portuguesa quando entrava nas escolas.¹⁶²

Cynthia campos divergindo das interpretações que explicam as tensões ocorridas em Santa Catarina nas décadas 30/40 na oposição germanismo, nazismo e integralismo, desloca sua análise “para o âmbito de uma luta pela manutenção de práticas culturais autônomas frente a um movimento de caráter homogeneizante, referenciado nos princípios da brasilidade”.¹⁶³ Esse movimento foi empreendido pelo Estado e apoiado por alguns grupos de Santa Catarina, não levando em consideração as diferenças que marcavam as populações catarinenses na época e que mantinham seus hábitos e suas tradições culturais. Buscava-se implantar uma unidade nacional

¹⁵⁹ CAMPOS, Cynthia Machado. *A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil*. Unicamp, Tese de Doutorado, 1998, p. 126.

¹⁶⁰ NOGUEIRA, Rui Alencar. *Nacionalização no Vale do Itajaí*. Rio de Janeiro, Biblioteca Militar, 1947, p. 22.

¹⁶¹ CAMPOS, *A política da língua na era Vargas: ...* p. 107.

¹⁶² REGIS, Lebon. *O perigo alemão e o problema do ensino em Santa Catarina*. Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1917, p. 16-17.

¹⁶³ CAMPOS, *A política da língua na era Vargas: .*, p. 125-126.

dentro de uma ordem. Para a autora, a “linguagem” constituía-se no espaço de representação do mundo no qual eram recriadas as experiências das populações catarinenses. Essa unidade lingüística formou “bases de uma unidade cultural, de um elo de união muito forte que mantinham os grupos”¹⁶⁴, o alvo que a política nacionalizadora procurou quebrar, impedindo-os de se autogerir e impondo padrões de conduta para os grupos do sul.¹⁶⁵

A revolução de 1930 veio demonstrar o aparecimento, mesmo que embrionário, de um novo potencial oposicionista no estado. Os desdobramentos da política regional no pós-30, com a nomeação dos interventores, inicialmente gaúchos e posteriormente a ascensão dos Ramos (Aristiliano e Nereu), que até 1930 representavam a oposição na política estadual; o alijamento do comando da política no estado dos grupos vinculados ao Partido Republicano Catarinense, representado pelos Konder, que perderam os principais cargos no governo, as prefeituras e cargos municipais; as práticas autoritárias dos interventores, o ataque contra as regiões de imigração, contribuíram significativamente para o fortalecimento e a ampliação desse potencial oposicionista constituído principalmente por imigrantes alemães e italianos e seus descendentes que não viam mais nas tradicionais elites políticas uma possibilidade de representação, e desta forma tomaram o integralismo como o canal de sua expressão.

¹⁶⁴ Idem, p. 126.

¹⁶⁵ Ainda sobre a nacionalização ver: D' AQUINO, Ivo. *Nacionalização do ensino: aspectos políticos*. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1942. MONTEIRO, Joecyr. *Nacionalização do ensino em Santa Catarina, 1930-1940*. Florianópolis: UFSC, 1979. FIORI, Neide Almeida. *Aspectos da evolução do ensino público: ensino público e política de assimilação no Estado de Santa Catarina nos períodos imperial e republicano*. Florianópolis: Secretaria de Educação/Ed. da UFSC, 1991. CAMPOS, Cynthia Machado. *Controle e normatização de condutas em Santa Catarina*. São Paulo, PUC, 1992. (Dissertação de Mestrado em História).

A AIB veio constituir-se em uma referência em termos de alternativas aos partidos organizados no estado no pós-30. O Partido Republicano Catarinense, Partido Liberal Catarinense, a Legião Republicana, organizados pelas mesmas elites políticas que haviam dominado o cenário político catarinense até a revolução, permaneceram com as mesmas práticas, sem possibilitar a participação de outros setores da sociedade na política estadual. Ao contrário, o integralismo apresentava-se genuinamente democrático, possibilitando a participação de todos os interessados em colocar suas energias à causa da AIB, não importando a origem ou o status sócio-econômicos de seus adeptos. Para suas fileiras arregimentava indivíduos provenientes dos setores médios, cujas aspirações políticas não encontravam respostas nem espaço efetivo nos partidos organizados no estado no pós-30.¹⁶⁶ Ademais, a AIB representava um canal de expressão para um segmento social em franca expansão numérica e econômica, fruto das mudanças que vinham ocorrendo no país e no estado ao longo das décadas de 20 e 30.

Ao contrário da Europa, onde as classes médias se sentiam ameaçadas seja pela crise econômica, seja pela perda de status ou pela agressividade da luta operária, as classes média no Brasil desta época, encontravam-se geralmente em rápida ascensão social e a procura de uma posição de poder na sociedade. Entretanto, sua vontade de ascender socialmente era bloqueada pela ausência de um projeto político capaz de as libertar do controle das classes dominantes tradicionais.¹⁶⁷

A citação de Trindade demonstra que tanto na Europa quanto no Brasil foram os setores das camadas médias a constituírem o “cimento comum” dos movimentos de

¹⁶⁶ HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 126, explica que a adesão das classes médias ao Fascismo ocorreu “devido à maneira de como se traçaram as linhas de combate político no entre-guerras. A ameaça a sociedade liberal e todos os seus valores parecia vir exclusivamente da direita; a ameaça à ordem social, da esquerda. As pessoas da classe média escolhiam sua política de acordo com os seus temores. Os conservadores em geral simpatizavam com os demagogos do Fascismo e dispunham-se a aliar-se a eles contra o inimigo maior”.

¹⁶⁷ TRINDADE, *Integralismo...*, p. 148.

inspiração fascista que se espalharam pelo mundo na década de 1930, mesmo sendo essa adesão por motivos diferenciados. Isso não quer dizer que Trindade concordasse com a historiografia que defendia o Integralismo como puro mimetismo dos fascismos europeus.¹⁶⁸ Contudo, o autor não descarta que “a influência do fascismo europeu foi, sem dúvida, crucial na configuração da AIB enquanto movimento político”.¹⁶⁹

Em Santa Catarina, os setores médios em franca expansão não encontravam espaço nem voz nos partidos regionais organizados no pós-30. Politicamente ostracizados, vislumbravam na AIB a possibilidade de interferir e participar na política local e estadual. A proposta integralista de mobilização constante, sua retórica anti-oligarquica e contestadora do sistema partidário republicano, encontrou grande receptividade entre os setores médios de imigrantes alemães, italianos e seus descendentes no estado, em especial no Vale do Itajaí e Norte, que, na perspectiva de ascensão social, procuravam na AIB um espaço político próprio.¹⁷⁰

Elucidativas desta receptividade que a AIB vai encontrar entre os setores médios no estado são as nominatas de candidatos integralistas para as eleições à Câmara Federal e Assembléia Constituinte Estadual, de 1934, já assinaladas anteriormente. Faziam parte dessas nominatas comerciantes, funcionários públicos, farmacêuticos, médicos, advogado, cirurgião dentista, auditor, lipógrafo agrimensor. Isso fica ainda mais inteligível quando se observa, sobretudo, a nominata de candidatos a prefeito e vereadores para as eleições de 1936.¹⁷¹ Vê-se que os segmentos sociais

¹⁶⁸ Destaca-se obras que analisam o integralismo como puro mimetismo dos fascismos europeus. VASCONCELLOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1979.

¹⁶⁹ TRINDADE, *Integralismo...*, p. 278.

¹⁷⁰ A adesão ao Integralismo pelos setores médios pode ser encontrada em: BRANDALISE, *O Fascismo na Periferia Latino-Americana...*

¹⁷¹ GERTZ, *O Fascismo...*; e FALCÃO, *Entre o ontem e amanhã...*

médios que aderiam a AIB apresentavam uma especificidade própria se comparada às forças políticas que se organizavam no pós-30. Tanto na situação quanto na oposição estavam os antigos chefes que comandaram a política regional até 1930. Todos do Partido Liberal Catarinense, do Partido Republicano Catarinense e da União Republicana representavam as forças tradicionais que juntos dominavam a política estadual até 1930. A AIB apresentava-se como uma corrente partidária nova, com propostas e princípios diferenciados que não fazia parte da prática dos antigos partidos. Este modelo de fazer política deveria ser organizado e fomentado através da participação direta dos seus membros, em consonância com as diretrizes nacionais do partido. Através da AIB rompia-se com as práticas associadas aos velhos partidos regionais, abria-se a possibilidade de fazer política de um modo alternativo. O integralismo aparece como uma alternativa de participação política para um segmento social em expansão que se considerava marginalizado e descrente com a política regional e local.

Feitas essas considerações, pode-se afirmar que o Integralismo representou para os imigrantes e seus descendentes, especialmente do Vale do Itajaí e Norte do estado, não só um instrumento para poder participar e definir os rumos da política regional e local. Vê-se que o discurso integralista consegue responder às inquietações de imigrantes e descendentes alemães e italianos do Vale do Itajaí e Norte do estado. Esta assertiva é enfatizada por Berestein, ao explicar que um partido

Não nasce fortuitamente, da decisão de seus criadores, e só tem chance de sobreviver se responder de uma maneira ou de outra a um problema fundamental colocado para a sociedade contemporânea, e que faz com que haja adequação entre a imagem que ele transmite de si mesmo e as aspirações mais profundas de uma parte importante da população que aceita, como

solução para os problemas que ela percebe, a mediação política que lhe propõe.¹⁷²

Nessa perspectiva, o fenômeno partidário saiu do domínio do contingente no qual esteve preso por muito tempo, entrando para o domínio estrutural, configurando-se em um revelador de problemas fundamentais que até então não eram abordados. Diante disso, “uma parte da vida política deixa de ser o lugar de acontecimento ininteligíveis e, em suma, de fraco interesse, para se tornar um conjunto de fenômenos significativos que é preciso interrogar para trazer à luz os significados que eles encobrem”.¹⁷³

Como vimos anteriormente, no Sul Catarinense a política implementada pelos interventores chegou positivada para os imigrantes e seus descendentes, que até então estavam alijados do processo político na região. Para além desta diferença, é possível encontrar outras que foram demarcadoras de especificidades entre o Sul Catarinense em relação ao Vale do Itajaí e o Norte do estado? Elas influenciaram no processo de organização e difusão da AIB na região? Aponta-se aqui para algumas diferenças que serão analisadas no segundo capítulo: a) A colonização do Sul Catarinense ocorrida a partir de 1875, por imigrantes de vários grupos étnicos; b) a chegada desses imigrantes na região já dominada por uma elite luso-brasileira estabelecida e estruturada nas cidades de Araranguá, Tubarão e Laguna; c) a configuração das relações socioeconômicas e culturais entre imigrantes e luso-brasileiros; d) a exploração do carvão e a chegada de novos grupos na região provocando mudanças; e) a penetração do nazismo e do fascismo na Região e suas relações com os integralistas.

¹⁷² BERSTEIN, Serge. Os Partidos. In: RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 67-68.

¹⁷³ Idem, p. 68.

O Congresso Integralista de 1935

Era 7 de outubro de 1935, em plena primavera amanhecendo o dia, a cidade de Blumenau, com seu casario enxaimel, suas ruas muito limpas, floridas, junto à orla do rio, estava tudo organizado para sediar o I Congresso Integralista das Províncias Meridionais (7 e 8 de outubro de 1935), quando ocorreu uma das maiores concentrações de camisas-verdes desde sua fundação. Anteriormente, a Ação Integralista Brasileira já havia realizado dois congressos, em Vitória¹⁷⁴ (1934) e outro em Petrópolis¹⁷⁵ (março de 1935).

Na data escolhida, Blumenau amanheceu em festa, suas ruas foram tomadas por milhares de pessoas dos municípios vizinhos, das outras regiões do estado e de outros estados, portando, orgulhosamente, suas camisas-verdes com a braçadeira do sigma. Participaram do Congresso delegações de 260 núcleos. O jornal *Anauê* estampava em suas páginas um quadro referente ao número de participantes no congresso e os transportes utilizados para chegarem em Blumenau. Conforme o jornal, os participantes foram transportados por 232 vagões com 56 passageiros, 3 aviões com 6 passageiros, 4 navios com 120 passageiros, 250 ônibus com 30 passageiros, 210 caminhões com 32 passageiros, 310 automóveis com 5 passageiros, 5 embarcações

¹⁷⁴ HUNSCHE, Carlos Henrique. *O Integralismo Brasileiro*. Tese de Doutorado autorizada pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Friederich Wilhelm, Berlim, 1938. O autor destaca que o Congresso de Vitória teve como objetivo: 1- proporcionar aos integralistas de todas as províncias, oportunidade para um contato pessoal, e desta maneira estreitar os laços entre os membros e aprofundar o pensamento integralista. 2 - Anunciar de modo festivo à nação as diretrizes que servirão de base para a luta integralista. 3 - Estruturação definitiva da milícia dos Camisas Verdes. 4 - Formação de um plano de ação.

¹⁷⁵ Sobre o II Congresso Integralista de Petrópolis ver: HUNSCHE, *O Integralismo Brasileiro*. O Congresso procurou através de uma grande exposição mostrar a evolução da AIB.

fluviais com 400 passageiros, 1.200 ciclistas, 100 carroças com 12 passageiros, 150 cavaleiros, e 300 pedestres totalizando 42.570 participantes no Congresso.¹⁷⁶ Dados semelhantes a esses são encontrados também em Falcão.

Trazidas por 4 trens especialmente fretados, 250 ônibus (dentre os quais estava a frota da Auto Viação Catarinense, posta à disposição do Congresso) e 210 caminhões além de 318 carros, e um número não calculado de bicicletas, carroças e cavalos, elas passearam, comeram feijão com arroz e churrasco, preparados pela comissão organizadora, ouviram discursos, e sobretudo promoveram um impressionante desfile, com nítida feição militar, cuja cifras variaram de 25 mil a 42 mil integralistas.¹⁷⁷

Os dados apontados se aproximam no que tange ao número de participantes do congresso de Blumenau. A presença de representantes de 260 núcleos vindos das várias regiões do país congregando integralistas de diferentes grupos étnicos e credos certamente serviu ainda mais para fortalecer, e, pode-se dizer, consolidar a difusão e a aceitação da AIB em todo o estado entre os setores médios e operários tanto imigrantes e seus descendentes quanto entre os luso-brasileiros.¹⁷⁸ Pode-se inferir ainda que toda a movimentação e mobilização em torno do congresso penetrou profundamente no sentimento dos imigrantes e descendentes do Vale do Itajaí e Norte do estado, pois eles viram na AIB, além de um espaço político para se expressarem, um caminho para sua integração definitiva à nacionalidade brasileira.

Essa possibilidade de serem incorporados definitivamente à nacionalidade brasileira sem dúvida contribuiu para a grande popularidade do integralismo nas regiões de imigração européia, especialmente entre os imigrantes alemães e italianos situados no Vale do Itajaí e Norte do estado. O historiador Luiz Felipe Falcão observa que o Integralismo no estado tinha como objetivo implantar nas populações de origem

¹⁷⁶ *Anauê*, Joinville, (SC), 19 de outubro de 1935, Ano II, nº 10.

¹⁷⁷ FALCÃO, *Entre o Ontem e o Amanhã...*, p. 148.

¹⁷⁸ O Congresso de Blumenau foi amplamente divulgado pelo jornal *A Razão* de Curitiba.

européia “um sentimento de brasilidade capaz de superar os preconceitos de caráter étnico”.¹⁷⁹ Para o autor, “o nacionalismo advogado pela AIB afastava-se de um ‘nativismo’ mais inflexível, como o alardeado por personalidades do porte de Nereu Ramos (ou como o arquitetado por intelectuais e instituições ligadas ao governo Vargas), ao mesmo tempo em que se confrontava com partidários do germanismo”.¹⁸⁰

Analisando os discursos de alguns integralistas, Falcão vai perceber peculiaridades do integralismo em Santa Catarina. Nesses discursos, a idéia de pátria aparecia também presente nas populações de origem germânica; defendia-se que estas populações “se incorporassem na construção de uma pátria brasileira (e não para que se integrassem a uma Nação brasileira já construída)”.¹⁸¹ Explicava ainda que não se tratava de “nazismo disfarçado” como era divulgado pela imprensa da época. Constatava também que “são muitas as evidências quanto à ocorrência de tensões no convívio entre partidários da AIB e do NSDAP em Santa Catarina”.¹⁸² Nestas tensões estava “a problemática da inserção dos descendentes de imigrantes à sociedade brasileira, inserção esta que as lideranças integralistas catarinenses acreditavam poder realizar”¹⁸³, sem que ocorresse um processo traumático no qual os imigrantes e descendentes pudessem manter a sua língua e suas tradições juntamente com o aprendizado do português, da história e da geografia, e sobretudo participarem ativamente dos destinos do país.¹⁸⁴

¹⁷⁹ FALCÃO, Luiz Felipe. A Guerra Interna: (integralismo, nazismo e nacionalização). In: BRANCHER, Ana (Org.). *História de Santa Catarina: estudos Contemporâneos*. 2 ed., Letras Contemporâneas, 2000, p. 187.

¹⁸⁰ Idem, p. 188.

¹⁸¹ Idem, p.192.

¹⁸² FALCÃO, *Entre Ontem e amanhã...*, p. 164.

¹⁸³ Idem, p. 165.

¹⁸⁴ Idem, p. 165.

Desfile no Congresso Integralista em Blumenau, 07 de outubro de 1935¹⁸⁵:



Toda uma estrutura foi montada para receber os integralistas. O jornal *Anauê* relatou que o abastecimento da alimentação foi considerado um dos mais difíceis problemas a serem resolvidos no congresso, pois foram providenciados 120 quilos de pão, 32 sacas de feijão, 300 quilos de lingüiça, 600 quilos de carne seca, 200 quilos de cebola, 50 quilos de banha, 120 quilos de manteiga, 10 sacas de farinha, 50.000 mil sanduíches, 200 quilos de salsichas, 13 enormes caldeirões de cobre de 1 metro de altura por um e trinta de diâmetro, foram utilizados no cozimento da feijoada.¹⁸⁶ Para resolver esse problema, uma circular foi enviada pela chefia de Blumenau aos chefes dos núcleos distritais solicitando apoio para organização do congresso. Essa circular continha o seguinte teor:

¹⁸⁵ Foto do I Congresso Integralista Regional das Províncias do Brasil. Blumenau-SC. 7 de outubro de 1935. In: ARAÚJO, Ricardo Benzoquem de. *Totalitarismo e Revolução: O Integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor. Foto de Capa.

¹⁸⁶ *Anauê*. Joinville, 19 de outubro de 1935. Ano II, n. 10.

A fim de auxiliar o núcleo municipal de Blumenau a pagar as despesas provenientes do próximo Congresso a se realizar nesta cidade a 7 de outubro, esta chefia recomendava aos chefes dos núcleos distritais abrir listas de contribuições entre todos os companheiros subordinados a esse núcleo. Aqueles que não puderem concorrer com dinheiro, auxiliarão com mercadorias, com manteiga, queijo, banha, ovos, lingüiça, salames, galinhas, marrecos, etc. Confiamos no seu esforço e decisão à causa, a fim de que seja prestado a esta chefia municipal o maior concurso possível.¹⁸⁷

As duas citações, a imagem e o discurso do jornal vêm demonstrar o alto grau de organização do Integralismo no estado. Aponta também para a materialização da simbologia e dos rituais integralistas: grandes concentrações, os desfiles com farda, o civismo, o disciplinamento. Todos desfilaram enfileirados com suas fardas como se fossem soldados, davam suas contribuições sem nada contestar. Toda a simbologia e rituais¹⁸⁸, as estratégias de padronização e unificação do Integralismo, além de serem responsáveis por criar, junto aos militantes, a mística do movimento, constituíram-se também em uma estratégia de arregimentação de novos adeptos. Desempenharam uma dupla função para a AIB, unificavam e arregimentaram.

Vê-se aqui o entrelaçamento da política com a ação simbólica. O poder sendo teatralizado, são os jogos de cena, a dramaturgia, e por fim a representação. Neste processo, “a política comanda o real através do imaginário num espetáculo em que as cenas se sucedem, refletindo, ora o passado, ora as transformações sociais”.¹⁸⁹

¹⁸⁷ RIBAS, *O Punhal Nazista no Coração do Brasil...*, p. 133-134.

¹⁸⁸ Sobre a simbologia e rituais da AIB que contribuíram para sua difusão ver: BERTONHA, João Fábio. *Fascismo, Nazismo e Integralismo*. Ed. Ática 1ª Ed., 2003. BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do integralismo: controle e propaganda política no Brasil dos anos 30. *História & Perspectiva*, Uberlândia, (7): 88-110, jul/dez. 1992. CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. EDUSC, 1999; e *Estatutos, Protocolos e Diretivas. Ação Integralista Brasileira*. Província de Santa Catarina. Núcleo de Araranguá. 1934.

¹⁸⁹ CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e construção da identidade nacional coletiva. *Revista Brasileira de História*. S. P.v. 16, n. 31 e 32, 1996, p. 336.

Observa-se aqui um processo de manipulação simbólica, o poder da AIB se realizando através da produção e transposição de imagens organizadas em um quadro cerimonial.

Outro aspecto que se pode observar é a imagem de organicidade do corpo humano materializado nos desfiles da AIB. É bom lembrar que no Brasil, nas décadas de 1930, configurou-se um amplo projeto de reordenamento da sociedade: o corporativismo, que se apóia inteiramente na imagem de organicidade do corpo humano. Alcir Lenharo aborda esta temática em sua obra *Sacralização da Política*, particularmente no capítulo “A militarização do Corpo”. Para Lenharo, o objetivo deste projeto era neutralizar os focos de conflitos sociais e tornar as classes solidárias uma com as outras. O autor aponta que

a importância do trato do corpo é crucial para uma sociedade que se vê somatizada; a saúde, a força do corpo é a sua saúde e sua força estimada. A projeção mesma de uma parte física e equilibrada com o espiritual dimensiona um conjunto social equilibrado, no qual as tensões e conflitos ficam fora de lugar pela natureza singular de sua constituição. Afinal, um projeto articulado de corporativização avançara nos anos 30 e a imagem do corpo humano impunha-se como necessariamente positiva e acabada para o conjunto da sociedade.¹⁹⁰

Este projeto também fazia parte dos objetivos da AIB. “A defesa da educação completa do homem, do ponto de vista físico, moral e intelectual, ou seja, da educação integral para o homem integral”¹⁹¹ estava presente no discurso integralista e vinha tomando corpo na propaganda do sigma.¹⁹²

¹⁹⁰ LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas, 2 Ed. São Paulo: Papyrus, 1986, p. 79.

¹⁹¹ CAVALARI, Rosa Maria F. A Educação no projeto Integralista. In: DOTTA, Renato Alencar. POSSAS, Lídia M. V. CAVALARI, Rosa Maria F. *Integralismo: Novos Estudos e Reinterpretações*. Rio Claro: Arquivo do Município, 2004, p. 92.

¹⁹² O Jornal *Anauê* de Joinville de 22 de abril de 1935, ano 1, n. 38, enfatizava a importância da educação física para a AIB. “Para o movimento como o integralismo, que se propõe a tornar o Brasil uma nação soberana e forte, grande e respeitada, a educação física têm uma importância capital, um valor decisivo. O homem integral, idealizado pela nossa doutrina, sadio e forte sob o tríplice aspecto psico, físico, moral e intelectual, não pode prescindir do exercício físico como um elemento inestimável, que lhe vai proporcionar a possibilidade de aquisição de saúde e força, dextreza e agilidade, beleza de

No Congresso Integralista realizado em Blumenau, o jornal *Blumenauer Zeitung*, que fez a cobertura do evento, relatava que a cidade estava colorida com milhares de camisas-verdes. “O tempo não ajudou, mas Blumenau pode considerar o domingo passado como um dia de massas, que nunca tinha ocorrido e que tão logo não acontecerá novamente”.¹⁹³ O articulista do jornal *Anauê* descreveu como foi o congresso: “O espetáculo foi maravilhoso e por mais que se queira descrever torna-se impossível, bastará, porém dizer, que esses dias, jamais serão esquecidos”. Enfatizava também o disciplinamento dos integralistas durante o congresso, pois “a policia não teve nenhum trabalho porque os integralistas deram uma demonstração de ordem, disciplina e fé nos grandiosos destinos do nosso amado Brasil”. Quanto ao desfile, observou que “40.000 homens desfilaram diante do chefe nacional e esse desfile foi assistido por alguns milhares de pessoas que ali se encontravam para de fato, verem se o integralismo era como dizia”.¹⁹⁴

O jornal *Correio do Sul* destacou em suas páginas a participação de muitos representantes de núcleos integralistas do Sul Catarinense no Congresso de Blumenau. “Participaram deste Congresso o Sr. Luiz Magalhães Medeiros, chefe municipal de Tubarão, José Sandrini de Orleans, Antônio Barzan, chefe distrital de Orleans, César Beletini, chefe distrital de Araranguá, José Paulino Barbosa, sub-chefe distrital de Parobé, acompanhados de muitos camisas verdes”.¹⁹⁵ O núcleo de Criciúma enviou

forma a nobreza de caráter; portanto a perfeição e o desenvolvimento intelectual não são mais do que uma natural consequência do perfeito equilíbrio orgânico, o que só conseguirá por um processo racional, metódico e científico de acionar as células, movimentar os órgãos e trabalhar os aparelhos”. Observa-se aqui a aproximação das proposta integralista e a proposta do Estado Varguista.

¹⁹³ *Blumenauer, Zenitung*, 8 e 10 de outubro de 1935.

¹⁹⁴ *Anauê*, Joinville (SC), 5 de outubro de 1935, Ano II, n. 8.

¹⁹⁵ *Correio do Sul*, 6 de outubro de 1935, nº 198, p. 3.

uma comitiva numerosa para participar do Congresso de Blumenau. Dentre eles, estavam presentes: Marcos Búrigo e Vanteiro Margot (chefe municipal em Criciúma).

Comitiva do Núcleo Municipal de Criciúma no Congresso de Blumenau¹⁹⁶

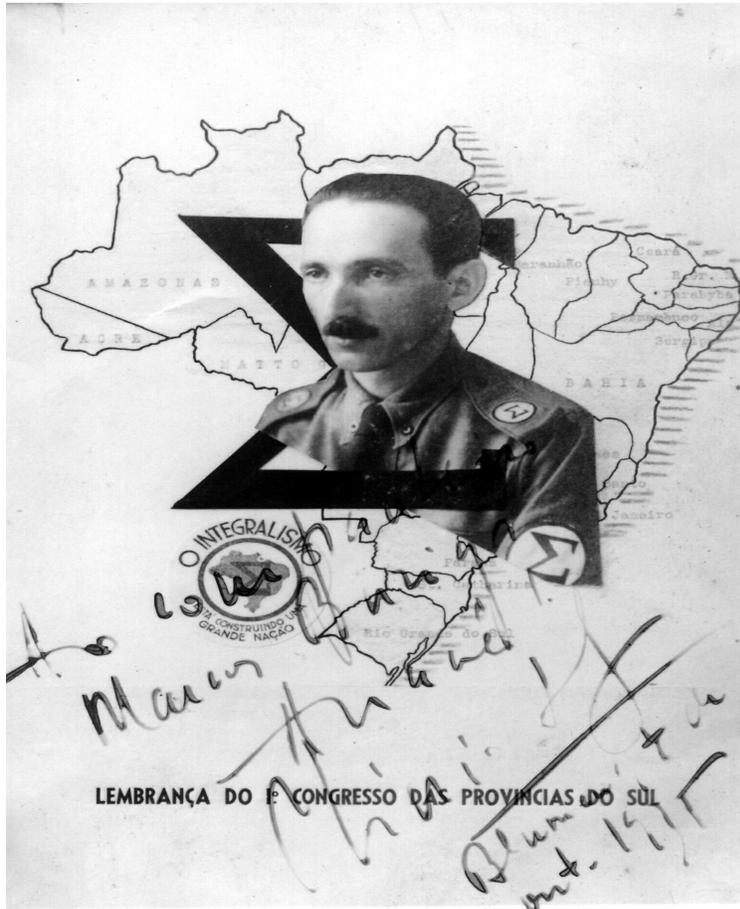


No congresso de Blumenau muitos integralistas tiveram a oportunidade de entrar em contato direto com o chefe nacional Plínio Salgado. Dona Jandira Búrigo¹⁹⁷, ao relatar a participação de seu pai e de seus colegas no Congresso, mostrou a lembrança do Congresso que seu pai Marcos Búrigo recebeu de Plínio Salgado.¹⁹⁸

¹⁹⁶ Integralistas do Núcleo Municipal de Criciúma no Congresso de Blumenau. Arquivo pessoal de Jandira Búrigo Florentino de Criciúma. No centro, segurando a bandeira do Brasil e a do Sigma, Vanteiro Margot, chefe do núcleo municipal de Criciúma. No centro segurando a bandeira do sigma Marcos Búrigo.

¹⁹⁷ JANDIRA, Búrigo F. 80 anos, entrevistada em 6.10.2004. In: NUERNBERG, Chailene. *Os Camisas Verdes na Colônia de Nova Veneza na década de 1930*. Criciúma; UNESC, 2004 (Monografia de História).

¹⁹⁸ Arquivo pessoal de Jandira Búrigo Florentino.



É importante destacar que foi no Congresso de Blumenau a primeira vez que aconteceu a cerimônia “A Noite dos Tambores Silenciosos”. Nessa cerimônia, todas as células integralistas do país deviam, simultaneamente, seguir numa complexa seqüência de orações, saudações, renovação de juramento e do juramento à bandeira nacional até a meia noite, quando, por três minutos, o silêncio dos participantes só seria interrompido pelo rufar dos tambores. Esse ritual deveria transmitir aos integralistas a sensação de unidade do movimento. Plínio Salgado referiu-se a essa cerimônia da seguinte maneira: “não se descreve o que foi esse instante em mais de 1.600 núcleos integralistas do Brasil, desde o Oiapoque ao Chuí, desde o litoral ao sertão oeste. Só quem viu, ouviu e sentiu em Blumenau”. E o chefe do Sigma prosseguiu dizendo: “foi

um abalo de alma, escutar três minutos os tambores que não rufam mais. Foi um instante de poderoso misticismo num momento de inenarrável entusiasmo”.¹⁹⁹ Vê-se aqui a materialização dos rituais e da simbologia integralista, que tinham como objetivo “corporificar a ideologia do movimento e colaborar na sua difusão e popularidade”.²⁰⁰ A AIB através da propaganda, dos rituais, dos mitos e dos símbolos procurava atingir o imaginário de parcelas da população brasileira. Era através do controle “do imaginário social, da sua reprodução, difusão e manejo, assegura em graus variáveis uma real influência sobre os comportamentos e as atividades individuais e coletivas, permitindo obter os resultados práticos e desejados, canalizar as energias e orientar as esperanças”.²⁰¹

Entende-se que a realização do I Congresso Meridional Integralista, ocorrido em Blumenau, em outubro de 1935, veio contribuir ainda mais para a expansão da AIB em Santa Catarina. Certamente, o grande número de participantes, vindos de todo o país e das várias regiões do estado, a grande mobilização dos núcleos para organização do Congresso, o grande desfile, e todos os rituais e toda a simbologia contribuíram para aumentar o entusiasmo dos integralistas, que, provavelmente, ao voltarem para seus núcleos, intensificaram o trabalho de organização do sigma e ampliaram o número de adeptos. Isto pode ser constatado no resultado das eleições municipais de 1936: os integralistas elegeram 8 prefeitos, 72 vereadores e dezenas de

¹⁹⁹ *A Ofensiva*. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1935, n. 74, p. 3.

²⁰⁰ BERTONHA, Fabio. *Fascismo, Nazismo e...*, p.66.

²⁰¹ BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: Enciclopédia Einaudi. Portugal: imprensa nacional, v. 5, 1995, p.230.

Juízes de Paz. “Os integralistas receberam 70% dos votos no município de Blumenau”²⁰², cidade que sediou o Congresso Integralista.

As eleições municipais de 1936

Em texto publicado no Jornal *Anauê*, em 1935, a AIB procurava explicar tanto para seus militantes, quanto para a sociedade de modo geral por que estavam se preparando para participar das eleições municipais que ocorreriam em março de 1936.

Nós nos utilizamos do voto porque é uma arma, um meio, um caminho. Delle não podemos prescindir, e não prescindiremos. Iremos, pois, às urnas e faremos desfilar os nossos votos ante a digna magistratura catarinense. Pois não é exacto que fizeram silenciarem os nossos tambores, que abafaram o rumor de nossas marchas, que nos tiraram a tribuna popular, que nos impediram de prosseguir as caminhadas cívicas? Nessas circunstâncias a que fomos levados pelo ódio, pela inveja e pela intriga, dos que põe a Pátria abaixo da barriga. Era forçoso que agíssemos; impunha-se a nossa adaptação ao ambiente. Mas dentro da ordem e da dignidade; sem manchar, sequer de leve, a brancura de nossas convicções; sem quebrar a nossa linha de conducta.²⁰³

Com a proximidade das eleições municipais, que escolheriam os prefeitos, vereadores e juízes de paz dos quarenta e três municípios catarinenses, da época, as preocupações nos partidos iam se tornando cada vez maiores. Nessas eleições, o Partido Liberal concorreu sozinho em praticamente todos os municípios, com exceção de dois em que fez coligação. Já as oposições concorreram às eleições em praticamente todas as cidades sob a denominação de União Republicana.²⁰⁴

Nesse contexto, a Ação Integralista já representava a terceira maior força, pois, como vimos anteriormente, os integralistas vinham em um processo de rápida expansão em todo o estado e principalmente nas zonas de colonização. Os

²⁰² GERTZ, *O Fascismo...*, p. 114. ver também o artigo de GERTZ, *O integralismo em Santa Catarina...*

²⁰³ *Anauê*. Joinville, 8 de fevereiro de 1936. Ano 2, n. 23.

²⁰⁴ CORREA. *Um Estado Entre Duas Repúblicas...*, p. 220.

integralistas participaram das eleições com uma nominata significativa de candidatos a prefeito, vereadores e juízes de paz, sendo que após as eleições a AIB emergiria como a segunda força política do estado, derrotando alguns partidos tradicionais e até velhas oligarquias, que até então dominavam o cenário político catarinense.

De todo modo, é preciso entender que o crescimento da AIB no estado não ocorreu de forma tranqüila. Tanto o governo quanto a oposição, a partir de 1935, passaram a atacar a AIB. Após a eleição de Nereu Ramos para governador do Estado, em 1º de maio de 1935, os integralistas de Florianópolis foram obrigados a desocupar sua sede, que se localizava em um prédio público. A sede foi para o casarão da família D'Eça, na praça XV de Novembro, no centro de Florianópolis. O jornal *A Gazeta*, no qual a AIB tinha uma coluna diária, teve sua publicação suspensa e passou a publicar documentos acusando Gama D'Eça de corrupção durante o período que esteve à frente da chefia de Polícia do Estado, em 1927.²⁰⁵ Em todo o estado, eram editadas portarias proibindo os integralistas de usarem seus uniformes e distintivos. São proibidos também os desfiles, as reuniões públicas e caravanas.

O jornal *A Imprensa* de Tubarão relatava em seu noticiário que a AIB havia conseguido *habeas corpus* e mandado de segurança para que seus militantes pudessem usar a camisa verde. Entretanto, continuavam “proibidos os desfiles, as caravanas e reuniões públicas integralistas”.²⁰⁶ No ano seguinte, em outubro de 1936, através da publicação no *Diário Oficial do Estado*, o então secretário de segurança

²⁰⁵ FALCÃO, *Entre o Ontem e o Amanhã...*, p. 145.

²⁰⁶ *A Imprensa*, Tubarão, Santa Catarina, 18 de agosto de 1935.

publica, o senhor Clariballe Galvão, baixou nova portaria proibindo os integralistas de usarem suas camisas verdes e outros distintivos.²⁰⁷

Professores e inspetores escolares foram transferidos ou demitidos. Foi o caso de Aristides Largura, que era inspetor escolar em Joinville, e por intermédio de Nereu Ramos, como advertência para que se afastasse da AIB, foi transferido para Blumenau. Essa “estratégia de transferir Largura como forma de pressão para que ele deixasse o movimento, não deu certo. Mesmo retraído em Blumenau, ele continuou sua ação política, o que o levou à demissão do cargo de inspetor escolar”.²⁰⁸

Além disso, vários núcleos integralistas tiveram suas portas fechadas: São Bento, Canoinhas e Laguna, e com a prisão de diversos militantes. Em Laguna, o jornal *Correio do Sul* relatou a comemoração dos integralistas em virtude da reabertura de sua sede e da libertação de vários militantes que se encontravam na prisão.

Quinta-feira última, a cidade viveu dias de movimentação. É que o integralismo estava de parabéns, visto ter o superior tribunal concedido o mandado de segurança revogado, assim a portaria nº 147, do chefe de polícia. Com essa portaria, os integralistas tiveram a sua ação tolhida, pois, nem sempre os delegados de polícia agem com diplomacia, assim culmina [...] os detidos foram: Caetano Nunes, Sílvio, Julio Teixeira, João Farias, Amadeu Silva e outros. Concedida a ordem, os integralistas foram postos em liberdade e recebidos, à saída da prisão, pelos seus companheiros que lhes ergueram vibrantes Anauês.²⁰⁹

Pode-se inferir da citação que além de explicitar a perseguição aos integralistas do Sul Catarinense, mostra a rápida atuação do Sigma, conseguindo mandato de segurança para libertar os presos; entre os detidos pela polícia, não havia nenhum imigrante ou descendente, o que se observa pelos sobrenomes, todos eram

²⁰⁷ *A Imprensa*, Tubarão, Santa Catarina, 7 de setembro de 1936.

²⁰⁸ CAVALETT, Lauci Aparecida. *O Integralismo e o Teuto Brasileiro: Joinville, 1930-1938*. Florianópolis, UFSC, 1998. (Dissertação de Mestrado em História), p. 73.

²⁰⁹ *Correio do Sul*, Laguna, Santa Catarina, 18 de agosto de 1935. Ano IV, nº 191, p. 3.

luso-brasileiros. Este indício aponta para a presença significativa de luso-brasileiros nas fileiras do Sigma no Sul Catarinense, diferenciando-se bastante do Vale do Itajaí e Norte do estado, onde havia um predomínio dos imigrantes e descendentes nas hostes integralistas.

Com a aprovação da Lei de Segurança Nacional, que proibia as organizações militares, as milícias com quadros de hierarquia e chefe nacional, a AIB teve de fazer mudanças na sua estrutura organizacional. Essas mudanças provocaram algumas tensões entre os membros da AIB. Em Joinville, por discordarem da dissolução da milícia, Xavier Schenk, Paulo Horn, Antonio Batista e outros foram expulsos do núcleo local. Com o apoio da maioria dos militantes, eles solicitaram que fossem julgados por um tribunal interno, durante o qual, no calor das discussões, foram desfechados bofetadas e socos. Após os ânimos se acalmarem, os dissidentes acabaram sendo perdoados e incorporados novamente ao núcleo.²¹⁰

Outro ataque desferindo contra a AIB veio do deputado estadual Marcos Konder, líder da minoria, em discurso proferido durante a promulgação da nova constituição estadual, em 25 de agosto de 1935. Para Konder, dois exércitos manchavam contra a democracia, “um vermelho, e outro verde, um da direita, o outro da esquerda”²¹¹, tinham como intento fucral: um o fascismo e o outro o comunismo. Em decorrência da grande expansão da AIB no estado, infere-se que o discurso de Konder visava, sobretudo os integralistas, o que se comprova também pelo maior espaço que

²¹⁰ Sobre essas tensões ver: *Correio da Tarde*, de maio de 1935, e *A Notícia*, 12 de maio de 1935.

²¹¹ KONDER, Marcos. *Democracia, Integralismo, Comunismo*. Discurso proferido na Promulgação da Constituição Catarinense em 25 de agosto de 1935. Não há referência de edição e data, p. 6.

lhe foi conferido. Já o comunismo constituía-se em tema obrigatório dos discursos conservadores.

Inicialmente, Konder chamou de equivocado o violento combate promovido pela AIB ao liberalismo. Para ele, essa forma de liberalismo tão atacada pelos integralistas já não passava de figura de retórica, pois há muito havia sido substituída pelo intervencionismo do estado. Contrariando os integralistas, Konder afirmou que se fosse para acusar o atual regime, deveria ser pelo fato deste ter-se afastado do liberalismo, “na prática de uma intervenção mal orientada”.²¹²

Continuando seu discurso, Konder atacou dois princípios integralistas, por considerá-los estranhos à tradição do país: “a ditadura pessoal ou a infalibilidade dos chefes e o unitarismo do governo”.²¹³ Konder diz que a obediência incontestada a um chefe supremo de um partido constituía-se em um dogma somente aceitável em religiões. Considerava ainda que em certas ocasiões, governos ditatoriais poderiam se estabelecer, como o que acontecia em alguns países europeus e que se necessário o Brasil poderia ser dirigido pelas mãos de um grande líder. Entretanto, isso só se justificaria “em momentos excepcionais da nossa vida política e não como uma condição normal”²¹⁴, e permanente. Percebe-se, aqui, uma simpatia de Konder pelos regimes nazi-fascistas de Hitler e Mussolini e que os mesmos poderiam ser adotados no Brasil por Vargas.

No que diz respeito ao unitarismo, Konder afirma ser um equívoco dos integralistas. Segundo ele, “o espírito de autonomia local” teria nascido com a chegada dos primeiros colonos portugueses. Ao apontar para os erros cometidos pela revolução

²¹² Idem, p. 10.

²¹³ Idem, p. 11.

²¹⁴ Idem, p. 11.

de 1930 no que diz respeito “à imposição de outros governos estaduais, estranhos no ambiente local”²¹⁵, argumentou que o estabelecimento do unitarismo poderia provocar uma desagregação política, pois em um país de dimensões continentais com uma população diminuta e de vias de comunicação débeis, séria inviável pretender “abranger num só pensamento povoações de caráter étnico tão diferente e de interesses sociais e econômicos tão diversos”.²¹⁶ Defendendo o federalismo, invocou um velho chavão castilhistas: Federações = Unidade, Centralização = Separação. Estavam explicitadas as diferenças com os integralistas. Contudo, Konder ainda argumentou que se a AIB abandonasse as idéias da Ditadura e do Unitarismo, o integralismo poderia constituir-se em uma modalidade da democracia, fazendo uma frente única com os democratas no combate ao comunismo.

Como vimos, apesar das críticas, da repressão e até da perseguição tanto do governo quanto dos partidos de oposição, a AIB se expandiu por todo o estado com muita facilidade. O resultado deste rápido crescimento confirmava-se nas eleições de 1936. Elegendo 8 prefeitos e 72 vereadores, os integralistas não só constituíram-se como a segunda maior força política no Estado²¹⁷, mas também em nível nacional, pois “em todo país a AIB elegia 351 vereadores e 22 prefeitos”.²¹⁸ Isso significa dizer que a AIB catarinense conseguiu eleger aproximadamente 30% dos prefeitos e 20% dos vereadores de todo país.

²¹⁵ Idem, p. 14.

²¹⁶ Idem, p. 14.

²¹⁷ Entende-se que o Integralismo configurou-se na segunda maior força no estado, tomando como base o resultado das eleições de 1936, mas não somente pelo número de prefeituras conquistadas pelo partido, no qual os integralistas perderam só para os liberais, leva-se em consideração as disputas nos municípios onde os integralistas foram derrotados. Em muitos municípios do estado a disputa nas prefeituras ocorreu somente entre integralistas e liberais.

²¹⁸ SCHMOCKEL, Eugênio Victor. *Memória Jaraguense: O Integralismo. O “Estado Novo” 60 anos. A “Noite dos Tambores Silenciosos” e o Assassinato de Ricardo Grnenwaldt*. Jaraguá do Sul: Gráfica e Editora, 1997, p. 40.

O resultado mais expressivo da AIB nas eleições municipais se deu nas regiões de colonização européia, especialmente no Vale do Itajaí e Norte do estado.

Prefeitos eleitos pela AIB em 1936²¹⁹

Joinville	Aristides Largura	Ítalo-Brasileiro
Blumenau	Alberto Stein	Teuto-Brasileiro
Jaraguá do Sul	Leopoldo Augusto Gerent	Teuto-Brasileiro
Timbó	Carlos Brandes	Teuto-Brasileiro
Hansa Hamônia	Frederico Schmidt	Teuto-Brasileiro
São Bento	Antonio Venera dos Santos	Luso-brasileiro
Rio do Sul	Mateus Conceição	Luso-Brasileiro
Rodeio	Angelo Tomelin	Ítalo-Brasileiro

Quadro elaborado pelo autor

Em Timbó, tendo os liberais vencido no distrito de Rodeio, o governo estadual pensando tirar vantagens da situação, “desmembrou (Rodeio de Timbó), transformando-o em município autônomo”.²²⁰ Com a realização das eleições no novo município, o governo estadual viu frustrado as suas esperanças, pois a AIB venceu as eleições com seu candidato Angelo Tomelin. A vitória nas urnas não garantiu a posse do candidato integralista. Através de recursos judiciais, o candidato liberal Silvio Scoz tomou posse da prefeitura de Rodeio. Nessas eleições, os integralistas ganharam, mas não levaram. Outra dificuldade encontrada pela AIB, aconteceu em Rio do Sul, o candidato vitorioso Mateus Conceição só veio a assumir um ano depois, quando sua vitória seria reconhecida pela justiça.

²¹⁹ Sobre os candidatos eleitos pela AIB, ver: GERTZ, *O Fascismo... FALCÃO, Entre o Ontem e Amanhã*. SCHMOCKEL, *Memória Jaraguense* e o jornal *O Jaraguá*, 2 de maio de 1936.

²²⁰ GERTZ, *O Fascismo...*, p. 190.

É possível afirmar, a partir do quadro acima, que o integralismo predominou amplamente nas regiões de colonização alemã e italiana. Nos municípios de Blumenau, Joinville e Jaraguá do Sul os integralistas venceram com uma larga margem de votos tanto no executivo quanto no legislativo, tendo de enfrentar uma coligação que reuniram liberais e republicanos. No que diz respeito ao legislativo, a AIB conseguiu eleger vereadores em 23 municípios dos 43 existentes na época. Seus vereadores estavam assim distribuídos nos municípios catarinenses: Blumenau (11 dos 15); Joinville (9 dentre 15); Jaraguá do Sul (5 dentre 7); São Bento (5); Brusque (4); Hamônia (4); Rio do Sul (4); Timbó (4); Orleans (3); Imaruí (3); Araranguá (3); Indaial (3); Canoinhas (2); Gaspar (2); Bigassu (2); Campo Alegre (2); Itaiópolis (2); Chapecó (2); Criciúma (2); Curitibanos (1); Cruzeiro atual Joaçaba (1); Laguna (1); e Concórdia (1).²²¹

Esses resultados expressam o rápido crescimento e a expansão da AIB pelo estado, e, sobretudo, demonstram que com exceção de Florianópolis, Lages e Itajaí, os integralistas elegeram prefeitos e vereadores nas principais cidades do estado como demonstram os mapas a seguir:

²²¹ SCHMOCKEL, *Memória Jaraguense: O Integralismo: O "Estado Novo"- 60 anos...*, p.38-40.

Essa relação de vereadores eleitos nas cidades encontramos também em: *O Jaraguá*, 2 de maio de 1936.

Os mapas dão maior inteligibilidade para os resultados das eleições municipais, demonstrando que o Vale do Itajaí, o Norte e Sul foram às regiões nas quais a AIB conseguiu obter um melhor desempenho no pleito de 1936, tanto no executivo quanto no legislativo. É importante elucidar que nessas eleições, em várias cidades, os integralistas, além de conseguirem eleger o prefeito e ampla maioria dos vereadores (Blumenau, Joinville, Jaraguá), também elegeram o maior número de juízes de paz.

Toma-se como exemplo as eleições municipais de Jaraguá, onde os integralistas enfrentaram uma coligação constituída pelos Partido Liberal, Republicano Catarinense e Legião Republicana, que juntas formaram a “Frente Única”.

Candidatos ao pleito de 1936 em Jaraguá do Sul²²⁴

Frente Única	Integralismo
Para Prefeito:	Para Prefeito:
Arnaldo Leonardo Schimdt	Leopoldo Augusto Gerent
Vereadores:	Vereadores:
Arthur Muller	Francisco Mees
Waldemar Grubba	Ricardo Gruenwaldt
Walter Breinthaup	Emílio da Silva
José Emmendoerfer	Carlos Guenther
Reinaldo Raul	Inácio Salomon
Frederico Hass	Lino Piazero
	Emmanuel Ehlers
Juiz de Paz:	Juiz de Paz:
Carlos May	Martin Stahl
Germano Ehmke Filho	Freymund Freygang
Joaquim Piazero	Willibaldo Freiburger
Hipólito Ponetzke	Ricardo Fey

²²⁴ SCHMOCKEL, *Memória jaraguense: o integralismo: o “Estado Novo”/ 60 anos...*, p. 32.

João Jentsch	Eduardo Brito
Avelino Santos Rocha	Gustavo Rueck

A “cidade integralista de Jaraguá”, como era denominada (título recebido por ocasião de visita do chefe nacional Plínio Salgado em junho de 1935), terminava as eleições com vitória esmagadora da AIB.

Resultado geral do pleito de 1936 em Jaraguá do Sul²²⁵

Integralismo	Frente Única
Para Prefeito:	Para Prefeito:
Leopoldo Augusto Gerent	
Vereadores:	Vereadores
Francisco Mees	Arthur Müller
Ricardo Gruenwaldt	Waldemar Grubba
Emílio Silva	
Carlos Guenther	
Inácio Salomon	
Emmanuel Ehlers	
Juiz de Paz:	Juiz de Paz:
Freymund Freygang	Carlos May
Ricardo Fey	Hipólito Ponetzke
Eduardo Brito	

Evoca-se ainda a participação da AIB nas eleições de 1936 em municípios em que os integralistas lançaram candidatos a prefeito e não conseguiram se eleger. No sul do estado, o melhor desempenho da AIB aconteceu em Araranguá e Orleans. Em Araranguá, por exemplo, os integralistas lançaram para candidato a prefeito o então chefe do núcleo municipal, Sr. Jaime Wendhausen, que disputou as eleições com o

²²⁵ Idem, p. 32.

candidato do Partido Liberal, o Sr. Caetano Lummertz - este sairia vitorioso no pleito. Os demais partidos não lançaram candidatos para prefeito. O jornal *Campinas* de Araranguá divulgou o resultado do pleito, no qual o candidato liberal recebeu 1.566 votos contra 1.025 votos do candidato integralista. Mesmo com a derrota para prefeito, os integralistas elegeram 3 vereadores na cidade.²²⁶

Mesmo com a derrota nas eleições municipais, percebe-se o quanto à doutrina da AIB foi assimilada de forma rápida pelos filiados e simpatizantes em Araranguá. As palavras do senhor Artur Bertoncini tornam inteligível esta rápida assimilação.

O chefe dos Integralistas era o Jaime Wendhausen. Integralismo tinha a doutrina de disciplinar os cidadãos, deveres da pátria, respeitar... era uma organização disciplinada. Havia um juramento: diante da vida e da morte... Distintivo era o sigma. Era visto como um movimento disciplinador. Educar o povo, preparar o povo, saber quais os deveres com a pátria ou como cidadãos, honestidade moral. Tinha uma penetração muito grande em campo católico, [...] o integralismo melhorou muito a situação aqui. Antes havia muita rixa, muita briga política. O integralismo não podia brigar, não podia ir contra o companheiro. Então melhorou muito a situação.²²⁷

Em Tubarão, a AIB não lançou candidato para prefeito. Por determinação da chefia nacional, os Integralistas deveriam votar somente em candidatos que saíssem avulsos, sem vínculo com partidos. As eleições em Tubarão foram disputadas pelo Partido Liberal, os Republicanos sob a legenda “Tudo por Tubarão” e um candidato avulso. Nas eleições, os integralistas descarregaram seus votos no candidato avulso, que recebeu 1.283 votos, contra 1.729, do candidato do Partido Liberal, o senhor Marcolino Cabral, que saiu vitorioso, pois os republicanos receberam 1.055 votos. A AIB

²²⁶ *Campinas*, Araranguá 22 de março de 1936, nº 12, ano III. Ver também: *Diário Oficial do Estado*. Setembro de 1936, p. 2.

²²⁷ BERTONCINI, Artur. Entrevistado por Dall’ Alba. In: *Historia do grande Araranguá*. Araranguá Santa Catarina. Gráfica Editora Orion, 1997, p. 106-107.

em Tubarão sairia com candidatos somente para vereadores.²²⁸ Já em Laguna os integralistas saíam com candidatos próprios disputando contra os Liberais e republicanos.²²⁹

**RESULTADO GERAL DAS ELEIÇÕES REALIZADAS NO ESTADO DE
SANTA CATARINA EM 1 DE MARÇO DE 1936²³⁰**

Prefeitos (legenda)	Votos
Partido Liberal Catarinense	33.999
Integralismo	15.781
União Republicana	9.723
Frente Única (Jaraguá e Joinville)	2.149
Avulsas (7 candidatos)	3.013
União Democrática Blumenauense	1.079
Aliança Liberal (Itajahy)	1.001
Oposições Municipais	4.158
Total	70.900
Vereadores (legendas)	Votos
Partido Liberal Catarinense	36.664
Integralismo	17.465
União Republicana	11.187
Frente Única (Jaraguá e Joinville)	2.177
Avulsas (7 candidatos)	1.719
União Democrática Blumenauense	871
Aliança Liberal (Itajahy)	990

²²⁸ *A Imprensa*, Tubarão, 15 de março de 1936, nº 101, capa. Ver também: SABINO, Anselmo Teles e GHISLANDI, Chailene Nuernberg. A ação integralista brasileira no sul de Santa Catarina na década de 1930. *Tempos Acadêmicos*, n. 2. Ed. da Unesc: Criciúma, 2004, p. 17-27.

²²⁹ *República*. Florianópolis, 7 de março de 1936. Ano. II, n. 583.

²³⁰ *Anauê*. Joinville, 25 de abril de 1936. Ano 2, n. 23.

Oposições Municipais	5.824
Total	76.907
Prefeitos Eleitos	Número de Eleitos
Partido Liberal Catarinense	32
Integralismo	7
União Republicana	3
Total	42
Vereadores Eleitos	Número de Eleitos
Partido Liberal Catarinense	180
Integralismo	70
União Republicana	41
Frente Única (Jaraguá e Joinville)	8
Avulsas (7 candidatos)	2
União Democrática Blumenauense	3
Aliança Liberal (Itajahy)	2
Oposições Municipais	32
Total	329

Quadro elaborado pelo autor

O jornal *Anauê*, ao divulgar o resultado geral das eleições municipais de 1 de março de 1936, explicou ainda que este poderia sofrer “alterações em virtude da renovação de algumas sessões em diversos municípios”.²³¹ O que veio a ocorrer, pois como já pôde ser observado, os integralistas elegeram 8 prefeitos e 72 vereadores. Neste pleito, “compareceram às urnas nas 479 secções em que se processaram as eleições 75.916, dos 104.498 inscritos”.²³² Das 479 secções, 42 foram anuladas pelo Tribunal Regional. Isso provocou modificações no resultado das eleições. Os dados da

²³¹ *Anauê*. Joinville, 25 de abril de 1936. Ano 2, n. 23.

²³² Mensagem apresentada a Assembléia Legislativa do Estado, em 16 de julho de 1936, pelo Governador do Estado Nereu de Oliveira Ramos. p. 212.

disputa eleitoral de 1936 revelam que a AIB estava estruturada não só no Vale do Itajaí e no Norte o estado, como é comumente apresentada na historiografia sobre o Integralismo em Santa Catarina. Os dados tornam evidente que a AIB também estava muito bem estruturada no Sul Catarinense. Além de eleger doze vereadores, lançou candidatos para prefeito em vários municípios, sendo que na cidade de Araranguá e Orleans ocorreu uma acirrada disputa entre os liberais e os integralistas sem a participação dos republicanos.

Este capítulo procurou demonstrar o processo de estruturação da AIB em Santa Catarina em um contexto de reorganização político-partidária provocadas pelo movimento de 30. Para os descendentes de imigrantes provenientes dos setores médios e operários do Vale do Itajaí e Norte do estado, o integralismo representou um espaço político para se expressarem como também uma via para alcançarem a nacionalidade brasileira. Observou-se que o integralismo configurou-se em meio às disputas políticas, econômicas e culturais entre forças e grupos que vinham disputando o poder em âmbito estadual desde a década de 20. Procurou-se também esboçar algumas diferenças entre o Sul Catarinense em relação ao Vale do Itajaí e o Norte do estado.

Assim, finaliza-se esta seção com algumas interrogações que vão constituir-se em objeto de estudo do capítulo seguinte. A organização, sócio-político-econômico-cultural do Sul Catarinense já estruturada quando da chegada dos imigrantes e sob o domínio das famílias luso brasileira influenciaram na difusão da AIB na região? As estruturas de poder da região facilitaram ou dificultaram a difusão da AIB? O processo de imigração para a região bem como a organização dos núcleos coloniais em termos

de organização política, econômica, escola, religião, imprensa, relação com os países de origem e penetração dos fascismos, contribuíram para a popularidade da AIB entre os imigrantes e seus descendentes?

Capítulo II

O Sul Catarinense: espaço e sociedade plurais

o estudo regional oferece novas óticas de análise ao estudo de cunho nacional, podendo apresentar todas as questões fundamentais da história (como os movimentos sociais, a ação do Estado, as atividades econômicas, a identidade cultural etc.) a partir de um ângulo de visão que faz aflorar o específico, o próprio, o particular. A historiografia nacional ressalta as semelhanças, a regional lida com as diferenças, a multiplicidade.²³³

Como se pode observar, a citação aponta para a importância de uma abordagem local e regional como caminho para se encontrar singularidades e especificidades. Seria um tanto estranho imaginar que em um país como o Brasil, com dimensões continentais, possuindo tradições culturais, problemas econômicos, disputas políticas completamente diferentes de região para região, o Integralismo se configurasse de forma homogênea.

Assim, através da história regional e local, e de seus novos paradigmas, é possível compreender como o Integralismo foi recebido no Sul Catarinense, pois, ao romper com os mitos e as idéias cristalizadas pela história geral ou da Nação, forneceu elementos preciosos para os estudos comparativos, permitiu “detectar as rupturas e as discontinuidades com mais acuidade do que nos processos de análises macro”.²³⁴

No espaço Sul Catarinense configurou-se uma sociedade plural, marcada por permanências e mudanças, singularidades e especificidades. Assim, partindo de uma abordagem local e regional, busca-se apontar para singularidades do Sul

²³³ AMADO, Janaina. História e Região: Reconhecendo e Construindo Espaços. In: SILVA, Marcos A. *Repúblicas em Migalhas: História regional e Local*. São Paulo: Ed. Marco Zero, 1990, p. 12-13.

²³⁴ RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. História Regional e Local: problemas teóricos e práticos. *História & perspectivas*, Uberlândia, (16/17): 149-164, jan./dez. 1997, p. 152-153.

Catarinense no que tange à sua formação sócio-econômico-político-cultural, para se compreender com que eficácia o Integralismo foi recebido pelas populações da região.

O Sul Catarinense, no contexto em que o Integralismo estava sendo organizado a partir de 1934, era formado por oito municípios. De um lado, estava Laguna, Tubarão, Araranguá, Imaruí, Jaguaruna, habitados por populações compostas majoritariamente de descendentes de índios, escravos, açorianos e luso-brasileiros, o que denotava uma população marcada pela heterogeneidade étnica e cultural. De outro lado, estavam Urussanga, Orleans e Criciúma, formados a partir de núcleos coloniais, com sua população constituída especialmente por imigrantes europeus e seus descendentes.

Em tais condições, é imperativo fazer uma digressão para tornar inteligível a formação sócio-econômico-político-cultural do Sul Catarinense, cotejando com outras regiões (Vale do Itajaí e Norte do estado), pois entende-se que comparar, mostrar diferenças é crucial para que aflorem as singularidades e especificidades da região.²³⁵ Evocando esse espaço e essa sociedade plurais, pode-se compreender a popularidade do Integralismo no Sul Catarinense, suas diferenças, especificidades e peculiaridades.

Posto isso, pode-se identificar na historiografia sobre o Sul Catarinense três forças que disputavam o domínio na região quando do surgimento do

²³⁵ BURKE, Peter. *Sociologia e História*. Porto: Afrontamento, 1980; e *História e Teoria Social*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002. Segundo esse autor, as comparações nos permitem ver o que não é evidente, compreender e perceber diferenças. Aponta também os seus riscos.

Integralismo. Eram elas: a “força dos luso-brasileiros”²³⁶, a “força dos imigrantes europeus” e a “força do carvão”.²³⁷ Essas três forças foram se configurando em contextos e épocas diferenciados. A primeira, a “força dos luso-brasileiros”, foi sendo engendrada com a ocupação da região a partir da fundação de Laguna, em 1678. Nesse contexto, toda a ocupação do território deu-se por meio de sesmarias, formando propriedades relativamente grandes, e tendo no trabalho escravo a força propulsora de muitas atividades. A partir da fundação de Laguna e de sua elevação à categoria de município, outros dois municípios foram criados, Tubarão e Araranguá. Nesses três municípios, constituiu-se uma elite, a “força dos luso-brasileiros”, que exerceu o domínio sócio-econômico-político-cultural na região quase de forma incontestada até a década de 1930.

Já a “força dos imigrantes europeus” foi se configurando com a chegada dos imigrantes europeus à região, a partir de 1873. A ocupação da região por esses imigrantes foi ocorrendo de maneira diferenciada da forma como os luso-brasileiros haviam ocupado. O território da região foi demarcado tanto pelo governo quanto por empresas privadas que formaram companhias de colonização e, posteriormente, venderam os lotes aos colonos que variavam em torno de 25 a 30 hectares, constituindo-se desta forma dezenas de núcleos coloniais espalhados por toda região.

²³⁶Sobre o domínio luso-brasileiro na região ver: SILVA, Elias Manoel da. *A Palmatória: “Orleans já teve um tempo perigoso”*: Revolta Social em área de imigração no Sul de Santa Catarina na República Velha. Brasília: UnB, 2006. Dissertação de Mestrado em História.

²³⁷No que tange à força dos imigrantes europeus e a força do carvão, podem ser encontradas informações nos trabalhos de: CAROLA, Carlos Renato. *Assistência Médica, Saúde Pública e o Processo Modernizador da Região Carbonífera de Santa Catarina*. São Paulo: USP, 2004. Tese de Doutorado em História. Ver também do mesmo autor: *Modernização, Cultura e Ideologia do Carvão em Santa Catarina*. In: GOULARTI FILHO, Alcides (Org.). *Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2004. TEIXEIRA, José Paulo. *Os donos da cidade*. Florianópolis: Insular, 1996.

Esses colonos permanecerão praticamente isolados em torno de seus lotes por um longo período, pois os locais de encontro e sociabilidade entre os colonos eram a igreja e a venda, e ocorriam somente nos fins de semana. Ali rezavam, namoravam, brincavam e negociavam. Isolados em seus núcleos, esses colonos preservaram e recriaram práticas, costumes, línguas e rituais, sejam eles italianos, alemães, poloneses ou outros, conformando uma identidade própria, que os diferenciava das elites de luso-brasileiros estabelecidos nos centros urbanos de Laguna, Tubarão e Araranguá. Esses núcleos coloniais estavam extremamente ruralizados quando do surgimento do Integralismo na região, a partir de 1934, basta dizer que, na época, das dezenas de colônias criadas no Sul Catarinense somente três foram elevadas à condição de município. Nesses municípios, constituiu-se uma elite formada por padres, cônsules e principalmente comerciantes, que disputavam o poder local entre si e na região enfrentavam o domínio exercido pelas elites luso-brasileiras.

Por último, a “força do carvão” foi-se configurando a partir da década de 1920, com a intensificação da exploração do carvão em decorrência da Primeira Guerra Mundial. A imagem de riqueza e progresso criada em torno da exploração do carvão atraiu não somente os interesses dos grupos da região, sejam eles lusos ou imigrantes, mas especialmente empresários de outros estados, bem como o governo federal, principalmente no pós-1930. A exploração do carvão provocou significativas mudanças sócio-econômico-político-culturais em toda a região, a partir da década de 30, e o Integralismo sendo também criado naquele momento vivenciou aquele contexto.

Posto isso, na seqüência do texto e tendo em vista que um dos objetivos deste trabalho constitui-se em compreender a experiência de organização do Integralismo nos municípios do Sul Catarinense, optou-se por fazer a reconstituição sócio-econômico-político-cultural da região a partir de seus municípios.

Laguna, Tubarão e Araranguá: a formação histórica da região e o domínio luso-brasileiro até a década de 1930

Pode-se afirmar que a ocupação do território catarinense pelo homem branco foi ocorrendo intermitentemente durante a segunda metade do século XVI. Até aquele momento essa região era habitada, basicamente, por três grupos indígenas que ocupavam diferentes áreas do atual território catarinense. No litoral, em toda a costa, estavam concentrados os Tupi-Guarani, os Kaingáng do planalto e os Xokleng da Mata Atlântica, entre o litoral e o planalto.²³⁸ A ocupação desta região e o contato com os grupos indígenas ocorreram em três períodos distintos, estando associados a diferentes conjunturas políticas, econômicas e culturais.

A presença européia em solo Barriga Verde, especialmente no litoral, data de 1503, quando naufragos e desertores se estabeleceram na Ilha de Santa Catarina e em Laguna, devido às freqüentes expedições de reconhecimento da costa meridional da América e “as expedições de apresamento de escravos levadas a cabo pelos vicentistas, no final do século XVI a meados do século XVII”.²³⁹

²³⁸ Sobre os grupos indígenas que habitavam o território Catarinense ver : LAVINA, Rodrigo. Indígenas de Santa Catarina: história de povos invisíveis. In: BRANCHER, Ana. *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

²³⁹ Idem, p. 75.

Acrescentam-se também os padres jesuítas, que se estabeleceram na região durante os séculos XVI e XVII. Já a presença de europeus nos campos de cima da serra ocorreu no século XVII e XVIII, com as bandeiras vicentistas “e ao início da ocupação do Planalto pelas fazendas de criação de gado, culminando com a fundação de Lages”²⁴⁰, que é elevada à categoria de Vila em 1771, durante o ciclo do tropeirismo. Quanto à ocupação da Mata Atlântica, se intensificou na segunda metade do século XIX, até o início do século XX, quando foram trazidos para a região contingentes de colonos europeus e que ali foram sendo instalados a partir de iniciativa governamental e particular.²⁴¹

Contudo, é preciso aprofundar o conhecimento do processo de ocupação e formação do Sul Catarinense, e desta forma compreender como se configuraram as estruturas de poder local. A ocupação e a formação desta região apresentavam especificidades próprias, quando contrastadas com outras regiões do estado, e serão decisivas para explicar a popularidade do integralismo em âmbito local bem como as diferenças e dificuldades de uma maior expansão.

O processo de ocupação e formação do Sul Catarinense estava intimamente ligado, inicialmente, às disputas entre Portugal e Espanha na América e em particular na parte meridional do continente. As disputas iniciaram desde que as primeiras expedições começaram a explorar o litoral de São Vicente. Tanto portugueses quanto espanhóis estabeleceram contato com os indígenas e obtiveram informações sobre a existência de riquezas no interior do continente (ouro e prata).

²⁴⁰ BRANCHER, *História de Santa Catarina...*, p. 75.

²⁴¹ À medida que o território catarinense foi sendo ocupado pelo homem branco em diferentes contextos, as populações indígenas foram sendo exterminadas. Sobre isso ver: SANTOS, Sílvio Coelho. *Índios e Brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. Florianópolis: Ed. Edeme, 1973. LAVINA, *Índigenas de...*

As informações desencadearam uma intensa disputa entre as armadas portuguesa e espanhola na tentativa de explorar e controlar o estuário do rio do Prata. Contudo, a conquista do Peru pelas tropas de Pizarro, por volta de 1531 e 1532, definiu essa disputa em favor da Espanha.

A partir de então, ocorre um decréscimo do interesse da coroa portuguesa em relação à região, que concentrou suas atenções no nordeste açucareiro. O Sul despertaria o interesse somente dos vicentistas no apresamento de índios para escravizá-los. Serão esses vicentistas que estabelecerão os primeiros núcleos de povoamento na região, com a fundação de São Francisco do Sul (1642), Desterro (1662) e, no Sul Catarinense, Laguna (1684). Pode-se dizer que só a partir do povoamento de Laguna, com a chegada de Domingos Brito Peixoto, sua família trazendo na expedição “escravos, indígenas, homens brancos, oficiais de todos os ofícios e capelão”²⁴², foi se configurando a formação da região. Os indícios nos levam a crer, que deste seu povoamento iniciado no século XVII até a década de 1930 Laguna era a cidade-pólo da região. Pode-se inferir ainda que serão as famílias de luso-brasileiros que irão controlar o poder político-econômico-social e cultural até o final da Primeira República. Essas informações são buscadas na produção da historiografia local e regional, pois existe um número significativo de estudos procurando atestar a importância de Laguna para a região. Desse modo, é imperativo evocar os estudos que tornam inteligível esta assertiva. Evocam-se aqui os estudos de Oswaldo Rodrigues Cabral, Walter Fernando Piazza, Ruben Ulysséa, João Leonir Dall’ Alba, pois são elucidativas tanto sobre Laguna enquanto marco inicial da ocupação e cidade-pólo quanto sobre o domínio do poder na região pelos

²⁴² PIAZZA, Walter F. *A Colonização de Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994, p. 32.

luso-brasileiros. Para além dessas questões, nessas obras, Laguna é apresentada como criadora e defensora da brasilidade do Sul, marco e mito fundador da história do Sul Catarinense e do Rio Grande do Sul, que, no período colonial, foi responsável pela expansão territorial portuguesa no Sul do Brasil, e, em 1839, durante a revolução farroupilha, foi tomada pelos farrapos, sendo criada a República Juliana. Assim, a partir do diálogo com esses autores e suas obras, dentre outras, se faz uma rápida digressão no sentido de aprofundar o processo histórico de formação e ocupação da região.

Como vimos anteriormente, no final do século XVII, o vicentista Domingos de Brito Peixoto partiu com sua família trazendo “colonos, índios e escravos, em demanda das plagas sulinas”.²⁴³ Chegando a Laguna dos Patos, lançou os alicerces do povoamento que se constituirá na última das fundações paulistas e “a mais importante das póvoas existentes na costa catarinense”.²⁴⁴ A partir da fundação de Laguna, vai se processando a ocupação do litoral Sul Catarinense, “com a concessão de sesmarias e a fixação de sesmeiros, com seus estabelecimentos agrícolas e pastoris”.²⁴⁵

Em pouco tempo, Laguna vai constituir-se no centro de expansão lusitana no sul. Brito Peixoto, juntamente com os lagunistas, organizara expedições e conquistara para a coroa portuguesa os campos do Rio Grande de São Pedro. Na busca das minas de prata - que não encontrou -, foram abertos os primeiros caminhos nas regiões do Tramandaí e do Viamão. Nestas investidas, acabaram sendo encontrandos nos campos imensos, o gado selvagem fugido das reduções

²⁴³ ULYSSÉA, Ruben. *Laguna: memória histórica*. Brasília: Letra Ativa, 2004, p. 24.

²⁴⁴ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987, p. 43.

²⁴⁵ PIAZZA, A *Colonização...*, p. 34.

jesuítas, tendo início à fixação dos lagunistas “nos campos de Viamão, e, em especial, parentes de Brito Peixoto..., que vão se tornar os primeiros ‘estancieiros’ gaúchos”²⁴⁶, a partir do recebimento das sesmarias.

Nesse contexto, em 1680, era fundada a Colônia do Sacramento nas margens do rio da Prata. Eram, sobretudo, os soldados recrutados em Laguna que defendiam a Colônia do Sacramento, constantemente atacada pelos castelhanos. Nesse ínterim, Laguna era elevada à categoria de Vila, em 1714, abrangendo a sua jurisdição boa parte do que é hoje o Rio Grande do Sul, até meados do século XVIII, quando é criada também a Vila de Rio Grande, em 1751. Como vimos, era a partir de Laguna e de seus moradores que se processou a conquista e o povoamento do Rio Grande de São Pedro com uma migração para a região entre as décadas de 1730 e 1750. Cabe lembrar que, por essa época, chegam à Laguna os açorianos e posteriormente muitos deles migram também para o sul-rio-grandense.

Assim, durante o século XVIII, a Vila de Laguna exerceu importante papel estratégico na defesa do território sul-rio-grandense, dada sua posição geográfica relativamente protegida e seu porto. Exemplo desta importância foi o período no qual a Vila de Rio Grande esteve sob o domínio dos espanhóis (1763-1776), e Laguna constituiu-se na única via de acesso marítimo por onde transitavam mercadorias bem como as tropas a serviço do Rei. Destaca-se ainda o período em que os espanhóis, visando recuperar os territórios na região platina ocupados pelos portugueses, invadiram a Ilha de Santa Catarina, em 1777, tendo a Vila e o porto de Laguna conseguido escapar ilesos graças às dificuldades apresentadas por sua

²⁴⁶ Idem, p. 33.

barra.²⁴⁷ Não deve ser esquecido também que até 1728, quando ocorreu à abertura da estrada dos Conventos, ligando Araranguá até Curitiba, a Vila de Laguna era “ponto obrigatório de passagem das tropas de gado que provinham dos campos de Vacaria e Viamão e que se destinavam às feiras de Curitiba e Sorocaba”.²⁴⁸

Ademais, ao findar o século XVIII, Laguna desenvolvia uma atividade portuária intensa e lucrativa conferindo aos proprietários de barco e ao comerciante exportador e importador uma certa preponderância econômica, não só em Laguna como também nas zonas povoadas da região. Através de seu porto, eram exportados peixe seco, trigo, farinha e cochonilha, produzida na economia local, e carne salgada, couros e queijos do planalto, pois nesta época já havia uma estrada ligando Laguna à Vila de Lages. Comerciantes e tropeiros do planalto, vinham adquirir no comércio de Laguna sal, fazendas, ferro e pescado. Vê-se que, desde sua fundação, “a vida de Laguna girava em torno de seu porto. Ele era o coração da Vila, o local por onde quase tudo chegava e saía”.²⁴⁹

No início do século XIX, o botânico francês Saint-Hilaire passou por Laguna em direção ao Rio Grande do Sul e fez uma descrição detalhada evidenciando a importância do porto para a economia da Vila:

A grande quantidade de produtos fornecidos pelos arredores de Laguna torna muito intenso o movimento comercial do porto. Os principais produtos exportados, em ordem de importância, são a farinha de mandioca, o feijão, o milho, as favas e uma certa quantidade de tábuas. O peixe salgado constitui também, na região, um ramo de comércio importantíssimo. A lagoa tem peixe em abundância e suas margens são habitadas por pessoas que fazem da pesca sua ocupação principal. O peixe constitui quase que o seu único alimento, e o que sobra é salgado, posto a secar e depois vendido. Um

²⁴⁷ KÜHN, Fabio. O poder da vila: a atuação da Câmara de Laguna. In: BRANCHER, Ana. Arend, Silvia Maria Fávero (Org.) *História de Santa Catarina: séculos XVI a XIX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

²⁴⁸ ULYSSÉA, *Laguna...*, p.28.

²⁴⁹ COELHO, Rolando Christian San't Helena. *Assim Nasceu Sombrio*. Sombrio: Correio do Sul, 2003, p. 94.

grande número de barcos faz constantemente o trajeto de Laguna a Desterro, e a sua carga principal é a farinha de mandioca. Além disso, deixam o porto todos os anos cerca de vinte embarcações de maior porte, com destino ao Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Montevideu. Destas vinte, pelo menos doze embarcações pertencem a comerciantes da região. É principalmente do Rio de Janeiro que estes trazem sortimentos para suas lojas²⁵⁰.

Como vimos, durante o período colonial o Sul do Brasil foi palco de disputas entre portugueses e espanhóis tendo Laguna ocupado lugar de destaque neste processo. Mesmo depois da independência, o Sul do Brasil continuou envolvido em novas disputas e mais uma vez Laguna participou destes episódios. Em 1835, quando irrompeu a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul, este movimento se alastrou em direção a Santa Catarina, para Laguna, pois necessitavam os revolucionários de um porto, haja vista que o governo regencial iniciava um “bloqueio marítimo, buscando sufocar a revolução que, à míngua de possibilidades de conseguir recursos, ver-se-ia na contingência de depor as armas”.²⁵¹ Em Laguna, os revolucionários instalaram a República Juliana, sendo o local teatro de vários combates com as forças do governo regencial, obrigando os farrapos a abandonarem a cidade pondo fim à efêmera República Catarinense.

Pode-se dizer que, após a expulsão dos farrapos de Laguna, terminariam os longos períodos de agitações em que a cidade teria sido palco. Ao que parece, Laguna, a partir daí, vai perdendo sua importância, que sempre fora exaltada na historiografia: primeiro núcleo de colonização no Sul, povoadores do Rio Grande, defensores da Colônia do Sacramento e ligação do extremo-sul com o sudeste do

²⁵⁰ SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem a Curitiba e a Província de Santa Catarina*. São Paulo: Itatiaia, 1978, p. 200.

²⁵¹ CABRAL, História de..., 1987, p. 126.

país na economia colonial. Contudo, Laguna e seu porto possibilitaram a formação de uma população que:

Numa mistura cultural peculiar, aonde o agricultor, o marinheiro e o tropeiro, vindos dos campos do Rio Grande ou de Lages, conviviam lado a lado, numa interação constante. Poucos pontos do Brasil colonial tiveram um cruzamento tão grande de culturas, tantas trocas de experiências quanto às populações que viveram entre os séculos XVII e XIX em Laguna.²⁵²

Essa mistura cultural continuou a ocorrer principalmente no final do século XIX e início do XX, quando chegam à região os primeiros imigrantes europeus e desembarcam no porto de Laguna para depois seguirem viagem aos núcleos coloniais.

Mesmo perdendo a importância que tivera em âmbito nacional, principalmente durante o período colonial, Laguna passará então a ter importância para o Sul Catarinense. Elevada à categoria de cidade em 1847, dez anos depois se instalava a sua comarca com seu território compreendendo todo o Sul Catarinense.²⁵³ Seu vasto território só foi desmembrado com a criação dos municípios: 1870, Tubarão; 1880, Araranguá; 1890, Imaruí. Estes municípios serão analisados em seguida. Todo o excedente produzido nesses municípios era escoado através do porto de Laguna. Além disso, vêm incrementar ainda mais o comércio pelo porto de Laguna os imigrantes europeus e a Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, concluída em 1884. Assim, ao final do século XIX, Laguna é a cidade mais importante do Sul Catarinense, constituída por uma elite de armadores que, “também proprietários de importantes casas comerciais, desfrutavam de uma

²⁵² COELHO, *Assim nasceu...*, p. 92.

²⁵³ ULYSSÉA, *Laguna...*, p. 42.

situação invejável, e a população geral de melhores condições de vida”.²⁵⁴ Vê-se que era através do porto de Laguna que toda a economia da região era movimentada.

Pelos anos de 1880, com a entrada dos imigrantes e o início da exploração do carvão de pedra, Laguna parece deslanchar para o progresso. Seu porto torna a movimentar-se. A colônia italiana de Azambuja e Urussanga, a colônia Grão Pará, da princesa Isabel, a Colônia Alemã, do Braço do Norte, mais os tropeiros de Lages, fazem da Laguna o grande porto de abastecimento da praça do Rio de Janeiro.²⁵⁵

Durante a Primeira República, Laguna continuou despontando como uma das principais cidades de Santa Catarina, devido às suas atividades portuárias. Pelo porto de Laguna, transportava-se toda a produção da região destinada aos mercados de São Paulo e Rio de Janeiro e recebia desses centros os produtos manufaturados. Além de mercadorias, o transporte de passageiros era feito também pelo porto. Pode-se afirmar que, neste período, Laguna era a cidade-pólo no Sul Catarinense. Através dela, circulavam os mais variados tipos de mercadorias e de pessoas que iam desde o recebimento dos imigrantes recém-chegados aos já estabelecidos na colônia, como também os tropeiros vindos do planalto e os carreteiros do Vale do Araranguá.

O comércio era a principal atividade econômica de Laguna no período, em 1913, contava o município “com uma população de 29.029 habitantes, distribuídos em 42 povoados que contabilizavam 4.200 casas particulares, 4 edifícios públicos e 8 igrejas. Contava com 208 casas comerciais, 4 fábricas de

²⁵⁴ Idem, p. 43.

²⁵⁵ DALL’ALBA, João Leonir. *Laguna antes de 1880*: documentário. Florianópolis: Lunardelli/UDESC, 1979, p. 170-171.

bebidas, 3 de cigarros, 2 de café e uma de calçado”.²⁵⁶ Na agricultura, os principais produtos eram o milho, o feijão e a farinha de mandioca. A importação e a exportação consistiam no principal ramo da economia de Laguna. Com seu porto e mais de 200 casas comerciais, Laguna era o município-pólo no Sul Catarinense. Seu porto escoava a produção e seus comerciantes intermediavam os excedentes produzidos pelas áreas de imigração.

Esses comerciantes formavam a elite de luso-brasileiros, que também dominaram a política, não só em Laguna, mas em toda a região. Como exemplo, pode-se citar aqui as famílias Pinho e Ulysséa, esses eram membros destacados destas elites que comumente figuram na historiografia. Oscar Pinho foi, por várias vezes, superintendente²⁵⁷ municipal durante a Primeira República.²⁵⁸ Em âmbito estadual, o comerciante João Guimarães Pinho foi também por várias vezes eleito deputado estadual e por duas vezes governou interinamente o estado.²⁵⁹ Os Pinho eram ricos comerciantes, possuíam uma companhia de navegação e moinho de arroz. A família Ulysséa fazia parte da elite mais abastada de Laguna. Sua casa era uma das mais suntuosas da cidade. O tenente-coronel Joaquim José Pinto Ulysséa era um destacado armador e exportador de Laguna; possuía “várias embarcações, com escritório e depósito na rua da praia, o principal logradouro comercial da cidade”.²⁶⁰ Seus filhos José Pinto (deputado estadual 1892-1894) e Saul foram

²⁵⁶ BITENCOURT, João Batista. *Clio Positivada: A Artesania da Cidade Histórica de Laguna*. Florianópolis: UFSC, 1997, p. 90. Dissertação de Mestrado em História.

²⁵⁷ Na documentação pesquisada o termo Superintendente era utilizado para designar o prefeito municipal. Este foi utilizado até 1936 quando foi substituído para prefeito.

²⁵⁸ SERPA, Élio Cantalício. et al. Laguna e Lages: reformulação das condutas. *Revista Catarinense de História*. Florianópolis: Insular, n.3, 1995, p.8.

²⁵⁹ PIAZZA, Walter F. *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994, p. 618.

²⁶⁰ BITENCOURT, *Clio Positivada...*, p. 137.

fundadores do jornal local *O Comércio*.²⁶¹ Vê-se aqui a influência sócio-econômico-político-cultural da elite luso-brasileira de Laguna no Sul Catarinense.

Depois de Laguna, Tubarão era o município mais importante do sul Catarinense. Como vimos, sua emancipação de Laguna ocorreu em 1870. Contudo o processo de ocupação de Tubarão nos remete ao século XVIII, principalmente a partir de 1769, quando Corrêa Pinto, um dos fundadores de Lages, solicitou ao Governo Provincial e à Câmara de Laguna permissão e auxílio para a abertura de uma via de comunicação ligando o planalto e o litoral - Lages a Laguna.²⁶² A estrada que era muito mais um “picadão” foi concluída em 1773. “O projeto inicial dessa estrada incluía o aproveitamento do Rio Tubarão, até onde fosse navegável”.²⁶³ O objetivo era abrir a estrada ou “picada” até Tubarão, para depois dar continuidade através do rio. Dito de outra forma, nas margens do Rio Tubarão foram sendo criados vários “portos”, e com seus barcos os lagunenses subiam o rio levando os produtos (sal, ferro, fazenda, peixe seco), sendo depois transportados por animais de carga até Lages. “Da região serrana desciam as tropas de mulas, carregando as bruacas com mercadorias em que predominava o charque e o queijo e, em escala bem inferior, a marmelada e o pinhão”.²⁶⁴ Foi nestes locais de descarga dos produtos tanto de Laguna quanto de Lages que se impôs à necessidade da construção de abrigos para a proteção das mercadorias dos tropeiros e viajantes, atraindo, desta maneira, moradores que fixaram residência no local, a fim de

²⁶¹ PIAZZA. *Dicionário...*, p. 773.

²⁶² Cabe explicar que por essa época a estrada de Conventos que ligava Araranguá a Lages estava interdita, além de ficar muito mais distante de Laguna.

²⁶³ VETTORETTI, Amadio. *História de tubarão: das origens ao século XX*. Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992, p. 41.

²⁶⁴ Idem, p. 41.

prestarem serviços aos comerciantes. Além disso, a intensa movimentação no planalto litoral provocou a ocupação e o povoamento das terras férteis situadas nas proximidades do Rio Tubarão. Essa movimentação levou o Capitão João de Costa Moreira e o Sargento-Major Jacinto Jacques Nicos, moradores da praça de Desterro, a requererem sesmarias nas margens do Rio Tubarão, em local estratégico, onde os barcos aportavam para depois prosseguir viagem com as mulas até Lages. Em 5 de agosto de 1774, foram concedidas as sesmarias de 750 braças ao quadrado para os requerentes marcando o início do povoamento de Tubarão.²⁶⁵ Vê-se que inicialmente o povoamento de Tubarão vai sendo feito por luso-brasileiros e açorianos procedentes do litoral ou do planalto. Roberto Avé-Lallemant, em sua viagem pelo Sul do Brasil, ao passar por Tubarão nos começos de junho de 1858, fez as seguintes observações:

Atingimos a embocadura do Tubarão, cujas margens, a princípio pantanosas, formam em pouco, solo firme e, notadamente no lado direito do rio, se cobrem de bonitas plantações, embora as casas de residência sejam geralmente mesquinhas. Cultiva-se aqui, sobretudo a laranjeira; não me recorde de ter visto tantas quanto em Tubarão. As árvores plantadas bem juntas umas das outras estabelecem os limites entre as fazendas e carregadas de frutos, formam uma bela vista. Mais acima tem o Tubarão muitas curvas. Como corre na sua margem uma estrada, que corta muitas dessas curvas, desembarquei e andei a pé uma boa milha ao longo das plantações, tão simples e tão atraentes, que só aqui e ali eram interrompidas por matagais. Em baixo no rio, desciam iates com as velas ligeiramente enfunadas. Por trás da serra se punha o sol; o mundo oferecia-me o quadro da mais profunda paz e de uma natureza lindamente idílica. Quando o crepúsculo caía, rumei para a igreja do lugarejo Piedade e, graças a uma carta do presidente, fui amavelmente recebido pelo Capitão Colaço.²⁶⁶

²⁶⁵ SORATTO, Delotilde Cristina F. *Poderes Locais e a Implantação da Diocese de Tubarão (1940-1960)*. Florianópolis: UFSC. 2002, p. 17. Dissertação de Mestrado em História.

²⁶⁶ AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980, p. 38-39.

Lallemant ainda descreve as plantações de mandioca e milho produzido em toda a região. Contudo, enfatiza que “o estado natural ainda se vê em toda parte”²⁶⁷, uma quantidade de terra e mata a ser aproveitada bem como a importância do rio para o transporte dos produtos e de pessoas. “O Tubarão com 200 pés de largura e perfeitamente navegável, corria, em graciosas curvas, como artéria de vida alegre e próspera”.²⁶⁸ Por fim, além do rio, Lallemant já destacou, naquela, época a descoberta das jazidas de carvão de pedra no município de Tubarão, que no início do século XX impulsionaria a economia do Sul Catarinense.

No final do século XIX, por volta de 1876, quando se processou a imigração européia para o Sul Catarinense era através de seu rio que os imigrantes se dirigiam aos núcleos coloniais e por ele escoavam seus produtos. Com um vasto território, o município de Tubarão abrangia toda a colônia Grão-Pará criada no final de século XIX pelo Conde D’Eu e a Princesa Isabel. O território desta colônia cobria os atuais municípios de Orleans, Grão-Pará, Rio Fortuna, Santa Rosa, parte de Armazém, Braço do Norte, São Ludgero e Lauro Müller. Nesta colônia, inicialmente, foram assentados os nacionais, e, posteriormente, italianos, alemães, franceses, poloneses e letos (russos).²⁶⁹ Estavam vinculados também ao município de Tubarão os núcleos coloniais de Treze de Maio, Azambuja e Urussanga. Desta forma, Tubarão constituía-se no centro administrativo desses núcleos coloniais e, juntamente com Laguna, o pólo-comercial. Essa situação praticamente não se alterou durante a Primeira República, e

²⁶⁷ Idem p. 40.

²⁶⁸ Idem p. 41.

²⁶⁹ DALL’ALBA, João Leonir. *O Vale do Braço do Norte*. Orleans: Edição do autor, 1973. VETTORETTI, Amadio. A Colonização Italiana nos Vales do tubarão e do Urussanga e a Colônia Grão Pará. In: PIAZZA, Walter F. *Italianos em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 2001.

mesmo durante toda a década de 1930, pois os únicos núcleos que se emanciparam de Tubarão foram Urussanga (1900) e Orleans (1913).

Em tais condições, o município de Tubarão, no início da década de 1920, já estava superando Laguna no que tange ao comércio, à indústria e à agricultura. Sua agricultura figurava como uma das mais prósperas do estado. Tubarão, nesta época, destacava-se como o maior produtor de arroz, milho, feijão, mandioca, algodão e cana-de-açúcar do estado. Estava também em primeiro lugar em animais abatidos da espécie suína, com 14.565. Era também o maior produtor de aves domésticas, com 164.063 galinhas.

Produção Agrícola Recenseados em Tubarão em 1920²⁷⁰

Produtos	Nº de estabelecimentos	Toneladas
Arroz	943	1.186,00
Milho	2.300	12.403,80
Trigo	121	84,30
Feijão	2.061	3.295,60
Batata Inglesa	626	572,40
Mandioca	1.035	19.579,20
Algodão	678	101,40
Cana-de-açúcar	834	26.778,00
Fumo	143	29,10
Mamona	198	47,00

Quadro elaborado pelo autor

Assim como em Laguna, a elite luso-brasileira de Tubarão intermediava mercadorias produzidas nos núcleos coloniais, especialmente aquelas que faziam parte da jurisdição do município.

²⁷⁰ *Recenseamento do Brasil – Set/1920*. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Vol. II, III e IV. Tipografia Estatística do Rio de Janeiro, 1926.

No que tange à política, ao longo da Primeira República, esse domínio estava nas mãos dos membros da família Colaço. Eles governaram o município até 1922, quando um grupo oposicionista formado por luso-brasileiros e descendentes de imigrantes europeus interrompeu o domínio dos Colaços. Esta ala oposicionista dentro do Partido Republicano Tubaronense vinha sendo articulada desde 1912. Esse mesmo grupo em 1913, com armas em punho, invadiu a prefeitura e depôs o então superintendente municipal, o coronel João Luiz Colaço, que, vendo o perigo iminente, fugiu para Laguna, juntamente com o seu genro, o advogado e jornalista João de Oliveira, proprietário do jornal *Correio do Sul*. (Esse jornalista atacava contundentemente aqueles que não rezavam a cartilha dos Colaço). Além de deporem Colaço, quebraram as máquinas e empastelaram o jornal de João de Oliveira.²⁷¹

Dois dias depois, desembarcavam as tropas da milícia do estado, pondo fim ao movimento oposicionista. Essa revolta da oposição ocorreu devido ao não-cumprimento de um acordo entre a oposição e os Colaço, para o quadriênio municipal de 1911/1914, em que “caberia a José Acácio Soares Moreira, tão acirradamente contrário a Colaço, substituí-lo quando um impedimento obrigasse o superintendente a deixar temporariamente suas funções”.²⁷² De qualquer maneira, a oposição feita por lusos e imigrantes conseguiu suplantar o domínio dos Colaço. A importância deste fato foi que, pela primeira vez, era eleito um descendente de imigrantes para Superintendência do município de Tubarão, que sempre esteve sob o domínio dos lusos. Foi eleito para a superintendência municipal, em 1922, o médico Otto Frederico Feuerschut, que permaneceria no cargo até 1930. Ainda, antes de assumir a

²⁷¹ ZUMBLICK, Walter Carlos. *Este Meu Tubarão...!* Florianópolis: IOESC, 1974.

²⁷² Idem, p. 139.

Superintendência, em 1921, Otto Feuerschut havia estabelecido uma relação de amizade com o governador Hercílio Luz, amizade que se converteria em apoio político, após ter acompanhado o filho do governador à Europa para tratamento médico. Para a oposição tubaronense, Feuerschut era a liderança que almejavam. “Figura atraente, com o renome de ótimo facultativo, estaria ali, pensaram muitos, o guia e o líder então inexistente a disputar contra a situação política dominante, o governo municipal”.²⁷³

Otto Feuerschut permaneceria à frente do executivo de Tubarão até 1930²⁷⁴. Além de ser o primeiro descendente de imigrantes a assumir a Superintendência de um município historicamente sob o domínio luso, foi também o único descendente de imigrantes a ser eleito para deputado estadual na legislatura de 1928.²⁷⁵ Com o movimento de 1930, Feuerschut ficaria afastado da política, temporariamente, retornando em 1936 para disputar a eleição para a prefeitura.

Além de Laguna e Tubarão, Araranguá constituía-se no município mais importante do Sul Catarinense. Até meados do século XVII, Araranguá era apenas local de passagem obrigatória, utilizado pelas expedições e bandeiras, procedentes de Laguna, que se dirigiam para a região do Prata.²⁷⁶ Já no século XVIII, com a

²⁷³ Idem, p. 231.

²⁷⁴ Otto Feuerschut nasceu em Tubarão em 1881. Era filho dos imigrantes Frederico e Joana Feuerschut, sócios do irmão Henrique em uma fábrica de calçados em Tubarão. Feuerschut cursou o primário nesta cidade, posteriormente seguiu para São Leopoldo onde cursou o ginásio, e no Rio de Janeiro diplomou-se em medicina em 1906. Era o primeiro médico nascido no município. Em 1912, a pedido da família, transferiu-se definitivamente para Tubarão, assumindo a direção do hospital Nossa Sra. da Conceição. Na historiografia local, é exaltado como grande médico, um “personagem legendário, médico humanitário e desprendido (...). Sua presença junto ao doente imprimia fé e esperança”. VETTORETTI, *História de Tubarão...*, p.114-115. Atendia não só em Tubarão como também em toda região, e desta forma foi acumulando simpatia entre lusos e imigrantes, credenciando-o, segundo a oposição, para disputar as eleições para a superintendência municipal. Dados sobre a biografia de Feuerschut podem ser também encontrados em ZUMBLICK. *Este Meu Tubarão...*, p. 96. PIAZZA, *Dicionário Político...*, p. 287.

²⁷⁵ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Breve Notícia Sobre o Poder Legislativo de Santa Catarina: Suas Legislaturas e seus Legisladores de 1835 a 1974*. Florianópolis: Lunardelli, 1974, p. 84.

²⁷⁶ HOBOLD, Paulo. *A história de Araranguá*. Nova Edição complementada e atualizada por Alexandre Rocha. Araranguá: [s. n.], 2005, p. 54.

exploração do ouro em Minas Gerais, o Sul irá participar da história econômica da colônia como fornecedor de gado de muares e eqüinos trazidos dos campos de Tramandaí, Viamão e Rio Grande.²⁷⁷ Inicialmente, o gado era trazido desde Rio Grande pelo litoral até Laguna, enviado através de barcos para São Vicente e São Paulo e ali vendido à região das Minas. Um segundo caminho foi aberto em 1730, ligando os campos do Sul aos campos gerais de Curitiba, para depois serem conduzidos até Sorocaba.²⁷⁸ Esse caminho foi iniciado na foz do rio Araranguá, no local chamado de “Conventos”, ligando o litoral até a serra para no planalto alcançar Lages, seguir até Curitiba e chegar a Sorocaba, em São Paulo.²⁷⁹ O Caminho dos Conventos, como ficou conhecido, constituiu-se na primeira ligação terrestre entre São Paulo e o Rio Grande. O Caminho dos Conventos possibilitou o surgimento do primeiro núcleo de povoamento em Araranguá.²⁸⁰ Inicialmente foram levantadas rústicas palhoças, para o abrigo dos homens e das cargas e “logo surgiam nas suas imediações moradores, erguendo o seu rancho, acomodando criações, plantando milho, e passando a negociar com os homens das tropas que por ali pernoitassem”.²⁸¹ Assim, o uso contínuo do Caminho dos Conventos pelo tráfego das tropas que necessitavam de paradas periódicas, proporcionou o povoamento da região. Foram surgindo casas, fazendas de gado, abrigos para cargas, tropeiros e outros viajantes.

²⁷⁷ PRADO JUNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. 41. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1997. WEHLING, Arno. WEHLING, Maria José C. M. *Formação do Brasil Colonial*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

²⁷⁸ ULYSSÉA, Laguna..., p. 29-30. PIAZZA, *A Colonização...*, p. 77.

²⁷⁹ Sobre o Caminho dos Conventos ver: PIAZZA, *A Colonização...*, 1994. CABRAL, *História de...* HOBOLD, *A História de...* COELHO, *Assim Nasceu...*

²⁸⁰ HOBOLD, *A História de...*, p. 82. A partir do Caminho dos Conventos foram surgindo além de Araranguá outros núcleos de povoamento: São Joaquim, Lages, Curitiba, Bom Retiro, Canoinhas, Mafra, Porto União e outros...

²⁸¹ Idem p. 81

Ali trocava-se farinha de mandioca, banana, feijão e milho por cabeças de gado e também o queijo.²⁸² No final da década de 30 do século XVIII, era construído um posto de guarnição militar na região de Araranguá que tinha como função patrulhar a estrada, controlando a circulação de pessoas que por ela transitavam, prestar informações aos viajantes e cobrar impostos para a coroa portuguesa do comércio de animais e mercadorias.²⁸³ A vinda dos açorianos, a partir de 1748, incrementou o crescimento demográfico de Santa Catarina e Rio Grande.²⁸⁴ Gradativamente, os açorianos foram se estabelecendo no litoral catarinense, e por volta de 1760 chegam a Araranguá.²⁸⁵ Contudo, é somente a partir de 1770 que vai se observar registros de doação de sesmarias nas terras de Araranguá. Já se passavam mais de quarenta anos desde a abertura do caminho do convento e não havia nenhum princípio de colonização autorizada e organizada pela Coroa Portuguesa. Em Araranguá, dentre os primeiros donatários a receberem terras, estavam Manoel Gonçalo leites de Barros, Tenente de Infantaria que requereu terras em 1772 entre a foz do rio Areringuá e Barra Velha, e o Tenente João da Costa Silveira, que em 1774 requereu terras em Itoupava.²⁸⁶

Pode-se inferir que ao longo do século XVIII os moradores de Araranguá viviam da agricultura de subsistência, da exploração da madeira e, sobretudo, da pecuária e do comércio voltado para o atendimento dos tropeiros. Entretanto, “a abertura de um terceiro caminho que ligaria os campos de Vacaria a Lages diminuiu

²⁸² LUCENA, Liliane M. F. de. Evolução urbana de Araranguá: fundação até 1960. *Episteme*, Tubarão, v. 10, n. 28/29, p. 97-123, nov./jun. 2002/2003. COELHO. *Assim nasceu...*, 2003.

²⁸³ LUCENA, *Evolução urbana ...*, p. 102. COELHO, *Assim nasceu...*

²⁸⁴ Sobre o povoamento açoriano ver: CABRAL, *História de...* PIAZZA, *A Colonização...*

²⁸⁵ FARIAS. Vilson Francisco de. *Dos Açores ao Brasil Meridional: uma viagem no tempo: povoamento, demografia cultura, Açores e litoral Catarinense*. Florianópolis: Ed. do autor, 1998.

²⁸⁶ COELHO, *Assim Nasceu...*, p. 126.

consideravelmente o tráfego de tropeiros, no Vale do Araranguá”.²⁸⁷ Desta forma, ao findar o século XVIII, a população de Araranguá centraria suas atividades econômicas na produção agrícola, notadamente, de farinha de mandioca e cana-de-açúcar. Até a primeira metade do século XIX a situação sócio-econômico-político de Araranguá permaneceria praticamente inalterada. Os ecos de mudanças sopraram para Araranguá a partir de 1848, quando foi elevada à categoria de Freguesia.²⁸⁸ A criação da Freguesia contribuiu para um adensamento populacional; ela prestava os serviços de registros de nascimentos, casamentos e óbitos, além de atos políticos e administrativos como o serviço militar e eleitoral bem como o julgamento de crimes.²⁸⁹ Nesse período, ocorreria também uma expansão das atividades agrícolas, a mandioca e a cana de açúcar mudariam a paisagem da Freguesia. Em um “espaço de aproximadamente 36 quilômetros, nada menos que 72 engenhos canavieiros produzindo açúcar grosso, tipo mascavo e quase um número idêntico de alambiques, destilando aguardente”.²⁹⁰ A região produzia também as caixas de madeira onde o açúcar era acondicionado e as pipas para a aguardente. Quanto à produção de farinha de mandioca, em 1859, já chegava a 10% daquilo que era produzido na província de Santa Catarina, não sendo aqui contabilizada a produção desviada pelos atravessadores para a província do Rio Grande do Sul. Esses produtos eram transportados até o Porto de Laguna e exportados para o Rio de Janeiro e São Paulo. Destes produtos, somente a farinha de mandioca continuaria permanecendo como a

²⁸⁷ LUCENA, *Evolução urbana* ..., p. 104.

²⁸⁸ A lei provincial de número 272, de 4 de maio de 1848, em seu artigo primeiro enunciava o seguinte “a povoação de Araranguá fica desmembrada da Freguesia de Santo Antônio do Anjos da Laguna, para formar a nova Freguesia sob a invocação de Nossa senhora Mãe dos Homens, precedendo as licenças do ordinário”.

²⁸⁹ HOBOLD, *A História de...* COELHO, *Assim Nasceu...* LUCENA, *Evolução urbana* ...

²⁹⁰ HOBOLD, *A História de...*, p. 110.

principal atividade da economia de Araranguá na Primeira República e mesmo durante toda a década de 1930. Quando surgiu o Integralismo em Araranguá, sua economia estava organizada à base de produtos agrícolas e no beneficiamento de produtos de origem animal, como a carne de porco e a banha.²⁹¹

Em 1880, Araranguá conseguia sua emancipação político-administrativa de Laguna, com uma área territorial que se estendia desde o Rio Urussanga até o Rio Mampituba, fazendo fronteira com o Rio Grande do Sul e ao Oeste até a Serra do Mar, permanecendo com os mesmos limites geográficos estabelecidos quando transformada em Freguesia. Sua população, nesta época, contava com 10.700 habitantes, na sua maioria descendentes de africanos, lusos, açorianos e também algumas famílias de alemães procedentes dos núcleos coloniais de Três Forquilhas do Rio Grande do Sul e São Pedro de Alcântara.²⁹²

Foi neste contexto que se processou a ocupação do Vale do Araranguá com um maior número de imigrantes europeus. Eram criados os núcleos coloniais de Nova Veneza, Criciúma, e, posteriormente, Turvo, Meleiro e Jacinto Machado. No Vale do Araranguá, foram assentados imigrantes de diversas etnias, principalmente italianos, alemães e poloneses.

O vasto território de Araranguá sofreria sua primeira fragmentação em 1925, quando da emancipação do distrito de Criciúma. Com a emancipação, o

²⁹¹ Conforme o jornal *Campinas*, Araranguá, 10 de outubro de 1937, eram vendidos e transportados pela Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina – ramal de Araranguá (este ramal chega ao município em 1927) em 1936: farinha de mandioca, 156.176 sacas; porcos vivos, 22.000 unidades; banha, 547.258 kilos; carne de porco, 60.500 kilos. Em menor quantidade outros produtos: arroz, feijão, milho, alfafa, fumo de corda e polvilho. Não estavam incluídas nesta relação às exportações para a região serrana e para o Rio Grande do Sul. Este mesmo jornal, em 17 janeiro de 1937, divulgava a produção das fábricas de banha do município entre os meses de maio a dezembro de 1936. Eram abatidos neste período 184.61 suínos. Produção de banha, 752.320 kilos; carne salgada, 298.684; couro salgado, 71.392 kilos.

²⁹² HOBOLD, *A História de...*, p. 111.

município de Araranguá começaria a perder sua condição de cidade-pólo no extremo Sul Catarinense, cedendo lugar para Criciúma, que se transformaria, a partir da década de 1940 em diante, no centro das atividades econômicas do Sul Catarinense, em consequência da exploração do carvão mineral.²⁹³ Em relação ao domínio político, em Araranguá é possível observar, ao analisar a historiografia local, que entre 1883 e 1930, portanto ainda no período monárquico, que quatro famílias estiveram no comando do município. Destacaram-se, nesta época, os coronéis Porphírio Lopes de Aguiar, João Fernandes de Souza, Apolinário João Pereira e José Vieira Maciel.

Porphírio Lopes de Aguiar foi vereador (1883-1887) e por três vezes presidente da Câmara de Vereadores, comandando o município durante três mandatos (1887-1894). “Era um forte industrial, sesmeiro, exportador de farinha e comerciante”.²⁹⁴ Nos períodos em que esteve no comando do município, enfrentou todas as tensões que precederam o final da monarquia e o início da República. Ao final do seu mandato, não mais exerceria influência na política local.

Muito jovem, o coronel Apolinário João Pereira atuou como militar, participando nos combates da Revolução Federalista, fato que lhe trouxe grande notoriedade. Foi também chefe do Partido Republicano em Araranguá e deputado constituinte em 1895. Deputado por três legislaturas, até 1900²⁹⁵, quando morre ainda muito jovem, com 36 anos. Era aliado político do também coronel João

²⁹³ A exploração do carvão será abordada ao longo do capítulo e também no terceiro. É importante ressaltar que com a perda de boa parte de seu território, Araranguá perderia também a arrecadação de impostos e recursos que estavam sendo gerados com a exploração do carvão.

²⁹⁴ HOBOLD, *A História de...*, p. 178.

²⁹⁵ CABRAL, *Breve notícia sobre...*, p. 72-73.

Fernandes de Souza e como superintendente-substituto ocupou o cargo nas ausências deste.

A partir do início do século XX, o coronel João Fernandes de Souza reinaria absoluto, até 1927. Seu maior adversário político, o Coronel José Vieira Maciel, mesmo fazendo intensa oposição, não conseguiria vencê-lo. Maciel, proprietário de grande parte das terras no centro do município, mesmo exercendo grande influência política na Vila, não foi eleito para nenhum mandato de superintendente, “o que alcançou apenas em algumas interinidades durante o mandato de Alcebíades Seara, em 1927 e 1928, enquanto era superintendente 1º substituto, e depois sub-prefeito”.²⁹⁶

Por outro lado, o coronel Fernandes comandaria o município entre 1903 e 1926, quando entregou o poder para seu adversário político Alcebíades Seara. Antes deste período, Fernandes já havia assumido vários cargos públicos, delegado de polícia, coletor de rendas, e estado no comando do município no período de 1894 a 1898. Além disso, Fernandes foi eleito duas vezes deputado estadual. Era comerciante e Diretor da Cia. de Navegação do Araranguá.²⁹⁷ Esses fatos atestam a influência deste chefe político em Araranguá e em todo o Sul Catarinense.

Oposição ferrenha contra Fernandes teve início em 1924, quando os Maciel, apoiados pelo governador Hercílio Luz, assumiram a chefia do Partido Republicano local, até aquele momento comandado por Fernandes. Entretanto, Fernandes, nesse mesmo ano, voltaria a assumir a chefia do partido, compondo um novo diretório. Nas eleições para a Superintendência em 1926, mais uma vez a

²⁹⁶ HOBOLD, *A História de...*, p. 182.

²⁹⁷ *A Verdade*. Araranguá, 7 de abril de 1929. Ver também: CABRAL, *Breve notícia sobre...* HOBOLD, *A História de...*

oposição partiria do governo do estado, o então governador Adolf Konder impõe o nome de Manoel Alcebíades Seara ao Diretório do partido que deveria ser o candidato a superintendente, mesmo com a oposição deste.²⁹⁸

Vê-se que as disputas no espaço local envolveram o jogo de interesses em âmbito estadual. O que teria levado Hercílio Luz e Adolf Konder a empreenderem uma ferenha oposição ao coronel João Fernandes de Souza? Infere-se que em âmbito estadual Fernandes tenha se aproximado dos Ramos, que, nesta época, já eram ferrenhos adversários de Luz e dos Konder. Além disso, o governador não indicou nenhum Maciel para a Superintendência, esses ficaram como substituto. O nome escolhido, Alcebíades Seara, é apontado na historiografia local como um nome muito próximo dos Konder.²⁹⁹ O que se pode observar foi que em Araranguá o domínio sócio-econômico-político, desde sua formação e emancipação, esteve nas mãos das elites luso-brasileiras, permanecendo até os últimos anos da Primeira República. Esse domínio político sofrerá significativas mudanças com o movimento de 1930.

Imaruí, Jaguaruna e Imbituba: satélites que gravitavam em torno dos municípios-pólos

Além de Laguna, Tubarão e Araranguá, outros três municípios foram organizados na região durante a Primeira República: Imaruí, Imbituba e Jaguaruna,

²⁹⁸ CAMPOS, Bernardino de Senna. *Memórias do Araranguá*. Seleção e coordenação do Padre João Leonir Dall'Alba. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

²⁹⁹ DALL'ALBA, João Leonir. *Histórias do grande Araranguá*. Araranguá: Gráfica e editora Orion, 1997. CAMPOS. *Memórias do...*

situados no litoral e habitados principalmente por lusos e açorianos. Nestes três municípios, a AIB foi organizada na década de 30, sendo que o município de Imaruí elegeu três vereadores nas eleições municipais de 1936.

Imaruí oficializou seu desmembramento administrativo de Laguna em 1890. Ocupado por famílias de lusos e açorianos procedentes de Laguna, mantinha estreitos laços históricos, econômicos, culturais e religiosos com este município. Fornecedora de produtos agrícolas (café, farinha de mandioca, feijão, milho e cana-de-açúcar), que eram comercializados no porto de Laguna.³⁰⁰ No que tange ao aspecto político ao longo de todo o período republicano, o poder esteve na maioria das vezes sob o domínio da família Bittencourt. Jerônimo Luiz de Bittencourt, proprietário de terras na região, Capitão da Guarda Nacional e posteriormente promovido a Major, foi Conselheiro Municipal e, por três vezes, em períodos diversos, superintendente municipal. Seu irmão, Antônio José Bittencourt Capanema, também ocupou o cargo. Ezaú Bittencourt, filho de Gerônimo, seguiu as lides políticas do pai, influenciado pelo clima do movimento Farroupilha, a Guerra do Paraguai, a República. Ezaú foi um dos articuladores do movimento para transformar a Vila em Município, ocorrido em 1890. Participou nos bastidores das batalhas para manter a emancipação, pois os adversários queriam revogá-la. Foi secretário municipal e procurador dos interesses municipais na capital.³⁰¹ Vê-se aqui o domínio político da família Bittencourt ao longo da Primeira República, domínio que continuará no pós-1930 com o filho de Ezaú, Pedro Bittencourt.

³⁰⁰ COSTA, Auricélio. *Imaruí do Senhor dos Passos: tópicos para construção da história de Imaruí e da história de Passos*. Garopaba: Ed. São Joaquim, 2003.

³⁰¹ ANDRADE, Léo Rosa. *A Estrutura Coronelística de Dominação: Análise de um caso*. Florianópolis: UFSC, 1984. Dissertação de mestrado em direito.

No ano seguinte, em 1891, era “criado o município de Jaguaruna, com território desmembrado de Tubarão.³⁰² Ocupada por famílias procedentes de Palhoça e Laguna que ali se estabeleceram a partir de 1867, todas descendentes de lusos e açorianos. Dentre essas famílias, destacam-se: a do coronel Luiz Francisco Pereira, Joaquim Marques, Manoel Marques e Francisco Rabelo.³⁰³ Contudo, há indícios de que o processo de ocupação de Jaguaruna havia ocorrido muito antes de 1867.³⁰⁴ De todo modo, praticamente todas as famílias que ocuparam e povoaram Jaguaruna antes do final do século XIX eram descendentes de lusos e açorianos. Ainda no que tange ao aspecto político, Jaguaruna viria a perder sua autonomia em 1923, sendo restaurada posteriormente em 1930 pelo interventor Ptolomeu de Assis Brasil.³⁰⁵ A perda da autonomia política e administrativa não aconteceria somente com Jaguaruna - Imbituba perderia esta condição em 1930 e tentativas foram feitas para se tirar a autonomia de Imaruí.³⁰⁶ Essas investidas contra Jaguaruna, Imbituba e Imaruí provinham dos interesses políticos e econômicos das elites de Laguna e Tubarão. Observa-se também

³⁰² CABRAL. *História de...*, p. 255.

³⁰³ Idem, p. 255.

³⁰⁴ Em 1731 o rei de Portugal concedeu sesmarias nas terras de Jaguaruna para João de Magalhães, denominadas de Garopaba do Sul. Posteriormente, em 1773, o Sargento-Mor de Ordenanças Manoel de Souza Porto, recebia a sesmaria de Campo Bom situada nas terras de Jaguaruna, além de adquirir a sesmaria de Garopaba. Após a morte do sargento, em 1779, as duas sesmarias foram adquiridas pelo padre Bernardo Lopes da Silva. Com a morte do padre e sem deixar herdeiros, as duas sesmarias seriam arrematadas em hasta pública por Antonio Vieira Rabello, em 1807. Este e seus descendentes fixaram-se definitivamente nas terras, dando-se o início ao povoamento de suas sesmarias. Ainda em 1804, seria doada outra sesmaria na região de Jaguaruna para Domingos Fernandes de Oliveira. Infere-se que o povoamento de Jaguaruna teria se iniciado a partir da ocupação definitiva das três sesmarias, em 1804 e 1807. Essas informações foram extraídas de fontes existentes no museu histórico de Jaguaruna.

³⁰⁵ O município foi criado pelo decreto n. 025 de 11 de dezembro de 1930. Sobre isso ver: CABRAL, *História de...*, p. 255.

³⁰⁶ ANDRADE, *A Estrutura Coronelística...*

movimentos contra a emancipação dos núcleos coloniais de Urussanga, Orleans e Criciúma, que serão analisados em seguida.

Quanto à economia, Jaguaruna estava também assentada na produção de gêneros agrícolas, além de exercer, principalmente até a construção dos ramais da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, na década de 1920, em local onde os produtos dos núcleos coloniais eram trazidos (farinha de mandioca, milho, feijão, carne de porco salgada e banha), para serem embarcados em canoas e transportados até o porto de Laguna.³⁰⁷ Ainda sobre a economia de Jaguaruna, observa-se na Primeira República a presença de descendentes de imigrantes europeus que se estabeleceram no município com atividades comerciais.

Havia movimento, pois o trânsito de Laguna era feito por aqui; tanto pela estrada como pelo rio, pois sempre estavam descarregando farinha através de carroças, para canoas, para ser comercializada em Laguna. Tinha um porto perto da ponte. Jaguaruna acordava com o clarear do dia e com o barulho de carroças, aranhas, carros de boi que traziam suas mercadorias para serem vendidas, principalmente farinha, que eram entregues nos paíóis dos senhores Bernardo Schmitz, Luis Schmitz, Celso Schmitz e Mergínio dos Santos. Havia aqui também, no Magalhães (após a trilha) a feclaria do Sr. Bernardo Schmitz.³⁰⁸

Como se vê, alguns descendentes de imigrantes acabaram se estabelecendo em centros urbanos e não somente nos núcleos coloniais. Esses descendentes de imigrantes deram início a algumas atividades comerciais, como foi o caso dos Schmitz, em Jaguaruna, que intermediavam o comércio da farinha de mandioca entre os núcleos coloniais e Laguna. Esse negócio, durante a Primeira República, era exclusividade das elites lusas e açorianas. Muitos descendentes de imigrantes, a partir de suas atividades comerciais, entraram também para a política

³⁰⁷ Havia em Jaguaruna um ponto de embarque que funcionava como um “mini porto” conhecido como Pontão. Sobre isso ver: MILANEZ, Pedro. *Fundamentos históricos de Criciúma*. Florianópolis: Ed. do autor, 1991. GOULATI FILHO, Alcides. *Formação Econômica de Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

³⁰⁸ Museu Histórico de Jaguaruna. *Panfleto “Coisas Nossas: Jaguaruna de Antigamente”*. N. 11.

partidária, principalmente após o movimento de 1930. Foram os membros da família Schmitz que comandaram o poder político em Jaguaruna durante toda a Era Vargas. O senhor Bernardo Schmitz foi nomeado Interventor municipal em 1930³⁰⁹, eleito em 1936³¹⁰ e novamente nomeado durante o Estado Novo.

Por fim, aborda-se o processo de formação de Imbituba. “Como uma cidade singular no Estado, Imbituba recebeu um grande número de investimentos de apenas um grupo de grandes empresários”³¹¹; a cidade teria sido planejada para escoar o carvão através de seu porto. O grande crescimento de Imbituba, e sua conseqüente transformação em município, em 1923, estiveram vinculados à presença e à ação do grupo empresarial Lage & Irmãos na Vila e em todo o Sul Catarinense.

Entretanto, o processo de ocupação de Imbituba nos remete ao século XVII, quando, por volta de 1675, algumas famílias procedentes de Laguna se fixaram em Imbituba, Vila Nova e Mirim³¹², não chegando a formar um povoado; eram somente alguns casebres espalhados por essas localidades. Um povoamento mais efetivo se iniciaria a partir de 1715, quando o Capitão Manoel Gonçalves de Aguiar que, realizando viagem de inspeção ao Sul do Brasil, deixou algumas famílias de vicentistas em Imbituba. Cinco anos mais tarde, receberia um grupo de casais procedentes das Ilhas dos Açores e da Madeira, que ali se estabeleceram. Em 1749, uma nova leva de casais açorianos fixou-se em Imbituba, Vila Nova e Mirim, contribuindo para o crescimento do povoado. A agricultura e a pesca foram

³⁰⁹ *O Estado*, Florianópolis, 29 de outubro de 1930, p. 1.

³¹⁰ *República*, 12 de março de 1936. Ano III, n. 587.

³¹¹ NEU, Márcia Fernandes Rosa. *Porto de Imbituba: de armação baleeira a porto carbonífero*. Tubarão: UNISUL, 2003, p. 47

³¹² Vila Nova e Mirim são atualmente bairros de Imbituba.

as atividades econômicas desenvolvidas por essas famílias que aos poucos povoaram Imbituba.³¹³ O crescimento das atividades econômicas de Imbituba viria a ser incrementado, “a partir de 1772, quando o governo da Metrópole estabeleceu a primeira armação baleeira, oferecendo monopólios a ricos comerciantes”.³¹⁴ Com a concessão em mãos, os comerciantes foram criando armações baleeiras. Em Santa Catarina, foram criadas seis armações baleeiras, uma delas em Imbituba, em 1796. A armação de Imbituba possuía suas edificações à beira mar, localizada “na praia do Porto, com condições propícias para a atracação de embarcações e a pesca da baleia”.³¹⁵ Mesmo com o fim dos monopólios das armações decretado pela Coroa em 1801, acarretando em sua decadência, essa atividade ainda persistiria em Imbituba até o século XX. Contudo, os prejuízos dos comerciantes levaria à estagnação do “vilarejo que surgira na praia ao redor dos barracões das baleias, e todas as infra-estruturas construídas para o funcionamento da armação”.³¹⁶ Esta situação só viria a se alterar com a descoberta das minas de carvão, a construção da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina (1884), que ligaria as minas ao porto, e a ação e os investimentos da empresa Lage & Irmãos.³¹⁷ A partir da descoberta do

³¹³ Sobre o povoamento de Imbituba ver: MARTINS, Manoel de Oliveira. *Imbituba: história e desenvolvimento*. Florianópolis: Ribeiro, 1971.

³¹⁴ NEU, *Porto de Imbituba: de...*, 2003, p. 28.

³¹⁵ ZANELATTO, Vera Lúcia C. *A Caça à baleia na armação de Imbituba e no Sul Catarinense*. Criciúma, 1992. Monografia de especialização em História. A pesca da baleia era feita por homens livres pagos pela quantidade de animais pescados, já os escravos ficavam com a preparação do azeite. Outras atividades davam suporte à economia pesqueira: a agricultura para a produção de alimentos, ferrarias para produzir arpões e carpinteiros para confeccionar pequenas embarcações.

³¹⁶ NEU, *Porto de Imbituba: de...*, 2003, p. 46.

³¹⁷ Com a conclusão da estrada de ferro em 1884 deu-se início ao escoamento do carvão das minas de Lauro Müller. Contudo, devido à baixa qualidade e à concorrência com o carvão inglês, a Companhia mineradora deixava de funcionar em 1887. NASCIMENTO, Dorval do. *As curvas do trem: a presença da Estrada de Ferro no Sul de Santa Catarina (1880-1975)*. Criciúma: UNESC, 2004. ZUMBLICK, WALTER. *Tereza Cristina: a ferrovia do carvão*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987. BOSSLE, Ondina Pereira. *Henrique Lage e o desenvolvimento Sul Catarinense*. Florianópolis: Ed. da

carvão e da construção da ferrovia, dava-se início a uma intensa disputa entre Imbituba e Laguna para se transformarem em porto carbonífero, disputa que se prolongaria até a década de 1940.³¹⁸ Todos os dois portos apresentavam problemas para o desenvolvimento da indústria carbonífera. Imbituba tinha uma enseada aberta que não protegia os navios dos fortes ventos, como vantagem poderia receber navios de calados maiores. Por sua vez, Laguna tinha seu porto fechado, podendo receber navios em qualquer época, contra si tinha a barra escassa que não permitia a navegação de navios com calado acima de dez pés. Desta forma, para abrigar os navios com segurança e facilitar o escoamento da produção de carvão, ambos os portos necessitavam de melhoramentos.³¹⁹ Imbituba necessitava de melhoramento em seu porto, como, por exemplo, a construção de um quebra-mar de mil metros, receberia do governo somente a construção de um trapiche de 70 metros de extensão. Nesse mesmo tempo, a ferrovia ficava pronta e Imbituba era escolhida “para sede de todas as oficinas, depósitos, almoxarifados, locomotivas e vagões, tornando-se o povoado de maior importância do município de Laguna.³²⁰ Entretanto, o salto de Imbituba só viria ocorrer na década de 1920, a partir dos investimentos de Henrique Lage. Mesmo depois de várias tentativas para conseguir junto ao governo federal a concessão para melhorar as condições do porto de Imbituba, e sendo elas todas negadas³²¹, Henrique Lage, em 1919, mesmo sem a autorização, começou alguns melhoramentos no porto para facilitar o

UFSC, 1981. Ainda sobre a descoberta do carvão, a estrada de ferro, a empresa Lage & Irmãos e sua importância para a região aborda-se em seguida e no terceiro capítulo.

³¹⁸ BOSSLE, *Henrique Lage e o...* NEU, *Porto de Imbituba:...* MORAES, Fabio Farias de. *O Porto Carvoeiro na Formação do Complexo Carbonífero Catarinense: a disputa entre Laguna e Imbituba*. Criciúma: UNESC, 2006. Monografia de Conclusão de curso em economia.

³¹⁹ *Albor*, 17 de outubro de 1926, n. 1.177, p. 1.

³²⁰ MARTINS, *Imbituba: história e...*

³²¹ *Albor*, 15 de março de 1919, n. 797. p. 2.

escoamento do carvão. Além disso, neste mesmo ano, a Empresa Lage construiu uma usina elétrica de ar comprimido, uma rede de linha telegráfica e canalização de água, o farol de Imbituba, uma estação meteorológica, prédios residenciais para os funcionários e operários, um hotel e também foi iniciada, a construção de fábrica da cerâmica para produzir louças e sanitários.³²² O crescimento de Imbituba foi tão intenso que em 1923 conseguiria sua emancipação política, ocorrendo no ano seguinte a instalação do município, em janeiro de 1924, assumindo como superintendente municipal o engenheiro Álvaro Monteiro de Barros Catão, homem de confiança de Henrique Lage, que permaneceu no cargo até o movimento de 1930.³²³

Com o movimento de 1930, a emancipação política de Imbituba seria revogada. Indícios levam a crer que foram os grupos políticos de Laguna, vinculados à Aliança Liberal, que articularam junto ao interventor Nereu Ramos e a Getúlio Vargas a supressão do município. Além da disputa com Laguna para ser o porto carbonífero que vinha se desenrolando desde o final do século XIX, Imbituba era um reduto muito forte do Partido Republicano. Henrique Lage mantinha estreita relação com as lideranças políticas em âmbito estadual, como os governadores Hercílio Luz e Adolfo Konder. Álvaro Catão fora também deputado estadual em várias legislaturas ao longo da década de 1920 e constituinte em 1935.³²⁴ Assim, quando o Integralismo começou a ser organizado no Sul Catarinense em 1934, Imbituba havia perdido sua condição de município, voltando a ser distrito de

³²² Sobre os investimentos da Empresa Lage em Imbituba ver: *Albor*, Laguna, 1927, n. 784, p. 1.

BOSSLE, *Henrique Lage e o...*, p. 41. MARTINS, *Imbituba: história e...*

³²³ NEU, *Porto de Imbituba...*, p. 45. MARTINS, *Imbituba: história e...*

³²⁴ BOSSLE, *Henrique Lage e o...* PIAZZA, *Dicionário político...*

Laguna. Foi a partir de Laguna que se organizou o sub-núcleo Integralista de Imbituba.³²⁵ O que se pode constatar a partir desta digressão é que os municípios aqui abordados (Tubarão, Ararnaguá, Imaruí, Jaguaruna e Imbituba) foram ocupados e povoados por populações procedentes de Laguna, constituídas na sua maioria por descendentes de luso-brasileiros e açorianos. Esta face da população começaria a ser mudada no final do século XIX, quando da imigração europeia para a região. Outra constatação foi que esses municípios mantiveram um vínculo muito forte com Laguna (econômico, político, social e cultural), adentrando a Primeira República e mesmo a década de 1930. Não foi por acaso que o Integralismo chegou à região a partir deste município.

Quando o Integralismo começou a ser organizado na região, havia somente três núcleos coloniais emancipados na região: Urussanga (1900), Orleans (1913) e Criciúma (1925). A partir deste dado, pode-se levantar algumas questões: por que somente três núcleos coloniais estavam emancipados em plena década de 1930? Os outros núcleos não tiveram articulação suficiente para tal? As elites dos centros urbanos de Laguna, Tubarão e Araranguá não queriam o desmembramento? Urussanga, Orleans e Criciúma tinham melhores condições sócio-econômico-políticas? Contudo, entende-se que antes de se abordar a constituição destes núcleos, suas formas de organização sócio-econômico-político-cultural, se faz necessário apontar para o processo de imigração europeia para o Sul Catarinense.

³²⁵ *Albor*, Laguna, 20 de janeiro de 1935. Ano XXXIV, n. 1.583.

Peculiaridades da imigração européia no Sul Catarinense

Povoar não é a exemplo do que tem ocorrido entre nós, atrair imigrantes e localizá-los, empiricamente, no território do país. Antes de praticarmos um plano sistemático de rodovias, antes de resolvermos o problema da navegabilidade dos rios e o da construção dos portos, não conseguiremos povoar o Brasil racionalmente. Povoar é ligar os nódulos da nossa população ganglionar, esparsa em núcleos alongados pelo interior do país. E, para uni-los, para tira-lhes a fisionomia gregária, devemos abrir, para todos, vias de comunicação.³²⁶

A citação acima faz parte do manifesto à Nação lido por Getúlio Vargas em junho de 1934. Vargas tecia uma crítica à forma como vinha se processando o povoamento do território nacional, á falta de vias de comunicação, rodovias, ferrovias e portos impediam a unidade sócio-econômico-político-cultural da Nação. Em sintonia com o discurso de Vargas, no Sul Catarinense, cónsules e a imprensa local enunciavam que as vias de comunicação consistiam no grande entrave para o desenvolvimento das áreas de imigração da região. Esta situação não ocorria com as áreas de imigração do Vale do Itajaí e Norte do estado, suscitando diferenças entre essas regiões.

Deste modo, não se tem à intenção de fazer aqui um estudo do processo de imigração européia do século XIX e XX para o Brasil e Santa Catarina, pois existe uma quantidade razoável de estudos nas mais variadas perspectivas sobre a temática.³²⁷ Pretende-se apenas apontar para peculiaridades da imigração européia

³²⁶ Vargas, Getúlio. *As Diretrizes da Nova Política do Brasil*. Io de Janeiro: Livraria e editora José Olympio, 1943, p. 281-282.

³²⁷ Destacam-se aqui algumas obras que contribuíram para este estudo. DE BONI, Luis Alberto. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST. Vol. I, II e III. 1987, 1990,1996. TRENTO, Ângelo. *Do Outro Lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel , 1989. SANTOS,

no Sul Catarinense bem como a inserção sócio-econômico-político dos imigrantes e seus descendentes na região. As especificidades ficam visíveis quando contrastadas com outras regiões do estado. É neste processo que se encaixará também a peculiaridade do Integralismo no Sul Catarinense.

O Sul do Brasil, na década de 1930, se constituía no local de maior concentração de imigrantes e descendentes de imigrantes europeus de todo o país. Espalhados pelo litoral e pelo interior, apresentavam identidades próprias, culturas diferentes, linguagens distintas, diferenciando-se de muitos imigrantes estabelecidos em São Paulo, que rapidamente assimilaram o modo de vida urbano, perdendo seus costumes de origem. Por outro lado, os colonos do Sul, em sua maioria isolados em relação aos hábitos das cidades, conservaram comportamentos e tradições semelhantes aos de sua pátria de origem.

Em Santa Catarina, a instalação de núcleos coloniais de origem estrangeira remete à primeira metade do século XIX. Entretanto, esse processo se intensificaria a partir de 1850, com a fundação da Colônia Blumenau, no médio Itajaí-Açu; “em seguida, foram fundadas as colônias de D. Francisca (1851), Itajaí-Brusque (1860) e Ibirama (1889)”.³²⁸ Já o Sul Catarinense, seria ocupado somente a partir de 1873, com a criação da colônia espontânea no Vale do Braço do Norte

Roselys Isabel Correa dos. *A terra prometida: emigração italiana: mito e realidade*. 2ª ed. Itajaí: ed. da UNIVALI, 1999. CERVO, Amado Luis. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália: o papel da diplomacia*. Brasília: Ed. da UnB: São Paulo: Instituto Italiano di Cultura, 1992. MAGALHÃES, Marionilde. *Pangermanismo e nazismo: A trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1998. SEYFERTH, Giralda. *A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo do desenvolvimento econômico*. Porto Alegre: Movimento, 1974. Nacionalismo e identidade étnica: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: FCC, 1992.

³²⁸SEYFERTH, *A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim...*, 1974, p. 30. A autora aponta também para a localização destas colônias, seus fundadores, as que eram de caráter privado ou governamental, bem como o surgimento de outras colônias.

com migrantes alemães procedentes de São Pedro de Alcântara e Teresópolis.³²⁹ A imigração italiana para o Sul Catarinense foi ocorrendo quando o governo imperial nomeia, em 1876, o engenheiro Joaquim Vieira Ferreira para instalar e organizar uma colônia no Vale do Tubarão. Assim, em 1877, era fundado o núcleo colonial de Azambuja, seguida por Urussanga em 1878, e Criciúma em 1880.³³⁰ Em 1882, era também criada nas terras do Conde d'Eu e da princesa Isabel, localizadas nas cabeceiras dos rios Tubarão, Braço do Norte e Gravatal, a colônia Grão Pará, ocupada por imigrantes de várias etnias.³³¹ Posteriormente, outros núcleos coloniais privados ou particulares foram sendo criados na região.

Em muitos desses núcleos coloniais, foram conservadas tradições culturais, falando a língua e manifestando costumes e hábitos, denotando em alguns casos uma profunda identificação com o país de onde os imigrantes provinham. O processo colonizador que fixou levas de imigrantes provenientes de diversos países em diferentes regiões do estado produziu uma população heterogênea, que convivia em meio à diversidade cultural. Essa diversidade se refletia, por exemplo, na paisagem no Vale do Itajaí, onde estavam localizados os imigrantes alemães, italianos e russos.

Assim, quem percorre com atenção o Vale do Itajaí, verá modificar-se a visão panorâmica, conforme o terreno em que pisa. Ao passo que o colono alemão, embora policultor, se dedica mais ao plantio intensivo de cereais, como o de origem russa, caracteristicamente agricultor, com tendência para

³²⁹ DALL'ALBA, João Leonir. *São Ludugero para o Brasil: memórias do Padre João Pereira Kuns*. Orleans: FEBAVE, 2005. A vinda desses migrantes para o Vale do Braço do Norte foi uma articulação do padre alemão Guilherme Frederico Clemente Roher. Esses migrantes em sua maioria eram católicos.

³³⁰ VIEIRA FERREIRA, Fernando Luis. *Azambuja e Urussanga: memória sobre a fundação, pelo engenheiro Joaquim Vieira Ferreira, de uma colônia de imigrantes italianos em Santa Catarina*. 2ª ed. Orleans: Gráfica do Lelo Ltda, 2001. PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: Ed: da UFSC. Ed: Lunardelli, 1983.

³³¹ DALL'ALBA, João Leonir. *Pioneiros nas terras dos condes*. 2ª ed. Orleans: Gráfica do Lelo, 2003. PIAZZA, *Santa Catarina: sua ...*

a indústria colonial de transformação, o colono italiano, é mais partidário da cultura intensiva e não tão variada; seus produtos principais são arroz e tabaco. O aspecto cultural é também outro nas manchas em que predomina o elemento teuto. As casas obrigatoriamente de material (tijolos), quando o lavrador atingiu determinado progresso econômico, tem o estilo assemelhado, ao da região, na Alemanha, de que procedia o imigrante, acrescidas sempre de uma varanda compondo geralmente a fachada frontal do prédio, ou, o que é mais raro, lançando-se também por uma das fachadas laterais em forma de ângulo reto, para as defender do calor, dando deste modo uma nota bizarra e alegre à paisagem. O imigrante italiano por sua vez, quando habita em casa de tijolos, o que não se vê com a mesma freqüência, assenta-a nos moldes das construções da Itália do norte ou sul-tirolesas. Só os que já chegaram quase à abastança têm casas assobradadas de dois andares.³³²

De maneira geral, em Santa Catarina os núcleos coloniais foram organizados na base de pequenas propriedades; inicialmente a vida dos grupos coloniais agrícolas estava voltada para auto-suficiência tanto nas tarefas, visando tanto atender às necessidades alimentares da família como ajudar os familiares e vizinhos mais distantes. A agricultura era diversificada com uma produção de alimentos para consumo familiar. Além da produção doméstica, criavam alguns animais e produziam alguns produtos para a comercialização, como o fumo e a mandioca para o fabrico da farinha. Nessas atividades, toda a família estava envolvida, habitavam uma pequena propriedade, que incluía a casa de moradia, o local de cultivo, estábulo, galinheiro e chiqueiro. Algumas propriedades possuíam engenho e atafona para a fabricação da farinha de mandioca, açúcar, cachaça, e descascava-se o arroz.

Mesmo participando de alguma forma do mercado, esses grupos se afirmaram pelo isolamento de suas atividades econômicas. Tinham uma especificidade própria na execução do trabalho coletivo. Esse envolvia várias

³³² D'AMARAL, Max Tavares. *Contribuição da colonização alemã no Vale do Itajaí*. São Paulo, Instituto Hans Staden, 1950, p. 71.

tarefas que eram realizadas por todos homens, mulheres, crianças e velhos. O relacionamento social envolvia uma solidariedade com a vizinhança: os trabalhos na roça, o socorro, em caso de doenças, aconteciam mutuamente entre as famílias nas colônias agrícolas.

Até aqui parece não haver diferenças no processo de colonização nas várias regiões de Santa Catarina, mas elas existem e elucidá-las constitui-se em um dos caminhos possíveis para se compreender a formação sócio-econômico-política-cultural do Sul Catarinense, bem como especificidades do Integralismo na região.

Uma fonte bastante rica para se perceber as diferenças entre as regiões são os relatórios consulares. Em 1900, Gherardo Pio di Savóia, Régio Cônsul da Itália, em Florianópolis, ao visitar as colônias italianas em Santa Catarina, fez um comparativo entre as colônias do Sul e as do Vale do Itajaí e Norte do estado, principalmente com as colônias italianas e alemãs. Impressionado com as diferenças da condição de vida existentes entre as áreas de imigração alemã e as de imigração italiana, em seu relatório ao ministério dos Negócios Estrangeiros da Itália, procurou apontar as razões pelas quais às colônias teutas do Vale do Itajaí e Norte estavam mais desenvolvidas que as do Sul.

Em primeiro lugar, a colonização italiana não teve os guias capacitados que a germânica encontrou em seu próprio seio: o Dr. Blumenau, o Dr. Müller, os senhores Wendeburg, Breithaupt, Odebrecht (...) e muitos outros egrégios personagens que se dedicaram ao sucesso da colonização alemã com verdadeira paixão e com critérios práticos e racionais(...).³³³

Se por um lado para os núcleos coloniais italianos tanto os do Norte quando os do Sul Catarinense vieram exclusivamente agricultores, os núcleos alemães

³³³ Dall'Alba, João Leonir. *Imigração Italiana em Santa Catarina*. Caxias do Sul. Editora da Universidade de Caxias do Sul; Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1983, p. 114.

receberam profissionais de diversas áreas, o que contribuiu para o seu dinamismo. “Enquanto os alemães traziam engenheiros, professores, jornalistas e padres, vinham exclusivamente italianos agricultores”.³³⁴ O Cônsul Gherardo observava também a questão da língua (eram vários os dialetos falados nas colônias italianas: o vêneto, o genovês, o bergamasco e que em certa medida, contribuíram para mantê-las divididas dificultando a difusão da italianidade, um dos principais objetivos dos cônsules e, pode-se acrescentar aqui, o associativismo e a criação de uma imprensa em língua italiana, dificuldade não encontrada pelos núcleos coloniais do Vale do Itajaí e do Norte); o catolicismo italiano³³⁵; a maior atenção do governo alemão em relação a seus emigrados, a maior influência política exercida pelas colônias alemãs (em função de sua organização e unidade); o maior número de escolas entre os teutos; o maior analfabetismo entre os italianos. E, referindo-se a Blumenau, constatou que:

³³⁴ DALL’ALBA, João Leonir. Imigrantes italianos em Santa Catarina. In: DE BONI, Luis Alberto (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST, 1987, p. 152. Sobre o dinamismo dos núcleos coloniais do Vale do Itajaí e Norte do Estado, ver PIAZZA, *Santa Catarina: sua...* Este autor elabora um quadro sobre a evolução da mão de obra na colônia Blumenau entre 1860 a 1876. Além disso, no capítulo “Ruralismo, Urbanização, Industrialização”, faz a biografia de 16 empresários, todos imigrantes europeus e descendentes (15 alemães e 1 italiano); vários deles eram já empresários ou comerciantes na Alemanha ou tinham uma formação e trabalhavam como técnicos, trazendo essa experiência e também capitais. Ver também: SOUTO, Américo A. da Costa. *Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)*. Florianópolis: Centro de Assistência Gerencial de Santa Catarina – CEAG/SC, 1980. HERING, Maria Luiza Renaux. *Colonização e Indústria no Vale do Itajaí. O modelo Catarinense de Desenvolvimento*. Blumenau: Ed: da FURB, 1987.

³³⁵ Nos relatórios Consulares aparece uma disputa de poder entre as autoridades eclesiásticas e os Cônsules para conseguir a autoridade sobre os núcleos coloniais. Os padres construíram igrejas, capelas, oratório, institutos religiosos, com recursos dos colonos. O cônsul Pio di Savóia acusava os padres pela inércia de alguns núcleos coloniais italianos. É importante ressaltar que entre 1895 e 1913 foram produzidos sete relatórios pelos Cônsules. Neles eram destacadas as atividades econômicas e comerciais, a Preservação do patriotismo italiano que deveria ser difundido principalmente pelas escolas. Essas reflexões podem ser encontradas em Dall’Alba, *Imigração Italiana em...*; OTTO, Clarícia. *Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930)*. Florianópolis: Insular, 2006. Outro dado importante é a quantidade expressiva de protestantes nos núcleos coloniais do Vale e do Norte, basta dizer que no município de Blumenau, em 1883, havia 16.380 habitantes, dos quais 10.088 eram protestantes (61,5%) e 6.290 (35,5%) católicos. Já na colônia Dona Francisca, em 1861, a população era de 3.050, dos quais, 2.437 não eram católicos. PIAZZA, *Santa Catarina: sua...*

As vendas bem provisionadas demonstram necessidades próprias de uma população bem civilizada. As estradas são bem cuidadas, e por tudo reina a ordem e a limpeza. O viajante crê-se transportado a uma cidade suíça ou alemã. Quando, então, tiver feito uma visita às escolas, às redações do 'Urwaldsbote' e do Blumenauer Zeitung, às tipografias, livrarias e papelarias, aos estabelecimentos fotográficos, ao Club.³³⁶

Gherardo, ao fazer a comparação entre as colônias italianas e alemãs, aponta para a autonomia local e o abandono de algumas colônias de Santa Catarina, frente a um aparelho estatal limitado e provinciano; ao mesmo tempo, evidencia as diferentes estruturas de poder colonial entre o Sul e o Vale do Itajaí. Outra diferença na constituição dos núcleos coloniais fundados no Vale do Itajaí e no Sul do estado pode ser observada na medida em que nas primeiras procurou-se evitar a formação de núcleos coloniais etnicamente mistos. Colonos italianos e alemães eram mantidos distantes. No Sul do estado, a partir de 1877, abandonou-se a constituição de núcleos coloniais etnicamente homogêneos. Em "Criciúma (1880) e Cocal (1885), os lotes foram distribuídos de tal modo que cada italiano se encontrasse entre um polonês e um brasileiro".³³⁷ Outro exemplo foi à colônia Grão Pará, constituída também por imigrantes de várias nacionalidades. Como se pode observar no discurso do Cônsul italiano Gherardo Pio de Savoia, mesmo depois de 25 anos de colonização, as colônias italianas do Sul Catarinense não conseguiam se desenvolver. Na mesma situação, encontravam-se os núcleos coloniais alemães do Vale do Braço do Norte, que foram "deixados ao léu, sem organização, sem vias de comunicação, sem o apoio direto da Alemanha, essas colônias tiveram um perfil semelhante ao das colônias italianas, de

³³⁶ DALL'ALBA, *Imigração Italiana em...*, p. 104. Segundo PIAZZA, *Santa Catarina: sua...*, p. 340. Quando chegam os primeiros imigrantes italianos no Sul Catarinense, em 1877, já havia na colônia Blumenau 125 engenhos de farinha, 126 engenhos de açúcar, 102 alambiques, 22 moinhos, 30 engenhos de cerrar, 5 fábricas de cerveja, 1 fábrica de vinagre e 10 olarias.

³³⁷ Os relatórios dos Cônsules Guerardo Pio de Savóia e Caruso Macdonald ressaltam que no Sul Catarinense o governo procurou assentar imigrantes de várias nacionalidades. DALL'ALBA, *Imigração italiana em...*, p. 105 e 159.

progresso lento e quase estagnação”.³³⁸ Na mesma situação, encontravam-se também os poloneses estabelecidos na região. Vê-se que as dificuldades dos núcleos coloniais não foram somente dos primeiros anos, quando da sua instalação; elas adentraram o século XX e se estenderam por praticamente toda a Primeira República. Além dos argumentos apontados pelo Cônsul italiano para justificar o atraso dos núcleos coloniais do Sul Catarinense, pode-se acrescentar outros elementos. A imprensa luso-brasileira de Laguna não via com bons olhos a chegada dos imigrantes na região e fazia os seguintes questionamentos: “Não tem o Brasil miseráveis que chega? Por que introduzir esses esfarrapados italianos, às custas de enormes somas do erário público, que serão sempre um peso para a nação?”³³⁹ Esse discurso sofrera mudanças à medida que os comerciantes das cidades de Laguna, Tubarão e Araranguá passaram a intermediar os produtos produzidos nos núcleos coloniais, acarretando em um processo inverso, pois os dirigentes locais passaram então a incentivar a vinda de imigrantes. Corroborando o exposto o ofício enviado pela Câmara Municipal de Tubarão datado de seis de outubro de 1888, ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura Comércio e Obras Públicas no qual se explicitavam “quatro medidas que por seu turno tornar-se-ão poderosos motivos de atração e estímulo a novas correntes de imigração, e que devem sem a mínima protelação, ser postas em prática”³⁴⁰ para permitir a circulação do excedente produzido e assim “impulsionar o desenvolvimento dos núcleos coloniais aqui estabelecidos”.³⁴¹ A primeira medida seria a construção de duas vias principais de comunicação: “uma pondo em contato os núcleos de Criciúma e Accioli de Vasconcelos

³³⁸ DALL’ALBA, *Imigração italiana em...*, 1983, p.145.

³³⁹ DALL’ALBA, *Imigração italiana em...*, 1987, p. 150.

³⁴⁰ DALL’ALBA, *Imigração italiana em...*, 1983, p. 83.

³⁴¹ Idem, p. 83.

com o mercado da Vila de Araranguá, e outra ligando, pela sua parte setentrional, o primeiro desses núcleos com Urussanga, Treze de Maio e a Vila de Tubarão”.³⁴² Já a segunda medida enfatizava a necessidade da “construção mais acelerada de caminhos vicinais, entre as diferentes linhas dos núcleos e a respectiva artéria principal”.³⁴³ Quanto à terceira medida, era solicitada a “discriminação das grandes extensões de território devoluto, que a Câmara afirma existir nas proximidades de Criciúma, Araranguá e outros pontos; retalhando-as em lotes coloniais e dando-lhes imediatamente viação”.³⁴⁴ Por fim, a quarta medida apontava para a “reorganização completa do serviço já existente relativo ao estabelecimento de colonos, por forma, quer garantir a propriedade particular, quer os interesses do Estado”.³⁴⁵ Dois dias depois, a Câmara Municipal de Tubarão encaminhava outro ofício, agora, para o Presidente da Diretoria da Sociedade Central de Imigração. Neste ofício a Câmara solicitava do Governo “providências imprescindíveis à salvação, e consecutivo desenvolvimento, da colonização nesta parte da província”.³⁴⁶ O ofício concluía solicitando à Sociedade Central de Imigração mais uma vez apoio, pois que “com seus relevantes serviços, o incremento e prosseguimento da colonização e o aproveitamento dos nossos extensos territórios devolutos e improdutivos”.³⁴⁷ Na historiografia local³⁴⁸

³⁴² Idem, p. 83.

³⁴³ Idem, p. 83.

³⁴⁴ Idem, p. 84.

³⁴⁵ Idem, p. 84

³⁴⁶ Idem, p. 82.

³⁴⁷ Idem, p. 82.

³⁴⁸ Dentre as obras da historiografia local que apontam elementos para as dificuldades, fracasso ou atraso dos núcleos coloniais, destaca-se MARZANO, Luigi. *Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil*. Tradução de João Leonir Dall’Alba. Florianópolis: Ed. da UFSC/Prefeitura Municipal de Urussanga, 1985. MARQUES, Agenor Neves. *História de Urussanga*. Prefeitura Municipal de Urussanga, 1979. Belolli, Mario. A colonização italiana na região de Criciúma (1880-1925). In: PIAZZA, Walter F. (Org.). *Italianos em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 2001. VETTORETTI, Amadio. A Colonização Italiana nos Vales do Tubarão e do Urussanga e a Colônia Grão Pará. In: PIAZZA (Org.). *Italianos em..; DALL’ALBA, Imigração italiana em..; BALDIN, Nelma. Tão fortes quando a vontade,*

comumente são apontados como elementos para as dificuldades, fracasso ou atraso dos núcleos coloniais do Sul Catarinense o isolamento desses núcleos em função das vias de comunicação, as taxas de exportação, os intermediários impedindo, dificultando ou encarecendo o escoamento dos produtos coloniais aos centros consumidores bem como o acesso aos manufaturados. É apontada ainda “a falta de lideranças, tanto na política, como no comércio, como na indústria”.³⁴⁹ O colono era visto como laborioso, “mas individualista, analfabeto, não conseguia organizar-se em associações para melhor comercializar suas safras abundantes.”³⁵⁰ Os colonos do Sul do Estado “sentiam-se espezinhados pelos demais habitantes da região e autoridades diretamente envolvidas no gerenciamento das colônias e, de outra parte, também sentiram-se abandonados política e economicamente pelo governo do Estado”.³⁵¹ A citação destaca três aspectos das dificuldades dos núcleos coloniais: além de ressaltar o abandono dos colonos por parte do Estado e o tratamento autoritário dado pelos gerenciadores das colônias, deixam indícios de uma tensão entre os imigrantes e seus descendentes que viviam isolados em seus núcleos extremamente ruralizados e os luso-brasileiros estabelecidos nos centros urbanos de Tubarão, Laguna e Araranguá.³⁵² Em meio a todas essas dificuldades, os colonos criaram algum organismo para sua defesa? Há indícios de que praticamente o único organismo para defender os interesses dos núcleos coloniais do Sul Catarinense foi à criação, em 1891, da “Federação de Cooperativas das Colônias Italianas do Sul do Estado de Santa Catarina” e uma

história da imigração italiana no Brasil: os vênetsos em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 1999.

³⁴⁹ DALL’ALBA, Imigrantes italianos em Santa Catarina. In: DE BONI, Luis Alberto. (Org.). *A presença Italiana...*, p. 156.

³⁵⁰ Idem, p. 156.

³⁵¹ BALDIN, *Tão fortes quando a vontade, história da imigração italiana no...*, p. 113.

³⁵² Esta tensão será abordada oportunamente ao longo do trabalho. Contudo um exemplo desta tensão pode-se perceber no processo de emancipação dos núcleos de Criciúma, Urussanga e Orleans.

Associação chamada “Società di Mutuo Socorro Fratellanza Italiana”, com princípios de uma irmandade. Sua criação foi incentivada pelo Cônsul italiano em Florianópolis, Alberto Rotti. Faziam parte os núcleos de Urussanga, Nova Veneza, Nova Treviso, Azambuja, Nova Belluno, Cocal, Criciúma, Nova Orleans, Armazém... A Federação e a Fratellanza tinham como lema: “A União Faz a Força”, e dentre os seus principais objetivos destacavam-se: a promoção dos interesses das colônias e da sociedade em relação ao Brasil e à Itália; fortalecer política e economicamente os núcleos coloniais, manter vivos no coração dos imigrantes os laços de amor para com a pátria Itália, inculcar nos membros dos núcleos que deveriam reunir-se num só fascio, para sustentarem-se e proteger-se com eficácia e resultado; buscaram, além do mútuo socorro e beneficência, a criação de escolas para educação de seus filhos.³⁵³ A idéia da Associação e da Federação espalhou-se por todas as colônias de imigrantes italianos de Santa Catarina, que rapidamente aderiram ao programa, tornando-se sócios. A Sede Geral da Fratellanza foi construída no centro de Florianópolis, com recursos vindos de todos os associados. Contudo, a criação da Cooperativa não foi muito bem vista pelas lideranças políticas, tanto estaduais quanto locais. “Essa união representava, na verdade, uma ameaça aos olhos dos poderes constituídos”.³⁵⁴ Assim, dois anos depois de constituída, sofrendo fortes campanhas oposicionistas incentivadas pelas próprias autoridades estaduais, que a acusavam de fascista, a cooperativa acabou sendo desfeita. Desfazia-se a cooperativa e mantinha-se somente a Associação das Colônias Italianas de Santa Catarina, abandonando suas funções políticas, desenvolvendo, então, somente atividades culturais e sociais até a Segunda Guerra Mundial, quando foi

³⁵³ MARZANO, *Colonos e missionários italianos na...; BALDIN, Tão fortes quando a vontade, história da imigração italiana no...*

³⁵⁴ BALDIN, *Tão fortes quando a vontade, história da imigração italiana no...*, p. 114.

pressionada pelo governo para sua extinção. Para sobreviver, mudou o nome, passando a chamar-se Sociedade XX de Setembro, e mesmo depois da guerra não conseguiu mais se reerguer.³⁵⁵ As dificuldades enfrentadas pelos núcleos coloniais do Sul Catarinense bem como as diferenças e comparações com outras regiões eram também explicitadas nos jornais locais. Nesses jornais, os problemas relativos às vias de comunicação, o isolamento dos núcleos colonial foi uma constante. escoar a produção agrícola para as praças de Laguna e Tubarão constituía-se em um obstáculo a ser vencido diariamente pelos colonos. Em tais condições era compreensível que os jornais, ao tecerem críticas ao governo pelo abandono do Sul Catarinense, comparassem com a prosperidade alcançada por outras regiões. Além disso, para os comerciantes de Laguna e Tubarão que financiavam os jornais e eram o intermediadores dos produtos trazidos dos núcleos coloniais, as vias de comunicação constituíam um empecilho para seus negócios.

Com o título “O Sul exige o mesmo que o Norte”, o semanário *Correio do Sul*³⁵⁶, editado em Laguna, explicitava as dificuldades dos colonos e comerciantes de Urussanga, Criciúma e Araranguá nos primeiros anos do século XX, em virtude das condições da estrada que ligava essas comunidades até Laguna, para o escoamento dos seus produtos via porto. O referido jornal exigia que o governo do estado tratasse o Sul agrícola com a mesma atenção dada ao Norte industrial. Dizia que lá as estradas contribuía para o progresso, e os produtos industrializados tinham como chegar rapidamente aos portos de Itajaí e São Francisco. O jornal finalizava lançando duas questões: a primeira perguntava se a produção do Sul Catarinense para exportação

³⁵⁵ As influências dos fascismos europeus no Sul Catarinense serão abordadas no terceiro capítulo.

³⁵⁶ Essa matéria foi publicada pelo Diário Catarinense. Florianópolis, 29 de agosto de 1997.

não gerava a mesma riqueza tanto para a região quanto para o aumento da arrecadação pública. Já a segunda se dirigia ao chefe do executivo estadual, o governador Gustavo Richard, que fazia empréstimos para embelezar Florianópolis, e questionava por que não pedia dinheiro lá fora para que os colonos permanecessem na região Sul, já que estavam ameaçando migrar para a Argentina. Muitas dessas ameaças acabavam se concretizando, como informava o *jornal do Comércio* de Laguna. “No curto espaço de dois meses, cerca de duzentos colonos retiraram-se àquele destino, quase todos de Urussanga e Cresciúma”.³⁵⁷ Além das dificuldades para transportar suas mercadorias em caminhos que impunham enormes sacrifícios, os colonos reclamavam dos baixíssimos preços pagos por suas mercadorias nas praças de Tubarão e Laguna. As reclamações quanto à falta de estradas e as condições das existentes junto com a ameaça de imigração para a Argentina foram uma constante nas primeiras duas décadas do século XX.³⁵⁸ Para além das questões levantadas pelo semanário *Correio do Sul*, pode-se ainda fazer outras inferências: do ponto de vista econômico, observam-se profundas diferenças entre o Sul Catarinense e as regiões do Vale do Itajaí e o Norte do estado, principalmente no que tange aos núcleos coloniais. Ao que parece, enquanto a primeira permanecia estagnada ou caminhando a passos lentos, as outras estavam em pleno desenvolvimento. No aspecto político, tudo indica a pouca expressão dos núcleos coloniais em âmbito estadual visto que os reclames dos colonos não tinham ressonância junto ao governo

³⁵⁷ *Jornal do Comércio*, Laguna, 23 de outubro de 1904. Sobre a migração para a Argentina ver também relatório do Cônsul Giuseppe Caruso MacDonald Regente Geral do Consulado Italiano em Florianópolis de 1906.

³⁵⁸ Sobre as estradas do Sul Catarinense, em 25 de janeiro de 1913, um grupo de mais de 400 colonos reuniram-se e redigiram um documento para o governador Vidal Ramos destacando a falta e as péssimas condições das estradas que ligavam a região ao porto de Laguna. O documento foi publicado no *Jornal da Manhã*, 8 setembro de 1997.

do estado. No âmbito local, pode-se observar o domínio econômico das cidades de Laguna e Tubarão sobre os núcleos coloniais. Entende-se que no estudo dessas diferenças, na comparação e na análise das estruturas de poder do Sul Catarinense ainda na Primeira República, é possível encontrar peculiaridades no processo de expansão e organização do Integralismo na região no pós-30. Diferenciando-se do Sul Catarinense, o Vale do Itajaí, na região Nordeste e o Norte do estado, desde a Primeira República, os imigrantes alemães e italianos e seus descendentes conseguiram ter um domínio econômico e político em âmbito local e regional. Nessas duas regiões, estavam as duas maiores cidades do estado: Blumenau, com 72 mil habitantes, e Joinville, com 42 mil. “A cena política até 1930 foi dominada, em parte, por políticos vinculados ao Vale do Itajaí: Lauro Müller, Felipe Schmidt, os Konder e Hercílio Luz”.³⁵⁹ Os três principais governadores do estado durante a Primeira República, Lauro Müller, Hercílio Luz e Adolfo Konder tinham ligações com o Vale do Itajaí. Como observado no primeiro capítulo, Lauro Müller foi governador do estado por três vezes, chefe supremo do Partido Republicano Catarinense destacando-se também na política federal. Governador do estado por três vezes, Hercílio Pedro da Luz, muito embora não tenha nascido no Vale do Itajaí, entrou na política a partir de Blumenau. “Ali, em 1891, ele foi chefe local da inspetoria de terras e Colonização, quando manteve um contato permanente com os colonos”.³⁶⁰ Quando assumiu o governo do estado pela primeira vez, foi apoiado por importantes empresários de Blumenau e Brusque que pretendiam reverter este apoio em vantagens para a

³⁵⁹ SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica, assimilação e cidadania. A imigração alemã e o Estado brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 26, p. 115-6, out. 1994.

³⁶⁰ FROTCHER, Méri. *Da Celebração da Etnicidade Teuto-Brasileira à Afirmação da Brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950)*. Florianópolis: UFSC 2003 (tese de doutorado em história), p. 40.

indústria do Vale do Itajaí.³⁶¹ Quanto a Adolfo Konder, foi governador entre 1926 e 1930, e iniciou sua carreira política quando o governador Hercílio Luz convidou-o para assumir a Secretaria de Estado de Fazenda, Viação, Obras Públicas e Agricultura.³⁶² Outro político de destaque proveniente do Vale do Itajaí na primeira república foi Victor Konder, irmão de Adolfo, advogado, um dos fundadores da empresa industrial Garcia. Iniciou sua carreira política em Blumenau, foi Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda, Viação e Obras Públicas e Agricultura no governo Hercílio Luz (1922-1926), Ministro de Estado dos Negócios da Viação e Obras públicas de Washington Luis.³⁶³ Além dos cargos de governador, secretário e ministro ocupados por representantes do Vale do Itajaí, havia também um número significativo de deputados estaduais da região eleitos durante a Primeira República. Eram 17 o número de deputados estaduais que durante a Primeira República representavam o Vale do Itajaí na Assembléia Legislativa.³⁶⁴ Destes deputados, quase todos eram vinculados diretamente ao comércio e à indústria. Além deles, que ocupavam cargos políticos, havia muitas pessoas ligadas às elites econômicas da região que, mesmo sem ocupar cargos políticos, faziam articulações e barganhas, pois detinham muito poder.³⁶⁵ Observa-se aqui o domínio político do Vale do Itajaí durante a Primeira República, e que certamente converteu-se em benefícios para as elites econômicas da região. A

³⁶¹ SOUTO, Américo A. da Costa. *Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)*. Florianópolis: Centro de Assistência Gerência de Santa Catarina - GEAG/SC, 1980.p. 82.

³⁶² PIAZZA, Walter (Org.). *Dicionário político catarinense*. Florianópolis: edição da Assembléia legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985. p. 358.

³⁶³ PIAZZA, (Org.). *Dicionário político catarinense...* p. 360.

³⁶⁴ Sobre a representação política do Vale do Itajaí na Assembléia Legislativa ver: PIAZZA (Org.), *Dicionário político catarinense...* 1985; e CABRAL, Oswaldo R. *Breve Notícia Sobre o Poder Legislativo de Santa Catarina: Suas Legislaturas e Seus Legisladores 1835 a 1974*. 3 ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

³⁶⁵ BARRETO, Cristiane. *Entre laços e nós: formação e atuação das elites no Vale do Itajaí (1889-1930)*. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Dissertação de Mestrado em História. A autora faz uma análise dos laços existentes entre algumas famílias do Vale do Itajaí.

historiadora Méri Frotcher demonstra em sua tese, que através da política, barganhava-se em favor dos interesses privados. Ao analisar algumas biografias de pessoas que detinham liderança em Blumenau e no Vale do Itajaí, como Pedro Christiano Feddersen³⁶⁶, Curt Hering³⁶⁷ e Gustav Artur Koehler³⁶⁸, percebe que “não somente às ligações entre a esfera pública e privada, como também a convertibilidade de capitais, no sentido formulado por Pierre Bourdieu”.³⁶⁹ A forte influência de políticos do Vale do Itajaí na política estadual ficou ainda maior, sobretudo no final da Primeira República, quando “Pedro Christiano Feddersen, juntamente com o também comerciante Marcos Konder (pai de Adolfo), elaboraram, juntos, o programa financeiro do governo estadual de Adolfo Konder (1926-1930)”.³⁷⁰ Rapidamente mostrou-se a força política dos imigrantes e seus descendentes estabelecidos no Vale do Itajaí durante a Primeira República, tanto em âmbito local como regional. Por outro lado, como se viu no Sul Catarinense, os imigrantes e seus descendentes enfrentavam uma situação longe de se dizer promissora ou próxima dos seus “irmãos” do Vale e Norte. Essas comparações apontaram para diferentes formas de como os imigrantes europeus e seus descendentes foram se inserindo sócio-econômico e politicamente

³⁶⁶ Christiano Pedro Feddersen era proprietário de uma das principais casas comerciais de Blumenau, a Companhia Salinger S. A, com diversas filiais no interior do município, articulador de interesses para construir a Estrada de Ferro Santa Catarina e sócio na construção de uma usina elétrica. Na política foi presidente do Conselho Municipal de Blumenau por duas vezes e deputado estadual por sete vezes. Também se destacou como membro e integrante de diversas entidades de caráter esportivo e cultural de Blumenau.

³⁶⁷ Curt Hering, industrial proprietário da Companhia Hering, a maior indústria têxtil de Blumenau. Foi Conselheiro Municipal e Superintendente Municipal por duas vezes. Membro da Sociedade Teatral e Musical Frohsinn e da Associação Escolar da “escola alemã” de Blumenau.

³⁶⁸ Gustav Artur Koehler, proprietário do jornal *Urwaldsbote* em língua alemã com a maior tiragem no estado. Embora não exercesse cargo político, exercia grande influência na esfera pública. Koehler mantinha estreitas relações com os irmãos Konder do PRC, o *Urwaldsbote* representava os interesses destes políticos. Era também membro de diversas entidades esportivas e culturais de Blumenau e do Vale do Itajaí: Sociedade de Ginástica de Blumenau, Liga de Clube de Ginástica do Vale do Itajaí, Clube de Atiradores...

³⁶⁹ FROTCHER, *Da Celebração da Etnicidade Teuto-Brasileira à Afirmação da Brasilidade...*, p. 41.

³⁷⁰ Idem, p. 43.

em Santa Catarina, e de forma particular no Sul Catarinense. Mesmo depois da década de 1920, quando os ramais da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina já haviam chegado a Criciúma, Urussanga e também em Araranguá era possível encontrar notícias nos jornais locais apontando ainda para dificuldades dos núcleos coloniais principalmente no que tange às estradas para o escoamento dos produtos. Com a matéria intitulada “Um Alvitre” o jornal *O Mineiro*, de Criciúma, se dirigia ao superintendente municipal, o Senhor Marcos Rovaris, salientando a importância da abertura de estradas para o progresso do município que havia sido criado recentemente. O articulista do jornal, ao referir-se aos núcleos coloniais, perguntava “o que nos adianta saber que localidades próximas como São Bento, Forquilha, Sangão e tantas outras produzem anualmente enormes quantidades de gêneros da nossa agricultura e sentem-se peiadas pela falta de transporte, que rapidamente, conduzam a essa sede para dali serem destinados aos portos de saída como Laguna e Imbituba”?³⁷¹ Seguindo na mesma linha, o jornal *O Correio*, de Orleans, exaltava a construção da rodovia Laguna-Tubarão que ligaria os municípios do Sul. O referido periódico enfatizava que o “Sul precisa despertar dessa lethargia, o nosso progresso é muito moroso e não está de acordo com a época que atravessamos”.³⁷² Nesta época, os jornais ainda faziam comparações entre as regiões. No jornal *O Direito* de Orleans, as cidades do Vale do Itajaí e do Norte eram exaltadas como “verdadeiras colméias de trabalho, onde a riqueza particular é invejavelmente vultuosa”.³⁷³ Argumentava que o progresso dessas regiões se justificava, pois receberam as melhores estradas de ferro

³⁷¹ *O Mineiro*. Criciúma, 15 de abril de 1926. Ano I, n. 8.

³⁷² *O Correio*. Orleans, 29 de janeiro de 1928. Ano I, n. 20. Os periódicos *A Paz* e *Cidade* enfatizavam também a importância da construção de estradas para o progresso da região.

³⁷³ *O Direito* 1 de maio de 1927. Ano II, n. 50.

e de rodagem. “Enquanto o Norte prosperava, o Sul estacionava lamentavelmente por falta unicamente de estradas”.³⁷⁴ Contudo, não deixava de enaltecer a construção do ramal da estrada de ferro Tubarão-Criciúma-Araranguá que estava trazendo o progresso para a região. Mesmo ainda fazendo comparações com outras regiões e apontado para as dificuldades no que tange as estradas vicinais e rodovias para o escoamento da produção, observa-se nos periódicos da década de 1920 a mudança deste discurso. Um outro discurso vai tomando forma, a idéia de progresso para a região passava a ser exaltada constantemente nos periódicos. Certamente, a exploração do carvão, a partir da Primeira Guerra Mundial, a construção de vários ramais da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina na região, os investimentos de capitais privados procedentes de outros estados e até estatais foram decisivos para o florescimento deste discurso. Aos olhos destes jornais, ecos do progresso³⁷⁵ estavam soprando para o Sul Catarinense e com ele trabalho, desenvolvimento e acumulação de riqueza.³⁷⁶ Outras comparações ainda podem ser feitas quando se observa o número de núcleos coloniais emancipados nas regiões do Vale do Itajaí, Norte e o Sul Catarinense. Enquanto no Vale do Itajaí e no Norte do estado, na década de 1930, estavam situadas os dois maiores e mais ricos municípios do estado, Blumenau e Joinville, e um número bastante grande de outros municípios, no Sul Catarinense somente os núcleos coloniais de Urussanga, Orleans e Criciúma haviam conseguido sua autonomia político-administrativa na região. Esse é mais um dado que contribui

³⁷⁴ Idem.

³⁷⁵ O conceito de progresso pode ser encontrado em LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996, p. 233-281.

³⁷⁶ Sobre a exploração do carvão e a ferrovia abrindo perspectivas para o desenvolvimento do Sul Catarinense ver: NASCIMENTO. *As curvas do trem...*, p. 29 a 33. *Albor*, Laguna 8 de julho de 1917 e 16 de fevereiro de 1919.

para explicar o quanto foi difícil à inserção sócio-econômica-política dos imigrantes europeus e seus descendentes no Sul Catarinense.

Urussanga, Orleans e Criciúma: as relações de poder nos núcleos coloniais

Quando o Integralismo começou a ser organizado no Sul Catarinense, havia somente três núcleos coloniais emancipados na região: Urussanga (1900), Orleans (1913) e Criciúma (1925). A partir deste dado, pode-se levantar algumas questões: por que somente três núcleos coloniais estavam emancipados em plena década de 1930? Os outros núcleos não tiveram articulação suficiente para tal? As elites dos centros urbanos de Laguna, Tubarão e Araranguá não queriam o desmembramento? Urussanga, Orleans e Criciúma tinham uma melhor condição sócio-econômico-política? Para a compreensão dessas questões, é necessário abordar a constituição destes núcleos, suas formas de organização econômica, política e social, a emancipação bem como as disputas de poder local e regional.

O processo de emancipação político-administrativo dos municípios de Urussanga, Orleans e Criciúma foi cercado por tensões e interesses que envolveram as forças políticas tanto em âmbito local quanto estadual. Elucidar esse processo é um dos caminhos possíveis para compreensão da experiência dos imigrantes e seus descendentes na disputa direta com as elites estabelecidas nos centros urbanos de Laguna, Tubarão e Araranguá. Pode-se inferir que o desmembramento significou uma ruptura com as elites detentoras do controle econômico e político da região.

Urussanga, o primeiro núcleo colonial a se emancipar de Tubarão em 1900, como vimos, foi formado a partir de 1878 com a chegada dos imigrantes italianos, na

sua maioria procedentes do Vêneto, região situada ao norte da Itália.³⁷⁷ Urussanga configurou-se no único município de Santa Catarina com população eminentemente de italianos, contando no início do século XX com 7.145 habitantes, dos quais 7.000 eram italianos. Seu território chegou a ter 17 núcleos coloniais.³⁷⁸ Não se diferenciando dos outros núcleos coloniais do Sul Catarinense, os colonos de Urussanga desde os primeiros dias de sua chegada enfrentaram muitas dificuldades. Essas dificuldades foram narradas por um colono que imigrou para Urussanga, e explicitam também as experiências vivenciadas por praticamente todos os colonos que imigraram para a região.

Chegamos no Desterro no dia dois de maio de 1878, depois de 29 dias de travessia. Ali nos alojaram por alguns dias na Casa de Imigração, e, em seguida, aos poucos, nos enviaram em iate à cidade de Laguna. De Laguna nos fizeram subir o rio por cerca de 40 quilômetros, isto é, à Vila de Tubarão, que então era formada por uma dúzia de ranchos.³⁷⁹

Para o colono, o calvário começaria quando de Tubarão seguiram para Urussanga.

Para chegar aos lotes que nos haviam destinado, a 50 quilômetros de distância, empregamos três dias. Nada de estradas, nada de carros, nada de cavalgadas. Caminhava-se a pé, cada um seguido pela própria familiazinha, com fardos sobre as costas, procurando, da melhor maneira, abrir-nos estrada através da floresta. À noite tentava-se dormir, em barracas cobertas de folhas secas. Depois de três dias de contínuas fadigas chegamos ao destino. Abria-se-nos o coração à esperança, pensando que teríamos uma casa, uma roça, animais. Em vez, nada. Amontoaram-nos num barracão e nos disseram: “E agora é com vocês! Tereis as ferramentas para o trabalho e a alimentação. Amanhã vos serão indicados vossos lotes”. Os nossos lotes! Não víamos mais que céu e floresta, e jamais nos sentimos tão abandonados e tão sós como então. Muitos de nós choraram. Todos queriam voltar em massa. Depois chegamos a decisões mais conciliatórias.³⁸⁰

A narrativa aponta para as dificuldades iniciais, a falta de infra-estrutura dos núcleos coloniais para receber os colonos, o abandono das autoridades

³⁷⁷ BALDIN, *Tão fortes quando a vontade, história da imigração italiana no...*, p. 23.

³⁷⁸ TRENTO, *Do outro lado do atlântico...*, p. 86; DALL'ALBA, *Imigração italiana em...*, p. 171.

³⁷⁹ DALL'ALBA, *Imigração italiana em...*, p.157-158.

³⁸⁰ Idem, p. 158.

governamentais, o isolamento, a falta de estradas; esses dois últimos perdurariam até a década de 1920. De todo modo, uma vez instalados nos lotes, os colonos iniciaram a derrubada da floresta e o preparo da terra para o plantio. Produziam o necessário para a subsistência e o excedente era destinado à comercialização. Com os recursos auferidos com a comercialização dos produtos (quando vendiam), procuravam investir em instrumentos de trabalho, vestuário para família, a melhoria da casa, a compra de uma vaca de leite ou até um cavalo para o transporte.³⁸¹

Contudo, mesmo melhorando a condição sócio-econômica em relação à vida que levavam na Itália, o cotidiano nas colônias era muito difícil. Se de um lado a produção da colônia (milho, arroz, feijão, aguardente, vinho, leite queijo e outro), enfrentava problemas como as estradas, o transporte e os intermediários, o que acabava encarecendo o preço final dos produtos, por outro, utensílios de casa, sal, tecidos, ferramentas de trabalho e até mesmo pregos e uma simples agulha de costura eram vendidos na colônia com o preço acima de seus valores reais.³⁸² Mesmo diante das adversidades, Urussanga, no início do século XX, “tornou-se o centro comercial de toda a zona de colonização italiana, superando mesmo as primeiras colônias como Azambuja, Pedras Grandes, Canela Grande e Armazém”.³⁸³ Superou também todos os núcleos coloniais até então instalados na região.³⁸⁴

³⁸¹ BALDIN, *Tão fortes quando a vontade, história da imigração italiana no...*, p. 82.

³⁸² MARZANO, *Colonos e missionários italianos na...*, p. 182. As distâncias, a falta de estradas dificultava o escoamento dos produtos coloniais. De Urussanga ao porto de Laguna a distância era de 85Km, de Criciúma 110km, de Nova Veneza 112km. Essas distâncias ficavam ainda maiores quando se tratava dos núcleos de Turvo, Meleiro, estabelecidos no extremo sul do Vale do Araranguá. DALL'ALBA, *Imigração italiana em...*, p.159.

³⁸³ BALDIN, *Tão fortes quando a vontade, história da imigração italiana no...*, p. 88.

³⁸⁴ Relação de núcleos coloniais estabelecidos na região: Azambuja, Cocal, Criciúma, Nova Veneza, Nova Belluno, Nova Treviso, Jordão, Palermo, Belvedere, Treze de Maio, Orleans, Lauro Müller, Pindotiba, Rancho dos Bugres, Turvo, Meleiro.; DALL'ALBA. *Imigração italiana em...*, p. 159. BALDIN, *Tão fortes quando a vontade, história da imigração italiana no...*, p 88.

Exemplo da importância econômica de Urussanga pode ser atestado através da descrição do italiano Alfredo Cusano, que entre os anos de 1904 e 1906 viveu na região. Segundo Cusano, havia em Urussanga 19 casas comerciais, sendo que 10 delas giravam um capital em torno de 40 até 100 mil liras, equivalentes mais ou menos, na época, à quantia de 2:000\$000 a 2:500\$000 réis. Essas pertenciam a Lucas Bez Batti, que era o superintendente municipal, Giovanni de Pellegrin, Luigia Michele, Ferdinando Burigo, Antonio Cechinel, Arcângelo Bianchini, Pietro Bez Batti, Lucia Damian, Giacinto De Brida e Vincenzo De Villa.³⁸⁵

Cusano comparou o crescimento de Urussanga com as colônias de Criciúma e Nova Veneza, demonstrando diferenças no que tange ao número de estabelecimentos comerciais, bem como o capital de giro empregado:

Em Criciúma as casas comerciais são em número de 7, sendo que conheço os proprietários de 4 delas: os senhores Pedro Benedet, Marcos Rovaris, Federico Minatto e Antonio De Luca, os quais têm juntos, um capital entre 25 a 40 mil liras (o que equivaleria à época, mais ou menos 1:000\$000 a 1:500\$000 réis). E em Nova Veneza, estão os irmãos Bortoluzzi com um capital de mais de 60 mil liras e Luigi Trippa, G. B. Crivanzi e Giuseppe Canella que têm, juntos, cerca de 20 mil liras.³⁸⁶

Além de demonstrar o maior crescimento de Urussanga em relação às outras colônias, crescimento este que vinha ocorrendo mesmo antes de a colônia atingir a sua emancipação político administrativa, pode-se inferir, ainda, ao observar os nomes dos comerciantes de Urussanga, Criciúma e Nova Veneza, a ascensão de uma elite representada por imigrantes e seus descendentes. Estes exercerão influência no cenário sócio-econômico-político nas áreas de colonização italiana da região durante quase toda a Primeira República. Basta dizer que em Urussanga Giacinto De Brida foi o

³⁸⁵ Idem, p. 88.

³⁸⁶ Idem, p. 89.

primeiro superintendente municipal e principal liderança no processo de emancipação. Posteriormente, é eleito Lucas Bez Batti e assumiria em outubro de 1903, permanecendo à frente do executivo até 1916.³⁸⁷ Em Nova Veneza, os Bortoluzzi eram vinculados ao grupo fascista da colônia³⁸⁸, e em Criciúma Pedro Benedet, Marcos Rovaris e Federico Minatto estiveram à frente do movimento de emancipação política da colônia.³⁸⁹ De todo modo mesmo diferenciando-se das outras colônias, os colonos de Urussanga enfrentavam sérios problemas sócio-econômicos devido ao isolamento geográfico pela falta de estradas para o escoamento da produção agrícola.

Foi neste contexto que em 1899 a elite local articulou um movimento em prol da emancipação política, pois, desde 1891, já era distrito pertencente ao município de Tubarão. Usando de sua força eleitoral, que na época contava com 900 votos, em julho de 1899 era encaminhada uma petição à Assembléia dos deputados solicitando a emancipação. Dentre os argumentos estavam os pesados impostos cobrados da colônia: em dois anos foram recolhidos pelo município de Tubarão 25 contos de réis sem retorno algum para o Distrito; o desinteresse por parte dos municípios de Tubarão e Araranguá; número de habitantes acima de cinco mil pessoas, que era o mínimo exigido pela lei estadual; economia em condições de manter o futuro município; falta de escolas para as crianças e estradas para escoar a produção.³⁹⁰ Mesmo considerando a reivindicação plausível, os deputados não atenderam à solicitação. E por quê? Indícios levam a crer que a elite luso-brasileira de Tubarão não queria perder o domínio sobre a

³⁸⁷ MARQUES, *História de...*, p. 147 e 151.

³⁸⁸ BORTOLOTTI, Zulmar. *História de Nova Veneza*. Prefeitura Municipal de Nova Veneza, 1992.

³⁸⁹ NASPOLINI FILHO, Archimedes. *Criciúma 70 anos: 1925/1995: ensaio para sua história político administrativa*. 4^o ed. Atual. Criciúma: editora do autor, 1995. NASCIMENTO, Dorval. *Formação Histórica de Criciúma (1880-1930): a elite Dominante e a Formação da cidade*. Criciúma: UNESC, 1993. Monografia de especialização em História. MILANEZ, *Fundamentos históricos de...*

³⁹⁰ MARZANO, *Colonos e missionários italianos na...*, p. 168. MARQUES, *História de...*, p. 148.

colônia, pois, como se viu, isso significava perder o domínio político de um contingente eleitoral representativo, a indicação de nomes para cargos públicos além dos impostos que não mais seriam recolhidos. Esse temor da emancipação do Distrito pode ser percebido nos episódios ocorridos em 1898, quando um grupo de aproximadamente 150 colonos se dirigiu para Tubarão a fim de obterem seus títulos de eleitores. Entretanto, somente 18 conseguiram ser aceitos e inscritos no rol dos eleitores, ao restante foi negado o direito ao título. Inconformados, os colonos se dirigiram para Araranguá conseguindo a inscrição de 130, totalizando então 148 títulos de eleitor.³⁹¹ Nesta época, havia dúvidas quanto aos limites dos municípios de Tubarão e Araranguá. Esses dois municípios disputavam o domínio sobre Urussanga. Araranguá pleiteava dois terços do território de Urussanga, enquanto Tubarão pretendia, além de Urussanga, mais 20 km seguindo para Criciúma.³⁹² Vêem-se aqui as disputas entre as elites de Tubarão e Araranguá pelo controle dos territórios onde estavam assentadas as colônias. Tanto Tubarão quanto Araranguá queriam o domínio político e econômico sobre as áreas de imigração. A negativa dos deputados ao pedido da emancipação provocou revolta na população de Urussanga que, orientada pelo padre Luigi Marzano e pelo Cônsul Gherardo Pio di Savóia, usou a estratégia de esperar novas eleições, e que chegar “recusaram-se todos ao exercício do voto, deixando em pânico os políticos do governo”.³⁹³ Assim, a fim de resolver o impasse, o governo, através de decreto, aprovou a nova petição encaminhada pelos colonos, criando a 6 de outubro de 1900 o

³⁹¹ MARZANO, *Colonos e missionários italianos na...*, p. 92

³⁹² MARQUES, *História de...*, p. 145-146; OTTO, *Catolicidades e Italianidades...*, p. 196.

³⁹³ MARQUES, *História de...*, p. 148.

município de Urussanga.³⁹⁴ Ainda sobre o processo de emancipação, o jornal *La Pátria* escreveu:

O município de Urussanga vive e viverá de vida verdadeira e gloriosa, porque nasceu forte, porque sua emancipação deve-se à luta firme e constante de muitos anos e porque no seu seio guarda energias inexauríveis que o sol da ciência fará germinar. Ele, por isso, compara-se à tenra plantinha, cujo desenvolvimento por muito tempo foi ofuscado pelas ervas malignas: agora que as ervas foram extirpadas e que a luz o inunda com seus benéficos raios e o ar com sopro vivificante, desenvolver-se-á rapidamente e a sua estirpe vigorosa resistirá aos danos do tempo e às vicissitudes atmosféricas.³⁹⁵

O texto demonstra que o processo de emancipação deu-se em meio a tensões. Contudo, ao dizer que com a emancipação as ervas malignas teriam sido extirpadas, não explicitava quem eram elas. Ao que parece, o proprietário do jornal, Caruso MacDonald, que exerceu influência sócio-econômica-política em Urussanga, ao longo de toda a Primeira República, “deixa de elencar em seu jornal uma série de fatos concernentes à esfera pública do município”.³⁹⁶

Logo após a emancipação, a disputa política deu-se entre os membros da elite local, que se tornaram elegíveis para os cargos públicos. Esta disputa pelo poder local é pensada a partir das relações de poder: são alianças, acordos, tensões e confrontos na disputa das elites pelo poder político. A partir da instalação do município, surgiram facções das elites locais que almejavam ser o porta-voz dos colonos. Comerciantes, padres e cônsules disputaram o monopólio político e cultural no município durante toda a Primeira República.³⁹⁷ No que tange ao aspecto econômico, a emancipação não trouxera grandes mudanças para o município, essas

³⁹⁴ Através do decreto n.º 474 o governador Felipe Schmidt criava o município de Urussanga, e nomeava para Superintendente Jacintho de Brida e para o Conselho Municipal Lucas Bez Batti.

³⁹⁵ *La Pátria*. Urussanga 7 de julho de 1901, n. 7. p. 1.

³⁹⁶ OTTO, *Catolicidades e Italianidades...*, p.198.

³⁹⁷ Sobre essas tensões ver: OTTO, *Catolicidades e Italianidades...*

começaram a ser sentidas a partir da década de 1920, com a exploração do carvão e a construção do ramal da ferrovia Tereza Cristina até Urussanga.

Quanto a Orleans, pode-se dizer que sua fundação estava diretamente vinculada à descoberta do carvão, à construção da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina e à criação da Colônia Grão Pará.³⁹⁸ Seu povoamento ocorreu com elementos de diversas nacionalidades. Entretanto, diferenciando-se de outras colônias que foram formados a partir de imigrantes europeus, em Orleans, principalmente sua sede, foi ocupada inicialmente por população nacional.

Orleans surgiu com nítida predominância do elemento nativo, de origem portuguesa ou açoriana. Comerciantes de Laguna e Tubarão é que compuseram a estrutura social do centro administrativo da colônia. De lá também vieram os caixeiros, os empregados, os operários das fabricas de banha, os funcionários da estrada de ferro.³⁹⁹

Dentre os primeiros povoadores, os primeiros compradores de terras, os comerciantes estavam os membros das famílias Pinho, Cabral, Teixeira, Cunha Costa, Pacheco, Cascaes. Todos, como se pode observar, eram luso-brasileiros e açorianos.⁴⁰⁰ Já os imigrantes europeus, italianos, alemães, poloneses, letos, foram ocupando o interior de Orleans a partir de 1883. Neste contexto, as manifestações culturais na sede

³⁹⁸ Havia no território que formou Orleans desde 1771, apenas um caminho de tropeiros que ligava Laguna a Lages. O carvão foi descoberto inicialmente à beira deste caminho. Em 1861, o Visconde de Barbacena obteve a permissão do governo imperial para explorar o mineral, e em 1880 era dado início à construção da Ferrovia. Nesta época, em 1882, era também implantada a Colônia Grão Pará, que fazia parte do patrimônio de terras concedido pelo imperador D. Pedro II a Alteza imperial Dona Tereza Cristina pelo casamento com o Conde d'Eu. Faziam parte do Patrimônio dotal os atuais municípios de Orleans, Grão Pará, Rio Fortuna, Santa Rosa, parte de Armazém, Braço do Norte, São Ludgero e Lauro Müller. Oficialmente, a fundação da Vila de Orleans teria ocorrido quando da visita do Conde d'Eu às suas terras e à ferrovia; este "denominou a estação localizada no Km 95, de Orleans, em homenagem à sua família". *Orleans em dados edição comemorativa dos 100 anos*. Imprensa Oficial de Santa Catarina, 1984, p. 24. DALL'ALBA. *Colonos e mineiros no grande Orleans*. Florianópolis: Ed. do autor, 1986. LONTTIN, Jucely. *Orleans 2000: história e desenvolvimento*. Florianópolis: Elbert, 1998. MARTINS, Valmir. *A contribuição do imigrante para o desenvolvimento das relações capitalistas de produção no Sul do estado de Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 1979, Dissertação de mestrado em história.

³⁹⁹ DALL'ALBA, Colonos e mineiros..., p. 403.

⁴⁰⁰ DALL'ALBA, *Pioneiros nas terras...*, p. 156.

da colônia eram “típicas do folclore açoriano-português: danças, retretas de banda, carnaval, boi-de-mamão, bandeira do divino, cantorias de reis, desafios de trova, barraquinhas das festas”.⁴⁰¹ Todos os jornais ali criados eram redigidos e publicados em língua nacional. Não havia nenhum jornal voltado para os imigrantes como, por exemplo, ocorria na colônia de Urussanga.

Orleans, inicialmente experimentou um surto de prosperidade impulsionado pela descoberta do carvão, a ferrovia e a colônia Grão Pará; esta última, que, por ser da futura Imperatriz, detinha maior status entre as outras colônias. Rapidamente, são abertas várias casas de comércio, intensifica-se o movimento de cargueiros e carros de bois da colônia com os tropeiros do planalto serrano. “A colônia entrou em franco progresso, exportava madeira, milho, feijão, açúcar e cachaça. Já em 1888 iniciou a exportação de banha e carne salgada”.⁴⁰²

Essa prosperidade inicial sofrerá os seus primeiros reveses ainda no final do século XIX. Em primeiro lugar, porque a exploração do carvão não alcançara o sucesso desejado, em segundo, a proclamação da República provocaria a venda da colônia para a Empresa Industrial e Colonizadora do Brasil, em terceiro, a revolução federalista, pondo fim à imigração para Santa Catarina, e, por último, já no período da Primeira Guerra Mundial, quando as minas de carvão eram novamente reabertas, Orleans perderia a condição de entreposto comercial entre as colônias e a serra para Lauro Müller. Além dessas dificuldades, acrescenta-se ainda o grande problema não só de

⁴⁰¹ DALL'ALBA, *Colonos e mineiros no...*, p. 403.

⁴⁰² Idem, p. 395. Ainda neste ano deixava de ser colônia para tornar-se distrito de Tubarão, condição que só poucas colônias conseguiram em tão pouco tempo.

Orleans, mais de todo o Sul Catarinense: o isolamento das colônias pela falta de vias de comunicação.⁴⁰³

Todo o Sul Catarinense é uma ilha com comunicações precaríssimas, tanto para o mar como por terra, tanto para a serra, como para o Rio Grande, como para o lado da Capital. Está isolado. Tem um povo trabalhador, que encheu a colônia de pequenas indústrias: fábricas de banha, ferrarias, serrarias, engenhos de farinha, engenhos de cana, alambiques, monjolos, olarias, atafonas etc. Mas não tem estradas. Produz e não pode vender, ou vende mal.⁴⁰⁴

No que tange à política, esta fora controlada também até a década de 1930 pelos luso-brasileiros. Foi somente em 1934 que um descendente de imigrante europeu assumiu a Superintendência do município (Luiz Pizzolatti). Isso não quer dizer que estivessem afastados das disputas pelos espaços de poder no município antes da década de 30. Muito pelo contrário, ao longo das décadas de 10 e 20, os imigrantes e seus descendentes participaram ativamente das tensas disputas pelo poder local que envolveram também os interesses políticos em âmbito estadual.

Para tornar inteligíveis essas tensões, evoca-se também o processo de emancipação política do distrito de Orleans. Distrito pertencente a Tubarão, Orleans tornou-se município em 1913 por força de um decreto do então governador Vidal Ramos, contrariando os interesses das forças políticas de Tubarão que não queriam o desmembramento. Vê-se que a emancipação envolveu os interesses das forças políticas locais, regionais e estaduais e posteriormente voltariam a provocar tensões quando da chegada de Hercílio Luz ao governo do estado em 1918. Hercílio Luz, que pertencia ao coronelismo urbano-mercantil, tornou-se ferrenho oponente da família

⁴⁰³ *Orleans em Dados...*

⁴⁰⁴ DALL'ALBA, *Colonos e mineiros no...*, p. 398.

Ramos, pertencente ao coronelismo urbano-pecuário.⁴⁰⁵ Orleans, que havia sido elevada à condição de município pelos Ramos, por não se alinhar com os novos detentores do poder em nível estadual sofreu a intervenção direta do grupo liderado por Hercílio Luz. Nem Tubarão, nem o governo estadual viam com bons olhos um superintendente que estivesse do lado da ala do Partido Republicano vinculada ao jornal *O Dia*, ou seja, a oligarquia dos Ramos, que, desde o desmembramento de Orleans encontrava ali um ponto de apoio político.⁴⁰⁶ Certamente preocupado com o cenário político Sul Catarinense dada a crescente importância política e econômica de Tubarão, que vinha se configurando na maior cidade da região, e era controlada pela família Colaço⁴⁰⁷, que mantinha também estreitos laços com “a oligarquia representada por Hercílio Luz porque a filha deste era casada com Joe Colaço”⁴⁰⁸, o governador Vidal Ramos não exitou em aprovar a criação do município de Orleans. Ao elevar o distrito de Orleans à condição de município, a oligarquia dos Ramos ao mesmo tempo atacava os Colaço de Tubarão e indiretamente Hercílio Luz. Ademais, Vidal Ramos, ao emancipar Orleans, estava conseguindo criar um centro de apoio em uma região marcada pela presença de um contingente considerável de imigrantes, “que, adquirindo autonomia administrativa, poderiam definir melhor os rumos da região e fornecer-lhe bases políticas significativas”.⁴⁰⁹ As tensões na política em Orleans viriam acontecer a partir de 1921, quando Galdino Guedes, eleito superintendente municipal, foi obrigado a

⁴⁰⁵ CORRÊA, Carlos Humberto. *Um estado entre duas repúblicas: a revolução de 30 e a política de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed: da UFSC, 1984. Sobre o conceito de coronelismo ver: CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

⁴⁰⁶ SILVA, Manoel Elias da. Orleans já teve um tempo perigoso: ethos político em área de imigração no Sul de Santa Catarina na Velha República. *Tempos acadêmicos*. N. 2, 2004, Criciúma: UNESC, 2004, p. 137.

⁴⁰⁷ ZUMBLICK, *Este meu tubarão...*, 1974, p. 140.

⁴⁰⁸ SILVA, *Orlenas já teve um tempo perigoso...*, p. 132.

⁴⁰⁹ Idem, p. 132. No ato de implantação do município se fizeram presentes, além do governador Vidal Ramos, o deputado estadual Acácio Moreira, de Tubarão, que fazia oposição aos Colaço.

renunciar após sofrer por um período de mais de um ano pressão do governador Hercílio Luz e de seu genro, Joe Colaço. Galdino Guedes renunciaria somente em 1921, sendo a Superintendência municipal assumida por Evaristo de Souza Nunes após a realização de eleições fraudulentas.⁴¹⁰ A administração de Evaristo Nunes foi marcada por uma sucessão de abusos, não só pela cobrança de altos impostos, as pesadas contribuições, mas também pelas “violências contra o indivíduo e contra a propriedade, pilhagens à luz do dia, freqüentes agressões por parte da policia, um cortejo, enfim, de atentados e crimes, tudo foi se consumando, com desfaçatez e com perversidade”.⁴¹¹ Isso provocou uma revolta dos colonos em 1923. Esses saíram dos núcleos coloniais e se dirigiram até a prefeitura com armas em punho e depuseram o superintendente Evaristo Nunes e o delegado de polícia e ao mesmo tempo empossaram na Superintendência Galdino Guedes. Os colonos não tiveram tempo de comemorar a vitória, pois, rapidamente, Evaristo Nunes telegrafou ao governador Hercílio Luz relatando o acontecido, que prontamente enviou tropas para Orleans sufocando a revolta. Foram presos mais de cem colonos e, cercados em um quadrado formado por policiais, todos passaram pela palmatória.⁴¹² Essas tensões ocorridas ao longo das décadas de 10 e 20 serviram para demonstrar que tanto os imigrantes e seus descendentes, sejam eles italianos ou alemães, quanto os luso-brasileiros estabelecidos em Orleans passaram a negar com veemência o domínio das elites de Tubarão.

⁴¹⁰ OLIVEIRA, João de; BARRETO, Alexandre. *O Dictador Catarinense*. Tubarão: A Imprensa, 1924. A família dos Nunes havia chegado em Orleans há pouco tempo e estava sendo apoiada pelo governador Hercílio Luz e os Colaços.

⁴¹¹ Idem, p. 28.

⁴¹² Sobre essa revolta ver: SILVA, *A Palmatória.*; DALL'ALBA, *Colonos e mineiros no...*

O último núcleo colonial a emancipar-se no Sul Catarinense antes do surgimento do Integralismo na região foi Criciúma. Este dado pode ser um indício de que os núcleos coloniais estabelecidos na região não haviam alcançado um nível de força econômica e política suficiente para articularem sua emancipação. Corrobora o exposto o fato de que no Vale do Araranguá os núcleos coloniais como Nova Veneza, Turvo, Meleiro e Jacinto Machado e no Vale do Tubarão, os núcleos de Braço do Norte, São Ludgero, Gravatal, Grão Pará e outros, só conseguiram sua emancipação a partir do final da década de 1940. Isso não quer dizer que o Integralismo não foi organizado nesses núcleos coloniais. Muito pelo contrário. Por exemplo, em Turvo, estava um dos núcleos integralistas mais organizados do município de Araranguá, e em Tubarão o Núcleo Integralista de São Ludgero

O que houve bem forte de organização foi o Integralismo. Reinaldo Schilickmann e João Bruning foram os dirigentes. Vieram o Lulu Medeiros e o general Vieira da Rosa organizar. Todo o domingo havia reunião. Todos fardados. Camisa verde, galões com estrelas, calça branca ou preta, fita no braço com o característico sigma. Havia chamada, vez por vez. Alguém fazia uma conferência sobre os três grandes temas: Deus, Pátria, Família. Nossa saudação era com o braço levantado bem alto dizendo: 'anauê', nosso grito de união. Hino Nacional na entrada e na saída... Em São Ludgero mais de 80% da população aderira. São Ludgero era o centro regional. Outro núcleo era em Rio Pinheiros e um pequeno em São José. Foi nessa escola que aprendemos a falar em público, a fazer reuniões, trabalhar na política.⁴¹³

A citação sugere que mesmo com uma certa dose de exagero o Integralismo estava organizado com núcleos e sub-núcleos em São Ludgero, Rio Pinheiros e São José, núcleos coloniais que foram ocupados principalmente por imigrantes alemães e italianos. Ao que parece, foi a partir da estruturação do núcleo de São Ludgero que o Integralismo foi sendo difundido para outros núcleos

⁴¹³ DALL'ALBA, João Leonir. *O vale do Braço do Norte*. Orleans: Edição do autor, 1973, p. 159.

coloniais. A citação ainda sugere que esses núcleos coloniais estavam situados em um espaço estritamente ruralizado e teriam sido os luso-brasileiros dos centros urbanos os responsáveis pela criação do núcleo de São Ludgero. Criado o núcleo, os descendentes de imigrantes europeus assumem a organização e difusão do Integralismo para as comunidades adjacentes. Pode-se ainda inferir que para muitos imigrantes e seus descendentes foi através do Integralismo que tiveram a primeira experiência de discussão e participação na política partidária local.

Em relação ao processo de emancipação político-administrativa de Criciúma, esse também fora marcado por disputas envolvendo os interesses das elites luso-brasileiras que dominavam politicamente todo o Vale do Araranguá e um grupo de comerciantes formado por algumas famílias de imigrantes italianos e alemães e seus descendentes que haviam ascendido economicamente, e que pretendiam assumir as rédeas do controle político.

O processo de emancipação foi uma articulação política da elite de comerciantes que vinha se configurando desde a década de 1910. Em Criciúma, nesta época “o comerciante torna-se o representante político dos moradores da vila.”⁴¹⁴ Posto isso, para tornar inteligível esse processo, é imperativo levantar algumas questões. Como se deu a formação da elite de comerciantes de Criciúma? Ela foi se diferenciando dos colonos agricultores? Havia tensões entre esses comerciantes? Até a emancipação, como eram as relações desses comerciantes com a elite luso-brasileira? Cabe ainda ressaltar o surgimento de um novo ingrediente na economia de Criciúma, a exploração do carvão a partir da Primeira Guerra Mundial, dando uma nova configuração não só para Criciúma como também

⁴¹⁴ TEIXEIRA, *Os donos da...*, p. 109.

para todo o Sul Catarinense, principalmente na década de 1930 e acentuadamente na Segunda Guerra Mundial. De todo modo, antes de abordar as questões elencadas acima, cabe ressaltar que via de regra na historiografia de Criciúma é possível encontrar duas matrizes que comumente aparecem na construção do discurso histórico sobre este município: a primeira, centrada no viés étnico (1880-1930), esta procura fazer uma apologia à ação e ao pioneirismo dos imigrantes europeus italianos seguidos dos alemães e poloneses, evidenciando as origens de Criciúma.⁴¹⁵ Já na segunda, a chamada ideologia da mineração (1930-1980) pautou-se em demonstrar como a história do município foi sendo construída em torno da mineração. Esta pode ser percebida nos nomes das minas, nos bairros, nos clubes de futebol associados à mineração. Há também monumentos em homenagem ao mineiro, à festa de Santa Bárbara, protetora dos mineiros, o hino da cidade exalta o carvão como seu berço e o progresso, que através dele certamente viria.⁴¹⁶ Para a compreensão de como foi se formando uma elite de comerciantes, reporta-se mais uma vez ao relatório do Cônsul italiano Gherardo Pio de Sávoia. Para o Cônsul, que esteve nas colônias do Sul Catarinense no início do século XX, dos colonos que conseguiram pagar os seus lotes os que se encontravam “em melhor situação econômica são os que os revenderam ou alugaram, ou deram em usufruto aos filhos ou a terceiros seus terrenos e se voltaram para o comércio”.⁴¹⁷ Muitos desses colonos acreditavam aplicar melhor seus recursos no comércio e facilmente abandonavam suas terras. Entretanto, a prosperidade não atingiu todos

⁴¹⁵ Sobre esta matriz ver: PIMENTEL, José. BELLOLLI, Mario. *Criciúma: Amor I*. Criciúma: edições Uirapuru/Prefeitura Municipal, 1974. ARNS, Otília. *Criciúma 1880-1980: a semente deu bons frutos*. Criciúma: Prefeitura Municipal, 1985. NASPOLINI, *Criciúma 70 anos..*; MILANEZ, *Fundamentos históricos de...*

⁴¹⁶ TEIXEIRA, *Os donos da... CAROLA. Modernização, cultura...*

⁴¹⁷ DALL'ALBA, *Imigração Italiana em...*, p. 64.

os colonos, pois muitos, nem mesmo os lotes haviam conseguido pagar no início do século XX. Foi o que constatou o Cônsul referindo-se às colônias do Sul do estado. “Os colonos que ainda não conseguiram pagar seus lotes tanto ao governo como às companhias privadas de quem compraram, são mais numerosos que os outros”⁴¹⁸, e no relatório do Cônsul a explicação para este fato estava nas características pessoais dos colonos, falta de sorte, as circunstâncias, fraqueza e imprevidência. Ademais, a situação de um grande número de colonos no início do século XX “agravou-se de maneira tal que já é impossível prever se e como poderão salvar-se”.⁴¹⁹ Em tais condições, como explicar a formação de uma elite de comerciantes em Criciúma? Na historiografia local pode-se encontrar duas explicações para o enriquecimento de algumas famílias que viriam a se configurar na elite de comerciantes dominando o cenário econômico e político no município. Na primeira, o Estado, através do governo e dos agentes colonizadores, faziam empréstimos e dividiam os lotes diferenciadamente entre os colonos. Já a segunda estava centrada na unidade familiar, no número de pessoas aptas ou inaptas para o trabalho.⁴²⁰ Dito de outra forma, essa primeira explicação destaca que os imigrantes foram beneficiados por leis do governo imperial que lhes possibilitava a compra de terras devolutas.⁴²¹ Os imigrantes beneficiados por essa lei poderiam pagar as terras em espécie, dinheiro ou serviços prestados ao governo abrindo estradas, construindo pontes ou prédios públicos. Além disso, muitos colonos conseguiam empréstimos junto ao governo, que chegavam até 250 mil réis. Portanto, a

⁴¹⁸ DALL’ALBA, *Imigração Italiana em...*, p. 64.

⁴¹⁹ *Idem*, p. 65.

⁴²⁰ TEIXEIRA, *Os donos da..*; NASCIMENTO, *Formação Histórica de criciúma...*

⁴²¹ Lei 601/1850 de Decreto 528/1890.

prosperidade de alguns imigrantes estava “relacionada ao número de lotes ou empréstimos obtidos por cada família junto ao responsável pela colonização”.⁴²²

Por outro lado, a segunda explicação pautou-se por enfatizar que o processo de acumulação de riquezas por algumas famílias ocorreu na própria unidade familiar. Para os colonos, a única força de trabalho disponível estava na família, pois não possuíam “capitais para contratar trabalhadores assalariados ou mesmo, no limite, para adquirir escravos”.⁴²³ Portanto, a prosperidade alcançada por algumas famílias esteve diretamente vinculada ao número de pessoas plenamente aptas para o trabalho, pois o critério adotado pelo serviço de imigração e colonização para a distribuição dos lotes era “a relação entre os membros plenamente aptos e os inaptos ao trabalho agrícola, mais do que a quantidade total de membros das famílias”.⁴²⁴ Pode-se dizer que essas duas explicações estão imbricadas. Contudo, outras possibilidades para a prosperidade de algumas famílias podem se arroladas, por exemplo, a fundação da colônia Nova Veneza pela Companhia Metropolitana em 1891, beneficiou muitos colonos de Criciúma que foram contratados pela empresa para medição dos terrenos, abertura de picadas e estradas e na construção de alguns prédios. Os recursos acumulados contribuíram para o surgimento de casas comerciais, fábricas de banha, ferrarias, carpintarias⁴²⁵ etc.

Outro exemplo foi a vinda de imigrantes com algum capital, como Marcos Rovaris, que chegou ao Brasil em 1892 com 19 anos, estabelecendo-se com a

⁴²² TEIXEIRA, *Os donos da...*, p. 54.

⁴²³ NASCIMENTO, *Formação Histórica de criciúma...*, p. 14.

⁴²⁴ *Idem*, p. 15.

⁴²⁵ BELOLLI, *A Colonização Italiana...*, p. 358-359.

família no núcleo colonial Accioli de Vasconcelos. Este, por ocasião do seu casamento em 1895, recebeu de seus pais a importância de três contos de réis, com a qual instalou uma fábrica de banha e posteriormente investiu em casas comerciais, oficina mecânica, serraria, beneficiamento de arroz, construção de estradas, a colonização de Turvo em Araranguá e em 1922 na mineração com a Carbonífera Próspera...⁴²⁶ Marcos Rovaris tornou-se o comerciante mais importante da localidade, e, juntamente com Pedro Benedet, exerceu o domínio político em Criciúma até a década de 1930. Já em 1910, Rovaris consolidava sua liderança política em Criciúma, ao ser eleito para o Conselheiro Municipal de Araranguá, o primeiro representante do distrito naquele poder.⁴²⁷ Além disso, Rovaris, juntamente com outros comerciantes, arquitetaram a emancipação de Criciúma (1925). Com a emancipação, Rovaris foi eleito superintendente municipal, sendo que dos cinco conselheiros eleitos, quatro eram vinculados ao comércio.⁴²⁸ Viu-se aqui a formação da elite de comerciantes bem como o seu domínio político em Criciúma nas três primeiras décadas do século XX.⁴²⁹ Contudo, até 1925 Criciúma era apenas um dos distritos do município de Araranguá, controlado politicamente desde 1900 por um

⁴²⁶ PIMENTEL, José; BELOLLI, Mario. *Mini biografia de um pioneiro: Marcos Rovaris*. Criciúma, 1980.

⁴²⁷ NASCIMENTO, *Formação Histórica de Criciúma...*, p. 24-25. Marcos Rovaris figura na historiografia local com o título de Coronel assim como Pedro Benedet. Pode-se dizer que tanto Rovaris quanto Benedet fogem ao conceito clássico de coronel, pois, diferentemente dos coronéis do planalto catarinense, que eram latifundiários e pecuaristas, Rovaris e Benedet estavam vinculados às atividades comerciais. Sobre o conceito de coronelismo ver: CARVALHO, *Pontos e bordados...*, p. 133. Para o autor, de uma "imagem simplificada do coronel como grande latifundiário isolado em sua fazenda, senhor absoluto de gentes e coisas, emerge das novas pesquisas um quadro mais complexo em que coexistem vários tipos de coronéis, desde latifundiários a comerciantes, médicos e até mesmo padres.

⁴²⁸ Sobre a relação de comerciantes envolvidos na articulação para a emancipação ver: NASPOLINI, *Criciúma 70 anos...*, 1995, p. 4 e 5; MILANEZ, *Fundamentos históricos de...*, p. 69; *Jornal O Mineiro*, 1926.

⁴²⁹ É preciso explicitar que havia tensão entre esses comerciantes, pois formavam dois grupos que disputavam a hegemonia do poder político dentro da vila desde o início do século. Essas disputas foram vencidas pelo grupo capitaneado por Rovaris e Benedet que em âmbito estadual eram apoiados por Hercílio Luz e os Konder. Essas tensões podem ser encontradas em: MILANEZ, *Fundamentos históricos de...*; NASCIMENTO, *Formação Histórica de Criciúma...*

luso-brasileiro, o coronel João Fernandes de Souza. Isso significa dizer que também a emancipação política de Criciúma foi marcada por interesses sócio-econômico-políticos e via de regra envolveu as disputas políticas em âmbito local e regional. O desmembramento suscitou a perda do controle político de Criciúma pelo grupo liderado pelo coronel João Fernandes de Souza, que em âmbito estadual era próximo da oligarquia dos Ramos. Assim, quando o projeto de lei que criava o município de Criciúma foi apresentado à Assembléia pelo deputado Acácio Moreira, compadre de Marcos Rovaris, “o coronel João Fernandes, que era deputado e ex-intendente de Araranguá, lutou ferozmente contra, porque não queria que o seu município perdesse esse distrito”.⁴³⁰ Para evitar o veto da Assembléia, os deputados Acácio Moreira e Victor Konder usaram como estratégia juntar no mesmo projeto de lei a emancipação de Criciúma e a criação da comarca de Urussanga, “fazendo com que os deputados, que por ventura quisessem votar, acompanhando o deputado Fernandes, não poderiam fazê-lo, porque daí estariam votando contra a criação da comarca de Urussanga, pois, para esta não havia nenhuma oposição”.⁴³¹ Observa-se mais uma vez no processo de emancipação de Criciúma a disputa e tensão na política em âmbito estadual. Ao que parece, as oligarquias estaduais vinham disputando o domínio das áreas de imigração, e no caso de Criciúma os Konder estavam apoiando o movimento, portanto, ao lado da elite de comerciantes. Por outro lado, havia também as elites luso-brasileiras, que exerciam domínio sobre os núcleos coloniais e de forma alguma queriam perdê-lo. De todo modo, em 1925, era criado o município de Criciúma, fortalecendo o grupo político liderado por

⁴³⁰ MILANEZ, *Fundamentos históricos de...*, p. 72.

⁴³¹ *Idem*, p. 72.

Rovaris e Benedet, que permaneceriam no poder até 1930, quando foram destituídos do comando do governo local pelo movimento suscitado pela Aliança Liberal que colocou Getúlio Vargas no poder. Cabe ressaltar que com a mineração foi se configurando um novo conjunto de forças formado por empresários e firmas do Rio de Janeiro, que obtiveram do governo federal concessão para exploração do minério. Entre esses empresários figuram Henrique Lage, Paulo de Frontim e Álvaro Catão, que se associaram a grupos locais, e a partir da década de 1930 passaram a comandar o município, substituindo aos poucos os antigos comerciantes.⁴³²

Relações de Poder, Diferença Cultural no Sul Catarinense

Posto isso, acrescentam-se outros elementos que contribuiriam para compreender a formação sócio-econômico-político-cultural do Sul Catarinense. Como vimos, ao longo do texto, nos núcleos coloniais, suas populações viviam praticamente isolados sem vias de comunicação com os principais centros urbanos da região. Isolados em seus núcleos, os colonos mantiveram seus costumes, língua e religião, o que contribuiu para recriarem e criarem uma identidade⁴³³ própria que os diferenciava das elites luso-brasileiras estabelecidas nos centros urbanos de Laguna, Tubarão e Araranguá. Sendo as vendas e as igrejas o espaço de sociabilidade dessas populações, que se reuniam nos finais de semana quando

⁴³² TEIXEIRA, *Os donos da...*, p. 56.

⁴³³ As reflexões em torno do conceito de identidade podem ser encontradas em: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

vinham à igreja para missas ou às festas e casamentos, infere-se que nesses núcleos coloniais, entre os colonos, o Integralismo teve na igreja um canal para sua difusão. Isso não quer dizer que os padres fizessem propaganda para o Integralismo durante as missas. Por outro lado, também não há indícios de que fossem contra.⁴³⁴ Era nos finais de semana que os colonos se encontravam quando iam para missa e os já adeptos do Integralismo apresentavam-se na igreja trajados com a indumentária, e em seguida faziam as reuniões do partido ou desfilavam pela Vila.⁴³⁵

Integralistas no Núcleo Colonial de Nova Veneza em 1935⁴³⁶



⁴³⁴ Em âmbito nacional as relações entre o Integralismo e a igreja eram bastante profícuas. A igreja tinha no Integralismo um forte aliado no combate ao comunismo. Esta posição viria modificar-se com o Estado Novo, pois a igreja emprestou total apoio ao novo regime. Sobre isso ver: *O Brasil republicano*, v. 4: economia e cultura (1930-1964). 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 315 a 327.

⁴³⁵ GHISLANDI, Chailene N. *Os camisas verdes na colônia de Nova Veneza na década de 1930*. Criciúma: UNESC, 2004. Monografia de graduação.

⁴³⁶ BORTOLOTTI, *História de...*, p. 155.

Essa imagem dos Integralistas em frente à igreja de São Marcos no núcleo colonial de Nova Veneza onde estavam reunidos também, como se pode observar, as blusas verdes e os plinianos, é um indicio da proximidade entre a igreja e o Integralismo.

Em Araranguá os integralistas solicitaram ao padre Antonio Luiz Dias para desfilarem uniformizados com as camisas verdes e carregarem o santo na procissão do Sagrado Coração, pedido que fora bem recebido pelo padre.⁴³⁷ No núcleo Integralista de Rio Jundiá (Turvo), em 1938, quando o Integralismo foi colocado na ilegalidade, o dinheiro que estava em caixa foi para a igreja, que na época estava sendo construída. “Esse dinheiro nós vamos empregar na construção da igreja, a igreja aqui do Rio Jundiá, se o movimento voltasse um dia a igreja devolveria, se não estava bem empregado, meu pai concordou, todos concordaram.”⁴³⁸ Retomando a análise no que tange ao isolamento dos núcleos coloniais em relação aos municípios-pólo, constata-se que enquanto os municípios de Laguna e Tubarão tinham uma população considerável vivendo nos centros urbanos, os municípios contituídos dos núcleos coloniais premaneciam extremamente ruralizados.

⁴³⁷ Sobre isso ver: DALL'ALBA, *História do Grande...*, p. 452. SABINO, Anselmo Teles. *As fileiras do Integralismo em Araranguá (1934-1938)*. Criciúma; UNESC. Monografia de conclusão de curso, 2005, p. 38.

⁴³⁸ GABRIEL, Rosa Maria C. *O Integralismo em Rio Jundiá*. INJUÍ, monografia de conclusão de curso em história, 1996, p. 32.

População Urbana nos Municípios do Sul Catarinense em 1940⁴³⁹

Município	População
Laguna	8.444
Tubarão	6.759
Araranguá	2.579
Criciúma	2.127
Orleans	1.492
Urussanga	633
Imaruí	856
Jaguaruna	723

Quadro elaborado pelo autor

O quadro acima contribui para demonstrar o quanto os municípios surgidos a partir dos núcleos coloniais eram pouco urbanizados se comparados aos centros urbanos de Laguna e Tubarão.⁴⁴⁰ A fim de fundamentar ainda mais o exposto, toma-se como exemplo o município de Criciúma, na década de 1940, que mesmo com o *boom* da mineração, tinha uma população extremamente ruralizada, pois, dos 27.753 habitantes, 82,5% viviam na zona rural e 17,5% na área urbana. “A agricultura e a pecuária ocupavam 66,1% da mão de obra disponível. As indústrias extrativas (mineração) e de transformação empregavam 26,1% da massa assalariada e o comércio e serviços, o restante, 7,8%”.⁴⁴¹ Os dados acima vêm reafirmar a discussão articulada ao longo do texto, sendo um indício para se enunciar dois perfis de integralistas na região. O primeiro, formado principalmente por luso-brasileiros (profissionais liberais e comerciantes) estabelecidos nos centros

⁴³⁹ PIAZZA, *A Colonização de...*, P. 336-337.

⁴⁴⁰ Os principais municípios do Vale do Itajaí e do Norte do estado tinham população urbana muito superior aos do Sul Catarinense. Em Blumenau, havia 13.225 habitantes e em Joinville 15.153.

⁴⁴¹ TRICHES, Janete. *As Oligarquias dos Partidos: Criciúma/SC: 1945-1992*. Brasília: UnB, 1994. Dissertação de mestrado em Ciência Política, p. 124.

urbanos. Já o segundo era constituído por descendentes de imigrantes europeus em sua maioria procedentes do meio rural. Eram pequenos agricultores que viviam praticamente isolados nos núcleos coloniais.

Por fim, como se viu, no Sul Catarinense, ao finalizar a Primeira República, três forças estavam se estruturando e disputavam o domínio sócio-econômico-político-cultural da região. A força dos “luso-brasileiros”, a primeira a se constituir na região, foi hegemônica em praticamente toda a Primeira República.

Famílias luso-brasileiras que dominaram a região na Primeira República⁴⁴²

Municípios	Famílias
Laguna	Pinho, Ulisséa
Tubarão	Colaço
Araranguá	Fernandes Souza

Quadro elaborado pelo autor

Certamente, não somente esses nomes figuravam como as únicas famílias a serem consideradas como as elites desses municípios. Evidentemente, não se tem dados numéricos e relações de nomes precisos para se afirmar quantos habitantes de Laguna, Tubarão e Araranguá poderiam ser incluídos na categoria de elite. Pode-se identificar essa elite através dos nomes que se destacam na sociedade local, como sendo comerciantes, armadores, proprietários rurais, profissionais liberais e altos funcionários públicos. Para este texto, destacamos os nomes descritos no quadro acima, porque, obviamente, ocuparam cargos importantes e porque figuram na historiografia com bastante frequência. Cabe ainda

⁴⁴² Essas famílias são as que mais aparecem na historiografia local.

lembrar, por exemplo, que em Araranguá o coronel João Fernandes de Souza comandaria a Superintendência do município entre 1903 até 1929 quando veio a falecer. Além disso, durante seu mandato de superintendente municipal, o coronel Fernandes foi também eleito deputado estadual por duas vezes.⁴⁴³

Nesta época, essas elites exerciam o domínio na região revezando o poder entre os membros da família. Relações de parentescos estabelecidas através de casamentos ou compadrio aproximavam ainda mais essas elites que distribuíam os cargos públicos entre os membros da família. Em Tubarão, João Cabral de Mello, superintendente municipal entre 1902 e 1910, foi introduzido na política por seu sogro, o coronel Luiz Martins Colaço.⁴⁴⁴ Joe Colaço era casado com a filha do governador Hercílio Luz. Essa relação de parentesco certamente cotribuiu para que assumisse a secretaria do Interior e Justiça no terceiro mandato de Hercílio Luz.⁴⁴⁵ Foi desta forma que as elites luso-brasileiras conseguiram manter seu domínio político quase que incotestado durante toda a Primeira República.

As elites luso-brasileiras, mesmo com todas as estratégias para manter o domínio sobre toda a região, leia-se a intermediação do exedentes produzidos pelos imigrantes e descendentes, a indicação dos cargos públicos, o processo de emancipação dos núcleos coloniais, as prisões e perseguições contra os colonos, não impediram a configuração de uma segunda força, a “força dos imigrantes europeus”. Como vimos, nos núcleos coloniais foi emergindo ao longo de toda a Primeira República uma elite de comerciantes constituída em especial por imigrantes europeus e seus descendentes. Nesta dinâmica do seu fazer-se,

⁴⁴³ *A Verdade*, Araranguá 7 de abril de 1929.

⁴⁴⁴ VETTORETTI, *História de Tubarão...*, p. 112.

⁴⁴⁵ *O Estado*, 3 de novembro de 1924.

buscando um espaço para o seu grupo, deflagraram ações e atitudes específicas para alcançar seus objetivos, pois, como se sabe, a luta pelo poder é uma luta pelos interesses dos grupos sociais e as duas forças, a “força dos lusos-brasileiros” e a “força dos imigrantes europeus”, vinham disputando e negociando os espaços de poder local.

É óbvio que o imigrante e o nacional possuíam perspectivas diferentes. Mas ambos estão agora num mesmo espaço. O jogo do poder, as estratégias de controle, a luta pela melhoria das qualidade de vida, a posse definitiva da propriedade, os casamentos, a educação, a criação de infraestrutura para a circulação do excedente produtivo dos imigrantes, etc., irão exigir estratégias de ambos os lados para que a organização destes elementos responda aos interesses dos sujeitos envolvidos nesse espaço.⁴⁴⁶

Como se pode observar, a experiência⁴⁴⁷ vivenciada por esses dois grupos foi muito diferenciada engendrando uma oposição nascida das diferenças que estavam relacionadas à língua, fé, organização comunitária, ao modo de trabalhar com a terra, construir seus engenhos e moinhos, no festejar, na visão política etc..., que demarcou uma identidade própria para os imigrantes europeus e seus descendentes.⁴⁴⁸ A ruralização nos núcleos coloniais, se por um lado não permitiu uma maior influência dos luso-brasileiros sobre os imigrantes, “por outro lado, essa

⁴⁴⁶ SILVA, A *Palmatória...*, p. 38.

⁴⁴⁷ A noção de experiência buscou-se em THOMPSON, E. P. *Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 182. Para Thompson, “homens e mulheres também retornam como sujeitos dentro desta idéia do termo, não como sujeitos autônomos, indivíduos livres, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e antagonismos, e em seguida tratam esta experiência em sua consciência e sua cultura, das mais complexas maneiras e em seguida agem, por sua vez, sobre suas situações determinadas”. Assim considera-se o processo de constituição da “força dos luso-brasileiros” e da “força dos imigrantes europeus” como um processo de auto construção política e cultural, bem como econômica.

⁴⁴⁸ SILVA, A *Palmatória...*, 2006, p. 108.

divisão espacial tornou-se um elemento útil à oligarquia local por ter permitido que o poder político urbano dos nacionais se mantivesse por maior tempo”.⁴⁴⁹

É importante destacar que muitos imigrantes e seus descendentes não permaneceram nos núcleos coloniais. Aqueles que conseguiram acumular algum recurso ou os que imigraram, já no início do século 20, foram se estabelecendo nos municípios de domínio luso-brasileiro. Observa-se que esses imigrantes e descendentes irão aparecer no cenário político somente no pós-1930, em decorrência das mudanças suscitadas pelo movimento daquele ano. Esse foi o caso, por exemplo, dos Schimtz em Jaguaruna, Lumertz e Wendhausen em Araranguá e Tasso em Laguna. Esses abraçaram o Partido Liberal ou o Integralismo e serão um dos principais protagonistas das disputas entre liberais e integralistas na década de 30.

De todo modo, nos municípios surgidos a partir dos núcleos coloniais configurou-se uma elite especialmente de comerciantes que ao longo de toda a Primeira República vinha negando o domínio das elites luso-brasileiras estabelecidas nos centros urbanos de Laguna, Tubarão e Araranguá.

Domínio Político nos Municípios de Urussanga Orleans e Criciúma até a Década de 1930

Município	Grupos
Urussanga ⁴⁵⁰	Comerciantes italianos, padres e cónsules
Orleans ⁴⁵¹	Comerciantes luso-brasileiros
Criciúma ⁴⁵²	Comerciantes italianos

Quadro elaborado pelo autor

⁴⁴⁹ Idem, p. 108.

⁴⁵⁰ OTTO, *Catolicidades e Italianidades...*

⁴⁵¹ SILVA, *A Palmatória...*

⁴⁵² TEIXEIRA, *Os donos da...*

Se de um lado essas elites de Urussanga, Orleans e Criciúma vinham negando o domínio dos luso-brasileiros dos municípios-pólo, por outro, internamente, também disputavam o poder entre si. Essas disputas entre o mundo rural dos imigrantes e seus descendentes e o mundo urbano dos lusos-brasileiros envolvia também os interesses das elites em nível estadual, ampliando as disputas pelo poder frente aos interesses destes grupos sociais. Apoiar esse ou aquele levava sempre em conta os interesses de cada grupo.

Mudanças neste cenário ocorreriam com o movimento de 30 e em nível local com o surgimento de uma terceira força, a “força do carvão”, que foi se configurando a partir dos anos 20 e se fortaleceu no pós-30. Essa nova força, como exposto anteriormente, atraiu não só as elites locais tanto imigrantes quanto lusos, mas em especial empresários procedentes de outras regiões e também os interesses do Estado. Essa nova força, já na década de 20, iria ter seu primeiro representante na Assembleia Legislativa com a eleição de Álvaro Catão, braço direito do empresário carioca Henrique Lage, um dos principais investidores na exploração das minas de carvão da região. Álvaro Catão foi eleito deputado em três legislaturas (1925, 1928 e 1935), e o primeiro superintendente municipal do município de Imbituba criado em 1923 por uma articulação do grupo Lage.

Este era o cenário do Sul Catarinense no final da Primeira República. Um cenário de mudanças significativas que marcaram a região por muitas décadas. Um cenário positivado para a região, em especial para as áreas de imigração onde o carvão era explorado, a imagem de progresso e riqueza vinha tomando conta de todos os setores da população. Laguna e Tubarão vislumbravam também poder

ganhar com o novo produto, afinal no primeiro estava o porto, caminho para escoar a produção e no segundo a direção da ferrovia Dona Tereza Cristina. Após o movimento de 30 a região foi beneficiada com investimentos do Estado interessado em ter o controle sobre o carvão. Essas mudanças em âmbito local e nacional redesenharam as disputas pelo poder político no Sul Catarinense. Foi neste contexto que o Integralismo chegou à região.

Capítulo III

Diferenças, tensões e conexões: os contornos da política Sul Catarinense no pós-30

Com a matéria intitulada “Como transcorreu o 1º Congresso Regional do Sul”, o jornal integralista *Flama Verde*, em 19 de setembro de 1936⁴⁵³, divulgava em sua primeira página o sucesso que teria sido o evento realizado no município de Laguna, nos dias 21 e 22 de agosto. No evento, estiveram presentes, além do chefe provincial Othon d’Eça, todos os chefes da hierarquia estadual e os chefes municipais. Como era de praxe entre os integralistas, a chefia municipal que organizou o congresso recebeu a comitiva estadual na entrada do município e os acompanhou até a sede municipal ou ao hotel ou à casa dos membros da chefia local. Uniformizados, seguiram em passeata pelas ruas da cidade até o local indicado para a comitiva estadual ou nacional se hospedar. Todo um ritual e uma simbologia marcavam os eventos da Ação Integralista Brasileira, o que os diferenciava dos demais partidos políticos da época, criando uma identidade própria para os seus adeptos.⁴⁵⁴ Isso não foi diferente no Congresso de Laguna.

A caravana foi recebida pelo comp. Dr. Antonio Dib Mussi. Chefe municipal de Laguna que junto com os demais Chefes convocados, acompanhou a comitiva do Chefe Provincial até o Hotel Paraíso (...). Dahi por diante tornou-se uma verdadeira romaria de companheiros que iam ao Hotel saudar o Chefe.⁴⁵⁵

⁴⁵³ *Flama Verde*. Florianópolis, 19 de setembro de 1936.

⁴⁵⁴ Sobre os rituais e a simbologia Integralista ver: CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1938)*. Bauru: UDUSC, 1999.

⁴⁵⁵ *Flama Verde*. Florianópolis, 19 de setembro de 1936.

Evocou-se esse Congresso realizado em Laguna, pois, a partir dele, pode-se fazer algumas inferências. Por que esse Congresso foi realizado no município de Laguna? Por que a Chefia Provincial, através de convocação, exigia a realização do Congresso em Laguna? Por que esse Congresso não foi realizado em um município da região no qual o Integralismo obtivera um melhor desempenho nas eleições municipais, como por exemplo, em Araranguá, onde elegera três vereadores e havia ocorrido uma ferrenha disputa para prefeito com os liberais? Outra questão a ser levantada diz respeito ao fato de o Congresso não ser realizado em um município onde estavam concentradas as populações de origem européia.

A escolha de Laguna pela Chefia Provincial para sediar o Congresso vem atestar a importância deste município na região. Mesmo que viesse experimentando a perda de sua importância econômica na região com a ascensão dos municípios das áreas de imigração, Laguna, ao que parece, era ainda considerada, pela Chefia Provincial, o município estratégico para a divulgação do Integralismo. Era ainda município-pólo na região, pois por ele escoava a produção da região, transportavam-se pessoas e chegavam às notícias dos grandes centros. No município de Laguna, nesta época, estavam os dois portos da região, pois Imbituba havia perdido a sua condição de município para voltar a ser distrito de Laguna. Era o município com maior população urbana da região; ali estavam também os principais jornais da região que poderiam divulgar o evento. Infere-se que esta condição de Laguna certamente influenciou na decisão de ali se realizar o Congresso.

Mesmo com o crescimento das áreas de imigração, Laguna, Tubarão e Araranguá eram ainda os municípios que do ponto de vista econômico exerciam maior

influência na região. Isso não quer dizer que o domínio político estivesse também com as elites luso-brasileiras. Há que se ressaltar que as áreas rurais dos municípios de Tubarão e Araranguá eram habitadas, em sua maioria, por imigrantes europeus e seus descendentes, e esses contribuíram decisivamente para o seu crescimento econômico.

**Quadro da Receita dos Municípios do Sul Catarinense em Ordem
Decrescente em 1936⁴⁵⁶**

Município	Receita
Tubarão	223.000
Laguna	220.000
Araranguá	165.000
Orleans	136.000
Criciúma	110.000
Urussanga	78.000
Imaruí	50.000
Jaguaruna	35.000

Quadro elaborado pelo autor

A receita de Tubarão e Laguna juntas não conseguiam superar os principais municípios do Vale do Itajaí e Norte do Estado, Joinville com uma receita 970.000 e Blumenau 776.727. Esses dados demonstram a fragilidade da economia do Sul Catarinense e nos remetem às comparações estabelecidas pelos cônsules e pela imprensa local na Primeira República. Contudo, diferentemente do que ocorria nas primeiras décadas da Primeira República, ao final desta e no pós-1930, um outro discurso vinha tomando conta da região em função da exploração do carvão mineral.

⁴⁵⁶ Mensagem apresentada à Assembléia Legislativa do Estado, em 16 de julho de 1936, pelo governador do Estado Nereu de Oliveira Ramos, p. 24-25.

Progresso, riqueza e prosperidade era o discurso constantemente exaltado pelos políticos, empresários, imprensa e a população da região.

Assim, ao chegar à década de 1930, quando o Integralismo foi organizado no Sul Catarinense, a região vinha experimentando mudanças sócio-econômico-político-culturais ocorridas tanto pelos acontecimentos em âmbito nacional, leia-se o movimento de 1930, e o que provocou, como também as mudanças em curso no espaço local. Como foi visto no capítulo anterior, a exploração do carvão provocou profundas mudanças em toda região e em especial nas áreas de imigração, onde estavam os municípios de Criciúma e Urussanga, atraindo grupos, empresários de outros Estados e também o interesse do governo federal, que fez investimentos na região.

Em tais condições, se por um lado às mudanças do pós-1930 chegaram negativamente para as populações do Vale do Itajaí e Norte do estado, no Sul Catarinense essas foram positivadas. No que tange ao político, a região faria a maior bancada de deputados estaduais de sua história nas eleições de 1934, bancada essa formada em sua maioria de luso-brasileiros. Já no espaço local, os descendentes de imigrantes assumiriam as prefeituras municipais e também as câmaras de vereadores.

A região também nesta época fora influenciada pelos acontecimentos em âmbito internacional. Em Santa Catarina, os fascismos europeus influenciaram não somente as populações de imigrantes e seus descendentes do Vale do Itajaí e Norte do Estado, comumente ressaltada na historiografia. No Sul Catarinense há indícios da organização de fascio e de balilas nas áreas de imigração italiana, entre os alemães o Nazismo também exercerá influência, não foram poucos os que foram perseguidos, acusados de quinta-coluna e presos durante a Segunda Guerra Mundial. Os fascismos

não foram simpáticos somente entre os imigrantes europeus e seus descendentes, luso-brasileiros também foram atraídos pela retórica fascista. A crise do liberalismo e os bons resultados alcançados pelos regimes totalitários e a oposição deles ao comunismo, acabaram sendo simpáticos também para outros grupos e setores da sociedade. Esta simpatia era expressa em vários jornais no Sul Catarinense e em todo o estado, jornais esses que tinham um público leitor formado em sua maioria de luso-brasileiros.

Posto isso, cabe lembrar que as três forças, a “força dos luso-brasileiros”, a “força dos imigrantes europeus”, e a “força do carvão”, que se constituíram em época e contexto diferenciados e que foram influenciadas pelas mudanças em âmbito nacional e internacional, passaram então à negociação dos espaços de poder na região no pós-1930. Isso porque o movimento de 30 teve apoio de pessoas e grupos vinculados às três forças da região. Passa-se então a usar a noção de negociação formulada por Bhabha⁴⁵⁷, em lugar de oposição ou negação, na perspectiva de compreender como os espaços de poder foram sendo ocupados, levando em consideração os interesses sócio-econômico-político-culturais dos novos mandatários do poder, em âmbito regional e nacional.

Era esse o contexto que o Integralismo encontraria no Sul Catarinense na década de 1930, um contexto de mudanças que chegavam positivadas para vários segmentos da sociedade na região. Dito de outra forma, o Integralismo teria maiores dificuldades para atrair as populações no Sul Catarinense. Contudo, essas mudanças

⁴⁵⁷ BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998, p. 52. O autor usa a noção de negociação em lugar de negação buscando transmitir uma temporalidade que possibilite criar uma articulação de instâncias contraditórias ou antagônicas. “Com a palavra negociação, tento chamar a atenção para a estrutura de interação que embasa os movimentos políticos que tentam articular elementos antagônicos e opositivos sem a racionalidade redentora da superação dialética ou da transcendência”.

precisam ser elucidadas para que se possa compreender como o Integralismo foi conquistando seu espaço na região, mesmo diante das adversidades, e tendo em vista que nas eleições municipais de 1936 as disputas mais acirradas ocorreram entre integralistas e liberais.

Carvão e ferrovia, público e privado: ecos do progresso

Toda despesa que se fizer com a indústria do carvão será bem empregada, imensos como serão os lucros a serem obtidos com a sua exploração. Com a exploração das nossas minas não mais ficaremos na dependência do carvão da Inglaterra, nem dos Estados Unidos, nem de qualquer outra nação, [...]; é com o maior entusiasmo, pois, que devemos acolher todos quantos vierem a Santa Catarina arrancar das entranhas da terra **o ouro preto, [...]; isso só basta para revolucionar a vida econômica do sul d'este Estado, aumentando de modo extraordinário a prosperidade de todos os habitantes [...]**. Santa Catarina, cujas jazidas carboníferas são as melhores do Brasil, será num futuro não muito remoto com a respectiva exploração, um dos Estados mais prósperos da nossa pátria.⁴⁵⁸

A partir da citação, pode-se fazer algumas inferências. Em primeiro lugar, ao longo de todo o texto perpassa o discurso da riqueza, da prosperidade, do progresso, não só para o Sul Catarinense e seus habitantes, como também para todo o estado, que viria a tornar-se, em um futuro próximo, num dos mais prósperos da Nação. Outro aspecto ressaltado pelo texto, diz respeito à independência da Nação, que, com a exploração do “ouro preto”, não mais precisaria importar o mineral, tão estratégico para o seu desenvolvimento. Por último, parece fazer um convite a empresários de outras regiões que quisessem investir na exploração do carvão. É bem verdade que a

⁴⁵⁸ Jornal *A Rua*, Rio de Janeiro, 1918. Esse artigo publicado na imprensa carioca era uma reedição de um artigo do Jornal Albor de Laguna que por considerá-lo importantíssimo resolveu publicá-lo. Sobre isso, ver: BERNARDO, Roseli Terezinha. O Carvão Nacional: do discurso formado à ação concretizada, 1880-1930. In: GOULARTI FILHO. Alcides. *Memória e Cultura do carvão em Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2004, p. 69.

exploração do minério foi inicialmente feita por empresários vindos de outros estados, já que as grandes minas da região pertenciam a empresários procedentes de outras regiões do país.⁴⁵⁹

À medida que a mineração era intensificada, paralelamente ocorria uma migração para o Sul Catarinense, em especial para os municípios onde era explorado o carvão. No município de Criciúma, por exemplo, verificou-se que sua população, em 1926, era de 8.500 habitantes⁴⁶⁰, saltando para 27.753 em 1940 e praticamente dobrando nesta década.⁴⁶¹ E para o trabalho nas minas vieram de outras regiões do estado e de outros estados os dirigentes, diretores, engenheiros, médicos, técnicos, capatazes, enquanto para o trabalho braçal vinham trabalhadores dos municípios da própria região.⁴⁶²

A exploração das minas de carvão remonta ao século XIX, ainda no Império. O carvão foi encontrado nas cabeceiras do Rio Tubarão, situadas nas proximidades do atual município de Lauro Müller. As notícias da descoberta do minério na época atraíram o interesse de empresários nacionais e estrangeiros, mesmo com dúvida quanto à qualidade do carvão. Em 1861, o Visconde de Barbacena, Filisberto Caldeira Brant Pontes, recebeu concessão de duas léguas de terras nas cabeceiras do Rio Tubarão para explorar o carvão e também a permissão para a construção de uma estrada de ferro que ligaria a região das minas aos portos de Laguna e Imbituba. Esse

⁴⁵⁹ Sobre as grandes minas pertencentes a empresários de outros Estados, ver: BELOLLI, Mário et al. *História do Carvão de Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 2002. GOULARTI FILHO, Alcides. *Formação econômica de Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

⁴⁶⁰ Sobre a população de Criciúma em 1926, ver: VOLPATO, Terezinha Gascho. *Vidas Marcadas: trabalhadores do carvão*. Tubarão: Ed: Unisul, 2001.

⁴⁶¹ IBGE, Recenseamentos Demográficos de 1940 e 1950.

⁴⁶² ZANELATTO, João Henrique et al. *Memória e Trabalho. Sentimentos, lutas e esperanças dos trabalhadores aposentados de Criciúma*. XI Encontro Estadual de História: mídia e cidadania. Florianópolis: UFSC, junho/2006 (Anais Eletrônicos).

empreendimento surgia da associação de capitais estrangeiros (inglês), capital privado nacional e o poder público. Desta associação nascia em Londres a “The Tubarão Coal Mining Company” e a “The Donna Thereza Chistina Railway Company Limited”.⁴⁶³

As obras de construção da estrada de ferro foram iniciadas em 1880, sendo concluídas e entregues para o tráfego em 1844, com 111 quilômetros, ligando as minas de carvão em Lauro Müller aos portos de Laguna e Imbituba. Contudo, foi somente em 1886 que a empresa mineradora conseguiria fazer o primeiro transporte de carvão e também o último, tendo em vista a constatação da baixa qualidade do carvão, o custo com o transporte e a competição com o carvão Inglês, mais barato e de melhor qualidade.⁴⁶⁴ Diante do fracasso, no ano seguinte o Visconde de Barbacena vendeu sua parte na sociedade para a empresa Lage & Irmãos. Construída para transportar o carvão, a ferrovia funcionou precariamente, transportando mercadorias e passageiros, tendo sido encampada pelo governo federal em 1902.⁴⁶⁵

O carvão do Sul Catarinense teria novo impulso no contexto da Primeira Guerra Mundial. O conflito dificultou a importação do carvão estrangeiro, especialmente o inglês, fato que despertou mais uma vez os interesses de grupos do empresariado nacional, sendo reiniciados os estudos a fim de verificar a qualidade e viabilidade da comercialização do carvão. “A possibilidade de explorar o carvão abria novas perspectivas de desenvolvimento para o Sul do estado e reacendia a esperança que fora frustrada no século passado”.⁴⁶⁶ Nos discursos dos jornais, tanto locais quanto

⁴⁶³ BOSSLE, Ondina Pereira. *Henrique Lage e o desenvolvimento Sul Catarinense*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981. ZUMBLICK, Walter. *Tereza Cristina: a ferrovia do Carvão*. Florianópolis: Ed. da UFSC, R.F.F.S.A., 1987.

⁴⁶⁴ NASCIMENTO, Dorval. *As curvas do Trem*. A presença da Estrada de Ferro no Sul de Santa Catarina. Criciúma: UNESC, 2004.

⁴⁶⁵ BELOLLI, *História do Carvão de...*

⁴⁶⁶ NASCIMENTO, *As curvas do Trem...*

nacional, eram celebrados a riqueza e o progresso que o mineral traria para a região. “Atividade, verdadeiro delírio de trabalho agitam e sacodem todo o Sul do estado, e os catarinenses pensam com grande alegria no enorme desenvolvimento que o estado receberá com o aproveitamento de seu mineral”.⁴⁶⁷

Dos grupos econômicos que investiram na exploração do carvão, a historiografia destaca a presença do Grupo Empresarial Lage & Irmãos e a atuação individual do empresário Henrique Lage. Os negócios da empresa Lage & Irmãos eram muito diversificados, possuíam companhia de navegação, construíam vapores, vendiam madeiras, esquadrias, aços, ferrarias, forneciam carvão de pedra importado, exportavam café, importavam sal, e em Santa Catarina os negócios foram ampliados com a formação de várias companhias de mineração.

A Primeira Guerra Mundial afetou sensivelmente os negócios do Grupo Lage, o comércio de cabotagem e a importação de carvão, que eram as principais atividades da empresa foram os mais atingidos.⁴⁶⁸ Aproveitando o contexto da Guerra, tendo em vista que seus negócios foram prejudicados e sendo a empresa proprietária das antigas reservas do Visconde de Barbacena, deu-se início à exploração do carvão. Entre 1917 e 1922 foram criadas no Sul Catarinense cinco companhias carboníferas: a Companhia de Mineração Barro Branco, a CBCA (Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá), a CCU (Companhia Carbonífera Urussanga S. A), a Companhia Carbonífera Próspera S.A. e a Companhia Ítalo – Brasileira Ltda.⁴⁶⁹ As duas primeiras pertenciam ao Grupo Henrique Lage. Além da exploração do carvão, o Grupo Lage investiu na região no

⁴⁶⁷ *Albor*. Laguna, 16 de fevereiro de 1919.

⁴⁶⁸ BOSSLE. *Henrique Lage e o desenvolvimento...*, p. 31.

⁴⁶⁹ GOULARTI FILHO, *Formação econômica de...*, p. 88.

transporte ferroviário portuário e marítimo⁴⁷⁰, pois eram obstáculos que dificultavam o escoamento do carvão. Construíram o prolongamento da Estrada de Ferro Donna Thereza Christina de Tubarão-Criciúma, pronto para o tráfego em 1919, e posteriormente estendido até Araranguá, inaugurado em 1927.⁴⁷¹ Nesta época, a Companhia Carbonífera Urussanga construía também o ramal da ferrovia ligando Urussanga à linha tronco Tubarão-Araranguá, concluído em 1925.

Os votos de tantos anos estão, pois, prestes a se realizarem. Urussanga, a próspera e laboriosa colônia italiana, participará, dentro de poucos meses, dos benefícios do progresso, e a locomotiva trará àquelas populações novas energias e novos estímulos para sempre melhorar e aumentar as fontes do seu bem-estar. Como é sabido, o ramal férreo ligará Urussanga à estrada Tubarão-Araranguá e servirá para o transporte, em larga escala, do carvão que, em grande abundância, encontra-se em diversas localidades daquele município. Temos certeza, que com o de Criciúma contribuirá para que o problema do combustível nacional receba sua definitiva solução [...].⁴⁷²

Como se vê, mesmo antes da construção do ramal ferroviário até Urussanga, o discurso de progresso e de riqueza que a ferrovia traria era exaltado pelo jornal. O carvão transportado pela ferrovia em grande abundância contribuiria para solucionar o problema do combustível nacional agravado com a Grande Guerra.

Além do Grupo Lage, empresários de outros estados investiram na exploração do carvão da região (Paulo de Frontin, Mauricio de Souza, Paulo Lacombe, Arthur Watson Sobrinho)⁴⁷³ e também houve investimentos estrangeiros, como, por exemplo, a participação do empresário alemão Hugo Stinnes⁴⁷⁴ na modernização da

⁴⁷⁰ Além dos investimentos citados, o Grupo Lage fez vários investimentos no município de Imbituba, e em 1920 fundaram o Banco Sul do Brasil S/A, que garantia financiamento certo e apoio político, pois eram acionistas do banco Hercílio Luz, Celso Bayma e Adolfo Konder.

⁴⁷¹ ZUMBlick, *Tereza Cristina: a ferrovia do...*, p. 115. Ver também: *A Paz*. Tubarão, 19 de outubro de 1924. Foram mais de 90 quilômetros de ferrovia construídos.

⁴⁷² *Albor*, março de 1919.

⁴⁷³ BELOLLI, *História do Carvão de...*, p. 68.

⁴⁷⁴ Sobre os investimentos do empresário alemão ver: BELOLLI, *História do Carvão de...*, p. 92.

Carbonífera Próspera. Essa Companhia, formada por descendentes de imigrantes italianos, não tendo capitais para equipar as minas com aparelhagens modernas, passou “para propriedade de um sindicato com fortes capitais nacionais e estrangeiros”.⁴⁷⁵

Como se viu, a exploração do carvão do Sul Catarinense teve seu grande impulso com a conjuntura da Primeira Guerra Mundial e a partir de investimentos de empresários nacionais e estrangeiros que compraram ou se associaram aos empresários locais, os descendentes de imigrantes europeus. Via de regra, as elites luso-brasileiras de Tubarão e Laguna também procuraram tirar proveito, desde o início, da exploração do carvão e da construção da ferrovia. Evocam-se aqui alguns exemplos que fundamentam essa assertiva. Em primeiro lugar, quando do início da construção da Estrada de Ferro Donna Tereza Cristina, em 1881, Laguna e Tubarão utilizaram sua força política de forma contundente articulando para que o traçado da ferrovia não se desviasse dos interesses dos dois municípios. O Visconde de Barbacena, logo após ter conseguido financiamento para a construção da ferrovia e a exploração do carvão mineral, que segundo as investigações técnicas, estavam situadas nas cabeceiras do Rio Tubarão, contratou a empresa James Perry e Cia. para a construção da estrada de ferro.⁴⁷⁶

Via de regra, qualquer construção, seja de uma estrada ou ferrovia, leva em consideração a economia dos custos, e isso significa realizar um traçado mais curto e que busque driblar as adversidades colocadas pela natureza. No caso, a Ferrovia Tereza Cristina que, na época, era o mais moderno meio de transporte e, portanto um

⁴⁷⁵ *A Imprensa*. Tubarão, 27 de Janeiro de 1924.

⁴⁷⁶ ZUMBLICK, *Tereza Cristina: a ferrovia do...*

privilégio de poucas regiões do Império, deveria ter levado em conta o potencial de desenvolvimento que poderia engendrar. Contudo, o traçado escolhido sugere que o critério do menor custo foi vencido pelos interesses de Laguna e Tubarão, mesmo sendo a ferrovia um empreendimento financiado com capital privado (inglês), pois o Estado havia dado apenas garantias aos capitais ingleses.⁴⁷⁷

Tendo sido construída para o transporte de carvão da região das minas, uma breve análise do ponto de partida, o Porto de Imbituba, e o ponto de chegada, a região das minas nas cabeceiras do Rio Tubarão. Demonstra que o caminho mais curto e, portanto menos oneroso passaria pelo meio das terras do Patrimônio Dotal e não seguindo as margens do Rio Tubarão, como de fato foi construída. Soma-se a isso as conhecidas e violentas enchentes desse rio que recolhe as águas de dezenas de afluentes pequenos, médios, e grandes, desde a serra do mar até o litoral. Portanto do ponto de vista técnico, as características do rio não aconselhariam uma estrada de ferro seguindo seu traçado.

A obstinação no traçado seguindo o Rio Tubarão onerou em muito a construção da estrada de ferro como se pode perceber nos aproximadamente um quilometro e trezentos metros da “Ponte da Cabeçada”, as várias pontes para cortar os tributários do Rio Tubarão, e as dunas do litoral que exigiam a construção de longos diques para evitar que a areia adentrasse nos trilhos. A todas essas contra-indicações técnicas soma-se o fato de que o traçado ficaria muito longo e, portanto, bem mais caro.⁴⁷⁸

Os argumentos expostos acima são endossados por Charles Mitchel Smith Leslie, engenheiro encarregado de fazer o levantamento das terras do Patrimônio Dotal pertencentes ao Conde d’Eu e à princesa Isabel. Em seu relatório, percebeu que além dos problemas técnicos apresentados no traçado articulado pelos interesses de Laguna e Tubarão, este traçado não atenderia a contento aos interesses dos príncipes que pretendiam iniciar a colonização. Dizia Leslie no relatório, com todo cuidado, a fim de evitar qualquer atrito com os interesses das elites locais. “Sem condenar o atual traçado

⁴⁷⁷ ZUMBLICK, *Tereza Cristina*: a ferrovia do...

⁴⁷⁸ SILVA, Elias Manoel da. *A Palmatória*: Orleans já teve um tempo perigoso: Revolta Social em área de imigração no sul de Santa Catarina na República Valha. Brasília: UnB, 1996, p. 71-72 (Dissertação de Mestrado em história).

[...] a estrada Dona Tereza Cristina teria maiores proveitos passando por Braço do Norte e cortando o Patrimônio, pois, teria evitado as enormes obras de arte da Cabeçuda e as pontes sobre o Tubarão”.⁴⁷⁹

Vê-se que não foram os argumentos técnicos a prevalecerem na escolha do traçado para a construção da ferrovia, mas sim a força política das elites luso-brasileiras de Laguna e Tubarão. Não fosse a capacidade de articulação política de Laguna e Tubarão, certamente os investimentos privados não teriam dado tanta importância aos interesses dessas localidades.

Em segundo lugar, destaca-se outro fato que atesta a influência política das elites luso-brasileiras, especialmente de Tubarão. Com o término da construção da ferrovia, Imbituba foi escolhida pelos ingleses para sediar as oficinas, depósitos, almoxarifados da Estrada de Ferro Tereza Cristina.⁴⁸⁰ Contudo, em 1906, através de uma articulação do superintendente Municipal de Tubarão, o Coronel João Cabral de Mello, eram transferidas as oficinas da Estrada de Ferro para este município.⁴⁸¹ Por último, aponta-se para as disputas entre Laguna e Imbituba, para ser o porto carvoeiro, disputa essa sempre vencida por Laguna dada à articulação política de suas elites, tanto que em 1940 Getúlio Vargas decretou Laguna como porto carvoeiro.⁴⁸²

Posto isso, evoca-se ainda a presença de investimentos do Estado no Sul Catarinense. Ao longo da década de 1920, foram várias as medidas de incentivo para a

⁴⁷⁹ Relatório do engenheiro Charles Mitchel Smith Leslie – 1º de agosto de 1881. Arquivo do Museu da Imigração Conde D’Eu, Orleans, Santa Catarina.

⁴⁸⁰ MARTINS, Manoel de Oliveira. *História de Imbituba*. Florianópolis: Ribeiro. 1971.

⁴⁸¹ ZUMBLICK, *Tereza Cristina: a ferrovia do...*, p. 84 a 86. Ver também *O Tubaronense*, 20 de maio de 1906. O jornal destaca a solenidade de mudança das oficinas para Tubarão ressaltando a presença das autoridades como Lauro Müller representando o Presidente da República e exaltando o esforço do coronel João Cabral de Mello.

⁴⁸² MORAES, Fabio Farias de. *O Porto Carvoeiro na formação do Complexo Carbonífero Catarinense: a disputa entre Laguna e Imbituba*. Criciúma: UNESC, 1996, p. 38 (monografia de conclusão de curso em economia).

indústria carbonífera da região.⁴⁸³ No entanto, foi a partir do protecionismo estatal do pós-1930 que o carvão catarinense receberia os maiores incentivos. Através de vários decretos, o governo de Getúlio Vargas regulava as condições para o aproveitamento do carvão nacional, basta dizer que em 1931 era emitido um decreto tornando obrigatório o consumo de 10% do carvão nacional e em 1937 a cota seria elevada para 20%. Os incentivos contribuíram para o surgimento, na década de 1930, de mais quatro companhias mineradoras, e nos anos 40 de mais 30.⁴⁸⁴

Assim, no contexto da Primeira Guerra Mundial, a exploração do carvão mineral recebeu novo impulso, que nos anos 20 provocou a expansão dos ramais da Estrada de Ferro Tereza Cristina. Atraiu empresários de outros estados e até estrangeiros e foi ocorrendo a modernização das minas, um número crescente de migrantes vão chegando à região, e no pós-30 receberia o protecionismo estatal. Todos esses acontecimentos sugerem que a região e sua população estavam experimentando mudanças não só econômicas, mas também políticas e culturais. A perspectiva de alcançar riqueza, prosperidade e progresso, exaltados pela imprensa, atingia amplos setores da sociedade.

No Brasil, nos anos vinte, vinha se configurando uma nova mentalidade sobre o país. As palavras de ordem neste contexto eram progresso, urbanização, industrialização e modernidade. Essas idéias advindas da Europa aportaram no Brasil provocando transformações de toda ordem. Pretendia-se vencer o “atraso”, acompanhando o ritmo de desenvolvimento da civilização européia. Dito de outra forma, essas transformações, que estavam ocorrendo vertiginosamente, nada mais

⁴⁸³ Sobre os vários incentivos governamentais à exploração do carvão na década de 1920 ver: BELOLLI, *História do Carvão de...*, p. 101 a 108.

⁴⁸⁴ GOULARTI FILHO, *Formação econômica de...*, p. 88.

eram do que a expansão do capitalismo europeu pelo mundo ocidental, principalmente a partir da segunda revolução industrial. As novas tecnologias elevaram a produtividade e incorporaram parcelas significativas da população global aos processos produtivos trazidos pela industrialização.⁴⁸⁵

Por outro lado, essas mudanças, que estavam ocorrendo principalmente nos grandes centros do país, São Paulo e Rio de Janeiro, devem-se também ao dinamismo da economia local, de base cafeeira associado à emergência da indústria, e ao rápido crescimento demográfico sofrido pelas cidades; mas tem a ver com uma espécie de culto ao novo, ao imaginário “moderno”, que passava a vigorar.

‘Moderno’ se torna à palavra origem, o novo absoluto, a palavra-futuro, a palavra-ação, a palavra-potência, a palavra-libertação, a palavra-alumbramento, a palavra-reencantamento, a palavra-epifania. Ela introduz um novo sentido à história, alterando o vetor dinâmico do tempo que revela a sua índole ponto remoto no passado, mas de algum lugar do futuro.⁴⁸⁶

Ecos destas mudanças foram sentidos por parcelas significativas das populações do Sul Catarinense. A região entrava na década de 30 com um quadro positivado para suas populações, em especial para as áreas de imigração, onde o carvão era explorado. Enquanto para as regiões de imigração do Vale do Itajaí e Norte do estado, por exemplo, tanto o governo do estado quanto o federal impuseram um forte controle econômico, político e das práticas culturais dos descendentes de imigrantes via nacionalização⁴⁸⁷, no Sul Catarinense se delineava um processo de

⁴⁸⁵ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático da Metrópole*. São Paulo: Sociedade e Cultura nos Freementes Anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 28.

⁴⁸⁶ Idem, p. 228.

⁴⁸⁷ Sobre a intervenção do governo Vargas no Vale do Itajaí, ver: CAMPOS, Cyntia Machado. *A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil*. Campinas, 1998. Tese de doutorado em história. Sobre a nacionalização em Joinville ver: BRUNHS, Katianne. *Espaços de sociabilidade e o idioma* (a campanha da nacionalização em Joinville). Florianópolis: UFSC/CCH, 1997.

ascensão das áreas de imigração e da região como um todo, tendo em vista que no pós-30 as ações do Estado entraram positivadas.

Ambivalência: os fascismos europeus e a nacionalização

O Diretor da Seção de Segurança Nacional do Ministério da Justiça e Negócios Interiores do Rio de Janeiro, Augusto César Lobo, em 18 de dezembro de 1942, encaminhava uma circular para todos os delegados de 40 municípios de Santa Catarina solicitando o preenchimento de um questionário com 79 questões⁴⁸⁸, que tinha como preocupação central obter informações sobre as atividades sócio-econômico-político-culturais dos imigrantes europeus e seus descendentes em todo o Estado.

O questionário pautou-se por abordar aspectos relativos à nacionalidade dos imigrantes, à educação e às sociedades criadas, a suas atividades econômicas, a suas atividades políticas, se os imigrantes possuíam armas e, por último, o efetivo policial e militar de cada município. Para uma análise um pouco mais detalhada, evocam-se aqui as principais questões enunciadas no questionário. Em relação à nacionalidade dos imigrantes: “Nos 10 últimos anos tem-se verificado a entrada, no município, de imigrantes estrangeiros? Há no município, colônias ou núcleos estrangeiros? Qual o número de estrangeiros residentes na sede do município?”⁴⁸⁹ Era ainda preciso especificar a nacionalidade dos estrangeiros. Quanto à educação e às associações, era solicitado que fossem respondidas as seguintes questões:

⁴⁸⁸ Circular remetida aos municípios Catarinenses pelo Diretor da seção de Segurança Nacional do Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Rio de Janeiro, dezembro de 1942. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

⁴⁸⁹ Circular remetida aos municípios Catarinenses..., dezembro de 1942, p. 3-4.

Quais as sociedades civis, recreativas, culturais, beneficentes, etc., fechadas em consequência do rompimento de relações com a Alemanha, Itália e Japão? Há sociedades civis de súditos desses países funcionando? Quais? Há sociedades cooperativas de estrangeiros? Possuem os estrangeiros, escolas particulares para a educação de seus filhos? Quantas? (por nacionalidade). Indicar, por nacionalidade, quantos filhos de estrangeiros freqüentam as escolas públicas ou grupos escolares? Há famílias estrangeiras cujos filhos não freqüentam escolas? De que nacionalidades?⁴⁹⁰

Em relação às atividades econômicas desenvolvidas pelos estrangeiros, o Ministério da Justiça desejava obter as seguintes informações: Se havia nos municípios propriedades agrícolas (chácaras, sítios ou fazendas) pertencentes a estrangeiros. Qual o nome do proprietário e sua nacionalidade, época em que foi adquirida, sua distância da sede do município, sua extensão e seu valor de aquisição, quantidade, espécie de gêneros que produz, valor aproximado da produção anual e o número de empregados estrangeiros que trabalhavam na propriedade. Sobre a agricultura, ainda era perguntado se as propriedades agrícolas arrendadas ou pertencentes a estrangeiros estavam próximas de estradas de ferro, estradas de rodagem, aeroportos ou campos de aviação, rios navegáveis e também se estavam próximas a usinas de eletricidade e fábricas de armas.⁴⁹¹ Praticamente todas essas questões eram também aplicadas aos estabelecimentos industriais.

No que tange às questões políticas, o questionário pretendia identificar se nos municípios onde viviam os imigrantes europeus e seus descendentes se “manifestam ou manifestavam antes do rompimento de relações com a Alemanha, Itália, e Japão, simpatia pelas doutrinas políticas vigorantes nesses países, ou

⁴⁹⁰ Idem, p. 4-5.

⁴⁹¹ Circular remetida aos municípios Catarinenses..., dezembro de 1942, p. 5 a 7.

entusiasmo por seus feitos de guerra”.⁴⁹² Inquiria sobre a existência, nos municípios, de estrangeiros suspeitos de atividades contrárias ao regime político nacional e se havia *antigos integralistas que se mantinham fiéis às doutrinas do Sigma*. Ainda inquiria sobre os nomes dos prefeitos, juizes de direito, promotores de justiça, coletores, escrivães, tabeliães etc. Nas questões políticas, o questionário era também dirigido aos brasileiros.

Há no município, brasileiros manifestamente contrários ao atual regime político nacional? Há, no município, brasileiros partidários, na atual guerra, da Alemanha, da Itália e do Japão? Há, no município, brasileiros que se manifestem contrários ao rompimento de relações diplomáticas com aqueles países? Muitos? Qual a percentagem aproximada? Há, no município, brasileiros que se afigurem capazes de auxiliar estrangeiros em atividades contrárias aos interesses ou à segurança nacionais?⁴⁹³

Por último, o questionário buscava saber se nos municípios havia fábricas ou casas comerciais negociando armas, munições e explosivos, e se essas pertenciam a imigrantes europeus ou descendentes e se possuíam armamentos em suas colônias ou em suas propriedades. Ainda inquiria sobre o efetivo policial do município, seu nível de organização, armamentos, se havia destacamento do exército nacional ou força militar estadual e também estações transmissoras e receptoras de rádio amadores.⁴⁹⁴

A partir das principais questões abordadas pelo questionário, é possível fazer algumas inferências. De maneira geral, o questionário sugere a grande preocupação do Estado Novo com as áreas de imigração de Santa Catarina, certamente esse configurou-se em mais um diagnóstico para os órgãos da Segurança Nacional identificarem possíveis focos de indivíduos ou grupos simpatizantes dos fascismos

⁴⁹² Idem, p. 8.

⁴⁹³ Idem, p. 9.

⁴⁹⁴ Circular remetida aos municípios Catarinenses..., dezembro de 1942, p. 9 a 11.

européus, militantes do Integralismo, se eram contrários ao governo de Getúlio Vargas e se poderiam representar um perigo “perturbando ou subvertendo a ordem”. Contudo, a preocupação do Governo não era somente com os imigrantes e seus descendentes; na medida em que o questionário era estendido para praticamente todos os municípios Catarinenses, as questões também serviam para obter informações sobre ações de luso-brasileiros.

Em relação à educação e às associações, observa-se que mesmo depois de quase cinco anos de imposição da campanha da nacionalização pelo Estado Novo e pelo interventor Nereu Ramos, o que provocou na época o fechamento de 138 escolas particulares, espalhadas em diversos municípios do estado, e ao mesmo tempo o governo catarinense abria 99 escolas públicas estaduais e 141 escolas municipais para atender o ensino primário sob a vigilância permanente dos inspetores⁴⁹⁵, fechou sociedades e associações civis, recreativas, culturais, de caça e de tiro e beneficentes, com o rompimento das relações diplomáticas e, em seguida, a declaração de guerra contra a Alemanha Hitlerista e a Itália de Mussolini, o projeto da nacionalização passa a se apresentar ainda de forma mais violenta.

Em Santa Catarina, nas áreas de imigração européia, ocorreu a proliferação de uma rede escolar autônoma, controlada pela população “estrangeira” estabelecida no estado nos séculos XIX e início do XX. A situação de isolamento dos núcleos coloniais, aliada ao abandono por parte do governo em relação à escolarização, levou os imigrantes a organizarem as suas próprias escolas. Nestas condições, os imigrantes,

⁴⁹⁵ MONTEIRO, Jaecyr. *Nacionalização do ensino em Santa Catarina: 1930-1940*. Florianópolis: UFSC, 1979.

desconhecendo a língua e os costumes locais, conservaram tradições trazidas das várias regiões da Europa.⁴⁹⁶

Em tais condições, com a implantação do Estado Novo, em Santa Catarina o interventor Nereu Ramos, a partir de 1938, investiu no projeto da modernização e nacionalização do sistema escolar. Medidas como a proibição do uso da língua estrangeira nos estabelecimentos escolares e a criação da Superintendência Geral das Escolas Particulares e Nacionalização⁴⁹⁷ do Ensino foram sendo implantadas em todo o estado.

Entre as medidas de efeito mediato, a mais relevante refere-se à obra da nacionalização iniciada nas escolas, em algumas regiões onde o afluxo da colonização estrangeira poderia criar, no curso do tempo, centros estranhos às pulsações da vida brasileira, pela persistência de costumes, hábitos, tradições e modos de ser peculiares a outras raças. A língua é um nobre instrumento de afirmação da soberania nacional. A sua difusão nos grupos de maior densidade que acabo de mencionar, formará gerações de bons brasileiros, na infância e na adolescência, que, até agora, aprendiam pela cartilha dos seus maiores e não conheciam outra história senão a dos seus antepassados do lado oposto do oceano ou de outras latitudes.⁴⁹⁸

A grande campanha da nacionalização tinha como objetivo a constituição do sentimento de brasilidade e a consolidação de noções de trabalho nos indivíduos, caracterizados pela preparação de catarinenses para atender às exigências do processo produtivo. O discurso da renovação evidenciava as características da modernidade permeando a sociedade catarinense dos anos 30, e objetivava “tornar mais eficiente à gerência do Estado sobre a sociedade, estendendo formas de

⁴⁹⁶ CAMPOS, Cyntia Machado. As intervenções do Estado nas escolas estrangeiras de Santa Catarina na era Vargas. In : BRANCHER, Ana. (Org.). *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999, p. 154.

⁴⁹⁷ Em Santa Catarina, as preocupações com a nacionalização estavam presentes desde a Primeira República, quando foram elaboradas as primeiras medidas, com a criação da Inspeção de Nacionalização do Ensino no Estado. Sobre isso ver: D'AQUINO, Ivo. *Nacionalização do ensino: aspectos políticos*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1942, p. 12. No entanto, um amplo movimento neste sentido ocorreria somente no final da década de 30 e início dos anos 40.

⁴⁹⁸ VARGAS, Getúlio. *As Diretrizes da Nova Política do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora José Olympio, p. 304.

disciplina e controle aos diversos espaços e instâncias do convívio social”.⁴⁹⁹ O projeto nacionalista fez tentativas homogeneizadoras, que resultariam na afirmação de um certo modo de vida para toda a sociedade catarinense. Em um Estado marcado pela heterogeneidade cultural e a multiplicidade de grupos, este projeto gerou tensões e conflitos, em especial nas regiões de imigração européia, principalmente com a declaração de guerra contra o eixo, o que justificaria este rígido controle por parte do governo das populações dos municípios catarinenses.

Alcir Lenharo, em suas reflexões sobre os anos 30, observava a configuração de um imaginário da ordem tanto entre varguistas quanto integralistas, e que essa permeava a organização sócio-política em vários níveis, sendo associada à militarização do corpo. A ordem aparecia como algo natural, e por isso deveria ser aceita. Desta forma, o soldado-modelo era o exemplo de comportamento que deveria ser seguido por trabalhadores e pelo o cidadão comum. Em seu discurso proferido para os imigrantes alemães e seus descendentes em Santa Catarina, Vargas evocava essas idéias: “Nos países novos às forças militares cabe alta função educadora e nacionalizadora. Pelos quartéis passam todos os anos, milhares de jovens que aprendem a servir o Brasil”.⁵⁰⁰ Nesta visão, servir à pátria significava defender a Nação, manter a ordem entre os poderes constituídos, exaltar a disciplina partidária, sindical, corporativa, religiosa e identificar o trabalho como força propulsora do progresso.⁵⁰¹

⁴⁹⁹ CAMPOS, Cintya Machado. Identidade e diversidade no Sul do Brasil: as tentativas de homogeneização do espaço catarinense na era Vargas. *Fronteiras: Revista de História*. Florianópolis. n. 7, 1999, p. 49.

⁵⁰⁰ LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas: 2.^a ed. São Paulo: Papyrus, 1986, p. 200.

⁵⁰¹ Ainda segundo LENHARO, *Sacralização da política*..., p. 34-35, vinha do Estado Novo “a única voz que fala em nome de todos os brasileiros. O homem comum, o cavalheiro dos salões, o homem e a mulher do campo, o operário, o comerciantes, são descaracterizados socialmente para serem recuperados na perspectiva de uma identidade que a organicidade na Nação engendrara através da harmonia social já alcançada”.

Assim, “contituiu-se um conjunto de valores comuns a toda a sociedade, independente de opção político-ideológica”.⁵⁰² Nesta perspectiva, os regionalismos, os conflitos de classe, e a pluralidade eram diluídos pelo regime e pelos movimentos autoritários “dando lugar à concepção de unidade social do povo brasileiro”.⁵⁰³

Contudo, o projeto nacionalizador empreendido durante a era Vargas e pelos interventores de Santa Catarina foi muito mais sentido em algumas regiões do Estado do que em outras. Voltando à análise do questionário no que diz respeito às questões econômicas, estas estavam todas voltadas para as atividades desenvolvidas por imigrantes e seus descendentes tanto na agricultura quanto na indústria, e se elas ficavam próximas a alguma via de comunicação. Isso era um indício que demonstra a preocupação do governo por uma possível proximidade com os fascismos europeus.

A partir do início dos anos 40, a imprensa nacional e local, intelectuais e lideranças políticas forjaram uma imagem de conspiração arquitetada entre a Alemanha e os imigrantes alemães e seus descendentes que pretendiam desmembrar o Brasil e construir um Estado independente. Este discurso serviu para se implementar uma certa concepção de nacionalismo visando a homegeinização cultural da sociedade brasileira.⁵⁰⁴ Do ponto de vista econômico, as intervenções do governo Vargas, em especial no Vale do Itajaí e Norte do estado, visavam “colocar sob o controle do Estado um núcleo industrial construído pelos alemães”.⁵⁰⁵ Por outro lado, no Sul Catarinense a indústria carbonífera já vinha sendo incentivada, subsidiada e controlada pelo Estado.

⁵⁰² DITZEL, Camencita de Holleben Mello. *Manifestações Autoritárias*. O Integralismo nos Campos Gerais (1932-1955). Florianópolis: UFSC, 2004, p. 94 (Tese de Doutorado em História).

⁵⁰³ Idem, p. 94.

⁵⁰⁴ FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre ontem e amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: editora da UNIVALI, 2000, p. 103.

⁵⁰⁵ CAMPOS, *A política da língua na era Vargas...*, p. 126.

Mesmo que discursos como a constituição de um “Estado no Estado”, a “germanização” ou a “nazificação” de Santa Catarina tenham aparecido muito mais como um recurso simbólico para justificar ações do governo, o que se observa concretamente na análise do questionário, era uma real preocupação das autoridades do Estado Novo com uma possível proximidade dos imigrantes e descendentes com os fascismos.⁵⁰⁶ Não fosse essa preocupação, como se explicaria um questionário que pretendia diagnosticar a quantidade de propriedades e indústrias pertencentes a imigrantes e descendentes, e se essas ficavam próximas a vias de comunicação ou usinas de eletricidade, ou então se possuíam fábricas de armas, munições e explosivos e a quantidade de armas que possuíam em suas casas, e se os municípios possuíam efetivo policial ou militar capaz de controlar uma possível perturbação da ordem?

Por fim, no que tange às questões políticas, ao se fazer à análise do questionário sobre a simpatia dos imigrantes e descendentes pelas doutrinas políticas dos países do eixo e por seus feitos, observou-se, tomando como exemplo os municípios do Sul Catarinense, que somente um dos oito respondeu que não havia simpatizantes. Em relação aos integralistas, o questionário sugere que as autoridades governamentais, além de manifestarem uma preocupação com a fidelidade de antigos integralistas à doutrina do Sigma, preocupavam-se com as relações de imigrantes, Integralismo e Nazi-fascismo. É importante lembrar que o Integralismo teve um crescimento significativo nas regiões do estado onde estavam estabelecidos os

⁵⁰⁶ Em 1940 Vargas, proferia um discurso no qual dizia que não se poderia permitir “que elementos estranhos vindos de fora, procurassem perturbar a tranqüilidade das populações coloniais, tentando arrastá-las e organizá-las para o exercício de atividades contrárias aos interesses da Pátria”. Sobre isso ver: VARGAS, *As Diretrizes da...*, p. 304.

imigrantes europeus e, com o Golpe do Estado Novo, os partidos políticos foram colocados na ilegalidade, os integralistas perseguidos, sendo que muitos foram presos.

No entanto, a simpatia pela doutrina do Sigma não se dissipou, basta dizer que em 10 de março de 1938 foi articulada uma revolta em nível de Brasil, e fracassada, a fim de derrubar Getúlio Vargas, que “também envolveu integralistas do estado, sendo que de Santa Catarina constam do inquérito 70 nomes para serem processados pelo Tribunal de Segurança Nacional”.⁵⁰⁷

Outra preocupação era com a proximidade de luso-brasileiros, imigrantes e os fascismos. Essa preocupação do governo também com os luso-brasileiros confirma a assertiva de que os fascismos não foram simpáticos somente para os imigrantes e seus descendentes. No Sul Catarinense, a imprensa luso-brasileira, até 1938, constantemente exaltava os fascismos europeus.

Assim, esse questionário constitui-se em um forte indício das preocupações do Estado Novo⁵⁰⁸ frente à simpatia ou uma possível conspiração arquitetada por imigrantes e seus descendentes, preocupação estendida também aos luso-brasileiros, que poderiam estar auxiliando atividades fascistas em Santa Catarina. Se, por um lado, em outros Estados o principal adversário e inimigo do Estado Novo e, portanto, da Nação, era o Comunismo, em Santa Catarina eram os fascismos europeus e o Integralismo.

⁵⁰⁷ FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Ed. da Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005, p. 214.

⁵⁰⁸ Um levantamento das múltiplas interpretações sobre o Estado Novo pode ser encontrado em: GERTZ, René. Estado Novo: um inventário historiográfico. In: SILVA, José Luiz Werneck (Org.). *O feixe e o Prisma*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991, p. 111-131.

Posto isso, é imperativo levantar algumas questões para aprofundar a compreensão da experiência dos fascismos⁵⁰⁹ no Brasil bem como suas relações com o Integralismo. Como se processavam as relações, sócio-econômico-político-culturais entre os fascismos europeus e o Brasil? Em Santa Catarina como eram estabelecidas essas relações? Havia diferenças? Fascismo italiano e Nazismo alemão conseguiram maior inserção em algumas regiões do estado do que em outras? Quais as relações entre o Fascismo, o Nazismo e o Integralismo?

Nazismo e Integralismo: algumas abordagens

Iniciaremos abordando as relações com o Nazismo. Na historiografia, podem ser encontrados vários estudos tanto em âmbito nacional quanto catarinense sobre o Nazismo. De maneira geral, boa parte destes estudos podem ser classificados em duas matrizes explicativas. Na primeira, destacam-se os estudos que consideram a quase totalidade dos imigrantes alemães e seus descendentes sob o controle do Nazismo e que sistematicamente conspiravam contra a Nação. Apontam para a nazificação do país e até mesmo a criação de um Estado independente sob o controle da Alemanha.

⁵⁰⁹ O regime fascista foi denominado na década de 1920 pela ciência política de Totalitarismo, criado na Itália e posteriormente aplicado à Alemanha Nacional-Socialista. A noção de Totalitarismo pode ser encontrada em ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo* (anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo). São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Conforme a autora, o totalitarismo configurou-se em uma nova forma de dominação, no que tange ao alto grau de mobilização da sociedade. Três aspectos são centrais no regime totalitário: partido único de massas, uma ideologia oficial, violência e terror oficial. O totalitarismo constituiu-se em um fenômeno novo na história, que surgiu em decorrência da falência da democracia liberal. Visava a subordinar o conjunto da sociedade sob a direção de um partido único liderado por um chefe supremo, buscando instituir uma homogeneidade de atitudes e pensamento em toda a população.

Essa matriz continua sendo difundida, e se fundamenta principalmente nos relatórios das autoridades policiais.⁵¹⁰

Divergindo da primeira, a segunda matriz procura fundamentar sua explicação justificando que grande parte do que é apresentado como sendo uma atividade nazista e contrária ao Brasil ocorre antes do golpe do Estado Novo e que, portanto, não era, naquele momento, considerada ilegal e nem poderia ser interpretada como antibrasileira. Outra explicação, já exposta anteriormente, diz respeito aos discursos de intelectuais, militares e imprensa sobre a nazificação e suposta criação de um Estado dentro do Estado, que teria sido utilizada muito mais para justificar o projeto nacionalizador⁵¹¹.

Há evidências que demonstram uma ambivalência nas relações entre o Brasil e a Alemanha, como também com os imigrantes e seus descendentes. Essa ambivalência transparece na documentação que trata da temática, como também na historiografia, e remete ao século XIX, quando da imigração. Se, por um lado, os

⁵¹⁰ LARA RIBAS, Antonio de *O punhal nazista no coração do Brasil*. 2.^a ed. Florianópolis – Imprensa Oficial, 1944. PY, Aurélio da Silva. *A 5.^a. Coluna no Brasil*. 3.^a ed. Porto Alegre: Globo, 1942. COHEN, Esther. *O governo federal e o partido nazista no Brasil*. Niterói, UFF, 1998 (Dissertação de mestrado). BETHLEM, Hugo. *Vale do Itajaí: jornada de civismo*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1939. MONTEIRO, Jaecyr. *Nacionalização do ensino em Santa Catarina*. 1930-1940. Florianópolis: UFSC, 1979. AMORIM, Aloizio Batista de. *Nazismo em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 2000. *O III Reich e o Brasil – Documentos autênticos capturados na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Laudes, 1960. Esta obra reúne informações dos embaixadores de Hitler na América Latina e as ordens de Berlim sobre a ação alemã no exterior durante o governo nazista.

⁵¹¹ SEITENFUS, Ricardo Antonio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1940: o processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília INL. Fundação Nacional Pró-Memória, 1985. GERTZ, René. *O fascismo no Sul do Brasil: Germanismo, Fascismo, Integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987. Do mesmo autor *O Perigo Alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1991. SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: FCF, 1981. MAGALHÃES, Marionilde Brepohl de. *Pangermanismo e Nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1998. Pode-se aproximar as análises de Seyferth e Magalhães em três aspectos: o primeiro diz respeito à visão de mundo dos teutos, quase sempre incompreendida por outras etnias, entre a Alemanha e o Brasil. No segundo abordam a necessidade dos teutos manterem laços com a Alemanha para construção de uma idéia de pertencimento a uma comunidade. Por último, destaca a angústia constante dos imigrantes alemães e seus descendentes de serem aceitos no Brasil, por meio de uma inserção que respeitasse seu modo de vida. FALCÃO, *Entre ontem e amanhã...*, 2000.

imigrantes alemães foram bem vistos com o projeto de “branqueamento”, sua ética para o trabalho e contribuição para o desenvolvimento econômico, por outro, havia uma crescente insatisfação com a inserção sócio-político-econômico-cultural no contexto brasileiro, que se acentuara no pós-1930.

A suposta nazificação do país costuma ser destacada no número significativo de descendentes de alemães estabelecidos no país, pois, dos 40 milhões de brasileiros, aproximadamente um milhão eram teuto-brasileiros. O período mais intenso da imigração alemã para o Brasil ocorreu entre o final da Primeira Guerra e 1933, quando entraram em torno de 80.000 alemães.⁵¹² Com todo esse contingente de imigrantes e a ascensão econômica da Alemanha nazista, era de se pressupor que um número relativamente grande de imigrantes e descendentes ingressasse no partido. Contudo, essa assertiva não se confirmou, pois, no máximo 3.100 ingressaram no partido.⁵¹³

Quanto à organização e à influência nazista em Santa Catarina, observa-se que mesmo antes da tomada do poder na Alemanha, já na década de 20, eram realizadas as primeiras reuniões do partido na cidade de Blumenau. Há na historiografia vários estudos que procuram refletir sobre a influência do Nazismo, em especial entre os imigrantes alemães e seus descendentes do Vale do Itajaí e Norte do estado.⁵¹⁴ Em seus estudos, René Gertz observa que em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul havia entre 400 e 500 filiados ao Partido Nazista em um universo significativo de

⁵¹²GERTZ, René. A construção de uma nova cidadania. In: MAUCH, Claudia; e VASCONCELOS, Naira (Org.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994, p. 35. CARNEIRO, J. Fernando. *Imigração e colonização no Brasil*. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia, 1950.

⁵¹³ GERTZ, O fascismo..., O autor demonstra como as fontes divergem no que tange ao número de filiados a NSDAP.

⁵¹⁴ GERTZ, *O fascismo..*; SEYFERTH, *Nacionalismo e identidade..*; MAGALHÃES, *Pangermanismo e Nazismo..*; LARA RIBAS, *O punhal nazista no coração..*; AMORIM. *Nazismo em...*

descendentes e onde estavam em torno de 25.000 imigrantes nascidos na Alemanha.⁵¹⁵ Esses partidários do Nazismo em Santa Catarina “constituíam um distinto grupo social urbano: mantinham ligações diretas com empresas e consulados alemães, dependendo deles para sua sustentação econômica dentro da colônia alemã”.⁵¹⁶

A historiografia sobre a simpatia e influência da Alemanha nazista no estado circunscreve-se basicamente a duas regiões, o Vale do Itajaí e o Norte. E as outras regiões? Eram ou não influenciadas? Em relação ao Sul Catarinense, não se encontrou nenhuma evidência da organização da NDASP. Os poucos indícios encontrados na historiografia local apontam para a criação de um campo de concentração em Timbé do Sul, onde vários descendentes de imigrantes alemães e italianos foram presos acusados de quinta-coluna.⁵¹⁷ Outros foram levados para um campo de concentração criado no interior de Florianópolis.⁵¹⁸

Toma-se como exemplo a prisão de Jacob Arns, professor da escola do núcleo colonial de Forquilha, situado no município de Criciúma. Arns foi preso em agosto de 1942 e permaneceu até dezembro deste ano na prisão em Florianópolis. Naqueles dias, a colônia de Forquilha viveu um ambiente de medo e terror, pois, além de Arns, foram presos também o senhor Papior, alemão nato, e Richard Steiner, que era alfaiate. O senhor Gabriel Arns, que deveria ser preso, havia fugido, sua casa foi invadida pela polícia, que buscava algo para incriminá-lo, onde nada encontrou, e já

⁵¹⁵ GERTZ, *O fascismo...*, p. 86.

⁵¹⁶ PERAZZO, Priscila Ferreira. *O perigo alemão e a repressão no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999, p. 65. Esse perfil dos membros da NSDAP a autora articulou a partir da análise das profissões de 69 presos políticos em Florianópolis vinculados ao partido.

⁵¹⁷ Sobre o campo de concentração em Timbé ver: DALL'ALBA. João Leonir. *Colonos e mineiros no Grande Orleans*. Florianópolis: Edição do autor, 1986, p. 222. Recentemente a pesquisa de FÁVERI, *Memórias de uma (outra) guerra...*, procurou compreender como a população civil de Santa Catarina viveu o tempo da Segunda Guerra Mundial, apontou para o cotidiano, as resistências e os diversos papéis vivenciados por homens e mulheres naquele contexto.

⁵¹⁸ Sobre o campo de concentração em Florianópolis ver FÁVERI. *Memórias de uma (outra) guerra...*

havia queimado livros, revistas em Alemão.⁵¹⁹ “O prédio da União Colonial, a igreja, a residência das freiras foram vistoriados em busca de um suposto arsenal”.⁵²⁰ Levados para Criciúma, foram jogados em um cubículo, onde já havia outras 15 pessoas de origem alemã e italiana. No dia em que foram transferidos para Florianópolis, entre o trajeto do presídio até o ônibus que conduziria os prisioneiros, havia uma multidão aglomerada. “Os alunos e professores da rede estadual haviam sido convocados, enfileirando-se nos dois lados da rua. Gritam: ‘professor Jacó – Quinta Coluna’”.⁵²¹ Quando saiu da prisão, sua saúde estava bastante debilitada, “lá tive início de escorbuto. Meus dentes estavam frouxos e minha gengiva inchada. Meu peso médio antes foi, por muito tempo, 90 Kg. Quando saí da prisão pesava 60 Kg”.⁵²² Os indícios levam a crer que os professores Jacob Arns e Adolfo Back foram os descendentes de imigrantes alemães do Sul Catarinense que mais tiveram contato e informações sobre a Alemanha nazista.

Em 1932, em um encontro de professores alemães e teuto-brasileiros em Blumenau, viram pela primeira vez pessoas trajando os uniformes nazistas. Não tinham rádio e nem assinavam jornal da Alemanha. Seus conhecimentos sobre o Nacional-Socialismo tiravam dos jornais “*Das Deutsche Volksblatt* (a Folha do Povo Alemão) de Porto Alegre e *Der Kompass* (O Compasso) [sic] de Curitiba”.⁵²³ Com a ascensão de Hitler ao poder, as escolas alemãs recebiam subsídios e juntamente o material de propaganda da NDASP.

⁵¹⁹ ARNS, J. Crisóstomo. *Tempo do Pai: Gabriel Arns (1890-1990)*. Curitiba: Linarth, 1991, p. 70-71.

⁵²⁰ SILVA, Walburga Arns da. *Saga de uma família teuto-brasileira: Lehrer Arns, registro e vida de um professor de colônia*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1998. p. 158.

⁵²¹ Idem, p. 159.

⁵²² Idem, p. 160.

⁵²³ Idem, p. 139.

Vê-se que um dos caminhos por onde as informações sobre a Alemanha nazista chegavam aos núcleos coloniais era pela escola, e os professores dessas escolas eram possíveis divulgadores da ideologia nazista. Arns dizia que o material sobre o Nazismo jogava ao fogo, no entanto havia sido nomeado pelo Cônsul Alemão em Florianópolis e pelo presidente da Associação de Escolas para assumir como chefe de distrito da Associação de Professores do Sudeste de Santa Catarina.⁵²⁴ Além disso, era um profundo defensor da germanidade⁵²⁵ e por esta época era a Alemanha nazista que subvencionava as escolas e, portanto, a conservação da língua e dos costumes do país de origem. Isso tudo sugere que Arns, se não era um nazista convicto, ao menos simpatizava com o regime de Hitler, com a Alemanha e seus feitos, e possivelmente tenha recebido alguma influência do *Reich*.

Negar vínculo, influência e simpatia com o Nazismo certamente configurou-se em uma estratégia não só para Arns como também para muitos imigrantes e descendentes que, na tentativa de assegurar seu espaço de viver menos visado pelos órgãos do governo e pelos discursos pejorativos, experiência marcada pela violência física, e psicológica, tiveram que renegociar identidades, e foram obrigados a silenciar e desfazer-se de documentos que poderiam comprometê-los.

⁵²⁴ SILVA, *Saga de uma família teuto-brasileira...*, p. 139.

⁵²⁵ SEYFERTH, *Nacionalismo e identidade étnica...*, p. 49. Para a autora, era característica dos teuto-brasileiros conservarem a sua germanidade, o *Deutschtum* através das práticas culturais e do uso da língua. Assim, “a questão da identidade étnica teuto-brasileira pode ser resumida pela expressão *Deutschtum* (...) como o ponto crucial de uma ideologia nacionalista que coloca o direito de sangue como determinante da nacionalidade acima do Estado e da cidadania”. Considerava o nacionalismo alemão uma característica fundamental da ideologia teuto-brasileira. Contudo, como observou SILVA, Janine Gomes da. *Tempo de Lembrar, tempo de esquecer...* As vibrações do centenário e o período da nacionalização: histórias e memórias de Joinville. Florianópolis: UFSC, 2004, p. 29. (Tese de doutorado em história), “esta forma de compreender a questão da identidade étnica pode ser relativizada, haja vista que, possivelmente, passados tantos anos do início da colonização, muitos teuto-brasileiros já tinham ressignificado à própria ‘idéia de germanidade’”.

Contudo, a simpatia para com os fascismos europeus não se restringiu somente aos imigrantes e seus descendentes; há indícios muito fortes desta simpatia entre os luso-brasileiros. A crise da democracia liberal, os bons resultados que vinham alcançado os regimes totalitários e a oposição deste ao Comunismo contribuíram para a popularidade dos fascismos entre luso-brasileiros. Pode-se dizer que grande parte da imprensa catarinense era simpática aos fascismos, ao menos até 1938, pois as relações entre Brasil e Alemanha eram bastante profícuas. Exemplo disso foi às relações comerciais entre os dois países, que, com a ascensão de Hitler, desenvolveram-se de modo considerável, tanto que em 1936 a Alemanha superava os Estados Unidos nas importações para o Brasil⁵²⁶ e as exportações catarinenses tinham os alemães como o seu segundo melhor comprador, só perdendo para a Argentina.⁵²⁷

Desta forma, a admiração pelo Nazismo contagiou a imprensa da capital, os principais jornais, *República* e *A Gazeta*, estampavam constantemente em suas páginas a figura de Hitler, os feitos da Alemanha, a programação da rádio alemã para América do Sul, ressaltando os dias em que eram transmitidas em português.⁵²⁸ No Sul Catarinense, basicamente o único jornal que expressava simpatia para com o Nazismo era o *Albor*, que reproduzia artigos publicados em jornais de circulação nacional.

A Alemanha, cujos filhos sempre se destacaram pelo seu espírito construtor, sentia a falta de um guia que tivesse a necessária envergadura moral para enfrentar sem esmorecimento todos os obstáculos que vinham impedindo sua marcha triunfal de nação progressista. A vitória do partido nazista resolveu magnificamente para os alemães essa situação opressora, e a entrega ao chanceler Hitler, da direção de um povo digno por todos os títulos da nossa admiração, representa incomparável conquista ideológica.⁵²⁹

⁵²⁶ SEITENFUS, *O Brasil de Getúlio Vargas...*, p. 84.

⁵²⁷ *Diário Oficial do Estado*, 16 de julho de 1936, p. 19.

⁵²⁸ FALCÃO, *Entre ontem e amanhã...*, p. 131-132.

⁵²⁹ *Albor*, 14 de maio de 1933. Ano XXXII, nº 1.497.

Esse era o último parágrafo do artigo intitulado “A Alemanha e os Semitas”, onde se destacava Hitler como um grande estadista pelas medidas econômicas que vinha adotando bem como tecia duras críticas aos judeus, que dominavam o sistema financeiro do país e “trabalhavam para a fixação de um estado de coisas desfavorável aos objetivos dos que desejavam livre a nação do abismo a que se abeirava”⁵³⁰, e assim justificava as ações que o *Reich* começava a colocar em prática contra os semitas. Como o jornal *Albor* era da cidade de Laguna e que, portanto, seus leitores eram formados em sua maioria por luso-brasileiros, tem-se que o Nazismo gozava de simpatia entre essa população. Apesar da simpatia pelo Nazismo que se encontra nos jornais, parece que, entre a população em geral, a sua popularidade era restrita.

No que tange às relações entre o Nazismo e o Integralismo, observa-se também na historiografia a existência de duas vertentes explicativas. Na primeira procura-se destacar uma identificação entre Nazismo e Integralismo e que este último era utilizado para camuflar a ação nazista.⁵³¹ Apesar das críticas formuladas pela historiografia a essa visão, a proximidade entre Nazismo e Integralismo ainda vem sendo defendida. Recentemente, foi publicado o livro *Nazismo em Santa Catarina*, no qual o autor, ao abordar a organização nazista no estado, procura defender a proximidade entre as duas agremiações, chegando a ponto de argumentar que com o apoio da Alemanha “teria havido a tentativa de se criar no Sul do Brasil um Estado Integralista-Nazista independente, reunindo o estado do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul”.⁵³²

⁵³⁰ *Albor*, 14 de maio de 1933. Ano XXXII, nº 1.497.

⁵³¹ LARA, *O punhal nazista no...*

⁵³² AMORIM, *Nazismo em...*, p. 89.

Divergindo desta assertiva, vários estudos demonstraram que, ao invés de cooperação, existiam muito mais atritos entre nazista e integralistas nas colônias alemãs.⁵³³ Isso não descartou algumas tentativas de diálogo, sendo que alguns membros da NSDAP aliaram-se ao Integralismo. Stanley Hilton, em seus estudos, aponta vários indícios de uma possível cooperação entre nazistas e integralistas. Conforme o autor, os adversários do Integralismo diziam que este não passava de uma mera extensão da NSDAP, que Berlim fornecia armas para os camisas verdes, que o Integralismo imitou os símbolos do Nazismo, que Gustavo Barroso era abertamente admirador do *III Reich*, e que Plínio Salgado estivesse interessado em apoio financeiro da Alemanha.⁵³⁴

Entretanto, Hilton destacou também que as autoridades alemãs viam com reservas uma proximidade com os integralistas, sendo que algumas vezes chegaram a esboçar que o Integralismo no poder poderia aniquilar a cultura alemã e, portanto, era o mais perigoso adversário da NSDAP.

O nacionalismo dos integralistas chocava-se frontalmente com os interesses culturais alemães no Brasil, pois, em seu desejo de forjar uma nação unida, os camisas-verdes insistiam na assimilação de todas as 'colônias estrangeiras'. Uma das principais reformas que o partido advogava, por exemplo, era o uso obrigatório de português nas escolas particulares das regiões de colonização estrangeira. Salgado também criticou ideologicamente o Nazismo em várias ocasiões. A idolatria de um homem na Alemanha, escreveu Salgado numa ocasião, era 'resíduo de um século morto'. Apontou para 'a tendência pagã perigosa do hitlerismo', e lamentou que o misticismo alemão carecesse de base cristã. O tema do *Lebensraum* (espaço vital), da propaganda nazista Salgado tachou de 'puramente materialista', e rejeitou completamente as teorias raciais nazistas, condenando racistas, como Gobineau, com inimigo do Brasil.⁵³⁵

⁵³³ GERTZ, *O fascismo...*, p. 131-132. FALCÃO, *Entre ontem e amanhã...*

⁵³⁴ HILTON, Stanley E. *O Brasil e a Crise Internacional (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p. 32-34.

⁵³⁵ HILTON, *O Brasil e a Crise...*, p. 34-35.

Como se pode observar, as palavras de Hilton sugerem muito mais tensão do que uma conexão entre nazistas e integralistas. Em relação ao uso da língua portuguesa defendida pelos integralistas nas colônias alemãs, como, por exemplo, as do Vale do Itajaí, a imprensa teuto-brasileira que fazia a propaganda do Integralismo, por meio das *Blumenauer Zeitung* e da *Joinvillenser-Zeitung*, dava “garantias de sobrevivência às escolas alemãs, ao uso da língua alemã e à manutenção do *Deutschbrasilianertum* em geral, desde que não fossem esquecidos o ensino do português e outras disciplinas como a história do Brasil”.⁵³⁶ Isso certamente provocava um incômodo entre os nazistas do Vale.

De parte do Integralismo, a oposição ao Nazismo vinha de sua maior liderança Plínio Salgado, o que certamente repercutia nos núcleos integralistas de Santa Catarina. De fato, Salgado, desde 1934, em artigos publicados em *A Ofensiva* e em alguns de seus livros, tecia duras críticas ao Nazismo. Além do combate ao capitalismo internacional, ao comunismo, afirmava ter um terceiro elemento a ser combatido. Essa terceira concepção política era o “Estado Nacional-Socialista, aquele Estado que, adotando o critério socialista de Marx, conciliava-o com o sentimento patriótico, produzindo um nacionalismo exacerbado e dominador”.⁵³⁷

No Sul Catarinense, em 22 de Janeiro de 1935, o núcleo integralista de Laguna como em todo Brasil, comemorava o aniversário de Plínio Salgado. Por ocasião do festejo organizado pelo núcleo de Laguna, o jornal *Albor* dava ampla cobertura ao evento em sua primeira página. O articulista do jornal que cobria o evento exaltava o

⁵³⁶ Sobre como o Integralismo procurou resolver esse problema com os alemães e seus descendentes ver: SEYFERTH, *Nacionalismo e identidade étnica...*, p. 103.

⁵³⁷ SALGADO, Plínio. *Obras Completas*. São Paulo: Ed. das Américas, vol. 10. As críticas de Salgado ao Nazismo podem ser encontradas também em: HUNSCHE, Carlos Henrique. *O Integralismo brasileiro*. Tese de doutorado autorizada pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Friederich Wilhelm, Berlim, 1938, p. 98-99.

chefe nacional, Plínio Salgado, dizendo ser este não um homem, mas uma idéia, e a voz da idéia era a voz da pátria, e por fim Salgado era comparado a Mussolini, Hitler e Salazar. “Ele forma o quarteto universal sobre cujos ombros repousa a tranqüilidade do mundo. É um predestinado”.⁵³⁸ Entretanto, no mesmo jornal, o chefe municipal de Laguna, Antonio Mussi, ao fazer uma comparação com os fascismos europeus, concluía que o Integralismo não era uma cópia dos movimentos congêneres, “mas sim uma necessidade que se impunha ante o chamado freqüente que dirige seus filhos a nação agonizante”.⁵³⁹

O Integralismo e o Fascismo italiano

Quanto à simpatia e influência do Fascismo italiano no Brasil e em Santa Catarina, especialmente nos núcleos coloniais do estado, observa-se que, desde que chegou ao poder, Mussolini procurou transformar os italianos que se encontravam no exterior em um instrumento de uma política a fim de difundir a nova Itália exaltada como moderna, progressista e ordeira.⁵⁴⁰ Inicialmente, o governo fascista, objetivando expandir suas fronteiras econômicas e culturais, buscou recuperar a antiga idéia de criar através da emigração uma outra Itália no exterior. Até o final da década de 1920, o regime fascista via no Brasil um terreno propício para o desenvolvimento de objetivos econômicos, culturais e também políticos.⁵⁴¹ A década de 20 será, pois, o período mais

⁵³⁸ *Albor*. Laguna, 27 de Janeiro de 1935. Ano XXXIV, nº 1.584.

⁵³⁹ *Albor*. Laguna 13 de Janeiro de 1935. Ano XXXIV, nº 1.582.

⁵⁴⁰ CERVO, Amado Luiz. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália: o papel da diplomacia*. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília: São Paulo: Instituto Italiano di Cultura, 1992, p. 89.

⁵⁴¹ BERTONHA, João Fabio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 61.

fértil para as relações entre o Brasil e o regime fascista.⁵⁴² Contudo, as relações ítalo-brasileiras no período ficaram restritas basicamente às questões da imigração e às atividades comerciais, ficando abaixo das pretensões fascistas. A influência política direta no período não fora implementada.

A partir da década de 30, observa-se uma mudança na política externa fascista com o aprofundamento de sua tendência imperialista e totalitária. Essa mudança repercutirá diretamente na política e nos interesses do governo italiano no Brasil.⁵⁴³ No entanto, essa nova fase da política externa fascista entrará em choque com as mudanças ocorridas no Brasil em decorrência do movimento de 30 que elevou Getúlio Vargas ao poder. “Nacionalismos em choque, eis o resultado que atingirá as relações nos anos 30”.⁵⁴⁴ Portanto, é necessário elucidar em que medida o fascismo italiano repercutiu no Brasil e em Santa Catarina, sua popularidade entre os nacionais e os descendentes de italianos bem como as suas conexões com o Integralismo.

O renovado interesse do regime fascista pelo Brasil nos anos 30 deu-se em um contexto no qual as relações comerciais permaneciam incipientes bem como um acentuado processo de assimilação da colônia italiana, o que revela as pretensões imperialistas de Mussolini. No que tange às relações comerciais na década de 30, não foi criado nenhum instrumento legal no sentido de “ampará-las ou ampliá-las; ao contrário, o choque dos nacionalismos criou obstáculos que se traduziram no Brasil por inúmeras ameaças e algumas leis restritivas à penetração dos empreendimentos

⁵⁴² CERVO, *As relações históricas entre...*, 1992, p. 89. É preciso ter claro que a política externa brasileira entre 1922 e 1942 passou por diferentes fases. E mesmo “a própria política externa italiana não foi a mesma em todo o vintênio fascista”. BERTONHA, *O fascismo e os imigrantes...*, p. 60.

⁵⁴³ Idem, p. 65.

⁵⁴⁴ CERVO, *As relações históricas entre...*, p. 114.

estrangeiros”.⁵⁴⁵ Mesmo sendo a colônia italiana uma das maiores, isso não se refletiu nas relações comerciais entre os dois países. Entre 1934 e 1938, as importações brasileiras foram sempre decrescentes e a Itália ocupava a posição nada importante: o décimo primeiro lugar entre os países que importavam produtos brasileiros⁵⁴⁶ e o décimo terceiro entre os compradores da produção catarinense.⁵⁴⁷

Mesmo que a posição da Itália nas relações econômicas estivesse longe de ser importante, observa-se que até 1938 o governo fascista procurou ampliar sua influência não só econômica, mas política e também cultural. A consolidação destes objetivos implicava “na conquista da coletividade italiana e na instrumentalização desta para seus fins”.⁵⁴⁸ O governo fascista, a fim de alcançar tais objetivos, construiu uma rede que se articulou em três níveis: implantou no Brasil os organismos de socialização fascistas, “os fasci all'estero, os Dolpolavoro e as casa d'Itália; na potencialização do serviço consular e na conquista dos tradicionais foros da vida da colônia, ou seja, as escolas, as associações e os jornais”.⁵⁴⁹

Conforme o governo fascista em 1934 constavam 75 fascio organizados em todo território nacional.⁵⁵⁰ Em Santa Catarina era registrada a presença de cinco fascio, sendo quatro deles estabelecidos no Sul Catarinense (Urussanga, Nova Veneza, Laguna e Meleiro).⁵⁵¹

⁵⁴⁵ CERVO, *As relações históricas entre...*, p. 125.

⁵⁴⁶ Sobre as relações comerciais Brasil e Itália ver: SEITENFUS, *O Brasil de Getúlio Vargas...*, p. 109-112.

⁵⁴⁷ *Diário Oficial do Estado de Santa Catarina*, 16 de julho de 1936, p. 19.

⁵⁴⁸ BERTONHA, *O fascismo e os imigrantes...*, p. 87.

⁵⁴⁹ *Idem*, p. 87.

⁵⁵⁰ BERTONHA, *O fascismo e os imigrantes...*, p. 89.

⁵⁵¹ TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico*. Tradução: Mariarosaria Fabris e Luiz Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Nobel, 1989, p. 313.

Grupo Fascista de Nova Veneza, 28/ 10/1929⁵⁵²



Em Santa Catarina, na década de 30, viviam em torno de 70 mil imigrantes italianos e seus descendentes.⁵⁵³ Registrava-se nesta época um número de 61 escolas primárias italianas espalhadas pelo estado, perdendo somente para São Paulo, que possuía 81 escolas.⁵⁵⁴ Quanto a agências consulares e consulados, registra-se já em 1871 a instalação de uma agência Consular no estado, e em 1894 passaria a ter uma sede de consulado, vindo a desligar-se da jurisdição de Porto Alegre, no Rio Grande do

⁵⁵² BORTOLOTTI, Zulmar Hélio. *História de Nova Veneza: Prefeitura Municipal*, 1992, p. 158.

⁵⁵³ SEITENFUS, *O Brasil de Getúlio Vargas...*, p. 105. Ver também *La Tribuna*, Florianópolis, 1 de fevereiro de 1932. Ano I, nº 1.

⁵⁵⁴ TRENTO, *Do outro lado do Atlântico...*, p. 182.

Sul. No período de 1871 a 1938, atuaram em Santa Catarina aproximadamente 30 representantes do governo italiano entre Cônsules e Agentes Consulares.⁵⁵⁵ Já estavam também organizadas nesta época várias associações: a *Societa Fratellanza Italiana*, criada em 1891 no Sul Catarinense, mas com sede em Florianópolis e que desenvolvia atividades culturais e sociais⁵⁵⁶; a *Societá San Marco*, em Nova Veneza⁵⁵⁷; a sociedade *Regina Margherita*, em Nova Treviso (Urussanga)⁵⁵⁸; e a *Dante Alighieri*, em Porto União, que era antifascista.⁵⁵⁹ Observam-se aqui vários canais que o Fascismo poderia utilizar para atrair os imigrantes italianos e seus descendentes no estado. Os filmes também foram utilizados como um instrumento de propaganda para a difusão do Fascismo, no entanto eles ficaram praticamente restritos às capitais do país. Isso não quer dizer que nas colônias italianas do interior do Brasil os filmes não haviam chegado. Exemplo disso registra-se a exibição do filme, “Viagem de Mussolini a Tripolitânia”, em Criciúma.⁵⁶⁰

⁵⁵⁵ OTTO, Claricia. *Catolicidades e Italianidades: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930)*. Florianópolis: Insular, 2006, p. 96-97.

⁵⁵⁶ Sobre a “Societa Fratellanza Italiana” ver: BALDIN, Nelma. *Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil: os vênetsos em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 1999, p. 113-116. *La Tribuna*, Florianópolis, 15 de fevereiro de 1932. Ano I, nº 2.

⁵⁵⁷ BORTOLOTTI, *História de...*, p. 111.

⁵⁵⁸ Nova Treviso, 20 de setembro de 1931. Carta enviada pelo presidente da “Sociedade Regina Margherita”, Dante Moretti ao Cônsul Giacomo Ungarelli.

⁵⁵⁹ BERTONHA, João Fábio. Entre a bombacha e a camisa negra: notas sobre a ação do fascismo italiano e do integralismo no Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXIV, 2, dezembro de 1998, p. 251.

⁵⁶⁰ Florianópolis, 30 de novembro de 1928. Ofício enviado pelo vice-cônsul Sestino Mauro ao Secretario do Interior e Justiça, Cid Campos.

Grupo Fascista de Urussanga⁵⁶¹



A colônia que participou desde os primórdios de todos os movimentos cívicos e políticos, não podia deixar de ingressar com entusiasmo no clube facista. Emissários de além mar prestigiavam com sua presença a abertura de novas sedes. A foto é de 28 de outubro de 1928. Os balilas contavam tão bem "lagiovenezza" como o "Brava Gente Brasileira".

Dr. Caruso, Dal Sasso, Embaixador Bordari, Dr. Giaccone, Gava, Tasso, Remor.

A partir das imagens dos grupos fascistas de Nova Veneza e de Urussanga, é possível definir o perfil dos membros dos fascio no Sul Catarinense. Via de regra, o perfil dos fascistas do Sul Catarinense, ao percorrer as atividades em que estavam envolvidos os homens e as mulheres das fotografias citadas, não difere do perfil de outras regiões do país. Tomam-se aqui alguns exemplos que legitimam essa assertiva. Alfredo Bortoluzzi, que fazia parte do fascio de Nova Veneza, juntamente com seus

⁵⁶¹ MARQUES, Agenor Neves. *Imigração Italiana*: Edição comemorativa do centenário de Urussanga-1878-1978. Prefeitura Municipal de Urussanga, 1978, p. 86.

irmãos, dominaram a indústria e o comércio até os anos 40 em boa parte das áreas onde estavam assentados os núcleos coloniais italianos. Eram comerciantes em Nova Veneza Alessio & Bellieri e Luigi Lazarin. Carlo Gorini era médico, veio da Itália em 1910. Além de exercer a medicina, Gorini ocupou-se com a alfabetização de crianças em Nova Veneza, mandando vir da Itália cartilhas e livros⁵⁶², podendo ser um indício de que tenha solicitado também a vinda de materiais de propaganda fascista. Sua esposa, Giuseppina Celè, era também médica, chegou ao Brasil em 1922, e fazia parte do fascio, sendo um indício da organização feminina em Nova Veneza.

Em Urussanga, Giuseppe Caruso MacDonald, advogado, por muitos anos foi Cônsul, proprietário do jornal *A Pátria*, e ao longo da Primeira República influenciou a vida política naquele município.⁵⁶³ Antonio Remor e Giacinto Tasso eram Agentes Consulares. Esse último era pai de Giocondo Tasso, que assumiu a prefeitura de Laguna em 1933, permanecendo à sua frente até 1945, quando do fim do Estado Novo. Há fortes indícios de que Giocondo Tasso tinha grande simpatia pelo fascio, pois estudou na Itália e conheceu de perto o Fascismo. Na cidade, a oposição o atacava chamando-o de camisa negra.⁵⁶⁴ Entretanto, seu vínculo e opção política, como ficou demonstrado, foram com os grupos que assumem o poder no pós-30, Nereu Ramos e Getúlio Vargas.

Em síntese, essa análise sugere que foram as pequenas elites locais, em especial os imigrantes italianos e seus descendentes, os aderentes do fascismo.⁵⁶⁵

⁵⁶² Sobre as atividades dos fascistas de Nova Veneza ver: BORTOLOTTI, *História de...*, *La Tribuna*, Florianópolis, 16 de março de 1932. Ano I, nº 3.

⁵⁶³ OTTO, *Catolicidades e Italianidades...*

⁵⁶⁴ Ver mais sobre Giocondo Tasso em: BITENCOURT, João Batista. *Estado Novo, Cidade Velha: O governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. (Tese de doutorado em história).

⁵⁶⁵ OTTO, *Catolicidades e Italianidades...*, p. 238.

Pode-se inferir também que a adesão ao fascismo tenha sido na perspectiva de conseguir dividendos econômicos⁵⁶⁶ e políticos, pois, como se demonstrou no capítulo anterior, as áreas de colonização estavam ainda muito isoladas e o poder sócio-econômico-político estava nas mãos das elites luso-brasileiras.

Enquanto o Nazismo era simpático e influenciou muito mais as populações de imigrantes alemães e seus descendentes no Vale do Itajaí e Norte do estado, no Sul Catarinense foi o fascismo que influenciou as populações dos núcleos coloniais italianos e também os luso-brasileiros, pois era na imprensa voltada para os lusos que Mussolini e a Itália fascista eram exaltados.

A imprensa foi também um dos canais por onde o Fascismo italiano conseguiu atrair, obter a simpatia de vários setores da sociedade catarinense, em especial os imigrantes italianos e seus descendentes. Em 1932, era criado o semanário *La Tribuna*, voltado para toda a colônia italiana do estado, órgão independente publicado em Florianópolis sob a direção de Arnoldo Suarez Cúneo e redação do jornalista italiano Biaggio D'Alascio, que há 16 meses estava vivendo na capital e mantinha uma boa relação com a colônia italiana e a sociedade de Florianópolis. O jornalista italiano “está animado por ‘una sincera e calda affermazione fascistica’ – uma sincera e afetuosa convicção fascista”⁵⁶⁷, que eram expressos nas imagens e textos publicados nos números do semanário. Assim, além de exaltar a obra da imigração italiana no estado, a glória de Giuseppe e Anita, heróis de dois mundos, o jornal exaltava a Nova Itália e Mussolini.

⁵⁶⁶ GIRON, Loraine Slomp. *As Sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Parlenda, 1994. A autora demonstra como na região colonial italiana o fascismo foi tomado como um instrumento pela burguesia para melhorar suas condições de produção e para tornar-se a classe dirigente da região.

⁵⁶⁷ *Diário Catarinense*, sexta feira 25 de setembro de 1998, p. 12.

La Tribuna exaltava Giuseppe e Anita em suas páginas⁵⁶⁸



Observando a chamada do texto acima, pode-se inferir que o articulista do jornal, ao exaltar Garibaldi e Anita, tinha a intenção de estabelecer um forte vínculo entre os dois países. Parece buscar em um passado glorioso “Il cinquantenario della morte dell’EROE DEI DUE MONDI”, uma afirmação positivada para as relações e ações presentes.⁵⁶⁹ Com o texto intitulado “Mussolini” o jornal exaltava o dirigente fascista comparando este a Napoleão e a César.

⁵⁶⁸ *La Tribuna*, Florianópolis 2 de junho de 1932. Ano I, nº 10.

⁵⁶⁹ A utilização da história como legitimadora de ações e também como coesão grupal podem ser encontradas em: HOBBSAWM, Eric; RANGER, T. (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e

Esistono nomini che destano l' ammirazione nel mundo. I loro nimi sono bandiere. Napoleone e Cesare vovono in me, vivono nella mia ammirazione. Li venero quase. Li ho conoseiuti sin dai dodici anni. Li ho nella retina: Inestinguibile fulgenti, apoteotici, apopeici. Sono i riflessi della'anima. É la você Del cuore. Ereggo altari agli eroi. La luci votiva é eterna: illumina sempre. Oggi, Mussolini! Si, Mussolini! É l'Italia épica la cui grandeza attrae, meravigliosa, risorta della própria gloria, Mussolini é l'uomo seculo! L'uomo pátria! In torno al suo nome vigilano gl'incensatori e i corifei dell'invidia. É l'incenso e il veleno. Mussolini lavora, edifica. La sua vita prescinde de lusinghe. Il fango non lo sporca, non attinge, rimane nelle scarpe. HOMO NON SIBI SOLI NATUS, SED PATRIAE. Così, il grande italiano. Egli vive per la sua Pátria. Si sacrifica, com rischio della própria vita. E se sarebbe necessário, la affrirebbe in olocausto per la libertá dell'Italia. Mussolini-Italia! Italia-Mussolini! lo ammiro il piú grande dei riformatori, guardando incantato, attraverso lo splendore della sua opera, l'orgoglio della terra e del popolo italiano. Come brasiliano, che amo patriotticamente il Brasile, esclamo salutando il grande latino: Ave, Mussolini!⁵⁷⁰

O texto era a mais pura exaltação do dirigente fascista criador da Nova Itália.

Mussolini era o herói, o homem do século, o grande italiano, trabalha e edifica, vive pela sua pátria, se sacrifica por ela, dando a própria vida para libertá-la. Mussolini era a Itália, a Itália era Mussolini, exclamará o articulista do jornal. O texto era assinado por José Diniz, membro da Academia de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, que, ao finalizar o artigo, saudava Mussolini afirmando sua brasilidade e seu amor à pátria, no entanto parecia desejar que o Brasil tivesse um dirigente como o líder fascista.

Além de *La Tribuna*, semanário destinado especialmente para os imigrantes italianos e seus descendentes, a simpatia e influência do Fascismo apareciam estampadas nos jornais da capital e no Sul Catarinense. Destacam-se então alguns exemplos desta simpatia. Na capital, nas páginas de *O Estado*, Mussolini e a Nova Itália eram exaltados constantemente, a partir de 1934. Em outubro de 34, praticamente toda

Terra, 1997. Tanto o Fascismo como o Nazismo buscaram legitimar suas ações em tradições do passado.

⁵⁷⁰ *La Tribuna*, Florianópolis, 1 de fevereiro de 1932. Ano I, n. 1, p. 2.

edição do jornal foi dedicada a Mussolini e à Nova Itália, foram textos aprofundados com fotografias amplas.⁵⁷¹ Em 35, semanalmente eram publicados textos remetendo ao Fascismo. Além da guerra na África contra a Etiópia, que a Itália venceria rapidamente⁵⁷², exaltava com textos e imagens as viagens de Mussolini e seus discursos inflamados para a multidão⁵⁷³, bem como os tratados de comércio ítalo-brasileiro.⁵⁷⁴ Já em 36, Mussolini era reverenciado como o homem do momento, comparado a Napoleão, tendo lugar assegurado “na galeria dos vultos da humanidade”.⁵⁷⁵

No Sul Catarinense a simpatia ao Fascismo era encontrada na imprensa de vários municípios da região desde 1926. Nos jornais *O Mineiro* de Criciúma, *O Correio* de Orleans, *Correio do Sul* de Laguna, eram publicados notas, artigos e imagens reverenciando a Itália fascista e o duce. Com o artigo intitulado “O Estado fascista”, o Fascismo era exibido como um movimento revolucionário e tecia críticas às interpretações que viam o movimento como uma simples revolta contra o comunismo e as deficiências da liberal-democracia. “A revolução fascista marca realmente um grande período histórico. O Fascismo tratou com plena liberdade de espírito de rever tudo quanto de velho e atrasado existe na constituição do Estado italiano”.⁵⁷⁶ E referindo-se ao seu dirigente, o artigo prosseguia “Mussolini é o exemplar típico representativo de uma nova geração italiana a qual, superada a grande provação da guerra, pretende elevar ao justo nível de grande nação moderna a Pátria comum”.⁵⁷⁷

⁵⁷¹ *O Estado*, 28 de outubro de 1934.

⁵⁷² *O Estado*, 14 de fevereiro de 1935. Ano XX, nº 6.700

⁵⁷³ *O Estado*, 7 de Janeiro de 1935. Ano XX, nº 6.366, e 5 de fevereiro de 35. Ano XX, nº 6.351.

⁵⁷⁴ *O Estado*, 30 de Janeiro de 1935. Ano XX,, nº 6.386, e 18 de março de 36. Ano XX. Nº 6.424.

⁵⁷⁵ *O Estado*, 4 de março de 1936. Ano XX, nº 6.715

⁵⁷⁶ *O Mineiro*, 30 de setembro de 1926. Ano I, nº 16.

⁵⁷⁷ *O Mineiro*, 30 de setembro de 1926. Ano I, nº 16. Ver também 15 de outubro de 1926. Ano I nº 17.

No jornal *O Correio*, eram freqüentes as notas exaltando os progressos da economia italiana.⁵⁷⁸ Seguindo nesta mesma linha de exaltação ao progresso econômico da Itália fascista, o jornal *Correio do Sul* trazia uma nota intitulada “A Itália Guiara o Mundo”, onde relatava o discurso de Mussolini quando inaugurava uma auto-estrada, Milão-Turim: “o século XX será o século do poderio italiano, será o século em que, pela terceira vez, a Itália se tornará à diretora da civilização humana”.⁵⁷⁹

Todos esses jornais aqui destacados, com exceção do *La Tribuna*, editado em italiano, eram editados em língua portuguesa e, portanto, destinados para a população de leitores luso-brasileiras, o que sugere a grande simpatia do Fascismo entre os lusos. Vê-se até aqui que basicamente a única instituição nova criada pelo fascismo para a sua difusão e que atuou no Estado foi o fascio.⁵⁸⁰ Todas as outras instituições, bem ou mal já existiam nos núcleos coloniais (escolas, associações, jornais e cônsules e agentes consulares), e muito antes do surgimento do fascismo procuravam preservar a italianidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes. Assim, quando o fascismo chegou ao poder, todas essas instituições foram utilizadas para a sua propaganda e difusão. A italianidade passava então a ser identificada como o fascismo.

Posto isso, para finalizar essa breve análise do processo de organização dos fascios em Santa Catarina, busca-se rapidamente, a partir de alguns exemplos, apontar para as tensões e dificuldades da penetração do fascismo no estado. Em primeiro

⁵⁷⁸ *O Correio*, 24 de abril de 1930. Ano III, nº 105, 26 de julho de 1931. Ano IV, 2ª fase, nº 4, 2 de agosto de 1931. Ano IV, 2ª fase, nº 5.

⁵⁷⁹ *Correio do Sul*, 13 de novembro de 1932, nº 46, p. 1.

⁵⁸⁰ Não se observou uma atividade do Dopolavoro (esse tinha como objetivo impedir a assimilação dos italianos à sociedade brasileira. Centrava suas atividades na assistência social, na difusão do esporte e da cultura). O mesmo ocorreu com “As Casa d’Itália” que tinha como função abrigar e agrupar todas as associações italianas.

lugar, evoca-se a tensão entre os fascistas de Nova Veneza com Cesare Tibaldeschi. Tibaldeschi veio para o Brasil em 1924 por intermédio de uma instituição italiana “Itálica Gens”, cujo objetivo era organizar o ensino da língua italiana nos núcleos coloniais do estado. Em Nova Veneza, fixou residência em dois períodos distintos: de 1925 a 1927 e 1929 a 1931. Dentre as atividades que realizou em Nova Veneza destacam-se o ensino da língua italiana, a participação na sociedade *San Marco* e a organização do grupo de escoteiros.⁵⁸¹

A tensão ocorreu quando o Agente Consular Antonio Remor propôs a Tibaldeschi que transformasse os escoteiros em balilas, pois pretendia inculcar nos jovens o sentimento fascista⁵⁸², trabalho que tudo leva a crer já vinha sendo realizado na escola, pelos fascistas Carlo Gorini e Giovanni Telatin, que ensinavam na escola em Nova Veneza. A organização dos balilas era um esforço do fascismo que pretendia alcançar a nova geração de ítalo-brasileiros.⁵⁸³ Tibaldeschi se opôs à transformação dos escoteiros em balilas, argumentando que não era de sua competência, e a partir desta negativa passou a ser acusado de antiitaliano e antifascista. Além destas acusações, o professor Giovanni Talatin divulgava notícias terroristas acusando Tibaldeschi e o padre Giacca que pretendiam explodir bombas na sede do consulado italiano na capital.⁵⁸⁴

⁵⁸¹ BORTOLOTTI, *História de...*, p. 108-111.

⁵⁸² OTTO, *Catolicidades e Italianidades...*, p. 239.

⁵⁸³ Conforme MARQUES, *Agenor Neves. História de Urussanga*. Prefeitura Municipal de Urussanga, 1979, p. 152, a sede do fascio de Urussanga era um espaçoso salão que estava sempre embandeirado e ali “eram doutrinados os pequenos garbosos balilas. À noite ali se reuniam para ensaiar e aprender as belas canções marciais. Em pouco tempo todos sabiam cantar ‘La Giovinezza’”.

⁵⁸⁴ Idem, p. 240-241.

Tibaldeschi apresentou um conjunto de testemunhas procurando atestar sua inocência: imigrantes, autoridades consulares das regiões por onde passou.⁵⁸⁵ Procurou provar que não era antifascista, mas em nenhum momento afirmou ser fascista. No entanto, há vários indícios que sugerem uma tensão entre as elites locais vinculadas ao fascismo e Tibaldeschi, pois, além de não transformar os escoteiros em balilas, como professor é bem possível que ensinasse a língua italiana, a história e a geografia da Itália, sem, no entanto, exaltar Mussolini e o fascismo.⁵⁸⁶ Isso lhe rendeu um longo processo na Itália e definitivamente não pôde mais voltar para o Brasil.⁵⁸⁷

Outra tensão ocorre em julho de 1932, quando o vice-cônsul, Giacomo Ungarelli, mandou fechar as portas da sede do movimento fascista em Florianópolis. O jornalista Biaggio D'Alascio protesta com artigo publicado em *La Tribuna*⁵⁸⁸, provocando a ira da autoridade italiana que se volta contra o jornal, tentando impedir a publicação do semanário, justificando “que a colônia já dispõe de uma página no jornal italiano de Curitiba”. O cônsul tomou várias medidas, que foram desde a pressão sobre os anunciantes, a maioria deles de origem italiana, pressão sobre o diretor do semanário, Arnaldo Suarez Cuneo, que retirou o nome do cabeçalho do jornal, e ainda solicitou à polícia a suspensão da publicação do jornal. Assim, *La tribuna* que pretendia ser um órgão de difusão do fascismo entre os imigrantes italianos e seus descendentes, teve suas portas fechadas em setembro de 1932.⁵⁸⁹

Por último, evoca-se a análise do vice-cônsul em Santa Catarina Guido Zecchin, reveladora da dificuldade dos fascio não só no estado, mas em todo o Brasil.

⁵⁸⁵ BORTOLOTTI, *História de...*, p. 110.

⁵⁸⁶ OTTO, *Catolicidades e Italianidades...*, p. 243.

⁵⁸⁷ Em 1931, Cesare Tibaldeschi viaja para Itália a fim de contrair matrimônio e ao retornar teve seu passaporte apreendido.

⁵⁸⁸ *La Tribuna*, 30 de julho de 1932. Ano I, n. 14.

⁵⁸⁹ *Diário Catarinense*, 25 de setembro de 1998, p. 12.

Na prática, esses fasci não existiam. Foram fundados por pessoas animadas por elogiáveis sentimentos de italianidade e por ótimas intenções. Conseguiram facilmente um número notável de inscrições. Mas nunca funcionaram. Os compatriotas nunca compreenderam que funções o Fascio deveria ter. Se se tratava - era, em particular, o caso dos velhos - de se reunir para afirmar seus sentimentos de italianidade, muitos estavam prontos para fazê-lo. Mas, e depois? O que podia o fascio fazer, além dessa manifestação de caráter exclusivamente platônico?⁵⁹⁰

Por que o vice-cônsul Guido Zecchin fazia essa análise do fascio de Santa Catarina? Em seu relatório, Zecchin aponta para outras informações: Praticamente todos colonos italianos viviam na zona rural em pequenas propriedades, com pouca instrução e cultura. “A segunda geração já se sentia brasileira, mas com algum sentimento filo-italiano, enquanto a terceira geração só se identificava com o Brasil”.⁵⁹¹ Ressaltava a extrema dificuldade para difundir o fascismo entre os colonos, pois não havia uma classe dirigente de italianos com vínculos com a Itália para apoiar o movimento. Fazia alusão ao Integralismo, observando que muitos filhos e netos de italianos abraçaram este partido, sendo um indicativo de que se a propaganda fascista não atraiu um grande número de adeptos, gerou uma certa simpatia pelo mesmo “e que parece ter tido algum papel na boa imagem do Integralismo entre os filhos e netos dos colonos italianos”.⁵⁹²

É essa relação que se buscará perceber a partir de agora.

⁵⁹⁰ Relatório de 31 de maio de 1935 enviado ao cônsul em Curitiba, MinCulPop, citado em TRENTO. *Do outro lado do Atlântico...*, p.313.

⁵⁹¹ A análise do relatório do vice-cônsul Guido Zecchin esta em: BERTONHA, *Entre a bombacha e a camisa negra...*, p. 252.

⁵⁹² Idem, p. 252.

Se por um lado à historiografia mais crítica demonstrou ser muito maior a tensão entre o Integralismo e o Nazismo de que a historiografia tradicional dizia⁵⁹³, por outro, as aproximações com o fascismo foram bem mais fortes que as divergências.⁵⁹⁴ Entre 1935 e 10 de novembro de 1937, quando do golpe de Getúlio Vargas e a implantação do Estado Novo, pode-se dizer que as relações entre o Integralismo e o Fascismo foram bastante profícuas, em especial os contatos estabelecidos por Plínio Salgado com a diplomacia italiana, o governo da Itália, a partir de seu crescente interesse pela AIB, “inaugura uma diplomacia paralela no Brasil”.⁵⁹⁵

O que se observa ao analisar a historiografia, é que mesmo simpáticos ao Fascismo, os descendentes de italianos eram fiéis ao Brasil. Assim, o Integralismo passou a ser visto pelas autoridades italianas como um instrumento para aumentar sua influência no Brasil. Nos vários estudos sobre as relações entre o Integralismo e o Fascismo, são apresentados relatórios, telegramas, memorandos, de embaixadores (Roberto Cantalupo e Vincenzo Lojacomio); do encarregado dos negócios no Rio de Janeiro (Menzinger); do representante oficial do Fascismo no Brasil (Amadore di Giacomo); e do emissário especial do regime fascista que veio ao Brasil fazer investigações sobre o Integralismo (Pier Felippo Gomes).

Era desejo do governo italiano uma aliança entre a AIB e Vargas, pois acreditavam que desta forma se implementaria o Fascismo no Brasil. Viam com bons olhos a adesão da coletividade italiana ao Integralismo, como uma forma de conter a influência nazista no movimento e ao mesmo tempo inserir os descendentes de italianos na vida política brasileira num sentido pró-fascismo.

⁵⁹³ GERTZ, *O Fascismo...*, p. 118-138.

⁵⁹⁴ BERTONHA, *O fascismo e os imigrantes...*, p. 375.

⁵⁹⁵ SEITENFUS, *O Brasil de Getúlio Vargas...*, p. 113.

É verdade que, algum tempo, surgiu um novo partido, diferente dos outros, de caráter nacional e orientado na direção das idéias fascistas: o integralismo, partido ao qual aderiram muitos filhos de italianos. Se abrem, portanto, novas perspectivas para a atividade política das massas ítalo-brasileiras, que poderiam encontrar no Integralismo o terreno propício para colaborar na formação de um novo Brasil.⁵⁹⁶

O relatório do embaixador Vincenzo Lojacomio elucida o interesse do governo italiano em constituir um Estado Integralista no Brasil.

Romper o fronte democrático no maior país da América do Sul, criar um ambiente que seja favorável, por razões de analogia, ao nosso regime, cultivar uma opinião nacional brasileira aberta às premissas e às necessidades da Itália, abrir uma fonte de consenso moral e de recursos materiais naquela parte do mundo que estará à menor distância do nosso eixo imperial e do nosso aparato respiratório, eis o que significa o estabelecimento de um Estado integralista no Brasil.⁵⁹⁷

Desde 1934, o embaixador Roberto Cantalupo autorizou aos fasci estabelecerem contatos cordiais com os integralistas, sem, no entanto, participarem de reuniões e comícios.⁵⁹⁸ Essas relações com o fascismo foram mantidas em especial por Plínio Salgado, que já em 1932 participou ocupando lugar de destaque na cerimônia “saudação de Roma” promovida pelo consulado italiano. Outro exemplo que pode ser destacado foi no desfile realizado na Avenida Paulista em julho de 1937, quando Salgado passou em revista os milicianos da sacada da casa de Ângelo Poci, diretor do

⁵⁹⁶ Memorando reservado do ministério Degli Affari e resposta do Encarregado de Negócios Mensinger, 26/04/37, citado por BERTONHA, *O fascismo e os imigrantes...*, p. 80.

⁵⁹⁷ Relatório do embaixador italiano no Brasil Vincenzo Lojacomio citado por SEITENFUS, Ricardo A. S. As relações entre o Brasil e a Itália no período 1918-1919. In: De BONI, Luis Alberto (Org.). *A presença italiana no Brasil*: vol. II. Porto Alegre; Torinto: Escola superior d teologia; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, p. 51.

⁵⁹⁸ CERVO, *As relações históricas entre...*, p. 145.

jornal fascista de São Paulo, *Fanfulla*.⁵⁹⁹ Ainda nesse ano, a embaixada italiana concederia mensalmente uma ajuda de cinqüenta mil liras para o Integralismo⁶⁰⁰, e em agosto de 1937 era concedida uma subvenção especial de 579 contos.⁶⁰¹

Feita essa breve consideração das relações entre o fascismo e o Integralismo em âmbito nacional, evocam-se, a partir de agora, essas relações em âmbito regional. Como se processaram as relações entre o fascismo e o Integralismo em Santa Catarina? A escassez de evidências dificulta uma análise mais apurada sobre essas relações. Contudo, a partir dos indícios encontrados, é possível fazer algumas considerações e demonstrar que elas foram de muito maior distância do que de proximidade.

Na perspectiva de Bertonha, a receptividade dos italianos à propaganda fascista foi muito variável em sua intensidade, oscilando de acordo com critérios geracionais, sociais, regionais, dentre outros. A popularidade do regime fascista e sua ideologia ocorreram em maior número entre os italianos natos das elites e classes médias em especial no estado de São Paulo. Já os filhos e netos de imigrantes, mesmo manifestando uma certa simpatia pelo regime, não aderiram aos fascios.⁶⁰²

Um dos fatores que dificultou uma maior aproximação entre o fascismo e o Integralismo em Santa Catarina pode estar vinculado ao próprio enfraquecimento do fascio, quando do surgimento da AIB no estado, em 1934. Os canais de difusão do fascismo haviam sido extintos ou estavam bastante enfraquecidos. Destacam-se alguns

⁵⁹⁹ BERTONHA, João Fábio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. *Revista Brasileira de História*, v. 21. nº 40, p. 90.

⁶⁰⁰ CERVO, *As relações históricas entre...*, p. 148. Essa não era a quantia solicitada pela AIB (cinco milhões de lira). A embaixada italiana tinha a preocupação com essa diplomacia paralela que poderia levar a uma ruptura com o Brasil oficial e por isso negou também o fornecimento de armas.

⁶⁰¹ SEITENFUS, *O Brasil de Getúlio Vargas...*, p. 122.

⁶⁰² BERTONHA, *Entre Mussolini e Plínio Salgado...*, p. 99.

exemplos que podem sustentar essa assertiva. Já em 1926, Santa Catarina passava a ter somente vice-consulado, ficando a partir desta época sob a jurisdição do Consulado Geral de Curitiba, no Paraná.⁶⁰³ Em 1932, o vice-cônsul, Giacomo Ungarelli, mandava fechar as portas do fascio de Florianópolis e ainda neste mesmo ano fez fortíssima pressão para o fechamento do semanário *La Tribuna* (fato que viria a ocorrer no mês de setembro), órgão que fazia a propaganda da Itália fascista nas colônias italianas do estado.⁶⁰⁴

Em tais condições e devido à organização e à rápida inserção do Integralismo entre os descendentes de imigrantes italianos, o vice-cônsul em Florianópolis, Guido Zechin, relatava esse fato com certa preocupação. “Um novo inimigo da existência dos fasci é o Integralismo, que embora descendendo mais ou menos legitimamente do Fascismo, faz continuamente prosélitos entre os nossos compatriotas e, infelizmente, rouba nossos melhores elementos”.⁶⁰⁵ As preocupações de Zechin revelaram-se excessivas, tendo em vista que o Integralismo foi recebido em especial no Sul Catarinense pelos descendentes de imigrantes, ou seja, os filhos e netos desses imigrantes, a sua ampla maioria vivia em pequenas propriedades agrícolas em núcleos coloniais relativamente isolados.

Já o fascismo, foi recebido em sua maioria por italianos natos que faziam parte da pequena elite local. Isso não significa dizer, obviamente, que não houvesse ítalo-brasileiros nas atividades do fascismo na região.⁶⁰⁶ De fato, havia vários ítalo-

⁶⁰³ OTTO, *Catolicidades e Italianidades...*, p. 97.

⁶⁰⁴ Sobre isso, ver *La Tribuna*, 30 de julho de 1935. Ano I, nº 14. *Diário Catarinense*, 25 de setembro de 1998, p. 12.

⁶⁰⁵ Relatório de 31 de maio de 1935 enviado ao cônsul em Curitiba, MinCulPop, citado em TRENTO, *Do outro lado do Atlântico...*, p. 393.

⁶⁰⁶ Sobre a diferença geracional na adesão ao fascismo ver: BERTONHA, *O fascismo e os imigrantes...*, p. 194-202.

brasileiros nas hostes dos fascio no Sul Catarinense, Alfredo Bortoluzzi, por exemplo, pertencente a uma elite de comerciantes italianos fazia parte do fascio de Nova Veneza.

De qualquer maneira, os indícios levam a crer que quando o Integralismo começou a ser organizado no estado, a partir de 1934, o fascismo em Santa Catarina já vinha em um processo de enfraquecimento. Toda a organização do fascismo no estado parece ter sido articulada antes da década de 30, indo no máximo até 32. Mesmo que as atividades fascistas tenham sido intensificadas no pós-30 e a partir de 35 em âmbito nacional tenha ocorrido uma maior proximidade do fascismo com o Integralismo, esses acontecimentos parecem não ter tido ressonância em Santa Catarina. Não se encontrou nenhuma evidência de uma possível aproximação entre fascistas e integralistas. Ao que parece, Santa Catarina, por não ter uma estrutura significativa em termos de indústria e comércio controlada por italianos e descendentes e por viverem em sua maioria na zona rural, em núcleos coloniais relativamente isolados, como pequenos proprietários, com pouca instrução, ficou à margem dos interesses do regime fascista, que centrou seus interesses e sua propaganda nos grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro e até no Rio Grande do Sul.

Por fim, tudo leva a crer que em Santa Catarina, em especial no Sul Catarinense, onde estavam organizados quatro fascio, os fascistas fizeram uma opção pelos partidos tradicionais surgidos no pós-30, e não pelo Integralismo. De todo modo, a ação fascista no Brasil e em menor proporção em Santa Catarina, seja ela voltada para os imigrantes italianos e seus descendentes, ou para os luso-brasileiros (e também a imprensa nacional, estadual e local que exaltava a Nova Itália, o fascismo e Mussolini), serviram para a popularização do discurso autoritário, o que contribuiu para

a grande simpatia das pessoas tanto ao Integralismo como ao Estado Novo. “O esforço fascista de controlar as mentes e as almas dos italianos e seus filhos residentes no Brasil não foi, assim, coroado de êxito, mas colaborou decisivamente para o reforço da cultura política de direita no Brasil do período”.⁶⁰⁷ Essa cultura política de direita obviamente também foi reforçada pelo Nazismo e pelo Integralismo.

Liberais e Integralistas: singularidades na política regional

A receptividade do Integralismo no Sul Catarinense encontrou maiores dificuldades quando comparada com as regiões do Vale do Itajaí e Norte do estado. No entanto, obviamente, o Integralismo não deixou de ser organizado na região, muito pelo contrário, as evidências demonstram, por exemplo, que as principais disputas ocorridas nas eleições municipais no Sul Catarinense se deram entre Integralistas e liberais. Compreender a popularidade e as dificuldades encontradas pelo Integralismo é intenção deste subcapítulo. Portanto, é imperativo elucidar como foram se articulando os grupos e as forças políticas da região no pós-30.

Como vimos no capítulo anterior, ao final da década de 1920, no Sul Catarinense haviam se constituído três forças políticas: a “força dos luso-brasileiros”, a “força dos imigrantes europeus” e a “força do carvão”. Viu-se também que a região estava experimentando um quadro positivado, e em especial as áreas de imigração, aonde o carvão vinha sendo explorado, a imagem de progresso e riqueza atingia vários setores da população.

⁶⁰⁷ BERTONHA, *Entre Mussolini e Plínio Salgado...*, p. 100.

Em termos econômicos, as mudanças no pós-30 vieram beneficiar ainda mais os setores vinculados à mineração. No âmbito, do político, o movimento de 30 provocou significativas mudanças no que tange aos grupos e às forças que assumiram o comando da política nos vários municípios da região. O fato novo foi à ascensão dos descendentes de imigrantes que foram indicados para assumir as superintendências dos vários municípios da região, mesmo nas cidades com predomínio de luso-brasileiros, como Laguna e Jaguaruna.

Além dos elementos citados, que outros podem ser acrescentados ao jogo de forças políticas que se configurou na década de 30? Como foi redesenhando o cenário político nos municípios da região no pós-30?

Um novo ingrediente para ser acrescentado ao caldo político no Sul Catarinense surge no próprio movimento de 30, quando as principais lideranças que estavam no comando da Aliança Liberal, e posteriormente do movimento, eram todos migrantes que haviam chegado à região na década de 20. Dentre eles, pode-se destacar Fontoura Borges do Amaral e Israel Fernandes, de Araranguá; Ernesto Lacombe, de Tubarão; e Pompílio Pereira Bento, de Laguna. Este último migrou de Florianópolis, e os outros três eram gaúchos. Esses nomes, ao menos nos primeiros anos da década de 30, exercerão significativa influência no cenário político Sul Catarinense.

Ernesto Lacombe, natural do Rio Grande do Sul, migrou para Santa Catarina em 1924, estabelecendo-se em Tubarão. Ali montou uma grande charqueada, a “Sociedade de Banha Sul Rio Grandense Ltda”, composta por 43 sócios. Em 1929, fundou o jornal *O Liberal*, semanário que fazia a campanha da Aliança Liberal e posteriormente a defesa do Partido Liberal Catarinense, até 1933, quando fechou suas

portas. Lacombe organizou e liderou o movimento no Sul Catarinense juntamente com Fontoura Borges do Amaral e Pompílio Pereira Bento, que reuniram homens e armas, e sem resistência foram tomando um a um todos os municípios da região.⁶⁰⁸

Investido do título de Governador Provisório do Sul com sede em Tubarão, Lacombe, em seu primeiro ato nesta função, estabeleceu três decretos: o primeiro suprimia o município de Imbituba, sendo seu território anexado ao de Laguna. Esse decreto, ao mesmo tempo em que demonstrava a força política de Laguna, fortalecia sua economia, na medida em que passaria a controlar também o Porto de Imbituba e enfraquecia o Grupo Lage, que tinha sede naquele município. Por esse porto, as tropas legalistas pretendiam descer e estavam sendo apoiadas pelo deputado do Partido Republicano Álvaro Catão. No segundo decreto, Lacombe restabelecia a autonomia do município de Jaguaruna, e o terceiro decreto nomeava os prefeitos dos oito municípios da região.⁶⁰⁹

Israel Fernandes e Fontoura Borges do Amaral, também procedentes do Rio Grande do Sul, foram nomeados superintendentes do município de Araranguá. Inicialmente Fontoura Borges do Amaral foi nomeado por Lacombe e em seguida substituído por Israel Fernandes, este último estabelecido no município há pouco mais de um ano. Fernandes permaneceria no cargo até 1933, quando o marjor Rui Zuraban

⁶⁰⁸ As atividades e a atuação política de Ernesto Lacombe no Sul Catarinense podem ser encontradas em: MILANEZ, Pedro. *Fundamentos históricos de Criciúma*. Florianópolis: Ed. do autor, 1991, p. 111. VETTORETTI, Amadio. *História de Tubarão: das origens ao século XX*. Tubarão: Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992, p. 145. ZUMBLICK, Walter Carlos. *Este meu Tubarão...!* Tubarão, ed. do autor, 1974, p. 150-158. Este autor transcreve um documento de Ernesto Lacombe, onde era relatada com detalhes a articulação do movimento no Sul Catarinense.

⁶⁰⁹ Os três decretos foram publicados na íntegra no jornal *A Cidade*, Laguna, 12 de outubro de 1930. Ano VI, nº 756. Outros decretos, além de exonerações e nomeações de Lacombe, podem ser encontrados em: *A Revolução*, 10 de outubro de 1930, e em vários números de *O Liberal* nos meses de outubro e novembro de 1930.

deixou a interventoria do estado.⁶¹⁰ Quanto a Fontoura Borges do Amaral, seria lançado candidato a deputado federal Constituinte pelo Partido Liberal. Em nota à população, o diretório do Partido Liberal de Laguna apresentava seus nomes que concorreriam à Câmara Federal enfatizando o nome de Fontoura Borges do Amaral como o único candidato a representar o Sul do estado. A nota enaltecia o comandante das forças revolucionárias: “os que naquela época, não partilhavam das nossas idéias, devem lembrar-se que o mesmo Cel. Fontoura Borges, comprovando a limpidez de seus ideais, não permitiu o menor desacato aos vencidos, cujas garantias foram perfeitamente asseguradas”.⁶¹¹ A nota referia-se a um documento expedido por Amaral, prevenindo e alertando a população de pilhagens e roubos, e que qualquer indivíduo que fosse pego praticando esses atos ou desrespeitando as famílias seria “passado pelas armas imediatamente”.⁶¹² Contudo, a oposição, através de vários panfletos, atacava o candidato Fontoura Borges do Amaral, acusando-o de crimes cometidos no Rio Grande do Sul e por roubo nas fazendas de Araranguá.⁶¹³ Realizadas as eleições em maio de 1933, Fontoura Borges do Amaral era eleito, mas essa eleição foi anulada e ele não mais conseguiria se eleger. Ao que parece, a articulação da oposição em âmbito estadual, que reuniu o Partido Republicano e a Legião Republicana formando a

⁶¹⁰ Sobre a nomeação de Fontoura Borges do Amaral ver: *A Cidade*, Laguna, 12 de outubro de 1930. Ano VI, nº 756. Quanto à nomeação de Israel Fernandes, e sua atuação na Superintendência de Araranguá, encontram-se em: HOBOLD, Paulo. *A história de Araranguá*. Araranguá: [s. n.], 2005, p. 238. DALL’ALBA, João Leonir. *Histórias do grande araranguá*. Araranguá: Gráfica e editora Orion, 1997, p. 107-109.

⁶¹¹ Nota do Diretório do Partido Liberal de Laguna ao seu eleitorado no qual apresentava os candidatos do partido para a Constituinte Federal. Laguna, 29 de abril de 1933.

⁶¹² *Panfleto* expedido para a população do Sul Catarinense por Fontoura Borges do Amaral em 6 de outubro de 1930.

⁶¹³ Eram dois *panfletos* distribuídos contra o candidato a constituinte pelo Partido Liberal, Fontoura Borges do Amaral, os quais apontam para documentos que procuram atestar que esse havia sido condenado à prisão no Rio Grande do Sul por roubo logo após a revolução de 1923.

aliança “Por Santa Catarina”, aliada às duras críticas contra Amaral, impediram sua eleição⁶¹⁴.

Por último, destaca-se Pompílio Pereira Bento, natural da capital e que se estabeleceu em Laguna na década de 1920. Em Laguna, montou uma indústria madeireira, foi agente do Lloyd Brasileiro, Delegado da Comissão de Marinha Mercante. Presidiu a Associação Comercial de Laguna, o Partido Liberal Lagunense e a Vice-Presidência do Partido Liberal no estado. Juntamente com Ernesto Lacombe, comandou o movimento de 1930 no Sul Catarinense. Proprietário e fundador do jornal *Sul do Estado*, e eleito deputado estadual constituinte (1935-1937), pelo Partido Liberal catarinense.⁶¹⁵

Pompílio Pereira Bento era com certeza uma das personalidades de maior visibilidade em Laguna na década de 30. Mesmo perdendo a vaga no Legislativo Estadual, em razão do golpe de 37, continuou a exercer uma forte liderança política em Laguna, mantendo muito poder e influência com os cargos que ocupava de Delegado da Comissão de Marinha Mercante, de agente do Lloyd Brasileiro e forte vínculo político e da amizade pessoal com Nereu Ramos.⁶¹⁶

Vê-se nessa breve exposição a forte influência, nos primeiros anos do pós-30, de migrantes que se estabeleceram no Sul Catarinense ao final da década de 20. À frente do movimento de 30 na região, esses nomes assumiram os principais cargos de direção ou indicavam pessoas para assumir diversos cargos em todos os municípios do

⁶¹⁴ Sobre a eleição para Constituinte de 1933 e a articulação da oposição, ver: CORRÊA, Carlos Humberto. *Um Estado entre duas repúblicas: a revolução de 30 e a política de Santa Catarina até 35*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984, p. 164-169.

⁶¹⁵ PIAZZA, Walter Fernando. *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994, p. 100.

⁶¹⁶ BITENCOURT, João Batista. *Estado Novo, Cidade Velha: O governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 143-144 (Tese de Doutorado em História).

Sul. Pompílio Pereira Bento, como se viu, continuaria exercendo influência na política local durante todo o período em que Vargas esteve no poder. Ernesto Lacombe permaneceria em Tubarão até 1938, quando migrou para Criciúma a fim de desenvolver atividades vinculadas à mineração, e posteriormente se transferiria para o Rio de Janeiro, onde fixou residência. Quanto a Fontoura Borges do Amaral, assumiria a interventoria do estado por um curto período, substituindo Aristiliano Ramos, que deixou o cargo para disputar as eleições indiretas para o governo do estado contra seu primo Nereu Ramos. Esse fato aponta para um certo prestígio de Borges do Amaral na política estadual. Em relação a Israel Fernandes, esse desapareceria do cenário político Sul Catarinense no final de 1933.

A década de 1930 marcara também a ascensão não só econômica, mas também política, dos descendentes de imigrantes europeus, ou seja, a “força dos imigrantes europeus” em todo o Sul Catarinense. Isso fica evidenciado quando se observa, por exemplo, a presença dos descendentes de imigrantes europeus à frente do executivo municipal nos vários municípios da região.

**Relação de Superintendentes e Prefeitos nomeados e eleitos no Sul
Catarinense entre 1930-1945⁶¹⁷**

Municípios	Superintendentes Nomeados até 36	Prefeitos eleitos em 1936	Prefeitos nomeados a partir de 1937
Laguna	Gil, José Fernandes Martins, Antonio Batista da Silva, Giocondo Tasso	Giocondo Tasso	Giocondo Tasso
Tubarão	Silvino Moreira Lima, Marcolino Martina Cabral	Marcolino Martins Cabral	Marcolino Martins Cabral, Alfredo Foes
Araranguá	Fontoura Borges do Amaral, Israel Fernandes, Vacância abril de 33 a jan. de 34 João Raupp, Altícimo Tournier, Asteróide da Costa Arantes	Caetano Lummertz	Caetano Lummertz
Criciúma	Cicinato Napolini, Elias Angeloni	Elias Angeloni	Elias Angeloni
Orleans	Galdino F. Guedes, Luiz Pizzolatti, Rui Stockler de Souza	Otto Pfützereuter	José A. Mattos
Urussanga	Lucas Bez Batti, Domingos Rocha, Evaldo Losso	João Damiani	João Damiani Zeferino Burigo
Imaruí	Pedro Bitencourt	Pedro Bitencourt	Pedro Bitencourt
Jaguaruna	Bernardo Schmitz, Antonio da Costa Canto, Bernardo Schmitz	Bernardo Schmitz	Bernardo Schmitz, Luiz Schmitz, Oliverio José de Carvalho Costa

Quadro elaborado pelo autor

A partir do quadro acima, pode-se fazer algumas inferências no que tange ao cenário sócio-político nos municípios do Sul Catarinense na década de 1930. Quais

⁶¹⁷ A relação de superintendentes e prefeitos municipais, citados no quadro podem ser encontradas dispersas na historiografia local, bastante citadas ao longo deste trabalho.

destes estiveram diretamente vinculados ao movimento de 30? Como as forças políticas da região foram se articulando no período? Como foram redefinidos os espaços de poder nos municípios da região? Em que medida o governo estadual e federal interferiu ou determinou as disputas pelos espaços de poder? Como eram as relações do Integralismo com os governos municipais? Essas se diferenciavam em âmbito estadual e federal? Como o Integralismo foi recebido pela população da região, nesse cenário de rearticulação dos partidos políticos, de redefinição e de disputas pelos espaços de poder?

No movimento de 30, praticamente todos os superintendentes municipais nomeados por Ernesto Lacombe estiveram envolvidos na organização da Aliança Liberal, na campanha presidencial para Vargas e diretamente na campanha para tomar a região. Como exposto anteriormente, Fontoura Borges do Amaral e Israel Fernandes, nomeados superintendentes em Araranguá, estiveram, juntamente com Lacombe, à frente do movimento na região. Em Orleans, Galdino Guedes, e em Criciúma, Cincinato Napolini, foram os organizadores do diretório da Aliança Liberal e da campanha presidencial de Vargas⁶¹⁸, Silvino Moreira Lima, em Tubarão, estava na retaguarda organizando suprimentos para as forças que por ali passavam.⁶¹⁹

Quanto a Pedro Bitencourt, este havia participado do movimento de 1923 no Rio Grande do Sul, ocupando a patente de capitão. De volta a Imaruí, continuou mantendo correspondência com os líderes políticos gaúchos que formaram a Aliança Liberal. Conheceu Nereu Ramos, em 1929, em encontros com políticos no Rio Grande do Sul, e dele tornou-se seguidor político, amigo e homem de confiança. De Vargas,

⁶¹⁸ Sobre a organização do Partido Liberal em Orleans ver: LONTTIN, Jucely. *Orlenas 2000: história e desenvolvimento*. Florianópolis: Elbert, 1998, p. 137.

⁶¹⁹ ZUMBLICK, *Este meu...*, p. 157.

recebeu ofício sendo nomeado representante da Aliança Liberal na região. Ao eclodir o movimento, Pedro Bitencourt estava comprometido com ele, e prontamente arregimentou vários adeptos e foi ao encontro das tropas.⁶²⁰

O quadro acima demonstra também o número significativo de mudanças dos superintendentes e prefeitos municipais em vários municípios da região, e que certamente pode ser um indício das disputas pelo poder local entre as várias forças políticas que estavam no Partido Liberal. Disputas que envolviam os interesses em nível regional, pois as mudanças de superintendentes e prefeitos eram também uma estratégia do interventor estadual, cujo objetivo era controlar e acomodar as forças políticas da região. Certamente, essas mudanças devem ter ocorrido também nas nomeações dos vários cargos públicos na região.

É importante ressaltar que a intenção centralizadora, marca do governo de Getúlio Vargas, já vinha ocorrendo antes mesmo da implantação do Estado Novo. “Os mecanismos básicos da centralização política, ampliados e diversificados durante o Estado Novo, vão sendo implantados progressivamente ao longo do período 1930/1945, configurando-se um aparato burocrático-estatal de grande envergadura”.⁶²¹ A constituição de um Estado forte com o poder centralizado absorvendo todas as esferas de decisão limitaria a autonomia das oligarquias regionais.

A centralização era defendida por amplos setores da sociedade brasileira, pois entendiam que tanto o desenvolvimento quanto a vitória sobre as oligarquias locais e regionais passava necessariamente pelo fortalecimento do governo federal. A

⁶²⁰ Sobre a participação de Pedro Bitencourt no movimento de 1930, ver: ANDRADE, Léo Rosa. *A Estrutura Coronelística de Dominação: análise de um caso*. UFSC, 1984, p. 89-91. Dissertação de Mestrado em Direito.

⁶²¹ DINIZ, Eli. O Estado Novo: Estrutura de Poder Relações de Classe. In: FAUSTO, Boris. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, *O Brasil Republicano*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 107.

centralização política estava também relacionada à incorporação de novas forças sociais na política nacional. Essas forças sociais que estavam em ascensão econômica reivindicavam também para si maior participação política. De um lado, essas novas forças vinham conseguindo maior espaço e se opondo ao domínio das oligarquias agroexportadoras, sem, no entanto, reunir forças suficientes para tornarem-se hegemônicas. Do outro lado, as velhas oligarquias experimentavam um processo de decadência, impossibilitando a manutenção de sua hegemonia. Em tais condições, o processo de centralização política encontrava um campo fértil tendo em vista as transformações que vinham se delineando, liam-se as alterações de ordem econômica e o embate das forças sociais.⁶²² Neste jogo de forças, no qual os novos grupos sociais pleiteavam uma maior participação, enquanto os velhos grupos agroexportadores vinham perdendo seu espaço, o Estado centralizado aparecia como a instituição que se colocaria “acima das classes ou frações de classes, controlando a ascensão de grupos emergentes e neutralizando a influência de grupos tradicionais”.⁶²³

Desde 1931, é possível encontrar vários discursos de Vargas que apontavam para a importância de um Estado forte na organização e no controle da vida sócio-econômico-político-cultural da sociedade brasileira.

Mas o progresso vertiginoso dos tempos presentes, os múltiplos problemas morais e sociais provocados pela complexidade da vida moderna, alargaram, naturalmente, o poder de ação do Estado muito além dos limites traçados pelo romantismo político do regime parlamentar.

No quadro dos interesses sociais, o poder de polícia do Estado chega a atingir e absorver os interesses privados. Esse poder de vigilância, que, na órbita constitucional, se traduz nas grandes medidas de exceção, concernentes à ordem pública, na esfera administrativa, desdobra-se em polícia econômica, sanitária, de costumes, educativa, tudo envolvendo e controlando, e intervindo

⁶²² Essas reflexões podem ser encontradas em: DINIZ, *O Brasil Republicano...*, p. 89-94. BITENCOURT, *Estado Novo, Cidade Velha...*, p. 87-89.

⁶²³ BITENCOURT, *Estado Novo, Cidade Velha...*, p. 89-90.

soberanamente na regulamentação do trabalho, na fiscalização das indústrias, nas relações de comércio.⁶²⁴

Para além dos discursos, nesta época, Vargas ao mesmo tempo em que fazia concessões às oligarquias locais, através da substituição de interventores, tomava medidas que aumentavam o controle dos estados e limitavam sua autonomia. Em agosto de 1931, o governo criava o código dos interventores de forte conteúdo centralizador, subordinando os governos estaduais ao poder central, estabelecendo uma rígida disciplina ao orçamento de estados e municípios. Aos estados foi proibido contrair empréstimos externos sem a autorização do governo federal. As principais decisões das atividades econômicas dos estados passaram também para a esfera de competência do poder central. Além disso, não era permitido aos estados gastar mais de 10% em despesas com serviços da polícia militar, nem dotá-las de artilharia e aviação ou armá-las de poderio bélico superior ao exército.⁶²⁵

As interventorias configuraram-se em um importante instrumento de controle das oligarquias regionais e de centralização política. A nomeação dos interventores estaduais subordinados diretamente ao presidente da república era também uma das estratégias de colocar as oligarquias regionais dentro do projeto nacional que vinha sendo arquitetado.⁶²⁶ “O jogo com as interventorias variava de estado a estado

⁶²⁴ VARGAS, *As Diretrizes da Nova Política ...*, p. 22.

⁶²⁵ PANDOFI, Dulce Chaves. Os anos 30: as incertezas de um regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 (*O Brasil Republicano*; V. 2), p. 18-21. Ver também: DINIZ. *História Geral da Civilização Brasileira...*, p. 110-111. Várias medidas de caráter social foram criadas, cujo objetivo principal era o controle dos trabalhadores e a subordinação dos sindicatos à tutela do Estado.

⁶²⁶ É importante ressaltar que as oligarquias regionais também subiram ao poder no pós-30 e que mesmo no Estado Novo essas forças permaneciam com seus poderes estabelecendo trocas de favores e de dependência própria do coronelismo. O que Vargas buscava era articular forças para se contrapor ou controlar as oligarquias tradicionais.

dependendo da composição política local e do grau de oposição ao governo federal”.⁶²⁷ Visando impedir o comprometimento com as oligarquias locais, em alguns estados, os interventores indicados eram pessoas desconhecidas das forças políticas locais.⁶²⁸ Vargas procurava indicar também para as interventorias um membro do partido mais forte nos estados, sem, no entanto, ser uma liderança expressiva no partido, estabelecendo desta forma o comprometimento político do interventor com o governo federal e ao mesmo tempo enfraquecia o poder do partido. Conforme o historiador João Batista Bitencourt, a escolha dos interventores dependia das condições de cada estado e girava em torno de três variantes: “um interventor de fora não envolvido com a política local; um interventor local que não constituía-se em grande liderança nos quadros da oligarquia dominante; um interventor membro expressivo da oligarquia dominante no estado”.⁶²⁹ Essas estratégias eram também reproduzidas internamente nos estados, pois os interventores poderiam nomear os prefeitos municipais da mesma forma como eram nomeados pelo governo central.⁶³⁰

Um exemplo da utilização dessa estratégia no estado foi quando, após o golpe do Estado Novo, Nereu Ramos nomeava para prefeito em Blumenau nada menos que José Ferreira da Silva, chefe do núcleo integralista naquele município e vereador mais votado nas eleições de 1936. Espertamente, Nereu Ramos nomeava uma liderança de expressão naquele município e luso-brasileiro, num contexto marcado por tensões no município e em todo o Vale do Itajaí, com as populações teuto-brasileiras,

⁶²⁷ BITENCOURT, *Estado Novo, Cidade Velha...*, p. 93.

⁶²⁸ “Os primeiros interventores eram vinculados ao tenentismo, podendo-se afirmar que, nos primeiros anos do processo revolucionário, ocorreu o fenômeno da ‘militarização das interventorias’”. Sobre isso, ver: PANDOFI, *O Brasil Republicano...*, p. 18.

⁶²⁹ BITENCOURT, *Estado Novo, Cidade Velha...*, p. 93.

⁶³⁰ Duas análises sobre o jogo das interventorias podem ser encontradas em: SOUZA, Maria do Carmo Capello de. *Estado e partidos políticos no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Alfa-omega, 1990. CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

haja vista a implementação da política nacionalizadora na região. Ao que parece, José Ferreira da Silva se enquadrou dentro do projeto do governo estadual e federal na região, pode-se afirmar que se tornou o porta-voz de Nereu e Vargas na condução da política nacionalizadora, levando a crer que seus ideais e sua convicção integralistas foram abandonados.⁶³¹

No que tange ao Sul Catarinense, essas estratégias parecem também ter sido utilizadas. O quadro acima é um bom exemplo para demonstrar que essas práticas foram também adotadas pelos vários interventores que conduziram o estado durante o período Vargas. Perpassar o processo de nomeações dos superintendentes e prefeitos em cada município da região, constitui-se um caminho possível para compreender os meandros da história política local e, neste contexto, a organização do Integralismo.

Como demonstrado no quadro acima, o único superintendente e prefeito que permaneceria à frente do executivo municipal na região, durante todo o período Vargas, foi Pedro Bitencourt, em Imaruí. A família Bitencourt já dominava o cenário político em Imaruí na Primeira República e Pedro Bitencourt, ao que tudo indica, dada a sua ativa participação na organização da Aliança Liberal e no movimento de 30 e seu vínculo com políticos do Rio Grande do Sul, e, com Nereu Ramos, garantiu-lhe a nomeação e permanência no cargo durante esse longo período. Em Jaguaruna, o poder praticamente não mudou de mãos entre 1930 a 1945. Os irmãos Bernardo e Luiz Schmitz permaneceram à frente do executivo naquele município durante praticamente todo o período. O poder saiu das mãos dos Schmitz, inicialmente num curto período, entre maio de 1933 e dezembro do mesmo ano, quando o executivo foi entregue para

⁶³¹ Aspectos da trajetória de José Ferreira da Silva podem ser encontrados em: SILVA, José Ferreira da. *História de Blumenau*. Florianópolis: Edeme, 1972.

Antonio da Rosa Canto. Posteriormente os Schmitz só viriam a sair do poder em abril de 1944.

Pedro Bitencourt e a família Schmitz foram os que mais tempo permaneceram à frente dos executivos municipais durante o período Vargas. O que diferenciava essas duas famílias nas quais o interventor estadual confiou a direção dos dois municípios, era que Pedro Bitencourt, pertencia a uma família tradicional assentada na região desde a época do império. A família Bitencourt dominou o cenário político de Imaruí durante toda a Primeira República, enquanto a família Schmitz, descendentes de imigrantes europeus que se estabeleceram em Jaguaruna na Primeira República e no início dos anos 30, já eram os mais prósperos comerciantes do município. Nesses dois municípios, o Integralismo foi organizado, e nas eleições de 1936, em Imaruí os integralistas lançaram candidato próprio e em Jaguaruna apoiaram o candidato avulso.

Nos municípios constituídos principalmente a partir da presença dos imigrantes europeus e seus descendentes (Urussanga, Orleans e Criciúma), nos dois primeiros, observou-se uma constante troca de superintendentes e prefeitos municipais. Em Urussanga foi cinco o número de superintendentes e prefeitos nomeados pelos interventores. Lucas Bez Batti, velho chefe político no município, que ao longo da Primeira República foi por várias vezes superintendente, voltaria a assumir o executivo municipal em duas ocasiões, nomeado por Ernesto Lacombe, em 1930, permanecendo à frente do cargo até outubro de 1931. Quando de sua saída, os jornais de Tubarão, *O Liberal* e o *Cruzeiro*, veicularam notícias que expressavam as disputas pelo poder político em Urussanga. O jornal *O Liberal*, por exemplo, tecia largos elogios a Lucas Bez Batti, destacando suas qualidades de trabalhador, político e administrador

exemplar e que havia se afastado da Superintendência do município por vontade própria. Ressaltava ainda “que na campanha liberal, como chefe do comitê pró-Getúlio, levou às urnas 496 votos para a Aliança Liberal, contra 96 para o Sr. Júlio Prestes”.⁶³² Por sua vez, o jornal *O Cruzeiro* atacava Bez Batti afirmando que este não havia deixado a Superintendência por vontade própria, mas sim teria sido demitido pelo interventor Ptolomeu de Assis Brasil. Afirmava ainda que Bez Batti não passava de uma marionete nas mãos de Caruso MacDonald (outro velho chefe político de Urussanga, que estava à frente do diretório do Partido Liberal no Município), que o manipulava em seu proveito, comprometendo desta forma os objetivos do programa revolucionário.⁶³³ Caruso MacDonald pode ser visto como uma eminência parda na política de Urussanga, durante toda Primeira República influenciou decisivamente na política do município, hábil articulador do jogo político nos bastidores, havia sido Cônsul Italiano, e não só um dos criadores do fascio em Urussanga, mas também responsável pela divulgação e organização nas colônias italianas no Sul Catarinense. Esse é mais um exemplo que demonstra que os fascistas da região fizeram uma opção pelos partidos tradicionais e não pelo Integralismo.

Com a saída de Lucas Bez Batti, em seu lugar era nomeado Domingos Rocha, este permaneceu no cargo até 1933. Ao ser substituído, Rocha filiou-se ao Partido Republicano, e, em 1935, era eleito Deputado para a Assembléia Constituinte Estadual, e Deputado Estadual pela coligação “Por Santa Catarina”.⁶³⁴ A ida de Domingos Rocha para o Partido Republicano e sua eleição para deputado, bem como o

⁶³² *O Liberal*. Tubarão, 1 de janeiro de 1931.

⁶³³ *O Cruzeiro*. Tubarão, 28 de junho de 1931. O jogo político, as disputas pelo poder entre as elites de Urussanga encontram-se em: OTTO, *Catolicidades e Italianidades...*

⁶³⁴ PIAZZA, *Dicionário Político...*, p. 680.

retorno de Lucas Bez Batti ao executivo municipal, que substituiu Domingos Rocha, são reveladores das disputas pelo poder local e atestam a importância do velho chefe político junto aos grupos políticos locais e à interventoria estadual. Bez Batti permaneceria no poder até 1935.⁶³⁵

Outro fato que marcaria as disputas pelo poder local em Urussanga ocorreu após as eleições municipais de 1936. O candidato eleito pelo Partido Liberal, João Damiani, levou 648 votos. Esse mesmo número de votos foi alcançado pelo candidato a vereador Zeferino Burigo, eleito também pela sigla Liberal.⁶³⁶ A força política de Zeferino Burigo, alcançada nas urnas, foi reconhecida pelo interventor estadual, pois, no início de janeiro de 1938, era nomeado prefeito de Urussanga, permanecendo neste cargo até 1945.

Em Orleans, era nomeado como superintendente municipal à velha liderança política de oposição no município, Galdino Guedes. Esse se configuraria na principal liderança política de Orleans naquele contexto, permanecendo à frente do executivo municipal até fevereiro de 34. Os demais superintendentes e prefeitos nomeados foram nomes que não tinham expressão dentro do partido e, ao que tudo indica, seguiam fielmente a cartilha dos interventores do estado. Foi nesse período que dois descendentes de imigrantes europeus assumiram o executivo municipal, contudo permanecendo no cargo por um curto período. Luiz Pizzolatti foi nomeado superintendente substituindo Galdino Guedes, pedindo exoneração do cargo logo após

⁶³⁵ Após a saída de Lucas Bez Batti, assumiria em seu lugar Evaldo Losso e permaneceria no poder por um curto período, (15/05/35-17/04/36). Losso seria eleito vereador pelo Partido Liberal em 1936. Sobre os resultados das eleições municipais em Urussanga, ver: *A Imprensa*. Tubarão, 22 de março de 1936. Ano III, nº 102, p. 2.

⁶³⁶ O resultado da eleição para prefeito em Urussanga está em: *A Imprensa*. Tubarão, 22 de março de 1936. Ano III, nº 102, p. 2.

a eleição de Nereu Ramos para o governo do estado.⁶³⁷ Por sua vez, Otto Pfützenreuter, imigrante alemão que se estabeleceu em Orleans no início do século, desenvolvendo atividades ligadas ao comércio e à indústria (loja e uma fábrica de balas)⁶³⁸, foi eleito prefeito do município, em 1936⁶³⁹, sendo o único a perder o mandato nos municípios do Sul Catarinense com o golpe do Estado Novo. Infere-se que pelo fato de Otto Pfützenreuter ser alemão nato, o interventor Nereu Ramos o tenha exonerado rapidamente do cargo de prefeito, em dezembro de 37, e em seu lugar nomeado um luso-brasileiro, José Antunes Mattos, farmacêutico que executava algumas funções de médico. Procedente de Laguna e estabelecido no município desde 1885, governou Orleans durante todo o Estado Novo.⁶⁴⁰

Diferentemente de Urussanga e Orleans, em Criciúma durante todo o período Vargas foram nomeados apenas dois superintendentes e prefeito: Cincinato Napolini e Elias Angeloni. Na historiografia local, até a década de 30, nenhum dos dois aparecia como figura destacada tanto na política quanto na economia.⁶⁴¹ Cincinato Napolini se estabelecia em Criciúma em 1928 e em seguida fazia parte do grupo que organizou a Aliança Liberal no município. Com a vitória do movimento de 30, foi

⁶³⁷ Sobre os prefeitos nomeados pelos interventores do estado em Orleans até 1935, ver: DALL'ALLBA, *Colonos e mineiro...*, p. 241-242. Após o pedido de exoneração de Luiz Pizzolatti, foi nomeado para um curto mandato o Tenente, Ruy Stockler de Souza (06/07/35-09/04/36).

⁶³⁸ LONTTIN, *Orlenas 2000: história e...*, p. 62-63.

⁶³⁹ Sobre as eleições municipais em Orleans, ver: *República*. Florianópolis, 12 de março de 1936. Ano III, nº 578.

⁶⁴⁰ Um pouco mais sobre a biografia de José Antunes Mattos, ver: LONTTIN, *Orlenas 2000: história e...*, p. 91.

⁶⁴¹ Os nomes mais destacados na política e economia de Criciúma até a década de 30 e citados na historiografia são Rovaris e Benedet. MILANEZ, *Fundamentos históricos de...*; TEIXEIRA, *Os donos da...*, p. 109; NASCIMENTO, Dorval. *A Formação Histórica de Criciúma (1880-1930): a elite dominante e a formação da cidade*. Criciúma: mimeografado, 1993.

nomeado superintendente municipal por Ernesto Lacombe, permanecendo no cargo até julho de 1933. Em 1936 foi eleito vereador pelo Partido Liberal.⁶⁴²

Quanto a Elias Angeloni, na década de 30, exercia a função de cartorário, atividade desenvolvida até sua aposentadoria, e possuía, na época, um hotel “que oferecia hospedagem completa: cama e mesa”. Em 1933, foi nomeado superintendente do município e em 1936, eleito prefeito de Criciúma. Com o golpe do Estado Novo, foi nomeado pelo interventor Nereu Ramos para continuar dirigindo o município até 1945.⁶⁴³

Essa rápida análise sugere que tanto Naspolini quanto Angeloni não tinham vínculos ou uma maior proximidade com os grupos que detinham o poder no município, seja as elites representando a “força da imigração” ou a “força do carvão”. A análise também sugere que os interventores procuraram nomear para o executivo de Criciúma nomes que naquele contexto não tivessem muita expressão, tanto econômica quanto política, no município.

Nesses três municípios habitados, até a década de 30, especialmente por imigrantes europeus e seus descendentes, o Integralismo foi organizado com a constituição dos núcleos e sub-núcleos, na sua maioria nas áreas rurais configurando uma especificidade, pois a maioria dos adeptos eram pequenos agricultores.⁶⁴⁴ Nas eleições de 1936, os integralistas concorreriam com candidatos para vereadores nos

⁶⁴² NASPOLINI FILHO, Archimedes. *Criciúma 70 anos: 1925/1995*, ensaio para sua história político-administrativa. 4^o ed. Criciúma: ed. do autor, 1995, p. 14-15.

⁶⁴³ Idem, p. 16-17.

⁶⁴⁴ Sobre a organização de núcleo e sub-núcleos na área rural do município de Criciúma, ver: NUERNBERG, Chailene. *Os Camisas Verdes na Colônia de Nova Veneza na década de 1930*. Criciúma: UNESC, 2004 (Monografia de História). O jornal *Flama Verde*. Florianópolis, 12 de novembro de 1936, informava que o Chefe Distrital Flávio Neghetto esteve nas comunidades de Lageado e Boa Vista no interior de Urussanga, e ali fundou dois novos núcleos.

três municípios e com candidatos a prefeito em Criciúma⁶⁴⁵ e Orleans.⁶⁴⁶ Divulgados os resultados das eleições, os integralistas elegeram quatro vereadores nos três municípios, sendo três em Orleans e dois em Criciúma.⁶⁴⁷

Por último, destacam-se os três municípios, Laguna, Araranguá e Tubarão, onde até a década de 30 havia um predomínio no domínio político das elites luso-brasileiras. Em Laguna, os três primeiros anos do pós-30 foram marcados por sucessivas alterações na direção do executivo municipal, nomeações provisórias, demissões, gestões de curta duração, interrupção da administração e disputas internas no diretório do Partido Liberal. Com a tomada de Laguna pelas forças do movimento de 30, e a nomeação de Gil Ungaretti⁶⁴⁸, para um curto governo provisório, era iniciado um período conturbado da história política de Laguna.

Logo após a vitória do movimento de 30, Gil Ungaretti era substituído pelo antigo chefe político do município, José Fernandes Martins que permaneceria no cargo até sua morte em 28 de outubro de 1932. José Fernandes Martins, foi nomeado em 28 de outubro de 1930 pelo interventor estadual Ptolomeu de Assis Brasil. Martins já tinha uma passagem à frente da Superintendência de Laguna no século XIX (1893)⁶⁴⁹, e duas pela Assembléia Legislativa, na primeira década do século seguinte (1904-1906 e 1907-1909).⁶⁵⁰ Com a morte do superintendente José Fernandes Martins, foi nomeado para ocupar o cargo Antônio Batista da Silva. Este dirigiu o município por um período

⁶⁴⁵ Resultado das eleições para prefeito em Criciúma: *República*. Florianópolis, 17 de março de 1936. Ano III, nº 591.

⁶⁴⁶ Resultado das eleições para prefeito em Orleans: *Alvorada*. Blumenau, 17 de março de 1936. Ano II, nº 85.

⁶⁴⁷ Os resultados das eleições de vereadores encontram-se em: *O Jaraguá*, 2 de maio de 1936.

⁶⁴⁸ Sobre o decreto que nomeava Gil Ungaretti ver: *A Cidade*, Laguna, 12 de outubro de 1930. Ano VI, nº 756.

⁶⁴⁹ BITENCOURT, *Estado Novo, Cidade Velha...*, p. 144.

⁶⁵⁰ PIAZZA, *Dicionário Político Catarinense...*, p. 337.

muito curto, não ultrapassando mais que seis meses, pois, em 22 de maio de 1933, pediu demissão do cargo. Dois dias depois era nomeado em seu lugar Giocondo Tasso, este permaneceria na administração de Laguna até 1945.⁶⁵¹

Este período da história política foi marcado por disputas pelo controle dos espaços de poder no município. Essas disputas eram visibilizadas para a população através de panfletos. Os grupos se atacavam mutuamente com textos publicados em forma de denúncia, xingamentos, chamado para votação e proposta de mudança, distribuídos à população pelos panfletos. A fim de explicitar a assertiva exposta acima, tomam-se como exemplo as disputas ocorridas entre os próprios liberais por ocasião da eleição que escolheria o novo diretório do partido no município.

Com o panfleto intitulado “Dissidência Liberal de Laguna”, uma ala do Partido Liberal se dirigia ao eleitorado do município, atacando o atual dirigente do partido, e o superintendente municipal.

Quem votar no diretório chefiado pelo Sr. Baptista, votará no Sr. Zeca Martins, que é o prefeito indicado pelo diretório provisório de Laguna. E votar no Sr. Zeca Martins quer dizer dar sua adesão a uma política de perseguições, de vinganças, de arbitrariedades. Quer dizer mais: é aprovar os pesados aumentos de impostos feitos pelo atual prefeito provisório.⁶⁵²

O texto do panfleto ainda conclamava o eleitor que votasse com consciência, como homem livre, que votasse na dissidência liberal, pois essa “garantirá ao eleitor plena liberdade de opinião, respeito absoluto da lei, e o início de um período de verdadeira democracia, como a Aliança Liberal e a Revolução prometeram ao povo

⁶⁵¹ BITENCOURT, *Estado Novo, Cidade Velha...*, p. 144-145.

⁶⁵² *Panfleto* intitulado: Dissidência Liberal de Laguna: ao eleitorado. Maio de 1931.

brasileiro”.⁶⁵³ A dissidência ainda prometia ao eleitorado reduzir os impostos, fazer uma administração tolerante serena, e eficiente para a promoção do progresso do município.

Em um outro panfleto dirigido aos eleitores, a dissidência liberal se dirigia especialmente aos funcionários públicos, e explicava que não temessem participar das eleições, pois a votação seria secreta, e, portanto, poderiam expressar livremente sua opinião, sem medo de serem demitidos ou removidos. O texto ainda pedia aos funcionários públicos que votassem na dissidência, apresentava os membros que disputariam a eleição para o novo diretório, ressaltando a qualidade dos candidatos. A chapa dissidente era composta pelo médico Aurélio Rotulo, o dentista Gil Ungaretti; os exportadores Manoel Martins Pinho, Eusébio Nunes Netto, Giocondo Tasso; os comerciantes João Silva de Oliveira, Antonio Paulo da Silva, Oswaldo Poeta; e o representante comercial Manoel Guedes Queiroz. O texto finalizava destacando os problemas do município que estavam à espera de solução: canalização de água potável e esgoto, as vias de comunicação ligando o município à capital e aos distritos, e a continuidade das obras da barra, tidas como fundamentais para o progresso de Laguna.⁶⁵⁴

Atacados pela ala dissidente, o Partido Liberal de Laguna contra-atacava lançando um panfleto, intitulado: “Ao povo: não se iludam! Cuidado com os cantos das sereias!” O texto iniciava chamando o médico Aurélio Rotulo de oportunista que teria denunciado um outro médico do município, Paulo Carneiro, ao interventor federal, para assim acumular os cargos de médico do hospital e do município. Acusava Aurélio Rotulo de ser o articulador da dissidência para seu proveito próprio. Pedia ao povo para

⁶⁵³ Idem.

⁶⁵⁴ *Panfleto* intitulado: Dissidência Liberal de Laguna: eleitores. Maio de 1931.

não esquecer de Aurélio Rotulo, “o homem que por algum tempo foi um parasita dos cofres públicos recebendo desonestamente o ordenado mensal de 600\$000 como topógrafo de segunda classe dos melhoramentos da barra da Laguna”.⁶⁵⁵ Por fim, Rotulo era estampado no texto como sanguessuga da Laguna.

Algumas inferências podem ser feitas a partir dos discursos dos panfletos. Fica muito evidente uma disputa pela hegemonia do poder local entre as elites econômicas e políticas que estavam no Partido Liberal. Nesse processo de intensa disputa, a ala dissidente saiu vitoriosa e, ao que tudo indica, deve ter feito muita pressão para que o Superintendente Antônio Batista da Silva, que havia substituído José Fernandes Martins, pedisse demissão, com menos de seis meses de governo. Assim, os dissidentes fizeram a hegemonia dentro do partido, Pompilio Pereira Bento, que fazia parte da ala dissidente, assume o comando do Partido Liberal e Giocondo Tasso assumiu a administração municipal.

Giocondo Tasso assumiu a Superintendência municipal aos 34 anos, e não era uma figura de destaque na política lagunense, ao menos até aquele momento. Era filho do imigrante Jacinto Tasso, que veio para o Brasil, em 1890, para assumir como agente consular italiano em Laguna. Tasso, aos 12 anos, foi enviado para estudar na Itália, em Milão, e lá permaneceu por 12 anos, retornando para Laguna em 1923.⁶⁵⁶ Na Itália, Tasso teve oportunidade de conhecer de perto o fascismo, e, de volta ao Brasil, tudo leva a crer que, se não participou do fascio de Laguna, era certamente um grande simpatizante. Seu pai era fascista e até o final dos anos 20 foi um dos divulgadores e criadores dos fascio na região. Contudo, nos anos 30, os laços com o Partido Liberal, e

⁶⁵⁵ *Panfleto* intitulado: Partido Liberal de Laguna. Ao povo não se iludam! 16 de maio de 1931.

⁶⁵⁶ BITENCOURT, *Estado Novo, Cidade Velha...*, p. 143.

com os grupos que estavam controlando o partido, foram se estreitando, ao passo que Tasso foi nomeado Superintendente em 33, eleito prefeito em 36 e nomeado por Nereu em 37.⁶⁵⁷

Tubarão, na década de 30, era o município, do ponto de vista econômico, mais forte da região. Em seu vasto território (1.315 KM), havia uma indústria, comércio e especialmente uma agricultura muito forte, esta última controlada pelos imigrantes europeus e seus descendentes estabelecidos nos vários núcleos coloniais situados no interior do município. Em Tubarão, por exemplo, estava a maior fábrica de banha da região e as instalações da Estrada de Ferro Tereza Cristina, o que lhe conferia grande status econômico. Pelo município, continuava passando praticamente toda a produção da região, fortalecendo deste modo o seu comércio.

No que tange à política ao longo de todo o período Vargas, o município foi comandado por Silvino Moreira Lima e Marcolino Martins Cabral. Ao analisar a imprensa local, no período não se observou grande tensão. Nos primeiros anos do pós-30, os espaços de poder no município foram fortemente influenciados por Ernesto Lacombe. No governo de Silvino Moreira Lima, por exemplo, foram nomeados Mario Lacombe para o cargo de tesoureiro-secretário e Marcolino Martins Cabral no cargo de inspetor de estradas.⁶⁵⁸ O primeiro era irmão e o segundo amigo e sócio de Ernesto Lacombe. Posteriormente, Cabral era nomeado superintendente, em 33, eleito prefeito em 36 e mantido no cargo com o golpe do Estado Novo.⁶⁵⁹

⁶⁵⁷ Idem, p. 145. Segundo esse historiador, Giocondo Tasso “desenvolveu na cidade um governo aparentemente muito identificado com o maneirismo político do presidente”.

⁶⁵⁸ *O Liberal*. Tubarão 6 de novembro de 1930.

⁶⁵⁹ VITTORETTI, *História de Tubarão...*, p. 111.

A eleição de 1936 trouxe para o cenário político de Tubarão, o médico Otto Feuerschutte, que na Primeira República havia sido o único descendente de imigrantes europeus a comandar a administração municipal de Tubarão, destituído do poder com o movimento de 30. Para fazer frente ao forte domínio político do Partido Liberal no município, ao que parece, Otto Feuerschutte, mais uma vez, era visto como o único nome capaz de derrotar os liberais. Desta forma, para conseguir apoio das várias forças políticas de oposição do município, lançou-se como candidato avulso, e recebeu apoio de antigos adversários, como os Colaço (que vinham apoiando os liberais), e dos integralistas, que lançaram somente candidato para vereador.⁶⁶⁰

O integralismo, em Tubarão, começou a ser organizado em 1935. Inicialmente dirigido pelo luso-brasileiro Luiz Magalhães e posteriormente substituído por Walter Zumblick, este inicialmente havia sido cogitado para ser o candidato a prefeito⁶⁶¹, no entanto, foi o único candidato para vereador lançado pelos integralistas no município. Pode-se apontar para dois obstáculos que teriam dificultado uma maior recepção do Integralismo no município: o desempenho econômico e a forte estrutura do Partido Liberal, que foi sufocando as forças tradicionais e abrindo espaço de participação política para outros setores da sociedade.

Araranguá, que até a década de 20 figurava juntamente com Laguna e Tubarão entre os municípios mais importantes da região, foi perdendo importância econômica e política a partir da emancipação política de Criciúma, pois perdera uma importante fatia do seu território e, conseqüentemente, de recursos, em especial da mineração, que vinha despontando no período. O movimento de 30 não alterou a

⁶⁶⁰ Sobre as disputas para as eleições municipais em Tubarão, ver: *A Imprensa*. Tubarão, 15 de março de 1936. Ano III, n. 101.

⁶⁶¹ *A Imprensa*. Tubarão, 2 de fevereiro de 1936. Ano II, n. 96.

situação econômica do município e, politicamente, este experimentaria, ao menos até 1936, um período bastante conturbado, pois foram sucessivas as mudanças de superintendentes, além de um longo período de vacância na administração municipal.

Com a vitória do movimento de 30, inicialmente era nomeado para a Superintendência municipal Fontoura Borges do Amaral, e em seguida substituído por Israel Fernandes, os dois não eram de Araranguá, este último havia fixado residência a pouco mais de um ano. Ao assumir a interventoria estadual, Aristiliano Ramos exonerou Israel Fernandes, e em seu lugar não foi nomeado outro superintendente, mesmo que provisório, ficando o município de abril de 1933 a janeiro de 1934 sem um representante oficial no comando da administração municipal.⁶⁶²

Neste período da vida conturbada de Araranguá, a administração foi exercida por poucos dias pelos funcionários municipais ou estaduais lotados no município, que encaminharam as medidas rotineiras e de expediente: “os documentos e correspondências de rotina eram subscritas por ‘p/prefeito’; ‘encarregado’; ‘encarregado do expediente’”.⁶⁶³ Após esse período de vacância na administração municipal, Araranguá ainda conviveria com a nomeação de mais três superintendentes que se alteraram no poder até as eleições municipais de 1936.

Essa rotatividade de superintendentes no executivo municipal de Araranguá envolvia as disputas políticas no âmbito da interventoria estadual e as disputas no diretório do Partido Liberal local. Antônio João Raupp, por exemplo, nomeado pelo interventor Aristiliano Ramos, permaneceria no cargo somente por um curto período. De janeiro a junho de 1934, em função da pressão da maioria do diretório do Partido

⁶⁶² HOBOLD, *História de...*, p. 238-239.

⁶⁶³ HOBOLD, *História de...*, p. 239.

Liberal, que pediu sua exoneração. Período ainda mais curto ficaria o substituto de Raupp, Altícimo Tournier, exonerado quatro meses após ter ocupado o cargo. Sua saída coincide com a derrota de Aristiliano para Nereu, na disputa para o comando do estado.⁶⁶⁴

Foi neste contexto conturbado de disputa na política em Araranguá e do enfraquecimento de sua economia, que o Integralismo encontrou um campo fértil para o seu florescimento. Assim, em 3 de outubro de 1934, na casa de Jaime Wendhausen, o Integralismo era criado no município e rapidamente espalhou-se para todo o interior com a constituição de vários sub-núcleos.⁶⁶⁵ Em seguida, Jaime Wendhausen e Emilio Neis⁶⁶⁶ fariam parte da nominata de candidatos integralistas que concorreram às eleições para deputados estaduais marcadas para 14 de agosto de 34. Nas eleições para prefeito municipal em 1936, Wendhausen enfrentaria o candidato do Partido Liberal, Caetano Lummertz, numa acirrada disputa, que garantiu aos integralistas a eleição de três vereadores.⁶⁶⁷

O rápido crescimento do Integralismo em Araranguá pode ser constatado quando se observa, por exemplo, a ata de criação do sub-núcleo de Rio Jundiá (Turvo), a lista de chamada das reuniões, a relação dos contribuintes e as inscrições que foram ocorrendo entre 1935 e 1937. O sub-núcleo de Rio Jundiá foi criado em 10 de fevereiro de 1935, com 24 inscrições, e nos meses subseqüentes foi recebendo novas inscrições, até o mês de novembro. Após as eleições municipais de 36, novos inscritos

⁶⁶⁴ Idem, p. 239.

⁶⁶⁵ Sobre a constituição do núcleo de Araranguá ver: *A Cidade*. Laguna, 6 de abril de 1935, p. 2.

⁶⁶⁶ Emilio Neis foi eleito vereador em 1936.

⁶⁶⁷ Há indícios de que antes mesmo das eleições de 1936, preocupado com o crescimento do Integralismo em Araranguá, Nereu Ramos visitou o município, sendo recebido com uma grande recepção organizada pelo superintendente Asteróide da Costa Arantes, que mobilizou professores, alunos e intendententes distritais, procurando influenciar a população e desta forma fortalecer o Partido Liberal.

eram filiados, e, ainda conforme a ficha de novos inscritos, as últimas inscrições foram realizadas em 6 junho de 1937, com um total de 128 inscritos naquele sub-núcleo.⁶⁶⁸

Esse crescimento contínuo do Integralismo até o golpe do Estado Novo foi ocorrendo nos vários municípios do Sul Catarinense, não só com a adesão de novas inscrições, mas também através da criação de novos núcleos e sub-núcleos. Em relação ao sub-núcleo de Rio Jundiá, analisando os sobrenomes dos inscritos, foi possível constatar a presença de luso-brasileiros, descendentes de imigrantes alemães, poloneses, mas com preponderância de italianos. Outro aspecto a destacar, é que esse sub-núcleo estava localizado numa área agrícola, contribuindo para fundamentar a assertiva de que a maioria dos descendentes de imigrantes europeus que aderiram ao Integralismo na região era constituída principalmente por pequenos agricultores.

Assim, em Laguna, Tubarão e Araranguá, na década de 1930, o Integralismo foi organizado com núcleos e sub-núcleos. Lançou candidatos para deputados estaduais em 34, e para prefeitos e vereadores em 36 e, mesmo enfrentado a força e articulação do Partido Liberal, os integralistas elegeram quatro vereadores.

O quadro acima demonstra também que a “força dos imigrantes europeus” foi se fortalecendo na região à medida que vários descendentes foram, inicialmente, no pós-30, sendo nomeados para as superintendências municipais. Posteriormente, nas eleições para prefeito em 36, foram eleitos seis descendentes, além de um número significativo de vereadores, e com o golpe do Estado Novo, dos seis prefeitos, cinco

⁶⁶⁸ A ata da fundação do sub-núcleo de Rio Jundiá, as fichas de inscritos, a lista de contribuições e de chamada podem ser encontradas nos anexos do trabalho de: GABRIEL. Rosa Maria Casteller. *O Integralismo em Rio Jundiá*. Criciúma: UNESC, 1993, (Monografia de Especialização em História).

foram nomeados pelo interventor Nereu Ramos.⁶⁶⁹ Isso não quer dizer que, neste contexto de mudanças, as outras forças da região, a “força dos luso-brasileiros” e a “força do carvão”, não estivessem dividindo, negociando os espaços de poder. Contudo, o pós-30 marcara definitivamente a ascensão sócio-econômico-político-cultural dos descendentes de imigrantes europeus no Sul Catarinense.

As análises enunciadas acima sugerem que no Sul Catarinense as disputas pelo poder político na região ocorreram entre os liberais e os integralistas, dado que impõe uma questão: onde estavam os republicanos na região? Uma rápida análise da articulação dos republicanos no Sul Catarinense contribuirá também para que se perceba o crescimento da força política da região em âmbito estadual. Há que se destacar ainda que ao final dos anos vinte no Sul Catarinense estava o maior contingente eleitoral do estado. Conforme o alistamento eleitoral de 30 de dezembro de 1929, contavam no estado 241 seções eleitorais, com 75.369 eleitores pelos municípios de Santa Catarina.⁶⁷⁰

⁶⁶⁹ Vários chefes de núcleos integralistas do Sul Catarinense eram descendentes de imigrantes, fato que demonstra o crescimento da participação desses descendentes, das várias camadas sociais na disputa pelos espaços de poder, haja vista que a maioria dos descendentes que aderiram ao Integralismo eram pequenos agricultores. Entre os chefes dos núcleos integralistas na região, estavam em Tubarão, Walter Zumblick; Urussanga, Flávio Neghetti; Criciúma, Vanteiro Margot; Orleans, José Sandrini; Araranguá, Jaime Wendhausen.

⁶⁷⁰ Dados sobre o número de eleitores e seções eleitorais por municípios podem ser encontrados em: PIAZZA, Walter F. *O Poder Legislativo Catarinense: das suas raízes aos nossos dias 1834-1984*. Florianópolis: Lunardelli, 1984, p. 385-386.

Região	Nº de municípios	Seções Eleitorais	Nº de Eleitores
Sul	8	48	15.468
Norte	8	41	12.693
Vale do Itajaí	5	38	13.402
Grande Florianópolis	6	41	11.516
Serrana	5	40	13.313
Oeste	3	33	8.977
Total	35	241	75.369

Quadro elaborado pelo autor

O quadro revela que em 1930, juntamente com Norte, o Sul Catarinense era a região com o maior número de municípios. Contudo, no Sul estava o maior contingente eleitoral, e isso se refletiu na representação para a Assembléia Estadual nas eleições de 1934. Nessas eleições, o Sul Catarinense fez a maior bancada desde que foi Proclamada a República. Dos 27 deputados eleitos para a Assembléia Constituinte Estadual em 1934⁶⁷¹, nove tinham sua base no Sul Catarinense, dos quais dois eram descendentes de imigrantes, e os demais luso-brasileiros.⁶⁷² Álvaro Catão e Heriberto Hulse, do Partido Republicano, estavam vinculados ao Grupo Lage e, portanto, representavam em especial a “força do carvão” na região. Isso não quer dizer que outros deputados, liberais ou republicanos, lusos ou descendentes, não apoiassem a mineração.

⁶⁷¹ Relação dos deputados eleitos para a Assembléia Constituinte Estadual, ver: CABRAL, Oswaldo R. *Breve notícia sobre o poder legislativo de Santa Catarina: suas legislaturas e legisladores 1835 a 1974*. Florianópolis: Lunardelli, 1974, p. 85-86.

⁶⁷² Relação dos deputados eleitos para a Constituição de 34 com base no Sul Catarinense pelo Partido Liberal: Pompílio Pereira Bento e Altamiro Lobo Guimarães. Partido Republicano: João Gualberto Bitencourt, José Acácio Soares Moreira, João de Oliveira, Álvaro Catão, Heriberto Hulse, Silvio Ferraro e Renato de Medeiros Barbosa. Posteriormente entraria Domingos Rocha, pelo Partido Republicano com base no Sul Catarinense.

Foi nessas eleições que os republicanos vieram com toda força elegendo sete dos nove deputados estaduais da região.⁶⁷³ Esse dado sugere uma rearticulação do Partido Republicano, especialmente em torno das elites luso-brasileiras da região. Entretanto, desses sete deputados, Renato de Medeiros Barbosa e Silvio Ferraro migraram para o Partido Liberal, em 1935, quando votaram na eleição para o governo do estado em Nereu Ramos.

Como já foi observado neste trabalho, enquanto os liberais e republicanos se digladiavam na disputa pelo governo do estado, o Integralismo foi rapidamente se estruturando em várias regiões do estado ao longo do ano de 1935, sendo que nas eleições de prefeito, em março de 1936, o partido lançou candidatos para esse cargo e para vereadores em praticamente todos os municípios do estado. Quanto ao Partido Republicano, após a derrota nas eleições para o governo do estado, ficou bastante enfraquecido no Sul Catarinense. O Integralismo, ao final de 1935, estava organizado com núcleos e sub-núcleos em todos os municípios da região, configurando-se no principal adversário dos liberais nas eleições municipais de 36.

⁶⁷³ Sobre os deputados eleitos pela coligação “Por Santa Catarina”, ver: *Correio do Sul*. Laguna, 5 de maio de 1935. Ano IV, n. 176.

**Resultado das eleições para prefeito em vários municípios do estado em
1936⁶⁷⁴**

Município	Partido/Prefeito	Votos recebidos
Florianópolis	Partido Liberal	1.908
	União Republicana	1520
	Integralismo	202
	Comércio, Indústria e Lavoura	227
	Candidato avulso (Hipólito Pereira)	314
Itaiópolis	Partido Liberal	298
	Integralismo	187
Blumenau	Integralismo (Alberto Stein)	2.983
	União Democrática Blumenauense	1.079
Itajaí	Partido Liberal	1.414
	União	1.086
	Aliança (J. Muller)	1.001
	Integralismo	305
Gaspar	Partido Liberal	606
	União	388
Lages	Partido Liberal	2.264
	União	2.263
Timbó	Integralismo	1.127
	Partido Liberal	1.126
	Candidato avulso	274
Campo Alegre	Partido Liberal (Eugênio Duarte)	198
	Integralismo	192
	União Republicana	134
Curitibanos	Partido Liberal (Graciliano Almeida)	665
	União Republicana	578
Biguassú	Partido Liberal (Alfredo Silva)	966
	Integralismo	528
Camboriú	Partido Liberal (Flávio Silva)	325

⁶⁷⁴ Os resultados das eleições dos prefeitos municipais dos municípios de Santa Catarina podem ser encontrados no jornal: *República* de Florianópolis, ao longo do mês de março de 1936.

	União Republicana Integralismo	165 34
Nova Trento	Partido Liberal (Francisco Vale) Tudo por Nova Trento	331 234
Porto Belo	Partido Liberal (Manoel Felipe) União Republicana	235 175
Canoinhas	Partido Liberal União Republicana Integralismo	1.188 784 586
Chapecó	Partido Liberal (Berthier) Oposição (Rebolho)	635 229
Joinville	Integralismo (Aristides Largura) Frente Única	2.623 1.758
Mafra	Partido Liberal (Pedro Kuss) Tudo por Mafra	580 545

Quadro elaborado pelo autor

No primeiro capítulo e ao longo do trabalho, já foram demonstrados e analisados alguns resultados das eleições municipais de 1936. Contudo, o quadro acima, nos permite fazer algumas inferências no que tange às disputas pelo monopólio do poder local nas várias regiões do estado. Como já foi observada a historiografia sobre o Integralismo centra suas análises nas regiões Norte e Vale do Itajaí, onde, sem dúvida, não há como negar seu grande desempenho, chegando ao ponto, por exemplo, de em Joinville e Jaraguá republicanos e liberais unirem-se, formando a Frente Única para tentar fazer frente ao Integralismo, e mesmo assim foram derrotados. Em Blumenau, faziam parte da União Democrática Blumenauense as elites tradicionais, que, juntas, não conseguiram vencer os integralistas. Em Joinville e Blumenau, os municípios mais importantes dessas duas regiões, os republicanos, ao que parece, representavam ainda a força política de maior expressão, se comparados aos liberais.

O quadro contribui ainda mais para demonstrar que a organização do Integralismo estava presente em todas as regiões do estado. Mesmo que em municípios como Lages e Curitiba os integralistas não tenham lançado candidatos para prefeito, o fizeram para vereador. Em todas as regiões do estado os integralistas elegeram vereadores, foram 30 no Vale do Itajaí, 25 no Norte, 12 no Sul, 4 no Oeste, 2 na grande Florianópolis e 1 no Planalto.⁶⁷⁵ O quadro acima demonstra a acirrada disputa entre liberais e republicanos em municípios importantes como Lages, Itajaí e Florianópolis, sendo um indício das dificuldades que os integralistas certamente enfrentaram para sua difusão. Por outro lado, em municípios como Campo Alegre, na região Norte, e Biguassú, na Grande Florianópolis, a disputa ocorreu entre liberais e integralistas.

No Sul Catarinense, como já foi sugerido ao longo deste trabalho, a disputa eleitoral de 36 se processou, de modo especial, entre liberais e integralistas. Uma análise dos resultados das eleições na região contribui para elucidar o comportamento dos integralistas na região, bem como a sua popularidade. Conforme Serge Berstein, o partido político é, por definição, um fenômeno histórico, e pode “fornecer ao historiador uma considerável quantidade de informações sobre os grupos que se esforçam por reunir os homens tendo em vista a ação comum sobre o poder ou a organização da sociedade”.⁶⁷⁶ Uma quantidade significativa e variada de informações “que esclarecem singularmente, por menos que se formulem perguntas certas, o comportamento do

⁶⁷⁵ *O Jaraguá*. Jaraguá, 2 de maio de 1936.

⁶⁷⁶ BERSTEIN, Serge. Os Partidos. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*: 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 71.

homem na política, e, além disso, o jogo complexo das forças que condicionam e motivam seus atos”.⁶⁷⁷

Resultados das eleições municipais de 1936 nos municípios do Sul

Catarinense⁶⁷⁸

Município	Partido/Prefeito	Votos Recebidos
Laguna	Partido Liberal (Giocondo Tasso)	1.606
	União Republicana (Bernardini Guimarães)	377
	Integralismo (Antonio Dib Mussi)	271
Tubarão	Partido Liberal (Marcolino Martins Cabral)	1.729
	Candidato avulso (Otto Feuerschutte)	1.233
Araranguá	Partidos Liberal (Caetano Lummertz)	1.566
	Integralismo (Jaime Wendhausen)	1.027
Urussanga	Partido Liberal (João Damiani)	648
	União dos Antigos Liberais Urussanguenses (Antonio Bez Batti)	356
Orleans	Partido Liberal (Otto Pfitzenreuter)	543
	Integralismo	516
Criciúma	Partido Liberal (Elias Angeloni)	621
	Integralismo	220
Jaguaruna	Partido Liberal (Bernardo Schmitz)	249
	Oposição	231
Imaruí	Partido Liberal (Pedro Bitencourt)	508
	Integralismo	352

Quadro elaborado pelo autor

⁶⁷⁷ Idem, p. 71-72.

⁶⁷⁸ Os resultados das eleições dos prefeitos municipais dos municípios do Sul Catarinense podem ser encontrados no jornal: *República*, de Florianópolis ao longo do mês de março de 1936. O resultado de Orleans encontra-se também no jornal, *Alvorada*. Blumenau, 17 de março de 1936. Ano II, n. 85.

Como se pode observar, o Integralismo no Sul Catarinense saiu com candidatos próprios em 4 municípios, os liberais lançaram candidaturas próprias em todos os municípios e os republicanos apenas em um. O quadro revela alguns aspectos das mudanças que vinham se processando nas disputas pelo monopólio do poder político local: a vitória dos liberais em todos os municípios da região demonstra a capacidade de articulação e negociação tanto dos prefeitos municipais eleitos quanto também do novo governador Nereu Ramos. É preciso ressaltar que, dos oito prefeitos eleitos, cinco já estavam à frente dos executivos municipais.

Outro aspecto foi à ascensão dos descendentes de imigrantes no comando dos municípios da região, não só no executivo, mas também no legislativo. Contudo, os prefeitos de Laguna e de Jaguaruna, certamente, tinham vínculos políticos bastante fortes com as elites luso-brasileiras e com as forças que venceram o movimento de 30 na região. Giocondo Tasso e Bernardo Schmitz faziam parte da elite de comerciantes em seus municípios, mas somente apareceram no cenário político local no pós-30. Enquanto na Primeira República nas regiões Vale do Itajaí e Norte do estado os imigrantes europeus e seus descendentes já exerciam um domínio econômico e político em âmbito local e regional, no Sul Catarinense como vimos, isso somente ocorreu no pós-30. A mineração e as mudanças provocadas pelo movimento de 30 foram afastando as antigas elites do monopólio econômico e político na região, e desta forma o mapa político da região foi sendo redesenhado por outros grupos formados pelos descendentes de imigrantes, mas também por luso-brasileiros e migrantes procedentes de outras regiões. O poder político na região foi disputado e negociado por essas três forças.

Em tais condições, os integralistas, ao que tudo indica, encontraram grandes dificuldades para sua difusão e arregimentação na região. Mesmo assim, nos quatro municípios em que disputaram as eleições de prefeito, receberam 30% dos votos, além de lançar candidatos para vereadores em todos os municípios e eleger doze, dado que pode ser considerado significativo, haja vista que, diferentemente das regiões do Vale do Itajaí e do Norte do estado, onde as mudanças no pós-30, se fizeram sentir negativamente, no Sul Catarinense elas foram positivadas, como foi exposto anteriormente. Em Araranguá e Imaruí, os dados revelam uma acirrada disputa com os liberais, fato que garantiu a eleição de três vereadores para cada município. Em Tubarão os integralistas, por determinação da chefia provincial, apoiaram o candidato avulso. Em Orleans, ocorreu também uma acirrada disputa entre integralistas e liberais, sendo que o candidato liberal Otto Pfitzenreuter venceu as eleições com apenas 27 votos à frente. Nessa acirrada disputa os integralistas elegeram três vereadores.

Assim, ao analisar como o Integralismo foi recebido pela população no Sul Catarinense, procurou-se reconstituir os contornos da política na região no pós-30, apontando para suas diferenças, tensões e conexões. Demonstrou-se que as mudanças ocorridas na região impuseram uma maior dificuldade para a difusão do Integralismo nos municípios do Sul Catarinense. Além das dificuldades apontadas neste texto, para a difusão do Integralismo, pode-se ainda destacar outras, mas que serão abordadas no capítulo seguinte.

Capítulo IV

Imprensa e Poder: Lutas Pelo Monopólio Político

A reconstituição das lutas políticas e sociais através da imprensa tem sido alvo de muitas das pesquisas recentes. Nos vários tipos de periódicos e até mesmo em cada um deles encontramos projetos políticos e visões de mundo representativos de vários setores da sociedade.⁶⁷⁹

Ao longo deste trabalho, a imprensa configurou-se na principal fonte para reconstituição da trajetória da Ação Integralista em Santa Catarina, bem como das lutas pelo poder político no estado, e em especial no Sul Catarinense. Assim, nessa seção busca-se aprofundar o estudo sobre a imprensa catarinense no período, e dessa forma perceber em que medida os periódicos foram um instrumento relevante, tanto para os integralistas, quanto para os outros grupos e forças políticas das várias regiões do estado nas lutas pelo poder político.

Posto isso, reporta-se às interrogações esboçadas na primeira seção deste trabalho: Em que medida a imprensa integralista foi significativa para a difusão do Integralismo na região? Qual era o seu alcance? Que grupo social ou grupos atingiu? O público leitor dos jornais do Sul Catarinense estava entre os luso-brasileiros ou entre os imigrantes e os seus descendentes? Que comparações podem ser feitas entre a imprensa do Sul Catarinense com o Vale do Itajaí e o Norte do estado? Em que medida as tensões entre os integralistas e as outras forças políticas eram refletidas na imprensa?

Em 5 de junho de 1937, o secretário provincial de imprensa, Nunes Varella, natural de Laguna, um dos organizadores do Integralismo naquele município e também

⁶⁷⁹ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 2ª Edição, 1994, p. 34.

do periódico integralista *A Voz do Sul*, publicava artigo no jornal *Flama Verde*, intitulado: “A Imprensa Integralista”. O artigo iniciava destacando que a maior força do Integralismo repousava na sua unidade de ação e pensamento, consolidados através de uma disciplina poderosa, fazendo deste o único partido nacional e a última esperança da Nação. Varella prosseguia dizendo que na ação e unidade do Integralismo fundiam-se “os sagrados princípios da conhecida trilogia tão atacada e combatida pelos coripeus de uma democracia agonizante”.⁶⁸⁰ Entretanto, destacava que havia um ponto “inatacável e respeitado, causador de verdadeiro espanto aos adversários do sigma: *é a nossa imprensa*”.⁶⁸¹ No artigo, Varella procurava diferenciar a imprensa integralista das demais. Para ele, a imprensa integralista seguia orientação diferente das outras, que eram virulentas nos ataques e apaixonadas nas defesas quando presenteadas por gordas cifras. Quanto à imprensa integralista, ela sintetizava “o pensamento de cada um e de todos; sua retidão é absoluta, serena e límpida; suas palavras, medidas e pesadas; sua consciência, ativa e nobre”.⁶⁸² Conforme Varella, a imprensa integralista era honesta, quase um paradoxo em um país como o Brasil, “vasto paraíso de banqueiros, e de abastados candidatos aos mais altos cargos da República”.⁶⁸³ Por fim, ressaltava que a imprensa integralista com centenas de jornais espalhados pelo país, desenvolvia sua propaganda baseada no código da ética jornalística e profissional, propagava a “palavra nova dos tempos novos”, segue sua

⁶⁸⁰ *Flama Verde*. Florianópolis, 5 de junho de 1937.

⁶⁸¹ *Idem*.

⁶⁸² *Idem*.

⁶⁸³ *Flama Verde*. Florianópolis, 5 de junho de 1937.

marcha gloriosa, surda e muda aos ataques, insensível e fria aos rumores dos inimigos transviados”.⁶⁸⁴

O que se observa do artigo de Nunes Varela é que ao mesmo tempo em que procurava diferenciar a imprensa integralista exaltando-a como honesta, serena, límpida, ética, profissional, portadora da verdade, pois sintetizava o pensamento individual e nacional, atacava com veemência os demais órgãos de imprensa acusando-os de virulentos, e que defendiam os interesses de grupos ou partidos de acordo com as cifras recebidas. É preciso ter clareza que não só o Integralismo como também muitos outros órgãos de imprensa espalhados pelo Brasil e em Santa Catarina pertenciam a grupos e partidos, e que seus jornalistas consideravam-se portadores da verdade e responsáveis pelos erros e pelas mentiras presentes na sociedade. Maria Helena Rolim Capelato⁶⁸⁵, ao analisar a participação da imprensa na vida sócio-política brasileira, no início do século XX, afirmou que os membros mais destacados da imprensa nas décadas de 1920 e 1930 consideravam-se representantes de uma “elite pensante”, e desta forma assumiam o papel de criadores de valores que deveriam ser incorporados pelos leitores. Esses valores difundidos pelos jornalistas fundamentavam-se na idéia de harmonia e felicidade de toda sociedade.

Em Santa Catarina, durante a Primeira República e na década de 30, constituíram-se centenas de jornais, a maioria de curta, curtíssima duração, que defendiam e difundiam os interesses de grupos e partidos, principalmente em âmbito local, pois eram poucos os que tinham uma abrangência regional. Nesses jornais, eram

⁶⁸⁴ *Flama Verde*. Florianópolis, 5 de junho de 1937

⁶⁸⁵ CAPELATO, Maria Helena Rolim. O controle da opinião e os limites da liberdade: imprensa paulista (1920-1945). *Revista Brasileira de História*. V. 2, n. 23-24. São Paulo: ANPUH/Marco Zero. Set/91 – Ag/92.

evidenciadas as conexões, disputas e tensões entre os vários grupos e forças que disputavam a hegemonia do poder político no estado. Essas disputas eram extremamente acirradas, tendo em vista a vasta fragmentação, étnica, econômica, geográfica e cultural que marcava o estado. Assim, antes de abordar as lutas pelo monopólio do poder político através de imprensa, faz-se uma rápida digressão sobre fragmentação, étnica, econômica, geográfica e cultural de Santa Catarina, cruciais para compreensão das disputas pelo poder entre os grupos e partidos na década de 30.

Geografia, economia, etnia e cultura: um estado fragmentado

O sucesso da AIB em Santa Catarina esteve relacionado também com o desempenho econômico, ocorrido principalmente nas regiões de colonização européia, sobretudo nas décadas de 1920 e 1930. A prosperidade destas regiões na economia estadual pode ser entendida, quando se observar à forma e a função de como a colonização foi concebida. O governo imperial, na tentativa de reformulação da estrutura do país, introduziu no Sul do Brasil o sistema de pequenas propriedades. Pretendia estabelecer nas florestas das províncias meridionais colonos que fossem pequenos proprietários e cultivassem as terras com auxílio das próprias famílias, e que não estivessem interessados na criação de gado e no trabalho escravo. Havia também uma preocupação do governo em abrir vias de comunicação entre o litoral e o planalto.⁶⁸⁶

⁶⁸⁶ SEYFERTH, Giralda. *A Colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico*. 2ª edição. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1999, p. 31.

Contudo, quando se observa o processo de ocupação, povoamento e colonização do território catarinense, percebe-se que ele aconteceu de forma desarticulado, transformando o estado em um grande mosaico étnico-cultural. O contexto em que se desenrolou o povoamento e a colonização do estado não conseguiu articular nenhum ponto de convergência, desde o início dos primeiros núcleos no século XVII (São Francisco, Desterro e Laguna); foram organizados com o objetivo de apoio para a penetração paulista e portuguesa no Sul. Não havia a preocupação com a organização da economia colonial. Posteriormente, no século XVIII, seguia-se a ocupação do Planalto Serrano caracterizado pela presença dos descendentes de paulistas, que se dedicaram à criação de gado. Ainda no século XVIII, o estado recebeu as primeiras levas de açorianos, que se estabelecem no litoral, em função da preocupação portuguesa nas disputas políticas militares com a Espanha. “Portugal compreendeu que seus interesses na área da Prata só teriam chances de confirmação se bases de apoio para eventuais operações militares fossem instaladas no litoral”.⁶⁸⁷ Assim, os açorianos são instalados no litoral fronteiro e na Ilha de Santa Catarina, para abastecimento das tropas militares e também fornecer soldados para o exército.

Durante o século XIX, chegaram levas de imigrantes alemães e italianos, que se estabeleceram no Vale do Itajaí e na região nordeste, vê-se também uma presença numerosa de italianos no Sul do estado. No final do século XIX e início do século XX, levas imigratórias e migratórias deram uma nova configuração populacional ao estado, com a ocupação e colonização da região oeste e centro-oeste.

⁶⁸⁷ SANTOS, Silvio Coelho dos. *Nova história de Santa Catarina*. Florianópolis: Edição do autor, 1974, p. 53.

Desse modo, fica inteligível que a fragmentação étnica, econômica geográfica e cultural do estado foi resultado de um processo de ocupação e colonização, organizada em diferentes momentos e com diferentes propósitos. Esta fragmentação provocou o surgimento de regiões autônomas e que se desenvolveram das formas mais diversas. Em cada região configurou-se um centro geo-econômico, uma cidade que funcionava como a capital regional, que era isolada regionalmente, pois não se criou um ponto de convergência; nem mesmo a capital funcionava como uma metrópole, um centro, um pólo, que atraísse as demais regiões. Esta situação de isolamento ficava ainda mais agravada, pois em Santa Catarina não há um rio navegável que possibilitasse a integração do território, além das Serras do Mar e Geral, que formam uma barreira natural separando o litoral do planalto. Isso revela a desarticulação interna do estado.⁶⁸⁸

A compartimentação estadual que criou as “zonas geo-econômicas” praticamente independentes entre si, pode ser percebida quando da implantação do sistema de transporte ferroviário no estado, que refletiu também a organização geoeconômica fragmentada. A estrutura ferroviária no estado foi montada em sistemas isolados, de modo que ligassem uma região produtora a um porto exportador. A estrada de ferro Santa Catarina transportava os produtos de uma parte do Vale do Itajaí até Blumenau, e daí seguia-se ao porto de Itajaí. No sul do estado, a Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina integrou os municípios da região carbonífera ao porto de Imbituba e Laguna. Já o ramal da Estrada de Ferro Paraná – Santa Catarina, que fazia parte de um sistema maior, ligando São Paulo e Rio Grande do Sul, articulava a zona produtora

⁶⁸⁸ Sobre isso ver: CENTRO DE ASSISTÊNCIA GERENCIAL DE SANTA CATARINA. *Evolução Histórico-Econômica de Santa Catarina: Estudo das Alterações Estruturais (século XVII-1960)*. Florianópolis: CEAG/SC, 1980.

de erva-mate e madeira com Joinville, tendo por destino o Porto de São Francisco do Sul.⁶⁸⁹

Posto isso, pode-se afirmar que a economia catarinense caracterizava-se por ter maiores ligações externas do que internas. As regiões geo-econômicas acabavam estabelecendo relações com os mercados consumidores fora do estado, como “ocorrem com Joinville, desde o início, fortemente ligada a Curitiba, e no outro extremo, a região Sul e os Campos de Lages, ligados a Porto Alegre”.⁶⁹⁰ Ou então com o eixo Rio – São Paulo, que polarizam cada região, estabelecendo com cada uma delas uma relação econômica em particular.⁶⁹¹ Vê-se que em cada uma das regiões geo-econômicas havia um sistema de ligação interna na própria região, para transportar a produção, seja um porto, ou ferrovia e um externo, escoadouro das mercadorias para fora do estado, porém não se criou um sistema que possibilitasse uma integração entre as regiões geo-econômicas.

Desde o início da República, o problema da fragmentação esteve na pauta das preocupações dos governantes de Santa Catarina, que procuravam construir uma imagem coesa para o estado. Entretanto, durante a Primeira República, a integração do estado não se consolidou. Nesse período, várias tensões foram provocadas em função dessa fragmentação: o movimento surgido no planalto, reivindicando a transferência da capital para essa região, no caso, para a cidade de Lages, então o seu principal centro urbano, a construção da Ponte Hercílio Luz para a ligação do Continente à Ilha, pois todo transporte era realizado através de barcos, provocando constantes problemas

⁶⁸⁹ Sobre isso ver: CENTRO DE ASSISTÊNCIA GERENCIAL DE SANTA CATARINA, e NASCIMENTO, Dorval. *As Curvas do trem: a presença da Estrada de ferro no Sul de Santa Catarina (1875-1975)*. Criciúma: UNESC, 2004.

⁶⁹⁰ CENTRO DE ASSISTÊNCIA GERENCIAL DE SANTA CATARINA, p.128.

⁶⁹¹ NASCIMENTO. *As Curvas do trem...*, p.26

diante da dependência das condições climáticas e o regime dos ventos para travessia. O governo recebia duras críticas da oposição, que via a ponte como uma obra faraônica, privilegiando apenas a capital em prejuízo das outras regiões do estado. Hercílio Luz em discurso proferido por ocasião da assinatura do contrato para construção da obra, procurava responder a essas críticas:

A ponte sobre o estreito, velha aspiração dos catarinenses, e cujo decreto hoje assinarei, não é uma obra de vaidade que pareça preferência pela Ilha e Capital, em detrimento das demais zonas do Estado. É uma obra, reconhecidamente, de interesse geral e que, por ocasião de nosso centenário (da independência), afirmará praticamente a união e a integridade de nosso território, e das nossas aspirações, evitando que a cabeça mutilada continue fora do corpo.⁶⁹²

Pode-se inferir no discurso do governador que esse percebia a obra como sendo interesse de todos os catarinenses e ao mesmo tempo acreditava também que através da construção da ponte, se estaria integrando o território fragmentado. Para Hercílio Luz, a ponte, enquanto símbolo de modernidade, poderia vir a constituir a capital na metrópole, em torno da qual gravitariam as demais regiões isoladas. Hercílio Luz transferia para muitos o desejo de construção da ponte, o que com certeza estava restrito às elites locais que o apoiavam no empreendimento. O discurso do governador lembra as reflexões de Bourdieu. Para ele, ao se “dizer as coisas, com autoridade, quer dizer à vista de todos e em nome de todos sancionasse, santificasse, consagrasse, fazendo-as existir como dignos de existir, conforme a natureza das coisas naturais”.⁶⁹³ É bom lembrar que a ponte não era uma obra isolada, ela integrava um conjunto de intervenções ocorridas na capital: a implantação de um sistema de saneamento e a

⁶⁹² *República*. Florianópolis, 28 de setembro de 1920.

⁶⁹³ BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 116.

construção da primeira avenida que pretendia promover um amplo reordenamento do espaço local, transformando a capital em um centro moderno.

Pode-se apontar também a Guerra do Contestado, que ocorre entre os anos de 1912 e 1916, como outro exemplo desta fragmentação e desarticulação do estado. Basta dizer que o primeiro governador a visitar a região foi Adolf Konder em 1929. Esta viagem como num rito de passagem, além de representar a territorialidade, física, étnica, religiosa e política da região oeste do estado, definindo as fronteiras com a Argentina, as fronteiras regional estadual com o Rio Grande do Sul e o Paraná, foi a “tentativa de integrar o interior com o litoral, onde se localiza a capital, fazendo reconhecer o centro administrativo e político do estado, em detrimento dos mandonismos locais”.⁶⁹⁴ Assim, a viagem do governador pela região tinha como objetivos “promover a integração ancorada à idéia de construção da identidade estadual e brasileira”.⁶⁹⁵ Vê-se que a fragmentação, a desarticulação e o isolamento das regiões do estado, mesmo já no final da década de 1920, se faziam presentes.

A preocupação com a integração levou também à construção de uma imagem do homem catarinense na tentativa de ultrapassar a barreira da fragmentação cultural. Pretendia-se criar uma identidade catarinense num contexto marcado pela heterogeneidade étnica e cultural. Assim, durante a Primeira República, percebe-se a configuração de dois discursos partindo de intelectuais, políticos, órgãos de governos e instituições, na busca de forjar uma imagem homogênea para Santa Catarina. Isso gerou uma tensão, pois eivadas de conotações políticas, os discursos enquanto

⁶⁹⁴ FLORES, Maria Bernardete Ramos. SERPA, Élio Cantalício. A Hermenêutica do Vazio: Fronteira, Região e Brasilidade na Viagem do Governador ao Oeste de Santa Catarina. *Projeto História*. São Paulo, 18 de maio de 1999, p. 219.

⁶⁹⁵ Idem, p. 222.

representações e práticas evidenciam “um poder de fazer o grupo impondo-lhes princípios de visão e de divisão comuns, portanto, numa visão única da identidade, e uma visão idêntica de sua identidade”.⁶⁹⁶ Pode-se afirmar que essas imagens entram em conflito, pois de um lado estavam os luso-brasileiros estabelecidos no litoral, e no outro o imigrante europeu.

O historiador Élio Serpa, ao estudar o papel do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina na construção do discurso da identidade catarinense, centra sua análise nas revistas produzidas por esse órgão. A revista do IHGSC passou por três fases, e tendo como preocupação central, à construção de uma identidade catarinense.

Na primeira fase da revista, entre 1902 a 1920, foram produzidos “artigos trazendo biografias intituladas de Catarinenses Ilustres”.⁶⁹⁷ Na revista, havia uma ausência de artigos que abordassem os descendentes de alemães e italianos. Os textos produzidos eram ocupados majoritariamente com luso-brasileiros e com fatos relacionados à sua participação. Por isso, Serpa afirma “que o discurso da revista nesta fase estava construindo a identidade catarinense pelo passado de luso-brasileiros ilustres e estabelecidos no litoral”.⁶⁹⁸

Já na segunda fase da revista, 1943-1944, o IHGSC conservava as mesmas preocupações, buscando “afirmar a identidade catarinense pelo seu passado luso-brasileiro, mas neste momento despontam, mais definidamente, os açorianos, tirados do esconderijo da história por Oswaldo Rodrigues Cabral”.⁶⁹⁹ Ou como abordou Maria Bernardete Ramos Flores, em texto sobre a invenção da açorianidade, “um grupo de

⁶⁹⁶ BOURDIEU. *O poder...*, p. 117.

⁶⁹⁷ SERPA, Élio Cantalício. A identidade catarinense nos discursos do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis, v. 14, n. 20, 1996, p. 66.

⁶⁹⁸ SERPA. *Revista de Ciências Humanas...*, p. 66.

⁶⁹⁹ Idem, p. 66.

homens, uma ‘plêiade de homens ilustres’, enfrentou o desafio da construção de uma identidade histórico cultural”.⁷⁰⁰

O período em que emerge esse discurso é marcado também pela ascensão dos Ramos ao comando da política estadual, e que empreenderam a política da nacionalização, no qual os imigrantes alemães e seus descendentes sofreram um violento processo de incorporação à chamada cultura brasileira. Os açorianos que foram vistos como indolentes, preguiçosos, sem espírito de iniciativa, na Primeira República, passaram a ser objeto principal de estudo de intelectuais e posteriormente de comemorações.

Portanto, como observou Serpa, nestas duas fases da revista, o IHGSC constrói a identidade catarinense, na primeira, pelo passado luso-brasileiro, e, na segunda pelos açorianos. Este processo de construção de identidade ocorria de forma excludente, na medida em que os outros grupos étnicos, como alemães e italianos, não tinham visibilidade.

Por outro lado, ainda durante a Primeira República, um outro discurso se configurou na tentativa de se forjar uma imagem homogênea para Santa Catarina, foi a positividade do imigrante europeu, tido como laborioso, empreendedor, trabalhador, intenso e fecundo.

O processo de ascensão econômica e política das áreas de colonização teuta em Santa Catarina culminou com a instalação do regime republicano e a emergência no cenário nacional de uma nova mentalidade sobre o país. As transformações que estavam ocorrendo na Europa aportavam no Brasil, buscava-se

⁷⁰⁰ FLORES, Marie Bernardete Ramos. A autoridade do passado. In: *A Farra do boi: palavras sentidos ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997, p. 220.

vencer o “atraso” e acompanhar o ritmo de desenvolvimento que vinha se processando no continente europeu. Contudo, o progresso e a modernidade desejada para o Brasil esbarraram em diversos problemas. Tendo o evolucionismo com matriz explicativa, implicava para os intelectuais da época analisar a evolução do país sob a ótica de uma história natural da humanidade, colocando o Brasil na condição de “inferior”, quando contrastado com o desenvolvimento tecnológico alcançado na Europa.

Esse era o grande dilema colocado aos intelectuais: “superar o atraso nacional”. Esse só seria vencido quando da superação dos estágios primitivos da evolução humana, à qual o país estava submetido. Para a intelectualidade brasileira do final do século XIX e início do XX, a interpretação da história nacional adquire sentido a partir da introdução de duas noções que justificavam o nosso “atraso”: o meio e a raça. Vencer o “atraso” implicava em superar essas duas noções.⁷⁰¹ A primeira aconteceria com o processo de urbanização e remodelação das cidades e a segunda levaria um pouco mais de tempo, pois, partindo do postulado evolucionista, a miscigenação das três raças no Brasil (branco, índio e o negro) teria de esperar a vitória do mais forte, ou seja, do imigrante europeu. Acreditava-se que a miscigenação enquanto branqueamento apagaria da sociedade brasileira seus traços indígenas e africanos.

E para acelerar o processo de branqueamento da sociedade brasileira e, por conseguinte a eliminação dos estigmas das “raças inferiores”, estimulava-se a imigração européia. Assim, através do branqueamento da sociedade brasileira, se construiria uma civilização branca nos trópicos. No processo de mestiçagem, prevalecia

⁷⁰¹Essas reflexões podem se encontradas em: ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

a superioridade do branco impedindo o desequilíbrio moral, a indolência e a inconsistência, consideradas qualidades naturais do brasileiro.⁷⁰²

Outra imagem recheada de positividade em relação à imigração europeia se configurou com a noção dada ao trabalho, que passava a ser visto como gerador de riquezas, dignificante e pleno de significação social. Esse discurso era contrário à escravidão e à noção de trabalho que carregava. Então, seria através do imigrante europeu qualificado, como laborioso e inteligente, que o país conseguiria atingir o progresso, a ordem, a modernidade e a civilização europeia, superando o “atraso” que se encontrava.

Em Santa Catarina, a representação positiva de imigrante europeu ganhava mais força, tendo em vista a prosperidade alcançada pelas áreas de colonização europeia.

Se para os intelectuais das teorias raciais o imigrante surge como algo a se somar à parte branca da população, ou seja, a parcela descendente de portugueses, pois o seu avesso estava na forma como o negro era concebido, em Santa Catarina dão-se outras relações. Toda essa discussão tinha como pano de fundo a chegada das novas leis do capitalismo internacional e era destinado ao elemento branco as qualidades para melhor adaptar-se a elas, como amor ao trabalho, perseverança e espírito empreendedor; em Santa Catarina, por outro lado, tais atributos estavam vinculados aos imigrantes da colonização teuta do Vale do Itajaí e da região nordeste, inferindo sobre a população do litoral uma imagem próxima a dos negros para o discurso nacional. Assim o segmento branco do litoral, de ascendência lusitana, tinha uma imagem que não aquela do discurso nacional. Pode-se dizer que, de modo geral, o homem do litoral estava para o colono teuto-brasileiro, em Santa Catarina, como o negro estava para o branco no plano nacional.⁷⁰³

Essas duas imagens foram construídas durante a Primeira República sobre o homem catarinense: luso-brasileiros estabelecidos no litoral versus imigrantes europeus (se observadas todas as suas dimensões), e, como foi exposto, geraram tensões, que

⁷⁰² ORTIZ. *Cultura brasileira e identidade...*, p. 21.

⁷⁰³ BITENCOURT, João Batista. *Estado Novo, Cidade Velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 30-31 (Tese de Doutorado em História).

se intensificaram ainda mais a partir das mudanças ocorridas na política estadual e nacional no pós-30. Ao assumirem o poder do comando estadual, os Ramos, principalmente Nereu Ramos, preocupado com a integração do estado, tanto no ponto de vista físico quanto cultural, investiu na construção de estradas e na nacionalização das colônias de imigração européia. Era interesse do governo estadual e também federal criar uma população, homogênea, disciplinada e brasileira. Nessa perspectiva, a imagem que construía o imigrante europeu como homem catarinense ficaria ofuscada. As forças políticas que assumem o poder pretendiam promover a integração do estado, e criar uma imagem homogênea de sua população, uma identidade sem variações culturais, que não dispensaria o valor do imigrante, mas se afirmaria agora pelo caráter nacionalista do luso-brasileiro.⁷⁰⁴ Assim, pode-se inferir a partir dessas reflexões que houve uma vitória do elemento luso-brasileiro, e como foi apontado na análise de Serpa, nesse contexto a identidade catarinense era marcada pelo açoriano.

Quanto ao Sul Catarinense, pode-se dizer que ocorreu um processo inverso, pois até a década de 30 foram os luso-brasileiros que dominaram o cenário sócio-econômico-político da região. Os imigrantes europeus e seus descendentes foram despontando no pós-30, portanto as mudanças que vão se processando na década foram muito mais positivas para esse grupo do que negativas. Isso não quer dizer, por exemplo, que a política da nacionalização não tenha sido implementada na região.

As tensões e conexões experimentadas pelas várias forças políticas que se constituíram no pós-30 no estado, e entre elas o Integralismo, não escapavam aos olhos da imprensa catarinense. Isso porque a maioria dos jornais surgidos no período, de uma forma ou de outra, estavam vinculados à política partidária. Nos primeiros anos

⁷⁰⁴ BITENCOURT. *Estado Novo, Cidade Valha...*, p. 38-39.

do pós-30, foram surgindo simultaneamente inúmeros jornais, a maioria deles tiveram duração efêmera. De maneira geral, eles foram sendo criados na medida em que os partidos políticos iam sendo constituídos ou rearticulados. Foram poucos os que já existiam na década 1920 e permaneceram com suas portas abertas na década seguinte. Pode-se destacar, como exemplo, alguns jornais que alcançaram uma maior longevidade no estado: *Albor*, em Laguna; *Blumenauer Zeitung*, em Blumenau; *O Estado e República*, em Florianópolis; *Kolonie-Zeitung*, em Joinville; *O Pharol*, em Itajaí; *Volks Zeitung*, em São Bento. Os indícios dão conta de mais de 90 jornais criados no estado entre 1930 e 1940, a ampla maioria com duração que girava em torno de um a três anos, alguns com duração que não ultrapassou poucos meses. Em grande parte, esses jornais foram criados nas principais cidades do estado: Joinville, Blumenau, Lages, Laguna e na capital.⁷⁰⁵

Quanto à imprensa integralista, já foram destacados no primeiro capítulo os vários jornais criados pelo partido no estado, bem como aqueles que apoiavam e divulgavam a doutrina da AIB. Contudo, a inserção da imprensa integralista no estado, suas conexões e tensões com a imprensa pertencente a outras forças políticas e a disputa pelo monopólio do poder político, precisam ser ainda mais aprofundadas.

⁷⁰⁵ Sobre a relação de jornais catarinenses das décadas de 20 e 30, ver: Biblioteca Pública do Estado (Santa Catarina). *Catálogo de jornais Catarinenses: 1850-1989*. Florianópolis: FCC, 1990.

A imprensa Sul Catarinense e o Integralismo

Quando o Integralismo começou a ser organizado no Sul Catarinense, a partir de 1934, havia jornais somente no município de Laguna. Naquele ano, eram editados no município de Laguna os jornais: *Albor*, *Correio do Sul*, *A Vanguarda* e *A Razão*, e não se encontrou nenhuma publicação, artigos ou notas dirigidas ao Integralismo. As primeiras publicações referentes ao Integralismo nos jornais da região foram aparecer somente no início de 1935. Cabe destacar que durante praticamente toda a década de 1930, a publicação de jornais na região ficou praticamente restrita aos municípios de Laguna e Tubarão. Nos demais municípios, verificou-se a publicação do jornal *O Correio*, em Orleans, até 1931, e o *Campinas*, em Araranguá, no ano de 1930, e, posteriormente, de 1936 a 1937. A presença de jornais, basicamente em Laguna e Tubarão na década de 1930 vem atestar a importância sócio-econômico-político-cultural desses municípios na região.

Jornais editados nos municípios do Sul Catarinense entre 1930-1940⁷⁰⁶

Municípios	Jornais
Laguna	<i>Albor</i> (1930-1940); <i>A cidade</i> (1930-1935); <i>A Gazeta</i> (1930-1932); <i>Correio do Sul</i> (1932-1940); <i>A Razão</i> (1932-1935); <i>Vanguarda</i> (1933-1935); <i>Sul do Estado</i> (1937-1940); <i>Voz do Sul</i> (1935).
Tubarão	<i>O Liberal</i> (1930-1933); <i>A Paz</i> (1930); <i>O Cruzeiro</i> (1931-1933); <i>Gazeta do Povo</i> (1936); <i>A Imprensa</i> (1934-1938).
Araranguá	<i>Vanguarda</i> (1930); <i>Campinas</i> (1930 retornando posteriormente em 1936 e 1937)
Orleans	<i>Folha do Sul</i> (1930); <i>Correio do Sul</i> (1930-1931)
Imbituba	<i>Imbituba</i> (1930).

Dos jornais citados, o *Albor* é o mais antigo, criado no início do século XX. Os demais criados nos municípios da região antes do movimento de 30, surgiram em meados dos anos 20, *A Paz* (1924), *A Cidade* (1925), *Imbituba* (1925), *O Correio* (1927). Eles estavam vinculados aos grupos políticos ligados ao Partido Republicano. Exemplo disso é o jornal *O Correio* de Orleans, semanário dirigido pelo jornalista Hermínio de Menezes Filho, apoiava o Partido Republicano, ferrenho adversário do Partido Liberal, pois constantemente fazia críticas ao superintendente municipal Galdino Guedes. Outro exemplo era o jornal *A Paz*, de Tubarão, também vinculado ao Partido Republicano, dirigido por Emílio Venturo Hülse e Manoel de Aguiar, defendiam o

⁷⁰⁶ Biblioteca Pública do Estado (Santa Catarina). *Catálogo de jornais Catarinenses...* É preciso explicar que os jornais *Albor*, *Correio do Sul*, *Sul do Estado*, de Laguna, e *A imprensa*, de Tubarão, continuaram com suas publicações mesmo depois do Estado Novo.

prefeito municipal Otto Fueurchut, que fazia a campanha presidencial de Julio Prestes e atacava constantemente o jornal liberal e sua liderança Ernesto Lacombe.⁷⁰⁷ Esses jornais no início dos anos 30 desapareceram, como demonstra o quadro acima. Por outro lado, os jornais *Campinas* (1929) e *O Liberal* (1929) fizeram a campanha da Aliança Liberal em favor de Getúlio Vargas, e em seguida apoiaram o movimento de 30.

Viu-se que no início dos anos 30 ocorre um desaparecimento de vários jornais no Sul Catarinense. Há indícios que sugerem que eles desapareceram em função de suas ligações partidárias com o Partido Republicano, extinto com o movimento de 30. No entanto, ao longo dos anos 30, novos jornais apareciam na região, em especial no município de Laguna e Tubarão. Foram seis em Laguna e três em Tubarão. E qual era a ligação política partidária desses novos jornais? Para responder a essa questão com maior eficácia, é imperativo fazer uma análise desses jornais, procurando elucidar suas vinculações políticos partidárias.

O jornal *A Imprensa*, de Tubarão, semanário fundado em 1936, se apresentava como um órgão independente, sem vínculo político partidário. Contudo, quando se analisa, por exemplo, o resultado das eleições municipais de 1936, fica muito explícita sua opção pelo Partido Liberal. “Força política muito bem organizada, indo as urnas numa perfeita união (...), pode o Partido Liberal Catarinense de Tubarão, infligir uma derrota tão significativa aos seus adversários”.⁷⁰⁸ *A Imprensa*, além de destacar o resultado da eleição, procurava enaltecer a vitória esmagadora do Partido Liberal e seu candidato, Marcolino Martins Cabral, bem como a maioria dos vereadores, seis dos nove eleitos. Posteriormente, com o Estado Novo, *A Imprensa* continuava

⁷⁰⁷ *A Paz*. Tubarão, 14 de julho de 1929. Ano V, n. 230.

⁷⁰⁸ *A imprensa*. Tubarão, 15 de março de 1936.

apoiando o governo municipal, o interventor e em especial a campanha nacionalizadora empreendida no período.⁷⁰⁹ Essa ligação com o governo pode ser explicada também pelo fato de o diretor e gerente, Manoel de Aguiar, fazer parte do diretório do Partido Liberal.

Outro jornal constituído no pós-30 foi *O Cruzeiro*, órgão da Liga Eleitoral Católica. Fundada em dezembro de 1932, a Liga “dizia não ser um partido político, mas uma organização com o objetivo de apoiar e cooperar com os candidatos à Constituinte de formação essencialmente religiosa”.⁷¹⁰ Desta forma, o semanário *O Cruzeiro* era criado nesta perspectiva. Entretanto, na convenção que escolheria os candidatos à constituinte nas eleições de 1933, a Liga Eleitoral Católica não tendo nomes próprios para concorrer ao pleito, acabou apoiando nomes de vários partidos. Esse fato acabou levando à extinção do jornal *O Cruzeiro*. Em Tubarão, o jornal fazia oposição aos liberais e em seus artigos combatia intensamente a maçonaria.⁷¹¹

Semanário de curta duração fundado em 1936, o jornal *Gazeta do Povo* foi editado durante alguns meses. Seu redator, Pedro Luis Colaço, membro da família Colaço, que já havia perdido o prestígio e o poder político em Tubarão, procurava nas páginas do jornal destacar as atividades econômicas relativas à agricultura, sem, no entanto, ao que parece, encontrar ressonância entre os colonos. Além disso, exaltava constantemente os seus familiares, que outrora haviam exercido o domínio sócio-político-econômico no município. Eram páginas e imagens reportando-se aos feitos dos membros da família Colaço. O que se pode inferir é que talvez a intenção do redator do

⁷⁰⁹ Sobre a campanha da nacionalização ver, *A Imprensa*, 15 e 30 de março, 11 de maio, 13 de julho, 17 de agosto de 1940, e 10 e 17 de janeiro, e 10 de outubro de 1942.

⁷¹⁰ CORRÊA, Carlos Humberto. *Um Estado entre duas Repúblicas: a revolução de 30 e a política de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1984, p. 147.

⁷¹¹ Sobre os artigos combatendo a maçonaria ver: *O Cruzeiro*. Tubarão, 24 de maio de 1931. Ano I, n. 8.

jornal fosse uma tentativa de, através da exaltação dos feitos da família Colaço no passado, tentar recuperar o prestígio e o poder político no presente.

Em Laguna, os jornais *Razão* e *Vanguarda*, semanários editados no município entre 1932 e 1935, funcionavam como órgãos oficiais do Partido Liberal Lagunense. Nessa mesma linha, o *Sul do Estado*, dirigido por Pompílio Pereira Bento, presidente do Partido Liberal Lagunense e Vice-presidente em Santa Catarina, amigo pessoal do prefeito Giocondo Tasso e de Nereu Ramos, também “funcionava como órgão oficial do governo, [e nele] encontra-se um grande número de matérias que vinculam progresso ao Estado Novo, com destaque as figuras do presidente, do interventor e do prefeito”.⁷¹²

Em relação ao jornal *Albor*, o mais antigo de Laguna, fundado em 1901, ao que parece, foi praticamente o único periódico independente do município, sem uma vinculação político partidária, com exceção de alguns meses do ano de 1935, quando foi publicado um número relativamente significativo de matérias sobre a organização do Integralismo em Laguna e na região. O jornal mantinha uma certa isenção em relação às questões políticas do município, sua atuação estava muito mais centrada em atividades culturais. Talvez seja por isso que esse jornal tenha sido aquele que alcançou a maior longevidade de todos os jornais publicados no Sul Catarinense. Mesmo durante o Estado Novo, quando era obrigado a publicar notícias elogiosas do novo regime e de seus governantes, procurava ainda assim manter uma certa discrição.

Quanto ao *Correio do Sul*, foi criado pelo jornalista e advogado João de Oliveira, que com o movimento de 30 saiu de Tubarão e fixou residência em Laguna.

⁷¹² BITENCOURT. *Estado Novo Cidade Velha...*, p. 168. Destaca-se ainda que José Duarte Freitas diretor do Sul do Estado até 1939, era secretário municipal e “braço direito” do prefeito Giocondo Tasso.

Em Tubarão, já havia fundado os jornais *O Argonauta* e *A Imprensa*, era casado com a filha de João Luís Colaço, família que havia dominado a política em Tubarão durante praticamente toda Primeira República. Ligado às elites luso-brasileiras da região e ao Partido Republicano, João de Oliveira foi deputado estadual nas legislaturas de 1919-1921, 1923-1924, e no pós-30 foi eleito pela coligação “Por Santa Catarina” para a Assembléia Constituinte Estadual (1935), e para a Primeira Legislatura (1935-1937).⁷¹³ Assim, até 1937, o *Correio do Sul* configurou-se no principal órgão de oposição aos liberais em Laguna, e a partir do Estado Novo, ao que tudo indica foi obrigado a mudar seu posicionamento para poder sobreviver. Sem dúvida, observa-se nas matérias, artigos e notas publicadas no *Correio do Sul*, nos anos seguintes ao Estado Novo, uma adequação a “nova ordem”.

Os integralistas organizaram-se também na região através da imprensa. Em Laguna, era fundado no ano de 1935 o jornal *A Voz do Sul*, que circulou no município por um período muito curto, entre julho a dezembro daquele ano.⁷¹⁴ Dado curioso foi que os números de *A Voz do Sul* foram impressos na gráfica do *Correio do Sul*⁷¹⁵, órgão de ligação política com o Partido Republicano Catarinense. É possível inferir que ao fazer a impressão de seus números na gráfica do *Correio do Sul*, fato que foi realizado através de um contrato, os dirigentes integralistas, além de estarem economizando, teriam alguma proximidade com a direção, a redação e o proprietário do *Correio do Sul*, pois, quando da sua fundação, esse publicava texto destacando o surgimento do primeiro número do semanário integralista na região, e, ao mesmo tempo, enaltecia os

⁷¹³ PIAZZA, Walter Fernando. *Dicionário político Catarinense*. Florianópolis: Edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994, p. 504.

⁷¹⁴ Não foi encontrado nenhum exemplar do jornal integralista *A Voz do Sul*, para se fazer uma análise de seus artigos, suas notícias e notas.

⁷¹⁵ *Correio do Sul*. Laguna, 28 de julho de 1935. Ano IV, n. 188.

dirigentes do jornal, Nunes Varela, estudante de direito, e Aurélio Grott, secretário do Ginásio Lagunense. O texto finalizava dizendo: “Ao novo colega, *Correio do Sul* cumprimenta almejando-lhe os mais sinceros votos de prosperidade”.⁷¹⁶ Além disso, durante o ano de 1935, foram publicadas várias matérias no *Correio do Sul* destacando a organização e o crescimento do Integralismo nos municípios do Sul Catarinense.

Outra possibilidade a ser considerada era o interesse de João de Oliveira, político astuto, que poderia ter visto, inicialmente, no Integralismo um possível aliado para fazer frente aos liberais. Contudo, se essa era a estratégia, parece não ter funcionado, pois o Integralismo cresceu tanto e tão rapidamente que superou os republicanos. Levantou-se essa possibilidade fundamentada no fato de que nos anos de 1936 e 1937 não foi encontrada nenhuma matéria no jornal destacando positivamente o Integralismo.

Assim, *A Voz do Sul* foi o único jornal integralista organizado em todo Sul Catarinense, e, como foi possível observar, teve vida efêmera. Portanto, grosso modo, pode-se afirmar que a difusão e a popularidade alcançada pelo Integralismo na região não se deveu à imprensa do partido. Isso não quer dizer que textos, diretrizes ou números de outros jornais, como *Flama Verde* e *Anauê*, por exemplo, não chegassem à região. Ademais, foram bastante significativos os números de notas, textos e artigos divulgados nos jornais da região, em especial no ano de 1935, divulgação que neste ano ainda não tinha um tom negativo.

Feitas essas considerações sobre a imprensa no Sul Catarinense, e tendo em vista que a imprensa integralista teve vida efêmera na região, levanta-se a seguinte questão: Como o Integralismo foi repercutido na imprensa da região? A receptividade

⁷¹⁶ *Correio do Sul*. Laguna, 21 de julho de 1935. Ano IV, n. 187.

do Integralismo na região pode ser dividida em duas fases bem distintas: a primeira ocorre no ano de 1935, quando foi possível constatar que o Integralismo esteve presente nas páginas dos vários jornais da região editados naquele ano, em alguns, com maior intensidade que em outros. Esse período pode ser marcado por uma receptividade positiva do Integralismo na imprensa local. Quanto à segunda fase, entre 1936 e 1937, será definida por uma quase ausência de notícias, artigos e notas sobre o Integralismo na imprensa da região, e quando apareciam, os integralistas eram atacados de forma virulenta.

Publicações sobre o Integralismo na imprensa Sul Catarinense

Título do Artigo/Coluna/Editorial	Jornal	Data
Homenagem ao Dr. Antonio Mussi	<i>Albor</i>	13/01/35
Instalação de sub-núcleos	<i>Albor</i>	20/01/35
O Aniversário do chefe Supremo	<i>Albor</i>	27/01/35
Ainda o Aniversário do Chefe Supremo	<i>Albor</i>	02/02/35
A voz dos Municípios e das Famílias	<i>Albor</i>	10/02/35
Cruzada Anti – Comunista	<i>Albor</i>	17/02/35
A Pátria Não Morrerá	<i>Albor</i>	24/02/35
A Pátria Não Morrerá	<i>Albor</i>	02/03/35
A Lei de Segurança e o Integralismo	<i>Albor</i>	17/03/35
Núcleo de Laguna	<i>Albor</i>	24/03/35
A Última Excursão	<i>Albor</i>	31/03/35
Ecos	<i>Albor</i>	07/04/35
O Falecimento de Maria Remor	<i>Albor</i>	13/04/35
Núcleo de Laguna	<i>Albor</i>	19/04/35
Comemorando o 21 de Abril	<i>Albor</i>	25/04/35
Ação Integralista Brasileira	<i>Albor</i>	05/05/35
Departamento Feminino	<i>Albor</i>	05/05/35
Núcleo de Laguna	<i>Albor</i>	23/07/35
Aniversário de Fundação do Núcleo	<i>Albor</i>	21/10/35
Movimentam-se os meios eleitorais para o Pleito de 1º de Março Vindouro	<i>Albor</i>	22/02/36
Escolha de Candidatos Integralistas	<i>Albor</i>	23/09/37
O que quer o Integralismo	<i>Correio do Sul</i>	24/06/34
Núcleo de Criciúma	<i>Correio do Sul</i>	07/04/35
Língua brasileira o projeto apresentado a	<i>Correio do Sul</i>	21/07/35

Câmara		
<i>A Voz do Sul</i>	<i>Correio do Sul</i>	21/07/35
<i>A Voz do Sul</i>	<i>Correio do Sul</i>	28/07/35
Integralismo – Aliança Nacional Libertadora ou Comunismo	<i>Correio do Sul</i>	04/08/35
Violências da Polícia	<i>Correio do Sul</i>	11/08/35
Núcleo de Laguna	<i>Correio do Sul</i>	18/08/35
Os Festejos do Dia da Pátria	<i>Correio do Sul</i>	15/09/35
Os Integralistas e o Centenário Tubaronense	<i>Correio do Sul</i>	25/09/35
<i>A Voz do Sul</i> , órgão integralista suspendeu sua publicação	<i>Correio do Sul</i>	22/12/35
Núcleo de Laguna	<i>Correio do Sul</i>	22/01/35
Fala o Chefe Provincial do Integralismo	<i>Correio do Sul</i>	23/06/35
Congresso Integralista de Blumenau	<i>Correio do Sul</i>	06/10/35
O Integralismo é a Reação Contra a Desordem	<i>Correio do Sul</i>	05/05/35
Entram para o Integralismo	<i>Razão</i>	06/04/35
O Integralismo Protesta na Câmara Federal	<i>Razão</i>	30/03/35
Integralismo	<i>A Cidade</i>	26/01/35
O Phenômeno Integralista	<i>A Cidade</i>	02/02/35
A Palavra de um Grande Brasileiro	<i>A Cidade</i>	16/02/35
O Integralismo em Araranguá	<i>A Cidade</i>	06/04/35
O Integralismo em Araranguá	<i>A Cidade</i>	28/07/37
O Sr. Plínio Salgado está sofrendo grave enfermidade mental	<i>Sul do Estado</i>	28/07/37
Hélios e o Integralismo	<i>Sul do Estado</i>	31/07/37
Tremendo Libelo	<i>Sul do Estado</i>	28/08/37
O Integralismo é contrário ao regime!	<i>Sul do Estado</i>	28/08/37
Estão de Parabéns os Integralistas	<i>A Imprensa</i>	05/05/35
Os Integralistas disputarão as eleições	<i>A Imprensa</i>	02/02/36
Contra o Integralismo	<i>A Imprensa</i>	22/03/36
O Uso da Camisa Verde	<i>A Imprensa</i>	07/09/36
Serão Fechadas as Sedes Integralistas	<i>A Imprensa</i>	20/12/36
Resultado das eleições de 1º de março em Araranguá	<i>Campinas</i>	22/03/36
Resultado do plebiscito em Araranguá	<i>Campinas</i>	30/05/37

Quadro elaborado pelo autor

Foram mais de cinquenta artigos, notas e notícias, publicados na imprensa do Sul Catarinense sobre o Integralismo no período de 1935 a 1937. Essas publicações estavam restritas a três municípios, Laguna, Tubarão e Araranguá. A maioria das notícias, mais de 60%, era de cunho regional, o que significa que a sua elaboração e

publicação eram de responsabilidade de autores e grupos políticos locais, ou pertencentes aos próprios órgãos de imprensa.

Grande parte dos artigos, notas e notícias, cerca de 80%, foi favorável ao Integralismo e publicados em 1935. Isso significa dizer que se os integralistas não conseguiram manter as publicações de seu jornal, *A Voz do Sul* na região, ao menos puderam se consolar com as publicações em favor do Integralismo nos jornais locais. Outro dado a ser considerado é que a maioria das publicações favoráveis ao Integralismo saiu dos jornais *Albor* e *Correio do Sul*, ambos de Laguna. Contrários ao Integralismo, foram publicados artigos, notas e notícias, num total de sete, sendo que a maioria deles era procedente de publicações de jornais de outras regiões do país. Foram contrários ao Integralismo os jornais: *A Imprensa*, e em especial o *Sul do Estado*, pois esse não publicou nenhum artigo, notícia, ou nota favorável aos integralistas, as poucas publicações configuraram-se em uma oposição ferrenha e desqualificadora.

Se a imprensa da região a partir de 1936 praticamente não mais divulgou artigos, notícias e notas sobre o Integralismo, e as poucas publicações eram em tom de oposição, isso se constitui num indicador de que a popularidade do Integralismo na região vinha crescendo rapidamente, sendo também um indício de que as forças políticas começaram a se preocupar, e passaram a impedir as publicações integralistas em seus jornais. O Integralismo passou a ser um adversário que precisava ser controlado e combatido, principalmente após o resultado das eleições municipais.

Com a implantação do Estado Novo, desapareceram por completo publicações sobre o Integralismo na imprensa do Sul Catarinense. O Estado Novo impôs um rígido controle sobre a imprensa, através da censura impedia que fossem

publicadas notícias divergentes às do novo regime, ou que apresentassem descontentamento com a ordem estabelecida. Esse fato marcara o atrelamento da atividade jornalística ao Estado. Além da rígida censura, o Estado fornecia parte das matérias que deveriam ser publicadas pela imprensa. Assim, o governo ao mesmo tempo em que impedia a publicação de certas matérias, produzia e obrigava os órgãos de imprensa a divulgarem o conteúdo oficial. Nesse contexto:

os periódicos acabaram sendo obrigados a produzir os discursos oficiais, a dar ampla divulgação às inaugurações, a enfatizar as notícias dos atos do governo, a publicar fotos de Vargas: 60% das matérias publicadas eram fornecidas pela Agência Nacional. Havia íntima relação entre censura e propaganda.⁷¹⁷

Se por um lado os jornais foram obrigados a se submeter ao Estado Novo, por outro havia aqueles que se engajaram espontaneamente no novo regime. Esse foi o caso dos jornais: *A Imprensa* e o *Sul do Estado*. Essa diferença é perceptível quando se compara os jornais citados acima com o *Albor* e o *Correio do Sul*. Muito embora, nesses dois últimos seja possível encontrar uma certa quantidade de notícias elogiando o regime e seu dirigente, foi em *A Imprensa* e no *Sul do Estado* que essa construção ocorreu em um grau muito mais elevado.⁷¹⁸ Assim, durante o Estado Novo, somente quatro jornais serão editados no Sul Catarinense, *Albor*, *A Imprensa*, *Correio do Sul* e *Sul do Estado*, todos em consonância com o regime.

Até aqui, se constatou na análise da imprensa Sul Catarinense, nas suas relações com o Integralismo e com as forças políticas da região, que a ampla maioria dos jornais estavam concentrada em Tubarão e em especial em Laguna. A partir dessa constatação, procura-se elucidar algumas das questões propostas no início do capítulo.

⁷¹⁷ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papyrus, 1998, p. 75.

⁷¹⁸ Sobre a construção idealizada do regime e seus governantes pela imprensa de Laguna ver: BITENCOURT. *Estado Novo Cidade Velha...*, p. 213-221.

Ora, se os jornais do Sul Catarinense estavam concentrados basicamente em Tubarão e Laguna, e sua tiragem não tendo alcance regional, pode-se concluir que a imprensa teria tido pouca influência tanto na difusão do Integralismo quanto das outras forças políticas na região. Contudo, é preciso levar em consideração que Tubarão e Laguna eram ainda, naquele contexto, os principais centros urbanos da região. Por esses dois municípios, era escoada praticamente toda a produção da região. Através do porto de Laguna, além do embarque e desembarque de produtos, chegavam às informações no que tange às questões sócio-políticas, que estavam acontecendo no estado e no país. Dessa forma, mesmo com a ascensão econômica das áreas de imigração, Tubarão, e especialmente Laguna, configuraram-se nos municípios formadores de opinião na região. Os colonos das áreas de imigração, nas poucas vezes em que se deslocavam até Laguna, para vender ou comprar produtos, acabavam recebendo as informações pelos jornais, panfletos ou de “boca a boca”. É bom lembrar que Laguna foi o primeiro município a constituir um núcleo integralista em 1934, nas áreas de imigração do Sul Catarinense o Integralismo seria criado somente no ano seguinte. Na imprensa de Laguna, nos jornais *A Cidade*, *Correio do Sul* e *Albor* foi divulgada amplamente a fundação dos núcleos de Araranguá, Criciúma e Orleans⁷¹⁹, fato esse, que demonstra uma preocupação da imprensa de Laguna, com uma inserção nos demais municípios.

Outra questão para ser elucidada é saber para quem a imprensa da região destinava suas publicações. Como já foi exposto, a ampla maioria dos jornais da região estava em Tubarão, e principalmente em Laguna. Tubarão, o maior município da região na época, tinha uma população formada por luso-brasileiros, estabelecidos

⁷¹⁹ Sobre a criação dos núcleos integralistas em Araranguá, Criciúma e Orleans ver: *A Cidade*. Laguna, 6 de abril de 1935. *Correio do Sul*. Laguna, 7 de abril de 1935. *Albor*. Laguna, 23 de julho de 1935.

principalmente no centro urbano, e por imigrantes europeus e seus descendentes, que ocupavam principalmente as áreas rurais. Quanto a Laguna, tinha uma população formada em sua maioria por luso-brasileiros. Esse dado sugere que as publicações da imprensa da região estavam destinadas em especial para as populações de luso-brasileiros, pois não havia em nenhum dos jornais editados na década de 30, no Sul Catarinense, uma seção voltada para os imigrantes e seus descendentes, fossem italianos, alemães ou poloneses, como ocorria, por exemplo, com jornais no Vale do Itajaí e Norte do estado.

Se as publicações da imprensa estavam voltadas, sobretudo, para as populações de luso-brasileiros, pode-se inferir algo sobre a que setores da sociedade se destinavam. Na análise dos jornais, foi possível perceber que as publicações estavam voltadas principalmente para as elites e os setores médios. Atingia também os funcionários públicos e, em menor escala, os trabalhadores rurais. É importante ressaltar que o índice de analfabetismo na região era muito alto no período, fato que pode ter contribuído para a inexistência de um maior número de jornais nos demais municípios do Sul Catarinense.

Grau de alfabetização da população no Sul Catarinense na década de 1920⁷²⁰

Municípios	Analfabetos	Alfabetizados	Total
Araranguá	34.341	5.817	40.158
Imaruí	8.743	2.917	11.660
Jaguaruna	5.815	1.555	7.370
Laguna	21.832	5.741	27.573
Orleans	11.774	3.404	15.178
Tubarão	29.432	7.725	36.657
Urussanga	7.444	3.714	11.158
Total	119.381	30.873	150.254

Os dados acima demonstram que mais de 75% da população do Sul Catarinense era analfabeta. No estado, dos 668.791 habitantes, 471.392 eram analfabetas, e 197.399 eram alfabetizados. Nesta época, somente Blumenau, com 37.062, e Joinville com 23.177, tinham uma população alfabetizada maior do que o número de analfabetos.⁷²¹ Blumenau, sozinha, tinha população alfabetizada maior que todos os municípios do Sul Catarinense juntos. Observa-se que os municípios com maior número de alfabetizados foram também aqueles em que surgiu à maioria dos jornais na década de 30.

Mesmo que os dados do quadro acima sejam da década de 20, eles são relevantes para a nossa análise, tendo em vista que até a década de 30 a situação da educação no estado não sofreu mudanças significativas. Essa assertiva se fundamenta na medida em que o governo, até o final dos anos 20, não se preocupou com o ensino

⁷²⁰ PIAZZA, Walter F. *A Colonização de Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994, p. 337. O município de Criciúma não consta no quadro acima, pois na época era distrito de Araranguá.

⁷²¹ PIAZZA, Walter F. *A Colonização de...*, p. 337.

particular nas áreas de colonização alemã, por exemplo. “Pelo contrário, incentivou a criação das escolas particulares, porque o estado não tinha recursos suficientes para a implementação de escolas públicas em todas as localidades”.⁷²² Basta dizer, que em 1926, existiam 324 escolas particulares no estado, e, em 1935, subiram para 576 (sendo 24 estabelecidas nos municípios do Sul Catarinense). Dessas, 229 eram subvencionadas pelos municípios.⁷²³ Foi somente no pós-30 que ocorreram investimentos consideráveis do governo na criação de escolas em todos os municípios do estado. “O número de escolas municipais, em 1930, era de 130. Em 1932, elevou-se a 293. Subiu a 433, em 1933. Passou a 522, em 1934, e, em 1935, atingiu 564”.⁷²⁴

Assim, as publicações da imprensa do Sul Catarinense estavam voltadas em especial para as populações de luso-brasileiras, seus proprietários e redatores eram também luso-brasileiros, João de Oliveira, *Correio do Sul*; Pompílio Prereira Bento, *Sul do Estado*; Antonio Bessa, *Albor*; Goldofredo Marques, *A Cidade*. Isso leva a crer que artigos, notícias e notas referentes ao Integralismo publicados nesses jornais atingiam principalmente o público de leitores luso-brasileiros. Esse dado contribui, ainda, para fundamentar a assertiva de que no Sul Catarinense o Integralismo era formado, sobretudo por luso-brasileiros, estabelecidos nos centros urbanos e por imigrantes europeus e seus descendentes nas áreas rurais.

Quanto *A Voz do Sul*, era dirigido por um luso e um descendente, Nunes Varela e Aurélio Grott, o primeiro, professor, e o segundo, secretário do Ginásio

⁷²² SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: FCC, 1981, p. 183.

⁷²³ *Diário Oficial do Estado*, 16 de julho de 1936, p. 9.

⁷²⁴ *Diário Oficial do Estado*, 16 de julho de 1936, p. 8. No Sul Catarinense, em 1935, havia 124 escolas municipais.

Lagunense⁷²⁵, principal instituição que formava a maioria dos membros das classes médias e das elites em toda a região. Na Laguna, a diretoria do núcleo municipal era composta pelo Chefe Municipal, Antonio Dibb Mussi (médico recém-formado pela Universidade do Paraná, que havia migrado de Curitiba para Laguna em 35⁷²⁶, foi também professor do Ginásio Lagunense, e em 1938 assumiu sua direção); Sub-Chefe, Carlos Remor; 1º Secretário, Nunes Varela (professor do Ginásio Lagunense); 2º Secretário, Archimedes Monguilhote; Comandante da Milícia, João Alves de Souza; 1º Tesoureiro, Carlos G. Bessa; Dep. de Publicidade, Fernando Eggert. Além desses, pode-se citar outros membros que se destacavam no Integralismo local, Custódio Campos, Maria Campos Fonseca, Raul Naylor, Alayde Martins Naylor, Ivo Pimental, Selva Teixeira Pimental, Dulla de Souza, Lucio Alano, Pedro Martins da Silva, Teophilo Nolasco de Almeida, Euthalio Cyro de Castro (escriturário), José Fernandes, Antonio Baião (representante comercial) e Antonio Bessa (Diretor do jornal *Albor*).⁷²⁷ Ao se observar os sobrenomes de vários integralistas que estiveram à frente da organização do núcleo de Laguna, percebe-se que a maioria era luso-brasileira, trabalhavam como profissionais liberais (médico, professor, jornalista, funcionário público), e, portanto viviam nos centros urbanos.⁷²⁸

Assim, durante a década de 30 e mesmo na Primeira República, foi nos municípios de Laguna, Tubarão e em menor grau em Araranguá, que ocorreu a

⁷²⁵ O Ginásio Lagunense era o único que existia na época na região entre Florianópolis e Porto Alegre. Assim boa parte das elites e dos setores médios da região que investiram na educação de seus filhos os mandavam para Laguna.

⁷²⁶ Antonio Dib Mussi pertencia antes de vir para Laguna ao núcleo integralista da capital paranaense e, ao fixar residência no município “transferiu-se para o núcleo de Laguna que o considerava expoente de grande mérito em virtude da solidez de seus conhecimentos sociológicos e profunda integração na doutrina integralista”. *Albor*. Laguna, 13 de janeiro de 1935. Ano XXXIV, n. 1.582.

⁷²⁷ *Albor*. Laguna, 27 de janeiro de 1935. Ano XXXIV, n. 1.584.

⁷²⁸ Observa-se ainda a presença de mulheres no núcleo de Laguna. Conforme o jornal *Albor*, em 5 de maio de 1935, o Departamento Feminino contava com 15 mulheres, e 14 Plinianos.

circulação de jornais, municípios que possuíam o maior número da população alfabetizada. Além de maior capital cultural, pode-se admitir que nesses municípios havia um grupo razoável com uma situação financeira em condições de comprar assinaturas dos jornais.

Quanto às áreas de imigração, com exceção de Orleans, em que, até 1931, circulou o jornal *Correio do Sul*, não se observou a existência de jornais em Urussanga e Criciúma, durante toda a década de 30. Mesmo durante todo período da Primeira República, foram muito poucos os jornais editados nesses municípios, tanto em língua portuguesa quanto na da origem do imigrante. Em Urussanga, no início do século, foram editados alguns jornais em italiano, mas com curta duração: *La Pátria* (1901-1904), cujo proprietário era José Caruso Macdonald, *O Camponês*, de Lauro Martins, *L'Asino*, do padre Luige Marzano, *Il Mullo*, de José Caruso Macdonald⁷²⁹, *Il Colono*, *A Yergasta*.⁷³⁰ Todos esses jornais publicados nos primeiros anos do século XX evidenciavam uma disputa pelo poder político em Urussanga. Posteriormente foram editados, *La Colônia* (1910)⁷³¹, de Túlio Cavalazzi, e *La Nuova Urussanga*, (1914-1918), de propriedade do médico Aurélio Rotolo. Quanto a Criciúma, foi editado somente um jornal em toda a Primeira República: *O Mineiro* (1926), de propriedade de Marcos Rovaris, Frederico Minatto e Pedro Benedet⁷³², esses figuravam entre os principais comerciantes do município.

Em relação a Orleans, os jornais editados neste município durante a Primeira República foram todos em língua portuguesa. Eram dirigidos por nacionais e para os

⁷²⁹ MILANEZ, Pedro. *Fundamentos históricos de Criciúma*. Florianópolis: Ed. do autor, 1991, p. 230.

⁷³⁰ Os números de *Il Colono* e *A Yergasta* encontram-se na Biblioteca Central da UFSC.

⁷³¹ Sobre o jornal *La Colônia* ver: SANTOS, Roselys Isabel Correa dos. Imigração e Imprensa Italiana em Santa Catarina. In: Dreher, Martin; RAMBO, Artur B. Tramontini, Marcos J. (Org.). *Imigração & Imprensa*. Porto Alegre: EST/ São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004.

⁷³² MILANEZ. *Fundamentos históricos de Criciúma...*, p. 230.

nacionais. Isso porque o centro urbano de Orleans era de domínio da elite luso-brasileira, os descendentes de imigrantes europeus concentravam-se nas áreas rurais do município. Assim, constituíram-se os seguintes jornais na Primeira República em Orleans: *Gazeta Orleanense* (1925-1918), foi fundada por Tito Carvalho e dirigida por Godofredo Marques; *A Imprensa* (1919-1921), de propriedade de Godofredo Marques; *A Luz* (1920-1921), era dirigido por Evaristo Nunes; *O Direito* (1926-1927), dirigido por José Hülse, o único descendente a dirigir um jornal no município; *O Correio* (1927-1931), seu redator era Hermínio de Menezes Filho e tinha como diretor Hermínio de Menezes; e por último o jornal *Folha do Sul* (1930).⁷³³ Quase todos os jornais eram de orientação política definida, ligados ao Partido Republicano Catarinense, então no poder”.⁷³⁴ Os dois últimos, *Folha do Sul* e *O Correio*, “se apagaram, por terem sido contra a revolução de 30, de Getúlio Vargas”.⁷³⁵

Diferentemente do Vale do Itajaí e do Norte do estado, onde foram editados vários jornais em alemão e que difundiam a germanidade, no Sul Catarinense não se encontrou nenhum jornal dirigido para as populações de imigrantes alemães e seus descendentes, e muito menos de poloneses. Os jornais que chegavam para os alemães eram provenientes de outras regiões, de outros estados e até da Alemanha. Dessa forma, nas áreas de imigração europeia no Sul Catarinense, somente em Urussanga é que foram editados jornais em italiano, e alguns procuravam difundir a italianidade como, por exemplo, o jornal *La Pátria*. Os demais jornais da região, mesmo sendo alguns deles simpáticos ao fascismo, eram editados em língua nacional e dirigidos por

⁷³³ SILVA, Elias Manoel da. *A Palmatória* “Orleans já teve um tempo perigoso”: Revolta social em área de imigração no Sul de Santa Catarina na República Velha. Brasília: UnB, 2006, p. 131 (Dissertação de Mestrado em História).

⁷³⁴ DALL’ALBA, João Leonir. *Colonos e Mineiros no Grande Orleans*. Orleans: ed. do autor, 1996, p. 67.

⁷³⁵ DALL’ALBA. *Colonos e Mineiros...*, p. 67.

nacionais, estavam plenamente inseridos à comunidade nacional. E mesmo o jornal *O Mineiro*, de Criciúma, de propriedade de imigrantes italianos, era editado em língua nacional, além de sugerir aos seus leitores que se nacionalizassem. Um exemplo rico dessa assertiva foi o artigo intitulado “Nacionalisemo-nos”:

Puramente nacionalista deve ser todo individuo que tem amor a este grande país, que o viu nascer ou que o adotou como pátria. Deixemos os usos e costumes de outros povos que em nada adianta e cuidemos muito naturalmente do que é nosso, puramente nosso quanto aos nossos usos e costumes. (...). Devemos nos nacionalizar em tudo e por tudo, é preciso que saiba que estamos no Brasil, onde todo mundo goza da mais ampla liberdade, que não se goza em país nenhum do globo. Devemos nos orgulhar de sermos brasileiros e procurar difundir a língua brasileira por todos os recantos do país. Não adianta nada, querer manter a língua da origem quando nada lhes adianta, pois que o bom senso foge ver que, querer manter núcleo onde só se fala a língua de seus ancestrais, não passa isso de verdadeiro atraso, pois quer nas suas relações comerciais, quer em qualquer outra comunicação com o mundo oficial o individuo só tem que hablar a língua bela de Camões. Por isso procurem nacionalizar-se adaptem-se do meio, pois que país como este no mundo não há.⁷³⁶

Por fim, todos os indícios sugerem que nas áreas de imigração européia a imprensa não conseguiu espaço para se difundir, pois vivendo em seus núcleos coloniais extremamente ruralizados, com uma grande parte da população analfabeta ou semi-analfabeta, sujeitos as duras condições de trabalho impostas pelo cotidiano, e sem recursos financeiros para comprar uma assinatura, os jornais não se constituíram para os imigrantes e seus descendentes em um capital de grande importância.⁷³⁷

⁷³⁶ *O Mineiro*. Criciúma, 15 de dezembro de 1926. Ano I, n. 21.

⁷³⁷ O trabalho de TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1998, a um espaço dedicado ao tema da imprensa italiana, apontando para um número bastante significativo de jornais e revistas editados no Brasil em língua italiana entre 1880 e 1940, mas, sobretudo no período de 1885 e 1920. Contudo destaca que mesmo com uma quantidade razoável de jornais, esses eram pouco lidos, justificando que a maioria dos imigrantes era analfabeta e semi-analfabeta, além de enfrentarem diariamente duras condições de trabalho.

Assim, no Sul Catarinense, na década de 30, a organização do Integralismo, bem como as disputas pelo poder político com outras forças, configuradas na imprensa da região, ocorreu em especial nos jornais editados para as populações luso-brasileiras. Portanto, pode-se inferir que a difusão do Integralismo entre os imigrantes e seus descendentes não teve a imprensa como o seu mais eficaz instrumento.

Finalizando, cabe ainda uma palavra sobre outra categoria de impresso, o *Panfleto*. Encontrado durante a pesquisa e muito utilizado na região, em especial no município de Laguna, tanto pelos integralistas quanto por outras forças políticas na difusão e nas disputas pelo poder. No capítulo anterior, através dos *Panfletos*, foram demonstradas as disputas de poder no início dos anos 30 entre os próprios membros do Partido Liberal Lagunense. Demonstrou-se também que Partido Republicano atacava o candidato a deputado federal pelo Partido Liberal, Fontoura Borges do Amaral.

Através dos *Panfletos*, os partidos políticos atacavam-se mutuamente, faziam manifestos, convites, avisos, comunicados, lançavam candidaturas e divulgavam decretos. Como a imprensa integralista teve uma curta duração em Laguna, os *Panfletos* devem ter sido um canal para a difusão do Integralismo, utilizaram-se não só em Laguna, mas também em toda a região. Assim, quando da instalação oficial do núcleo de Laguna, o *Panfleto* foi utilizado chamando a população para o evento, com um texto curto e frases de efeito, a população era convidada a ingressar no Integralismo.

Panfleto convidado a população de Laguna para a instalação oficial do núcleo em 1934



Os *Panfletos* foram muito utilizados nas eleições municipais de 1936, tanto pelos integralistas quanto pelos outros partidos. Era comum a distribuição desse material, nos centros urbanos, em estabelecimentos comerciais, repartições publicas, escolas, igrejas, estação ferroviária e no caso de Laguna, no porto, local de circulação de vários segmentos da população. Nesses Panfletos, os candidatos eram

apresentados, e a população era convidada para participar de comícios.⁷³⁸ Para atrair a população nos comícios, geralmente destacava nos convites a participação de nomes com uma certa expressão política em âmbito estadual.

Panfleto convidando para comício em fevereiro de 1936



Assim, através da análise da imprensa e dos panfletos, procurou-se mostrar as disputas pelo poder político nos vários municípios do Sul Catarinense. Procurou-se também demonstrar em que medida a imprensa foi um instrumento para a difusão do Integralismo na região.

⁷³⁸ Com o *Panfleto* intitulado: “Comício no Magalhães”, publicado em 27 de fevereiro de 1936, o diretório da “União pela Laguna”, ao mesmo tempo em que convidava a população para o comício, apresentava alguns de seus candidatos para a eleição municipal.

A Imprensa entre os teuto-brasileiros no Vale do Itajaí e Norte do estado

Diferenciando-se do Sul Catarinense, onde nas áreas de imigração a imprensa teve pouca penetração na difusão do Integralismo, e não se configurou em instrumento determinante nas disputas pelo poder político, no Vale do Itajaí e no Norte do estado, foram decisivos nos embates travados entre as forças políticas no âmbito local e regional. Foram mais de 60 jornais editados nessas duas regiões, na década de 30. Assim, busca-se fazer um levantamento quantitativo e uma análise qualitativa dos principais jornais editados nessas duas regiões.

Tanto no Vale do Itajaí quanto no Norte do estado, desde o final do século XIX, já eram editados vários jornais. Na região Norte, logo após o início da colônia Dona Francisca, em 1852, foi editado o primeiro jornal em língua alemã: *Der Beobachter am Mathiasstrom* (O Observador às Margens do Rio Mathias), pelo imigrante alemão Karl Konstantin Knüppel, procedente da província de Posen.⁷³⁹ Quanto ao Vale do Itajaí, o primeiro jornal a ser editado foi a *Blumenauer Zeitung*, em 1881, criado por uma sociedade de vários blumenauenses, e dirigido pelo tipógrafo alemão Hermann Baumgarten.⁷⁴⁰

Quando se observa a historiografia que trata dos teuto-brasileiros no Vale do Itajaí e Norte do estado, fica evidente que algumas instituições marcaram de forma indelével essas populações. Imprensa, igreja e escola, apresentam um número significativo de estudos sobre essas populações. “Juntas, formavam um tripé

⁷³⁹ HERKENHOFF, Elly. *História da Imprensa de Joinville*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998, p. 14-15.

⁷⁴⁰ SEYFERTH. *Nacionalismo e identidade...*, p. 51.

extremamente importante nas áreas coloniais teutas, razão pela qual foram objeto primeiro de vigilância, depois de perseguição, por ocasião do advento do Estado Novo”.⁷⁴¹

Dessa forma, a imprensa, desde os primeiros tempos da colonização, configurou-se em um importante instrumento para os teuto-brasileiros. Ao se analisar esses jornais, percebe-se que a rigor foram criados por diversos interesses e não somente para difundir a germanidade, como comumente aparece no senso comum. Nesses jornais, eram destacadas as lutas pelo poder político, tanto pelas forças políticas em âmbito local, quanto também regional. Além disso, havia os jornais que centravam suas edições em aspectos econômicos, sociais e culturais da sua respectiva região. De certa maneira, pode-se dizer que as posições desses jornais se confundiam com a história de seus proprietários e redatores.

Assim, ao final do século XIX, por volta de 1895, entre os principais jornais editados em Santa Catarina, “que tinham abrangência mais ampla, quatro eram publicados em língua alemã: *Kolonie Zeitung*, e *Joinvillenser Zeitung*, em Joinville; *Blumenauer Zeitung* e *Urwaldbote*, em Blumenau”.⁷⁴² Ao longo de toda a Primeira República e durante a década de 30, no Vale do Itajaí e no Norte do estado, foi editado um número significativo de jornais em língua alemã, bilíngüe, e em língua nacional, voltado em especial para os imigrantes alemães e seus descendentes, estabelecidos tanto nos centros urbanos como nas áreas rurais. Foi somente com a implantação do

⁷⁴¹ KLUG, João. Imigração e Imprensa e imigração em Santa Catarina. In: Dreher, Martin. RAMBO, Artur B. Tramontini, Marcos J. (Org.). *Imigração & Imprensa*. Porto Alegre: EST/ São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004, p. 13.

⁷⁴² KLUG, *Imigração e Imprensa...*, p. 19.

Estado Novo que ocorrerá uma diminuição da publicação, além da intervenção sofrida por vários jornais.

Outro gênero de impresso de grande alcance nas áreas de colonização alemã foram os calendários. Nesses calendários, eram arrolados todos os dias do ano com os nomes de respectivos santos, ou, no caso dos protestantes, versículos ou personagens bíblicos. Destacavam os heróis germânicos e seus aniversários, os feriados e as festas religiosas, celebrava-se o trabalho cotidiano, desenhavam-se paisagens da natureza, de acordo com as estações do ano e as posições da lua, havia também em “cada uma das folhas, um espaço em branco para anotações de cunho pessoal”.⁷⁴³ Pode-se destacar ainda uma série de brochuras e folhetos religiosos, almanaques, folhetos de propaganda diversos, bem como versões simplificadas de romance e poesias.

Desde muito cedo, em Santa Catarina, nas áreas de colonização alemã, observa-se uma produção bastante razoável de jornais, calendários e outros impressos, editados na língua desses imigrantes. Foram publicações de vários gêneros, inicialmente financiadas por algum imigrante, por associações locais e pela igreja que posteriormente foram patrocinadas por entidades similares da Alemanha. Essa quantidade de impressos consumidas nessas regiões pode ser explicada, tendo em vista o alto índice de alfabetização desses imigrantes. A historiadora Marionilde Dias Brepohl de Magalhães, ao estudar o pangermanismo no Brasil na formação de uma cultura politizada durante a Primeira República, tomou como um dos referenciais para sua investigação o hábito de leitura do imigrante. Conforme a autora, mesmo

⁷⁴³ MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. Surgimento de uma Cultura Politizada: o Pangermanismo no Brasil. In: BRESCIANI, Maria Stella. SAMARA, Eni de Mesquita. LEWKOWICZ, Ida. *Jogos da Política: Imagens Representações e Práticas*. São Paulo: Marco Zero, 1992, p. 189.

procedendo das camadas mais pobres cerca de 93% dos imigrantes eram alfabetizados.

Trata-se de um público leitor com uma dedicação cada vez mais acentuada, o que se depreende pela evolução qualitativa daquele material; se em 1853, estima-se uma tiragem de 400 periódicos para toda a população, em 1928, calcula-se que há um jornal para cada 12 pessoas de origem alemã. Considerando-se que uma família seria composta, em média, por 5 a 6 membros, pode-se concluir que pelo menos metade do contingente adulto tinha acesso a esses noticiosos, adquiridos, na maioria das vezes, mediante assinaturas.⁷⁴⁴

Mesmo que o dado em relação ao grau de alfabetização dos imigrantes alemães seja um tanto exagerado, não resta dúvida de que nas áreas de colonização alemã o índice de escolarização era bastante significativo. No caso de Santa Catarina, como já foi abordado anteriormente, no Vale do Itajaí e no Norte do estado, em especial nos dois maiores municípios dessas regiões, (Blumenau e Joinville) estava concentrada uma população alfabetizada superior ao número de analfabetos na década de 20.

Assim, com alto índice de alfabetização e com uma condição econômica que possibilitava a assinatura de um impresso, no Vale do Itajaí e no Norte do estado, em especial entre os imigrantes alemães e seus descendentes, os jornais constituíram-se num instrumento considerável nas disputas pelo poder político, entre as várias forças políticas que surgiram no pós-30.

⁷⁴⁴ MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. Surgimento de uma Cultura Politizada..., p.186.

Jornais editados nos municípios do Vale do Itajaí na década de 1930⁷⁴⁵

Municípios	Jornais
Blumanau	<i>Blumenau Zeitung</i> (1930-1938); <i>Der Urwaldsbot</i> (1930-1940); <i>A Cidade de Blumenau</i> (1930-1940); <i>Correio de Blumenau</i> (1932-1933); <i>O Tinhoso</i> (1934); <i>Alvorada</i> (1935-1937).
Brusque	<i>O Progresso</i> (1930-1937), <i>O Rebate</i> (1934-1940); <i>Die Rundschau</i> (1935-1937); <i>Correio Brusquense</i> (1938).
Itajaí	<i>O Pharol</i> (1930-1936); <i>A Ordem</i> (1930-1931); <i>Itajahy</i> (1930-1931); <i>O Libertador</i> (1931-1936); <i>O Tempo</i> (1933); <i>Jornal do Povo</i> (1935-1940); <i>Itajahy</i> (1937-1939).
Gaspar	<i>O Gasparense</i> (1930).
Rio do Sul	<i>O Agricultor</i> (1930-1936); <i>Nova Era</i> (1938).
Rodeio	<i>Correio de Timbó</i> (1936); <i>O Semeador</i> (1936-1938).

Como se pode observar, foram 22 jornais editados no Vale do Itajaí durante a década de 30. Desses, 8 foram editados antes de 30 (*Blumenauer Zeitung*, *Der Urwaldbote*, *Cidade de Blumenau*, *O Progresso*, *O Pharol*, *A Ordem*, *Itajaí*, *O agricultor*), e apenas cinco continuaram sendo publicados após o golpe do Estado Novo (*Der Urwaldbote*, *A Cidade de Blumenau*, *O Rebate*, *Jornal do Povo* e *Itajaí*). Quanto aos jornais integralistas, na região foi editado somente o *Alvorada*, e tinham apoio de *Blumenauer Zeitung*, *O Pharol*, e *O Progresso*.

⁷⁴⁵ Biblioteca Pública do Estado (Santa Catarina). *Catálogo de jornais Catarinenses...*

Em Blumenau, a principal cidade do Vale do Itajaí, as disputas pelo monopólio do poder político se processaram ao longo de toda a Primeira República, e também na década de 30, entre a *Blumenauer Zeitung* e o *Urwaldbote*, “os jornais de maior tiragem, maior penetração e os mais polêmicos do Vale do Itajaí até a época de seu desaparecimento”.⁷⁴⁶ E relação ao *Urwaldbote*, esse não se interessou pelo Integralismo. Antes das eleições municipais de 1936, o *Urwaldbote*, destacava os candidatos da União Democrática Blumenauense, e um manifesto com 204 assinaturas de personalidades mais conhecidas em Blumenau, apoiando as candidaturas e enfatizando que nas eleições estava em jogo a preservação dos interesses econômicos do município.⁷⁴⁷ Além de enfatizar que nas eleições estava em jogo, sobretudo, a defesa dos interesses econômicos do município, conclamava a todos os blumenauenses que abandonassem suas divergências partidárias e as rivalidades pessoais em torno de uma unidade, e que, portanto, dessem seu voto para a União Democrática Blumenauense. Fundamentava esse discurso dizendo que quem não contribuísse para uma colaboração entre governo do estado e a próxima administração municipal, era um inimigo do progresso do município. “Como o integralismo era o único grupo oposicionista, só ele poderia aparecer como ‘inimigo do progresso’”.⁷⁴⁸

O *Urwaldbote* foi criado em 1893, pelo pastor Faulhaber, e até 1898 tratou especificamente dos interesses confessionais das comunidades protestantes. Em 1898, o pastor Faulhaber foi substituído por Eugen Fouquet, que dirigiu o jornal até 1927 (o jornal foi vendido em 1900, para G. A. Koehler). Sob a direção de Fouquet e com novo proprietário, o *Urwaldbote*, além de defender o pangermanismo, se engajou nas

⁷⁴⁶ SEYFERTH. *Nacionalismo e identidade...*, p. 50.

⁷⁴⁷ GERTZ, René. *O Fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p. 199.

⁷⁴⁸ Idem, p. 144.

querelas políticas do município, estabelecendo uma forte polêmica com os jornais brasileiros. Até 1917, foi um defensor das idéias do nacionalismo alemão, da Liga Pangermânica, e, na década de 20, lamentava a República de Weimar e esboçou opiniões anti-semitas. Com o afastamento de Fouquet, em 1927, foi sucessivamente mudando de redatores, até 1941, quando deixou de circular.⁷⁴⁹ Quanto ao Nazismo, pode-se dizer que até 1933, o *Urwaldbote* e seu proprietário Arthur Koehler acompanhavam com alguma simpatia a ascensão da Alemanha nazista e as atividades do grupo nazista local. Contudo, logo após “a tomada do poder na Alemanha a simpatia de Koehler em relação aos nazistas locais se reduz, porém a zero”.⁷⁵⁰ Essa assertiva fica evidenciada, quando os dirigentes nazistas de Santa Catarina escreveram a Koehler, para que o *Urwaldbote* difundisse a propaganda nazista na região. Koehler responde com uma negativa, explicando que o principal objetivo do jornal era servir aos teuto-brasileiros da região, que juridicamente eram brasileiros. Explicava ainda que a intenção do jornal era a preservação dos teutos junto ao *Volkstum*, fortalecendo sua posição econômica. Koehler concluía que no governo nazista o termo comunidade étnica havia tomado um sentido mais amplo do que até então era dado, e dava o assunto por encerrado.⁷⁵¹ A negativa de Koehler vem atestar que ele acreditava “que o trabalho realizado até agora estava correto e que nada deveria mudar, quer no conteúdo, quer na linha editorial de seu jornal”.⁷⁵² Pode-se inferir ainda que os interesses e os vínculos políticos do grupo do qual Koehler fazia parte não vislumbravam perspectiva alguma em apoiar ou aderir ao nazismo.

⁷⁴⁹ Outras informações sobre o *Urwaldbote* ver: SILVA, José Ferreira da. *A Imprensa em Blumenau*: IOESC, 1977. SEYFERTH. *Nacionalismo e identidade...*

⁷⁵⁰ GERTZ. *O Fascismo...*, p. 81.

⁷⁵¹ Sobre a resposta de Koehler aos dirigentes nazistas ver: GERTZ. *O Fascismo...*, p. 81-82.

⁷⁵² GERTZ. *O Fascismo...*, p. 82.

Em relação às polêmicas com os jornais brasileiros, essas persistiram na década de 30, exemplo disso, foi o artigo publicado e assinado pelo editor do *Urwaldtbote*, G. Arthur Koehler, intitulado: “Hüben und Drueben” (Aqui e acolá), no qual desqualificava a população luso-brasileira.

Nisso, pois, baseia-se o contraste com o seu concidadão luso-brasileiro, cujos pensamentos raramente passam além do “dia a dia tirando-lhe, em face das suas demasiadamente modestas pretensões para com a vida, muitas vezes, também, todo o sentido dinâmico para que pense no futuro. Ele pensa, no seu conceito de vida mais que ingênuo: hoje é hoje, amanhã o Creador benigno providenciará para que eu vá bem...”⁷⁵³

Não concordando com o artigo publicado no *Urwaldtbote*, o jornal *Alvorada* publicava uma nota de protesto do núcleo integralista de Blumenau e um artigo intitulado: “Der Urwaldbote”. Na nota intitulada “Protesto”, era publicado um trecho do artigo “Hüben und Drueben”, no qual explicitava sua indignação, ressaltando que no núcleo integralista de Blumenau se “congregavam brasileiros de todas as raças, irmanados no mais profundo sentimento de puro patriotismo e brasilidade”.⁷⁵⁴ Destacava que aquelas afirmações atingiam a população daquela origem, “vindo a alimentar o ódio de raças, que nós brasileiros condenamos radicalmente e formalmente”.⁷⁵⁵ Finalizava a nota protestando contra aquela publicação do *Urwaldbote*, que, segundo o núcleo integralista de Blumenau, vinha sendo um “insuflador e alimentador da desarmonia da família brasileira nesta parte de nossa Pátria, onde vivem brasileiros das mais variadas origens e que nós desejamos ver unidos na mais

⁷⁵³ *Urwaldbote*. Blumenau, 22 de novembro de 1935, n. 42.

⁷⁵⁴ *Alvorada*. Blumenau, 26 de novembro de 1935. Ano I, n. 58.

⁷⁵⁵ Idem.

franca e cordial harmonia”.⁷⁵⁶ Assim, adversário do Integralismo, contrário ao nazismo e tencionando com os luso-brasileiros, o *Urwaldbote* configurou-se no jornal mais polêmico do Vale do Itajaí.

Quanto a *Blumenauer Zeitung*, ela difundiu tanto a propaganda integralista, quanto a nazista. Em 1934, a *Blumenauer Zeitung* já fazia a propaganda do Integralismo no município, publicando as suas diretrizes e os seus estatutos bem como “material extraído dos jornais integralistas nacionais”.⁷⁵⁷ Além de difundir o Integralismo, o jornal era um instrumento de defesa dos constantes ataques que sofria na região, procedentes, tanto dos liberais quanto dos republicanos. Até a decretação do Estado Novo, no final de 1937, os integralistas tiveram de responder a questões referentes à manutenção das escolas e da cultura alemã. Foram vários os textos e artigos da chefia provincial e nacional publicados na *Blumenauer Zeitung*, procurando dar uma resposta a essa questão.

Podem-se apontar vários exemplos que evidenciam essa assertiva. O Integralismo ao perceber seu crescimento entre os teuto-brasileiros procurou parecer “germanófilo”. Em 6 de outubro de 1934, o jornal *Blumenauer Zeitung* publicava texto no qual Plínio Salgado explicava que seu bisavô veio da Alemanha para o Brasil em 1816, e casara-se com uma cabocla, e dessa união saiu uma geração de caboclos como ele. Com esse mesmo tipo de argumento, no ano seguinte, em 5 de outubro de 1935, Gustavo Barroso se lembrava que seu avô materno era imigrante alemão que

⁷⁵⁶ Idem.

⁷⁵⁷ GERTZ. *O Fascismo...*, p. 144.

viera de Stuttgart para o Brasil, e havia passado seus últimos anos de vida em Blumenau. Amplamente divulgado Barroso fez uma visita ao túmulo do avô.⁷⁵⁸

Ainda sobre essa questão, a *Blumenau Zeitung*, em 24 de outubro de 1935, publicava texto de Miguel Reale, que, a pedido dos integralistas do estado, manifestou-se sobre o problema. Inicialmente, Reale destacava que o integralismo não estava vinculado a qualquer credo religioso, ou que privilegiava essa ou aquela religião, e enfatizava a liberdade que todos tinham para tornarem-se adeptos de qualquer credo que julgassem correto. Por fim, Reale declarava que:

No Estado integralista os filhos de estrangeiros têm o direito e dever de aprender a língua de seu país, quando ao mesmo tempo cumparam o dever de aprender a língua dos brasileiros. Não é verdade que queiramos proibir o ensino em língua estrangeira. Somente o idiotismo dos inimigos e de pessoas mal intencionadas pode fazer acreditar um tal absurdo. Nosso desejo é que não somente os filhos de italianos e alemães aprendam essas línguas, mas também os brasileiros façam o mesmo, pois que nossa cultura disso só tirará proveito.⁷⁵⁹

Pode-se considerar que a resposta de Reale é a mais incisiva no que tange à problemática da língua. Posteriormente, outros artigos foram publicados na *Blumenauer Zeitung*, procurando mostrar que o integralismo não tinha a intenção de proibir a língua alemã ou fechar as escolas particulares. Contudo, num “continuum entre uma total negação e uma promessa irrestrita o Integralismo chega no máximo a uma resposta indefinida”.⁷⁶⁰ Há que se destacar que na *Blumenauer Zeitung*, transparecia “que a conservação do *Deutschtum* não se constituía em assunto central para os integralistas”.⁷⁶¹

⁷⁵⁸ GERTZ. *O Fascismo...*, p. 184

⁷⁵⁹ A tradução do texto foi extraída de: KUEHNE, João. O integralismo nazi-fascista em Santa Catarina. In: Delegacia de Ordem Política e Social de Santa Catarina. *O Punhal Nazista no Coração do Brasil*. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1943, p. 155.

⁷⁶⁰ GERTZ. *O Fascismo...*, p. 185.

⁷⁶¹ Idem, p. 188.

Quanto aos outros jornais, os editados no município de Blumenau na década de 30, *O Correio de Blumenau* e *O Tinhoso*, tiveram curta duração, e quando o Integralismo era organizado no município, já haviam desaparecido. Em relação ao jornal *A Cidade de Blumenau*, bissemanal em língua nacional, dirigido por Achilles Balsini, que circulou durante toda a década de 30, procurou manter-se afastado e uma postura independente em relação às tensões ocorridas entre as forças políticas da região. O jornal *Alvorada* será analisado separadamente em seguida.

Em Brusque, dos quatro jornais publicados no período, somente *O Progresso* era integralista, *O Rebate* trazia um número relativamente grande de matérias, destacando o Integralismo. *Die Rundschau* pertenceu ao Integralismo até abril de 1935, quando seu editor foi expulso. A partir de então, esse jornal passou a apoiar os liberais, e, antes das eleições municipais de 36, fazia propaganda enaltecendo a gestão vigente, enfatizando a necessidade de se eleger um prefeito de pulso forte, que não se deixasse levar por forças obscuras, mas que trabalhasse em prol da comunidade brusquense. Certamente, as forças obscuras eram os integralistas. O semanário, *Correio Brusquense*, criado em 38, combatia o Integralismo, mesmo esse já extinto.

O jornal integralista *O Progresso* foi fundado em 1929 por E. Straetz, e tinha como redator Henrique Bosco, e até 1934, ao que parece, era próximo aos liberais, pois foram encontrados vários artigos em que os eleitores eram chamados a votar no Partido Liberal, nas eleições para deputados estaduais e federais. Eleições nas quais, os integralistas estavam concorrendo, e o jornal já havia publicado várias matérias sobre o Integralismo no município.⁷⁶² Contudo, no número seguinte do jornal, era criada a página integralista e às vezes ocupava a página seguinte, com artigos, notas, imagens

⁷⁶² Matérias apoiando os liberais ver: *O Progresso*. Brusque, 12 de outubro de 1934. Ano VI, n. 23.

referentes ao Integralismo.⁷⁶³ Destaca-se aqui uma propaganda intitulada, “Pae de Família”:

Si teu filho quizer ingressar no Integralismo, não lhe cerceis o desejo. No Integralismo elle aprende a ser:
Um soldado de Deus e da Pátria;
Um zelador da honra; uma real afirmação do Brasil Integral;
Na Ação Integralista Brasileira, o jovem como o velho, verão nascer em si dos ensinamentos que receberam - uma cultura nova e sã!⁷⁶⁴

Em relação ao jornal *O Rebate*, criado em 3 de fevereiro de 1934, tinha como seu redator Henrique Bosco⁷⁶⁵, e auto-descrevia-se como um jornal que não se envolveria com questões políticas, cujo único objetivo era defender os interesses da comunidade. No entanto, nas eleições de deputados ocorridas naquele ano, o jornal fez forte propaganda para a coligação “Por Santa Catarina”, e em 1937 apoiava o candidato à presidência José Américo de Almeida. Mesmo assim, pode-se encontrar um número relativamente grande de artigos sobre o Integralismo neste semanário, todavia sem o entusiasmo e a quantidade de reportagens encontradas em *O Progresso*.

Os demais jornais dos municípios do Vale do Itajaí foram desaparecendo quando o Integralismo surgiu na região, foi o caso de *A Ordem*, *Itajaí*, *O Tempo*, e o *Gasparense*. É bem provável que o desaparecimento desses jornais, logo no início dos anos 30, fosse devido a sua vinculação com os republicanos, que foram alijados do poder com o movimento de 30. Quanto ao *Correio de Timbó* e *Nova Era*, tiveram

⁷⁶³ O Integralismo em Brusque foi criado em agosto de 1934, tendo com chefe Ivo Mosimam (dentista), Secretario Euvaldo Schaefer (comerciante), e o Tesoureiro era Benno Schaefer (mantinha relações com o banco Inco). Sobre isso Ver: BERTOLINI, Honório. *Brusque: cidade integralista uma história através dos jornais e memórias*. Florianópolis, 2000. Monografia de Especialização

⁷⁶⁴ *O Progresso*. Brusque, 19 de outubro de 1934. Ano VI, n. 24.

⁷⁶⁵ Henrique Bosco era redator do jornal *O Progresso* e em 34 assumiu também a redação de *O Rebate*. Contudo permaneceu na redação de *O Rebate*, somente no ano de 34 e retornando em 38. A saída de Bosco do jornal *O Rebate* ao que tudo indica deu-se em virtude da proximidade com o Integralismo. Sobre isso ver: BERTOLINI. *Brusque...*

curtíssima duração. O *Jornal do Povo* e *O Libertador* apresentavam-se como jornais independentes, sem vinculações partidárias. O Itajaí era um órgão do Partido Republicano Catarinense. Dos 7 jornais editados em Itajaí, *O Pharol* foi o único que deu apoio ao Integralismo. Finalizando, o integralismo ainda encontrou oposição do jornal *O Semeador* de Rodeio, que apoiava o governo. Com o artigo intitulado “O Punhal – arma integralista”, o articulista do jornal destacava o assassinato das sentinelas, que guardavam o Palácio da Guanabara, quando da tentativa dos integralistas de derrubar Getúlio Vargas do poder, em 11 de maio de 1938.⁷⁶⁶

Quanto ao Norte do estado, foi à região onde foi editado o maior número de jornais durante a década de 1930.⁷⁶⁷ Foram levantados mais de 30 jornais publicados em alemão, bilíngüe e em língua nacional.

⁷⁶⁶ *O Semeador*. Rodeio, 4 de junho de 1938. Ano II, n. 26.

⁷⁶⁷ Na região de Florianópolis foram publicados 24 jornais no período, sendo 21 na capital. Quanto à região serrana, foram publicados 8 jornais, desses, 6 estavam em Lages e na região Oeste, 10 jornais. Esse levantamento foi elaborado a partir das coleções da Biblioteca Pública de Santa Catarina.

Jornais editados nos municípios da região Norte do estado na década de 30⁷⁶⁸

Municípios	Jornais
Joinville	<i>Kolonie Zeitung</i> (1930-1940); <i>Jornal de Joinville</i> (1930); <i>A Notícia</i> (1930-1940); <i>O Clarim</i> (1932-1933); <i>Lokal-Anzeiger</i> (1932); <i>Popular</i> (1932); <i>O Ano Novo</i> (1933); <i>Correio de Joinville</i> (1930-1933); <i>Folha Nova</i> (1933-1940); <i>Moulin Rouge</i> (1933); <i>A União</i> (1933); <i>Anauê</i> (1934-1937); <i>Correio da Tarde</i> (1934-1935); <i>O Independente</i> (1934-1937); <i>A Vespa</i> (1934-1937); <i>A Agricultura</i> (1935-1936); <i>Die Zukunft</i> (1936-1938); <i>O Mestre</i> (1937-1938); <i>Jornal de Joinville</i> (1938-1940); <i>O Pliniano</i> (1935); <i>Joinvillenser Zeitung</i> (1934-1937)
Jaraguá do Sul	<i>Correio do Povo</i> (1930- 1940); <i>Jaraguá</i> (1934-1938).
São Bento	<i>Volks Zeitung</i> (1930-1938); <i>O Aço</i> (1938-1940).
São Francisco	<i>A Razão</i> (1930); <i>O Liberal</i> (1930-1940); <i>Folha do Comércio</i> (1938); <i>O Vicentino</i> (1939-1940).
Canoinhas	<i>Avante</i> (1930-1936); <i>Barriga Verde</i> (1937-1940); <i>O Triunfador</i> (1936-1937).
Mafra	<i>A Nação</i> (1933); <i>Correio de Mafra</i> (1933); <i>O Trabalho</i> (1935-1937).

Como se pode observar na década de 30, no município de Joinville, estava a maior concentração de jornais editados na Região Norte e também em relação aos demais municípios do estado. Dos 35 jornais levantados na Região Norte do estado, 21 eram publicados em Joinville, 6 circulavam antes de 30 e 9 continuaram a ser editados mesmo com a implantação do Estado Novo. Na região estava também o maior número de jornais integralistas: *Anauê*, *Pliniano*, *Joinvillenser Zeitung*, *Die Zukunft*, *Jaraguá* e *O Aço*. Além disso, os integralistas recebiam apoio do *Jornal de Joinville*.

⁷⁶⁸ Biblioteca Pública do Estado (Santa Catarina). *Catálogo de jornais Catarinenses...* O *Pliniano* e o *Joinvillenser Zeitung* não constam na biblioteca pública de Santa Catarina.

O *Kolonie Zeitung*, o mais antigo jornal de Joinville, foi fundado em 1862, inicialmente era um jornal da colônia e órgão publicitário para Dona Francisca e Blumenau. Com publicação trisemanal, tinha como objetivo ajudar os colonos a se familiarizarem com as condições de vida na nova terra. A partir de 1888, passou a ser bissetimanal.⁷⁶⁹ Tinha “agente em Blumenau, Desterro, Porto Alegre, Curitiba, Petrópolis, Rio de Janeiro, Santos e Hamburgo”.⁷⁷⁰ Pode-se afirmar que a *Kolonie Zeitung* configurou-se no jornal de maior alcance, pois suas publicações atingiam não somente a região Norte, mas também o Vale do Itajaí, chegando a alcançar outras regiões do estado. Desde o final do século XIX, a *Kolonie Zeitung* era republicana e a *Joinvillenser Zeitung* federalista, e participavam com uma intensa propaganda, apoiando as forças políticas que disputavam o poder político em Joinville e também na região.⁷⁷¹

Nas disputas pelo poder político no pós-30 em Joinville e região, a *Kolonie Zeitung*, e a *Joinvillenser Zeitung* estavam novamente em lados opostos. A *Kolonie Zeitung* nunca se envolveu com o Integralismo, muito pelo contrário, combatia o Integralismo. Exemplo disso ocorreu em 27 de fevereiro de 1936, antes das eleições municipais. O jornal explicava aos seus leitores que no pleito de primeiro de março estariam diante de dois modelos muito bem distintos. Dariam seu voto para um partido que pretende o bem do município, ou votariam em uma doutrina partidária que quer controlar e acabar com a liberdade do cidadão. O articulista do jornal ainda procurava deixar bem claras as diferenças entre os dois modelos em disputa. De um lado, sob a bandeira da Frente Única, uniram-se pessoas conservadoras e respeitadoras da

⁷⁶⁹ KLUG, João. *Imigração e Imprensa...*, p. 16-17.

⁷⁷⁰ Idem, p. 17.

⁷⁷¹ Sobre as disputas travadas nos jornais *Kolonie Zeitung* e *Joinvillenser Zeitung* nas eleições para a escolha do Superintendente municipal de Joinville em 1898, Ver: HERKENHOFF. *História da Imprensa de Joinville...*, p. 97.

constituição. Do outro, a Ação Integralista Brasileira, uma nova doutrina partidária na qual todos os seus adeptos juravam obediência ao Chefe Nacional. O articulista terminava questionando se o modelo integralista não era a escravidão.⁷⁷²

A *Joinvillenser Zeitung*, bissemanário, criado em 1895, por um grupo de luso-brasileiros, por imigrantes alemães e descendentes derrotados na Revolução Federalista. Seu proprietário foi o jornalista e imigrante húngaro Eduard Schwartz, que havia chegado ao Brasil em 1888.⁷⁷³ No pós-30, enquanto a *Kolonie Zeitung* apoiou a Frente Única constituída por liberais e republicanos, a *Joinvillenser Zeitung*, além de fazer a difusão do Integralismo, fazia também a propaganda do nazismo. Em 1919, Eduard Schwartz fundava também o *Jornal de Joinville*, seu filho era o gerente e a redação ficava a cargo do advogado Carlos Gomes de Oliveira.⁷⁷⁴ O *Jornal de Joinville* era um órgão que difundia a propaganda do Integralismo. Contudo, o apoio ao Integralismo na *Joinvillenser Zeitung* e no *Jornal de Joinville* ocorreu entre 1934 a 1937.⁷⁷⁵ Eduard Schwatz, proprietário dos dois jornais, rompeu com o Integralismo em 37. Depois de ter rompido com o Integralismo, Schwatz foi cercado na rua por integralistas locais e sacou um revólver para se defender.⁷⁷⁶ Com o golpe do Estado Novo, a *Joinvillenser Zeitung* seria extinta, mas o *Jornal de Joinville* continuaria com sua publicação e certamente enquadrada pelo novo regime.⁷⁷⁷

⁷⁷² GERTZ. *O Fascismo...*, p. 144-145.

⁷⁷³ HERKENHOFF. *História da Imprensa de Joinville...*, p. 92-93. Tanto o *Joinvillenser Zeitung*, como o *Kolonie Zeitung*, deixaram de circular em 1917, Poer ocasião da Primeira Guerra. Esses só retornaram com suas atividades em 1919.

⁷⁷⁴ Idem, p. 118.

⁷⁷⁵ FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre ontem e o amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no séculoXX*. Itajaí: Editora da UNIVALLI, 2000, p. 136.

⁷⁷⁶ *O Estado*. Florianópolis, 27 de julho de 1937.

⁷⁷⁷ No que tange aos jornais *O Clarim*, *Lokal Anzeiger*, *O Ano Novo*, *Correio de Joinville*, *Moulin Rouge*, *A União*, *Razão*, *A Nação*, *Popular* e *Correio de Mafra* já haviam desaparecido quando o Integralismo foi organizado na região a partir de 1934. Quanto aos jornais: *A Agricultura* (era um órgão da sociedade agrícola), *O Mestre* (Órgão oficial da Associação dos estudantes de Joinville), *O Trabalho* (órgão dos

Além da *Kolonie Zeitung* e da *Joinvillenser Zeitung*, pode-se ainda apontar outros jornais com menor expressão editados em língua alemã no Norte do estado: *Moulin Rouge*, *Lokal Anzeiger*, *Volks Zeitung* (que não se envolvia em questões políticas, mas possuía uma seção onde publicava textos de várias forças políticas, sem, no entanto, assumir a responsabilidade pelos escritos), e o *Die Zukunft*, que era um órgão integralista.

O jornal *O Liberal*, de São Francisco, e *Barriga Verde*, de Canoinhas, estavam vinculados ao Partido Liberal. O jornal *Folha Nova*, bilíngüe (Por Deus e Pela Pátria), estava sob direção de João Kuehne. Esse jornal fez ampla campanha para a Frente Única, nas eleições de 1936. Durante todo o mês de fevereiro, o jornal veiculava os nomes dos candidatos para prefeito e vereadores, bem como as suas qualidades.⁷⁷⁸ Em São Bento, *O Aço*, jornal Integralista, propagava a doutrina do sigma, sem praticamente sofrer nenhuma oposição do outro jornal local, o *Volks Zeitung*. Ali os integralistas venceram os liberais, elegendo o prefeito e fazendo cinco vereadores. Quanto ao jornal Jaraguá, teve seu diretor, o vereador integralista e chefe do núcleo de *Jaraguá*, Ricardo Gruenwaldt, assassinado pelo sargento Eucario de Almeida.⁷⁷⁹

Assim, procurou-se demonstrar nessa análise quantitativa e qualitativa dos jornais editados nas três regiões: o Sul catarinense, o Vale do Itajaí e o Norte do estado, as diferenças significativas no que tange ao uso da imprensa pelos integralistas e por outras forças políticas na luta pelo poder político. Como foi demonstrado, no Vale do Itajaí e no Norte do estado, entre os imigrantes alemães e seus descendentes, a

ferroviários de Santa Catarina), *O Triunfador* (órgão independente e recreativo, era bilíngüe), O Pliniano (Órgão integralista, no entanto não foi encontrado nenhum exemplar).

⁷⁷⁸ *Folha Nova*. Joinville, 14 de fevereiro de 1936.

⁷⁷⁹ *Jaraguá*. Jaraguá do Sul, 7 de outubro de 1937. Ano IV, n. 180.

imprensa esteve presente desde o início da colonização, os jornais mais importantes da região eram publicados em língua alemã. Por sua vez, no Sul Catarinense, em especial nas áreas de imigração, a imprensa não teve relevância nas lutas políticas, pois na década de 30 os jornais estavam concentrados nas áreas luso-brasileiras, principalmente em Laguna. Em municípios como Urussanga e Criciúma, não foi editado nenhum jornal na década de 30.

Alvorada, Flama Verde e Anauê: as tensões entre o Integralismo X oposição

Em Santa Catarina como foi exposto ao longo do trabalho, os integralistas fundaram vários jornais, além daqueles que em alguns momentos deram apoio ao Integralismo. Nesses jornais, foi difundida a doutrina integralista. O jornal configurou-se no principal instrumento por onde a doutrina chegava aos militantes. Os teóricos do Integralismo veiculavam suas idéias nos livros e os jornais eram encarregados de popularizar. Através do jornal, a doutrina integralista era materializada. “O jornal desempenhava, assim, a função de atualização e popularização do ‘corpus teórico’ integralista junto ao militante”.⁷⁸⁰ Pretendia-se com o jornal não somente doutrinar, mas, sobretudo, “transmitir a doutrina de modo uniforme”.⁷⁸¹ Assim, os jornais do interior do país “eram organizados de modo a reproduzir os jornais maiores, editados nos grandes centros onde se concentrava a elite dirigente do Movimento”.⁷⁸² Posto isso, antes de

⁷⁸⁰ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 79.

⁷⁸¹ Idem, p. 79.

⁷⁸² Idem, p. 79.

abordar as tensões, levanta-se uma questão: os jornais integralistas de Santa Catarina tinham todos uma mesma linha editorial seguindo à risca as diretrizes nacionais, ou pode-se encontrar algumas diferenças? Para responder a essa questão, faz-se uma rápida análise de três jornais integralistas: *Flama Verde*, *Anauê* e *Alvorada*.

O jornal *Alvorada*, de Blumenau era de propriedade de José Ferreira da Silva, eleito vereador em 1936, o mais votado. Foi dirigido, inicialmente por seu proprietário, e por um curto período dirigido por Aristides Largura, posteriormente a direção era assumida por J. Schubert Jr. O semanário *Alvorada*, iniciou sua publicação a partir de 8 de janeiro de 1935. Em seu primeiro número, o jornal destacava no editorial que seu programa estava centrado no lema “Deus, Pátria, Família” e “que dentro desses princípios, não nos envolveremos jamais em questões político-partidárias”.⁷⁸³

Contudo, na mesma página, o jornal estampava uma imagem de Hitler e um texto destacando o homem que há pouco mais de um ano havia implantado o nazismo na Alemanha, visto com desconfiança pelas nações liberais. Enfatizava ainda que a política externa da Alemanha estava “produzindo frutos que só os cegos se recusam a ver”.⁷⁸⁴ A ênfase dada a Hitler e à Alemanha Nazista contradiz a proposta de não se envolver em questões político-partidárias. No entanto, a simpatia ao nazismo era algo que perpassava vários jornais da região naquele momento, e, portanto, não sendo um indicador para se afirmar que o jornal fosse se envolver com questões políticas.

Todavia, ao se analisar os artigos, notas e textos publicados pelo jornal, as questões político-partidárias locais serão uma constante. Uma grande preocupação do

⁷⁸³ *Alvorada*. Blumenau, 8 de janeiro de 1935. Ano I, n. I.

⁷⁸⁴ Idem.

jornal foi tentar, através de seus artigos, resolver e atenuar as tensões entre os teuto-brasileiros e os luso-brasileiros. Com o artigo intitulado “O colono europeu, sua aclimatibilidade e assimilação”, o jornal destacava a importância e a contribuição do colono europeu para a colonização do Brasil. Apontava que a dificuldade enfrentada pelo imigrante europeu não foi de ordem física (a adaptação ao clima sub-tropical da região), mas sim de natureza social e política. No entanto, explicava que o luso-brasileiro, foi o primeiro colono a chegar ao Brasil, e que mais facilmente se adaptou e com “seu gênio aventureiro, aqui se fixou, fundando uma sociedade heterogênea na sua estrutura, mas verdadeiramente representativa dos valores nativos”. Quanto aos colonos que vieram posteriormente, “encontraram no Brasil toda a série de antagonismos, bastantes poderosos para afrouxar o carácter mais animoso e enérgico de um povo”. Mesmo diante da adversidade, o colono europeu “nem por isso abateu-se-lhes a moral ou deformado foi seu carácter. A lucta travada foi renhida, mas a Victória lhes sorriu afinal”. Por fim, o articulista do jornal finalizava o artigo exaltando os imigrantes alemães, italianos, poloneses e outros que estavam integrados à comunidade nacional, e “formam a base sólida sobre a qual há de assentar a verdadeira sociedade brasileira formada do amalgama dessas raças heróicas com o bravo lusitano e o guerreiro tupy”.⁷⁸⁵

Em um outro artigo, intitulado “Integralismo e Brasilidade”, o jornal procurava defender o Integralismo da acusação de ser um movimento desnacionalizador. Respondia que jamais havia surgido no país um movimento capaz de despertar o interesse das populações de origem estrangeira, pelas questões sociais, políticas e administrativas. As outras forças políticas despertavam o interesse da população

⁷⁸⁵ *Alvorada*. Blumenau, 25 de julho de 1935. Ano, I, n. 28.

somente nas campanhas eleitorais, “sem um sentido superior de brasilidade, porque giram em torno de um fato objetivo e limitado que se resume no nome do candidato e de duração efêmera porque desaparece uma vez depositada a cédula nas urnas”.⁷⁸⁶ Diferenciando-se delas, o Integralismo mantinha suas sedes sempre abertas, em seus núcleos, em muitos deles havia escolas, onde as publicações doutrinárias e a propaganda “mantém ininterrupto e sempre vivo o interesse do povo pelas questões nacionais”.⁷⁸⁷ E, sobre a população estrangeira dizia o texto:

E o nosso colono, o nosso artífice, o nosso comerciante ou industrial, o nosso homem de trabalho enfim, de origem estrangeira, que até aqui, fora das preocupações decorrentes de seu interesse individual e imediato, só tinha sua atenção voltada para os fatos que dizem respeito ao país de seus ancestrais, cujos jornais, cujos livros somente lia, hoje volta sua atenção para as cousas de sua Pátria. Si o faz através de sua língua materna, é porque a da sua Pátria não lha ensinaram.⁷⁸⁸

Observa-se que o articulista do jornal se dirigiu a todos o setores da sociedade de Blumenau de origem estrangeira. Entre os patrocinadores do jornal figuravam pessoas dos vários setores. No jornal havia um número significativo de propaganda do comércio, de indústrias e de profissionais liberais. O artigo finalizava explicando que essa população aos poucos estava se familiarizando com o novo ambiente “e por fim sentir-se-á brasileiro”.⁷⁸⁹

Dois outros artigos merecem destaque. Um deles, já citado anteriormente, intitulado “*Der Urwaldbote*”, e o outro publicado em março de 1937: “O Sr. Marcos Konder e o Integralismo”. No primeiro, condenava o artigo publicado por *Der*

⁷⁸⁶ *Alvorada*. Blumenau, 13 de agosto de 1935. Ano, I, n. 32.

⁷⁸⁷ *Idem*.

⁷⁸⁸ *Idem*.

⁷⁸⁹ *Idem*.

Urwaldbote, no qual atacava a população luso-brasileira. Argumentava o articulista que como brasileiros, e como teuto-brasileiros, não poderiam deixar de condenar a emissão de “conceitos pouco lizongeiros aos luso-brasileiros, em artigo assinado pelo seu director e proprietário”.⁷⁹⁰ Lamentava que o artigo do *Der Urwaldbote* ressaltava os defeitos dos lusos e as diferenças com os teutos, incitando ódio e malquerenças. Dizia ainda que a má vontade desse jornal para com os lusos já vinha de longa data. E num certo tom de ameaça, dava um recado dizendo “quem nasce em Blumenau, em Santa Catarina, no Brasil – é bom que ‘Der Urwaldsbote’ não se esqueça nunca – ou é brasileiro, ou é traidor, na feliz expressão de Lauro Muller”.⁷⁹¹ Finalizava conclamando, aos lusos e teutos, que, como brasileiros e como irmãos, deviam de mãos dadas e unidos construir a nação brasileira.

No segundo, *Alvorada* abordava a vinda de Marcos Konder a Blumenau no mês de março de 1937 para reorganizar o Partido Republicano. Konder, em uma das cartas endereçadas e publicadas pelo *Der Urwaldbote* atacava o Integralismo, dizendo que esse “andava a cortar, pela intensa brasilidade de sua doutrinação, os laços que antes prendiam o teuto-brasileiro à terra de seus paes”.⁷⁹² Lamentava que em Blumenau e Jaraguá os teuto-brasileiros tivessem aderido ao nacionalismo integralista, que chamava de nativismos. Contrapondo-se a essas palavras, o articulista prosseguia “nessa campanha desnacionalizadora, o Sr. Marcos Konder está semeando o joio da discórdia, entre teutos e luso-brasileiros”.⁷⁹³

⁷⁹⁰ *Alvorada*. Blumenau, 26 de novembro de 1935. Ano I, n. 58.

⁷⁹¹ *Idem*.

⁷⁹² *Alvorada*. Blumenau, 14 de março de 1937. Ano III, n. 167.

⁷⁹³ *Idem*.

Marcos Konder, de volta a Blumenau, para reorganizar o Partido Republicano, depois da esmagadora derrota sofrida nas eleições de 36, usou a imprensa para atacar seu principal adversário naquele momento, fato que demonstra a importância dessa instituição na vida dos partidos. A imprensa permite aos partidos “introduzir aos poucos na opinião pública as idéias que defende e que, para determinada parcela da opinião, se tornam, se duradouras, verdades absolutas”.⁷⁹⁴

Assim, a temática da brasilidade permeou os artigos publicados pelo jornal *Alvorada*. Isso pode ter ocorrido pelo fato de seu proprietário ser um luso-brasileiro, e que tinha pelo visto muita inserção junto à comunidade teuto-brasileira de Blumenau. José Ferreira da Silva, como já foi exposto, foi o vereador mais votado nas eleições de 36, e, além disso, exercia muita influência na gestão do prefeito Alberto Stein.

Que outras questões eram tratadas por esse jornal? Para além, os textos que constantemente eram abordados pela imprensa integralista: anticomunismo, liberalismo, destacar seus candidatos para as eleições municipais, fazer a campanha de Plínio Salgado para Presidência da República etc..., o jornal *Alvorada* contava com algumas seções: de esporte, militar (que apontava para os tipos de armas e munições e como usá-las), e a partir de 1936, com uma seção intitulada, “pelo mundo”, trazia pequenos textos tratando de temas diversos de países, tanto europeus quanto latino-americanos. Divulgava as ações do prefeito municipal Alberto Stein, bem como os balaios mensais da administração.

Quanto a *Flama Verde*, esse era dirigido pelo chefe provincial Othon D’Eça e gerenciado por Arnaldo Suarez Cuneo e Celso M. Caldeira. Nesse semanário, editado

⁷⁹⁴ BERSTEIN, Serge. Os partidos. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 69.

na Capital, entre 1936 e 1938, encontraram-se algumas características que a rigor o diferenciaram um pouco dos outros órgãos integralistas. Além das questões que eram comuns a todos os periódicos integralistas, na análise de *Flama Verde* pode-se perceber que esse procurava contemplar o Integralismo em âmbito estadual, pois as notícias veiculadas abrangiam as várias regiões do estado e seus municípios. Eram veiculadas notícias dos núcleos municipais e de suas atividades, a administração dos prefeitos e a atuação dos vereadores, a perseguição, prisão e morte de integralistas etc... Enquanto *Flama Verde* tinha uma atuação estadualizada, os demais órgãos da imprensa integralista restringiam-se ao município em que foram criados, no máximo divulgavam o Integralismo da sua região e, esporadicamente, traziam alguma notícia de outras regiões. Uma explicação para isso talvez seja o fato de o jornal estar na Capital, concorrendo com um número muito expressivo de outros jornais que publicavam notícias das várias regiões do estado.

Outra característica a ser destacada de *Flama Verde* é a questão sindical, essa perpassou praticamente todas as suas edições. Havia uma seção sindical, nela eram publicados artigos destacando a situação do sindicalismo e dos operários. Os comunistas eram combatidos, pois haviam dominado as posições de mando nos sindicatos. O artigo “Decadência do Sindicalismo” explicava que os sindicatos estavam “servindo aos interesses de Moscou, era preciso reformá-lo”.⁷⁹⁵ Em um outro artigo, “Manifesto dos trabalhadores integralistas aos syndicalistas do Brasil”, abordava a realização da convenção trabalhista no Rio de Janeiro com a participação de trabalhadores de todo o país, evento no qual os integralistas catarinenses haviam participado com uma delegação. O manifesto apontava para a bandeira de luta pela

⁷⁹⁵ *Flama Verde*. Florianópolis, 12 de novembro de 1936. Ano I, n. 14.

unidade e autonomia sindical, contra o imperialismo financeiro, fiscalização e criação de leis trabalhistas, a decretação do salário mínimo, e campanhas visando o civismo e o patriotismo. “Queremos conclamar-vos para a grande campanha em favor do syndicalismo, em favor do prestígio e da eficiência do sindicato, ameaçado ora pela demagogia comunista, ora pela exploração da política”.⁷⁹⁶

Na seção sindical, além dos artigos e notas sobre o sindicalismo, divulgava também a concepção integralista sobre o trabalho, o papel dos trabalhadores na sociedade, críticas à política trabalhista etc... A grande quantidade de artigos e notas publicadas por *Flama Verde* sobre os sindicatos e os trabalhadores sugere uma preocupação dos dirigentes desse jornal com o operariado. Mesmo sendo o discurso integralista voltado, sobretudo para a classe média⁷⁹⁷, ao que parece *Flama Verde* com sua retórica sindical estava buscando adeptos entre os trabalhadores.⁷⁹⁸

Quanto ao *Anauê*, primeiro órgão integralista em Santa Catarina, foi dirigido por José C. Ramos e gerenciado por Chavier Schenk e Willian Benthien. Fundado em 1934, o jornal apresentava-se como um órgão que viria para combater incansavelmente até a vitória do movimento. Com um discurso extremamente nacionalista, os redatores pareciam estar se dirigindo em especial para os imigrantes alemães e seus descendentes, pois explicavam que por brasileiros entendiam “todos os que aqui vivem,

⁷⁹⁶ *Flama Verde*. Florianópolis, 26 de novembro de 1936. Ano I, n. 16.

⁷⁹⁷ A partir de entrevistas com antigos militantes, Hélgio Trindade monta uma pirâmide social da AIB, enfatizando que a maioria dos militantes e dirigentes eram procedentes das camadas médias. TRINDADE, Hélgio. *O fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel; Porto Alegre: UFRGS, 1974, p. 139. Ver também: CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena. FRANCO, Maria S. Carvalho. *Ideologia e Mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p.53.

⁷⁹⁸ Cabe lembrar que no Manifesto de Outubro de 1932, a AIB se dirigia para vários grupos sociais e entre eles o operariado e aos sindicatos de classe. No que tange às relações entre Integralismo e trabalhadores ver: DOTTA, Renato Alencar. *O Integralismo e os trabalhadores: as relações entre a AIB, os sindicatos e os trabalhadores através do jornal Ação (1936-1938)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2003. (Dissertação de Mestrado em História).

sofrem e gozam conosco. Descendam de que raça descenderem. Queremos, exigimos, unicamente que se sintam, se considerem, se mostrem brasileiros”.⁷⁹⁹

Essa preocupação em alcançar os descendentes de alemães perpassou as publicações do *Anauê*, pois, além de possuir uma seção alemã, encontram-se também matérias enaltecendo a brasilidade dos teutos que estavam no Integralismo.

Nascidos no Brasil amam profundamente esta terra grandiosa, que se lhes afigura um paraíso terreal. Vimol-os na lavoura, em pleno sertão, cultivando o solo; vimol-os optimos soldados prestando serviços á Pátria; vimol-os, também nas letras, nas artes e na diplomacia, prestando inestimáveis serviços á nação.⁸⁰⁰

Anauê combatia também seus adversários políticos, denunciavam as violências cometidas contra os integralistas na região, e dessa maneira não se limitava a somente reproduzir notícias que eram publicadas nos grandes jornais do movimento. Dessa maneira, tanto *Anauê* quanto a *Alvorada* e *Flama Verde*, cada um em sua região, se envolveu nas disputas pelo monopólio do poder político, fato que se contrapõe à historiografia que argumentava que nos jornais do interior não se faziam “referências à política local, ou notícias locais que pudessem funcionar como fator de diferenciação”.⁸⁰¹

Um dado a ser destacado desses jornais era que os três eram dirigidos por luso-brasileiros e encontravam-se entre as pessoas de mais prestígio dentro do movimento. Isso fica evidenciado quando se observa a escolha dos candidatos a Câmara e ao Senado na convenção integralista. Cada região apresentou o seu candidato: “Othon D’Eça, pelo litoral; José Ferreira da Silva, pelo Vale do Itajaí; capitão Paulo Gonçalves Vieira da Rosa, pela Serra; Josino da Rocha Luores, pela zona do ex-

⁷⁹⁹ *Anauê*. Joinville, 14 de julho de 1934. Ano I n. 1.

⁸⁰⁰ *Anauê*. Joinville, 14 de julho de 1934. Ano IV, n. 111.

⁸⁰¹ CAVALARI. *Integralismo...*, p. 79.

contestado; José de Carvalho Ramos, pela zona do Norte e Antonio Dib Mussi pela zona do Sul”.⁸⁰² Todos luso-brasileiros, nenhum descendente, nomes como Jaime Wendausen, de Araranguá, Aristides Largura, de Joinville, e Alberto Stain, não figuraram entre os nomes escolhidos. A alta hierarquia era também dirigida por lusos, demonstrando a força desse grupo étnico no movimento.

Finalizando esse capítulo, aponta-se para outras tensões entre integralistas e oposição, que foram explicitadas pela imprensa. No primeiro capítulo deste trabalho, analisou-se a crítica do deputado estadual Marcos Konder, líder da minoria, em discurso na Assembléia Legislativa, em agosto de 1935. Em resposta, o jornal *Anauê*, em novembro, publicava o artigo “O opúsculo do sr. Marcos Konder”⁸⁰³, nele o articulista em um tom sarcástico foi analisando o livro de Konder, citava pequenos trechos e procurava mostrar as contradições, explicava que o livro se apoiava na autoridade de Calógeras, tomando um terço do livro (chamava de livrinho).

Assim, por exemplo, o articulista citava um trecho do texto de Konder, no qual este dizia que o Integralismo era um travesti do fascismo italiano, inadequado às condições do Brasil, para, em seguida, responder: “o Integralismo é um movimento profundamente nacional, nada tendo que ver com o fascismo italiano que como bem disse Mussolini não é mercadoria de exportação”.⁸⁰⁴ E prosseguia, “se o Integralismo fosse inadapável às nossas condições, como explicar o avanço estupendo deste movimento em todo o território brasileiro”.⁸⁰⁵ Somente concordava com Konder, quando atacava o comunismo.

⁸⁰² *Flama Verde*. Florianópolis, 25 de setembro de 1937. Ano I N. 54.

⁸⁰³ *Anauê*. Joinville, 30 de novembro de 1935. Ano II, n.16.

⁸⁰⁴ *Idem*.

⁸⁰⁵ *Idem*.

A partir de 1935, como já exposto no primeiro capítulo, o Integralismo vai sofrendo ataque tanto dos republicanos quanto dos liberais. Em 1936, Nereu Ramos, profundamente descontente com o resultado das eleições municipais, fazia uma declaração ao jornal *Kolonie Zeitung*, identificando o Integralismo ao nazismo, justificando a necessidade de uma política nacionalizadora.

Quero explicar-lhes a vitória do integralismo, ou melhor, do hitlerismo. (...). Eu disse hitlerismo, porque ali o fenômeno do integralismo não se apresenta com as mesmas características que nos demais estados da federação. Em todos os municípios em que o integralismo venceu predomina o elemento alemão. A bandeira não é Plínio Salgado, mas Hitler. Quando se pergunta a um colono 'és integralista', ele responde 'sou hitlerista'. É uma mística do militarismo alemão, como o caracterizou com muita propriedade o ministro. Marques dos Reis. (...). Creio que está na hora de se iniciar uma enérgica obra nacionalizadora nos municípios em que a colonização alemã não quer adaptar-se à vida brasileira (...). Isto significa: estacionar mais tropas nas zonas de imigração alemã, para que a mística do militarismo alemão tenha, em nossas casernas, um derivativo e os elementos teuto-brasileiros aprendam a integra-se na vida brasileira.⁸⁰⁶

Certamente Nereu Ramos, representante das oligarquias tradicionais, estava também preocupado em controlar o avanço e “sustentar sua luta contra os grupos emergentes modernos das regiões de colonização”.⁸⁰⁷

No Sul Catarinense o jornal *Sul do Estado*, órgão vinculado ao Partido Liberal publicava também várias reportagens desferindo ataque contra o Integralismo e suas lideranças. Com a nota intitulada “O sr. Plínio Salgado está sofrendo grave

⁸⁰⁶ GERTZ, René. Nazismo, Fascismo, Integralismo e o apoio das oligarquias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina ao Estado Novo. *Estudos Ibero-Americanos*, XIV (1) – 88, p. 27-28.

⁸⁰⁷ Idem, p. 28. Em âmbito nacional a imprensa também atacou o Integralismo. O jornal *O Globo*, na série de reportagens publicadas em 1937, sobre “a idéia do ‘perigo alemão’, que havia sido veiculada no Brasil durante a Primeira Guerra Mundial, toma também a forma de ‘perigo nazista’. Além da idéia de um ‘perigo nazista’, na série de reportagens do jornal aparecem mais dois ‘perigos’ nas regiões de colonização alemã do Vale do Itajaí. Um deles referia-se a nacionalização escolar e o outro, ao movimento integralista”. FROTSCHER, Meri. *Da Celebração da Etnicidade Teuto-Brasileira à Afirmação da Brasilidade: Ações discursivas das elites locais na esfera pública de Blumenau (1929-1950)*. Florianópolis: UFSC, 2003, p.118.

enfermidade mental”, o jornal publicava um texto do professor Fernando de Magalhães, do Rio de Janeiro, que afirmava a enfermidade do chefe integralista. “Estou desolado com a marcha da moléstia, pois aquelas alusões do sr. Plínio Salgado aos arcanjos e às espadas de fogo revelam alarmantes sintomas de paralisia geral”. Além dessa, as críticas ao Integralismo pautaram-se por publicações de textos procedentes de órgãos da imprensa nacional.⁸⁰⁸ Ao analisar os jornais, observou-se que essas críticas ocorreram com maior intensidade tendo em vista a pressão exercida pelo vereador integralista Alberto Remor contra o legislativo e o executivo municipal.⁸⁰⁹

Assim, o capítulo procurou demonstrar as disputas pelo poder político em Santa Catarina em especial no Sul Catarinense, no Vale do Itajaí e no Norte do estado. Ao fazer um levantamento quantitativo e uma análise qualitativa da imprensa demonstrou-se a vinculação desses órgãos com os partidos e grupos políticos, e como através dela se processavam as disputas pelo poder político no estado. Demonstrou-se que a imprensa teve papel determinante nas disputas pelo poder político nas áreas de colonização alemã, o Vale do Itajaí e o Norte do estado, fato que não ocorreu no Sul Catarinense. Ao analisar a imprensa integralista, evidenciou-se que essa não somente publicava textos nacionais, mas também participou ativamente das disputas pelo poder local.

⁸⁰⁸ *Sul do Estado*. Laguna, 31 de julho de 1937.

⁸⁰⁹ *Flama Verde*. Florianópolis, 3 de julho de 1937. Ano I, n. 43.

ÚLTIMAS PALAVRAS

A esse renascimento gratificante da história do político somou-se a nova respeitabilidade da história recente, da história das últimas décadas. De fato, chegou-se a um acordo: Clio está diontologicamente habilitada e metodologicamente equipada para medir o pulso da história do nosso tempo. Se uma história dinâmica é reconhecida pelas pistas que descortina, pelas perguntas que faz e pelas respostas que, aos poucos, consegue dar, é forçoso observar que essa história do fim do milênio forjou seus conceitos, verificou suas hipóteses e trouxe contribuições.⁸¹⁰

Essa renovação dos estudos da história do político, que divergiu do modelo da história tradicional, no qual a política estava relacionada somente ao Estado, ao nacional e ao internacional, bem como a respeitabilidade da história recente, impulsionaram os estudos de cunho regional, possibilitando dar visibilidade para as particularidades, as singularidades, as especificidades de lugares e épocas distintas.

Os estudos recentes sobre os anos 30 no Sul do Brasil, e em especial o Integralismo constituíram-se em um exemplo da importância de se abordar o regional, pois vem apontando para a heterogeneidade da história política nos três estados do Sul. Nesses estados, os historiadores foram colocando novas questões, pesquisas vêm sendo levadas a cabo, fazendo com que as diferenças e particularidades regionais venham aflorar.

Assim, quando iniciada esta pesquisa, tinha a intenção de perceber como os descendentes de imigrantes alemães e italianos do Sul Catarinense experimentaram a organização do Integralismo e o projeto da nacionalização imposta por Getúlio Vargas. O contato com as evidências e as leituras temáticas sobre o período bem como as

⁸¹⁰ SIRINELI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 238.

questões levantadas pela banca de qualificação provocaram alguns redirecionamentos no projeto inicial. Desse modo, optou-se por estudar o Integralismo e as lutas pelo poder político em Santa Catarina e em especial no Sul Catarinense. Ao estudar a organização e a popularidade do Integralismo, bem como as disputas pelo poder com outras forças políticas no Sul Catarinense, estabeleceu-se um comparativo com outras regiões do estado.

Dessa maneira, na primeira parte do trabalho, abordou-se a instalação do Integralismo em Santa Catarina, a sua organização nos municípios catarinenses: a constituição dos núcleos e sub-núcleos, a participação dos integralistas nas eleições estaduais e federais 1934 (fez-se também uma incursão pela política regional durante a Primeira República e as mudanças ocorridas no pós-30), a realização do Congresso Integralista em Blumenau e o grande desempenho da AIB no pleito municipal de 1936. Nesse capítulo, procurou-se dar ao leitor uma panorâmica da grande popularidade do integralismo em Santa Catarina. Apontou-se para as motivações desta grande aceitação da AIB em todo o estado, enfatizando que essa popularidade deu-se principalmente nas regiões de imigração européia: o Vale do Itajaí, o Norte do estado e também o Sul Catarinense. Essas regiões apresentavam diferenças no que tange a suas estruturas de poder sócio-econômico-político-culturais, e que foram decisivas na maior ou menor aceitação da AIB. Esboçaram-se diferenças, que foram aprofundadas ao longo de toda a tese, pois partiu-se do pressuposto de que ao apontar para essas diferenças e compará-las, poderiam ser encontradas outras peculiaridades do integralismo, ainda não visibilizadas na historiografia.

A segunda parte do trabalho privilegiou a formação sócio-histórica do Sul Catarinense. No contexto em que o Integralismo estava sendo organizado, a partir de

1934, a região era formada por oito municípios. De um lado, estava Laguna, Tubarão, Araranguá, Imaruí, Jaguaruna, habitados por populações compostas majoritariamente de descendentes de índios, escravos, açorianos e luso-brasileiros, o que denotava uma população marcada pela heterogeneidade étnica e cultural. De outro lado, estavam Urussanga, Orleans e Criciúma, formados a partir de núcleos coloniais, com sua população constituída especialmente por imigrantes europeus e seus descendentes.

Ao apontar para formação a sócio-econômico-político-cultural do Sul Catarinense, fez-se o cotejando com outras regiões (Vale do Itajaí e Norte do estado), demonstrando as diferenças, as singularidades e especificidades da região. Enquanto já na Primeira República, no Vale do Itajaí e Norte do estado, um grupo de imigrantes europeus e seus descendentes havia ascendido ao poder político local e regional, no Sul Catarinense o poder local estava nas mãos das elites luso-brasileiras estabelecidas nos municípios de Laguna, Tubarão, e Araranguá.

Analisando a historiografia sobre o Sul Catarinense, foi possível identificar três forças que disputavam o domínio na região quando do surgimento do Integralismo. Eram elas: a “força dos luso-brasileiros”, a “força dos imigrantes europeus” e a “força do carvão”. Essas três forças se configuraram em contextos e épocas diferenciados. A força dos “luso-brasileiros”, a primeira a se constituir na região, foi hegemônica em praticamente toda a Primeira República. Ao finalizar a Primeira República, estavam disputando o domínio sócio-econômico-político-cultural da região.

Foi evocando esse espaço e essa sociedade plurais, o caminho para se compreender a popularidade do Integralismo na região, suas diferenças, e peculiaridades. Na região, o Integralismo foi formado por descendentes de

imigrantes europeus e luso-brasileiros. A ampla maioria dos descendentes de imigrantes que aderiram ao Integralismo era constituída de pequenos proprietários estabelecidos nos núcleos coloniais, enquanto, os luso-brasileiros estavam concentrados nos centros urbanos, formados especialmente por funcionários públicos e profissionais liberais.

Na terceira parte do trabalho, procurou-se para analisar como o Integralismo foi recebido pela população no Sul Catarinense, tentando-se reconstituir os contornos da política na região no pós-30, apontando para suas diferenças, tensões e conexões. Demonstrou-se que as mudanças ocorridas na região impuseram uma maior dificuldade para a difusão do Integralismo nos municípios do Sul Catarinense. Mesmo que o Integralismo tenha tido maior dificuldade para sua difusão na região, ficou demonstrado ao analisar as eleições municipais de 1936, que as principais disputas se processaram entre integralistas e liberais.

Ao chegar à década de 1930, quando o Integralismo foi organizado no Sul Catarinense, a região vinha experimentando mudanças sócio-econômico-político-culturais, decorrentes tanto dos acontecimentos em âmbito nacional (leia-se o movimento de 1930), e o que provocou, quanto também das mudanças em curso no espaço local. A exploração do carvão provocou profundas mudanças em toda região e em especial nas áreas de imigração, onde estavam os municípios de Criciúma e Urussanga, atraiu grupos, empresários de outros estados e também o interesse do governo federal, que fez investimentos na região. A exploração do carvão permitiu a ascensão econômica e também política das áreas de imigração no pós-30.

Observou-se que as mudanças do pós-1930 chegaram negativamente para as populações do Vale do Itajaí e Norte do estado, no Sul Catarinense essas foram

positivadas. No que tange ao político, a região faria a maior bancada de deputados estaduais de sua história nas eleições de 1934, bancada formada em sua maioria de luso-brasileiros. Já no espaço local, os descendentes de imigrantes assumiriam as prefeituras municipais e também as câmaras de vereadores.

A região também fora influenciada pelos acontecimentos em âmbito internacional. Enquanto no Vale do Itajaí e Norte do estado o Nazismo exerceu maior influência, no Sul Catarinense foi o fascismo que alcançou maior popularidade entre os imigrantes italianos e seus descendentes. A retórica fascista atraiu não somente os imigrantes europeus e seus descendentes, a crise do liberalismo e os bons resultados alcançados pelos regimes totalitários e a oposição deles ao comunismo, acabaram sendo simpáticos também para os luso-brasileiros.

O trabalho ainda analisou as disputas pelo poder político através da imprensa. Ficou demonstrado que no Sul Catarinense, em especial nas áreas de imigração, a imprensa teve pouca influência como um instrumento para as disputas pelo poder político, pois na década de 30 não foi observada a publicação de nenhum jornal em Criciúma e Urussanga. Os jornais estavam concentrados em Laguna e Tubarão, eram publicados em língua nacional e, portanto, voltados especialmente para o público luso-brasileiro. Diferentemente no Vale do Itajaí e no Norte do estado, a imprensa desde o início da colonização foi um instrumento presente na vida daquelas populações, sendo, dessa forma, utilizado nas disputas pelo poder na região. Vários dos jornais tradicionais editados no Vale do Itajaí e no Norte do estado apoiaram o Integralismo, divulgaram a doutrina contribuindo para sua popularidade. Analisou-se também a imprensa integralista *Flama Verde*, *Anauê* e *Alvorada*, e demonstrou-se que mesmo reproduzindo as publicações dos jornais editados nos centros onde estavam os

dirigentes do movimento, apresentaram algumas diferenças e não eram totalmente uniformes.

Posto isso, é importante salientar que o tema do Integralismo e as lutas pelo poder político não se esgotam por aqui. Outras possibilidades de se abordar o tema podem ser exploradas. Após o fechamento dos partidos políticos, com a implantação do Estado Novo, o que aconteceu com os integralistas de Santa Catarina? Como já foi exposto, José Ferreira da Silva assumiu a prefeitura de Blumenau, Othon da Gama D'Éça, chefe provincial do integralismo, por exemplo, foi mantido por Nereu Ramos como conselheiro do Conselho Penitenciário do Estado. Nunes Varela, secretário de imprensa, Antonio Dib Mussi, chefe do núcleo de Laguna, ao que parece se aproximaram do governo, em 1947 eram eleitos deputados estaduais pelo Partido Social Democrático. O integralista Jorge Lacerda se filiou ao Partido de Representação Popular, e na década de 1950 será eleito governador do estado. Lacerda fez campanha com Plínio Salgado no Sul Catarinense. Esses dados revelam a necessidade de outras pesquisas.

Fontes

1. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro:

Questionário enviado as delegacias dos municípios catarinenses pelo Diretor da Seção de Segurança Nacional do Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

Ofício da Legião Republicana ao general Ptolomeu de Assis Brasil, 31 de maio de 1932.

2. Arquivo Público de Santa Catarina:

2.1 Diário Oficial do Estado – 1936.

Boletim Eleitoral

Produtos exportados pelo estado e os países compradores.

Unidades escolares do estado.

3. Arquivo da Assembléia Legislativa de Santa Catarina:

Mensagem apresentada a Assembléia Legislativa do estado pelo governador Nereu Ramos em julho de 1936.

Quadro referente à receita dos municípios em ordem decrescente.

4. Arquivo Público Municipal de Laguna.

Jornal *Albor*, Laguna, 1930-1940.

5. Arquivo Público Municipal de Araranguá:

Jornal *Campinas*, Araranguá, 1936-1937.

6. Arquivo Público Municipal de Tubarão:

Jornal *A Imprensa*, Tubarão, 1934- 1940.

Jornal *O Liberal*, Tubarão, 1930-1933.

7. Arquivo do Museu da Imigração Conde D'Eu de Orleans:

Relatório do engenheiro Charles Mitchel Smith Leslie – 1 de agosto de 1881.

8. Arquivo Particular de Antônio Carlos Marega:

Panfletos que circulavam em Laguna entre 1930-1940.

9. Arquivo Particular de Jandira Burigo Florentino:

Fotografias.

10. Biblioteca Pública de Santa Catarina:

10.1 Periódicos da década de 1930-1940:

Jornais de Laguna: *Albor, A Cidade, A Gazeta, Correio do Sul, A Razão, Vanguarda, Sul do Estado e a Voz do Sul, O Comércio* (1904).

Jornais de Tubarão: *O Liberal, A Paz, O Cruzeiro, A Gazeta do Povo, A Imprensa.*

Jornais de Araranguá: *Vanguarda, Campinas.*

Jornais de Orleans: *Folha do Sul, Correio do Sul, O Direito* (1927).

Jornal de Criciúma: *O Mineiro* (1926).

Jornais de Blumenau: *Blumenau Zeitung Der Urwaldsbot, A Cidade de Blumenau, Correio de Blumenau, O Tinhoso, Alvorada.*

Jornais de Brusque: *O Progresso, O Rebate, Die Rundschau, Correio Brusquense.*

Jornais de Itajaí: *O Pharol, A Ordem, Itajahy, O Libertador, O Tempo, Jornal do povo.*

Jornais de Rio do Sul: *O Agricultor, Nova Era.*

Jornais de Rodeio: *Correio de Timbó, O Semeador.*

Jornais de Joinville: *Kolonie Zeitung, Jornal de Joinville, A Notícia, O Clarim, Lokal-Anzeiger, Popular, O Ano Novo, Correio de Joinville, Folha Nova, Moulin Rouge, A*

União, Anauê, Correio da Tarde, O Independente, A Vespa, A Agricultura, Die Zunkunft, O Mestre, Jornal de Joinville, O Pliniano, Joinvillenser Zeitung.

Jornais de Jaraguá do Sul: *Correio do Povo, Jaraguá.*

Jornais de São Bento: *Volks Zeitung, O Aço.*

Jornais de São Francisco: *A Razão, O Liberal, Folha do Comércio, O Vicentino.*

Jornais de Canoinhas: *Avante, Barriga Verde, O Triunfador.*

Jornais de Mafra: *A Nação, Correio de Mafra, O Trabalho.*

Jornais de Florianópolis: *O Estado, República, Flama Verde, Gazeta, La Tribuna.*

11. Biblioteca da Assembléia Legislativa de Santa Catarina:

Jornal Diário Catarinense. Edição comemorativa dos 100 anos de história de Santa Catarina, 1997-1998.

12. Biblioteca do Tribunal Superior Eleitoral:

Boletim Eleitoral.

13. Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina:

Panfleto tecendo críticas ao governo do estado e a candidatos para deputado federal.

14. Acervo Benno Mentz/ILEA/UFRGS

Jornal *A Razão*, Curitiba, 1935.

15. Museu Histórico de Jaguaruna:

Panfleto “Coisas Nossas”: Jaguaruna de antigamente.

16. Relatórios de Cônsules:

Relatório do Sr. Gherardo Pio de Savóia – fevereiro de 1990 - Régio Cônsul em Florianópolis. In: DALL’ALBA, João Leonir. Imigração italiana em Santa Catarina.

Caxias do Sul: Ed. da Universidade de Caxias do Sul; Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1983.

Relatório do Sr. G. Caruso Macdonald – outubro de 1906 – Regente Real do Consulado em Florianópolis. In: DALL'ALBA, João Leonir. Imigração italiana em Santa Catarina. Caxias do Sul: Ed. da Universidade de Caxias do Sul; Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1983.

17. Recenseamento do Brasil 1920 – Ministério da Agricultura Industria e Comercio:

Dados referentes à economia do município de Tubarão.

18. Documentos Integralistas:

Manifesto de Outubro de 1932.

Estatutos da Ação Integralista Brasileira, aprovados no I Congresso Integralista de Vitória-ES, 1934.

Manifesto-Programa da Ação Integralista Brasileira, 1936.

19. Periódicos integralistas de circulação nacional:

Rio de Janeiro: *Monitor Integralista e A Offensiva*.

REFERÊNCIAS

- ALBERT, P. & TERROU, F. *História da imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- ALMEIDA, Beatriz Raize T. de. *O facismo italiano e o integralismo no Paraná no período entre guerras (1919-1945)*. 2003. Monografia de Graduação.
- ALVES, Francisco das Neves. *O Discurso Político-Partidário Sul-Rio-Grandense sob o Prisma da Imprensa Rio-Grandina (1868-1895)*. Porto Alegre: PUCRS, 1998, p. 9. (Tese de Doutorado em História).
- AMADO, Janaina. História e Região: Reconhecendo e Construindo Espaços. In: SILVA, Marcos A. *Repúblicas em Migalhas: História regional e Local*. São Paulo: Ed. Marco Zero, 1990,
- AMORIM. Aloizio Batista de. *Nazismo em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 2000.
- ANDRADE, Léo Rosa. *A Estrutura Coronelística de Dominação: Análise de um caso*. Florianópolis: UFSC, 1984. Dissertação de mestrado em direito.
- ANSART, Pierre. *Lês Cliniciens des passions politiques*. Paris: Senil, 1997.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de. *Totalitarismo e Revolução: O integralismo de Plínio Salgado*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 25.
- ARNS, J. Crisóstomo. *Tempo do Pai: Gabriel Arns (1890-1990)*. Curitiba: Linarth, 1991.
- ARNS, Otília. *Criciúma 1880-1980: a semente deu bons frutos*. Ciciúma: Prefeitura Municipal, 1985.
- ARENDR, Hannah. *Origens do totalitarismo (anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagens pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo (1858)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: Enciclopédia Einaudi. Portugal: imprensa nacional, v. 5, 1995.
- BALDIN, Nelma. *Tão fortes quanto a vontade, história da imigração italiana no Brasil: os vênets em santa Catarina*. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 1999.
- BELOLLI, Mário. *História do Carvão de Santa Catarina*. Criciúma: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002.

BARRETO, Cristiane. *Entre laços e nós: formação e atuação das elites no Vale do Itajaí (1889-1930)*. Porto Alegre: UFRGS, 1997. Dissertação de Mestrado em História.

BARRERAS, Maria J. Lanziotti. *Dario de Bittencourt 1901-1974. Uma incursão pela cultura política autoritária gaúcha*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 1998.

BARTH, Frederick. *Os grupos étnicos e suas fronteiras*. Tradução de Rodrigo Lavina. México: Fundo de Cultura Econômica, 1976.

BELOLLI, Mário et al. *História do Carvão de Santa Catarina*. Florianópolis: IOESC, 2002.

BERNARDO, Roseli Terezinha. O Carvão Nacional: do discurso formado à ação concretizada, 1880-1930. In: GOULARTI FILHO, Alcides. *Memória e Cultura do carvão em Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

BERTONHA, João Fábio. A máquina simbólica do integralismo: controle e propaganda política no Brasil dos anos 30. *História & Perspectiva*, Uberlândia, (7): 88-110, jul/dez. 1992.

BERTOLINI, Honório. *Brusque: cidade integralista uma história através dos jornais e memórias*. Florianópolis, 2000. Monografia de Especialização.

BERTOLINI, Honório. *Brusque: cidade integralista uma história através dos jornais e memórias*. Florianópolis, 2000. Monografia de Especialização.

BERSTEIN, Serge. Os Partidos. In: RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

BERTONHA, João Fábio. Entre a bombacha e a camisa negra: nota sobre a ação do facismo italiano e do integralismo no Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero- Americanos*. PUCRS, v. XXIV, n. 2, p. 247-268, dezembro de 1998.

BERTONHA, João Fabio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BERTONHA, João Fábio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. *Revista Brasileira de História*, v. 21. nº 40, 2001.

BERTONHA, João Fábio. Entre a bombacha e a camisa negra: notas sobre a ação do fascismo italiano e do integralismo no Rio Grande do Sul. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v. XXIV, n. 2, p. 247-268, dez. 1998.

BERTONHA, João Fábio. *Fascismo, Nazismo e Integralismo*. Ed. Ática 1ª Ed., 2003.

BHABHA, Homi K. *O local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BITENCOURT, João Batista. *Clio Positivada: A Artesania da Cidade Histórica de Laguna*. Florianópolis: UFSC, 1997. (Dissertação de Mestrado em História).

BITENCOURT, João Batista. *Estado novo, cidade velha: o governo ditatorial de Vargas desde Laguna*. Porto Alegre, 2002. Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Tese Doutorado).

BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertand, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução: Fernando Tomás, 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

BORGES, Vavy Pacheco. História e Política: laços permanentes. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 12, n. 23/24, set. 91/ago. 92.

BORTOLOTTI, Zulmar. *História de Nova Veneza*. Prefeitura Municipal de Nova Veneza, 1992.

BOSSLE, Ondina Pereira. *Henrique Lage e o desenvolvimento Sul Catarinense*. Florianópolis: editora da UFSC, 1981.

BRANDALISE, Carla. *O facismo na periferia latino-americana: paradoxo da implantação do integralismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1992, Dissertação de Mestrado.

BRUNHS, Katianne. *Espaços de sociabilidade e o idioma (a campanha da nacionalização em Joinville)*. Florianópolis: UFSC/CCH, 1997.

BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BURKE, Peter. *Sociologia e História*. Porto: Afrontamento, 1980; e *História e Teoria Social*. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Breve Notícia Sobre o Poder Legislativo de Santa Catarina: Suas Legislaturas e seus Legisladores de 1835 a 1974*. Florianópolis: Lunardelli, 1974.

CABRAL, *História de Santa Catarina*. 3ª ed. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

CALIL, Gilberto G. *O integralismo no pós-guerra. A formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2001.

CAMPOS, Bernardino de Senna. *Memórias do Araranguá*. Seleção e coordenação do Padre João Leonir Dall'Alba. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

CAMPOS, Cynthia Machado. *Controle e normatização de condutas em Santa Catarina*. São Paulo, PUC, 1992 (Dissertação de Mestrado em História).

CAMPOS, Cynthia Machado. *A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil*. Unicamp, Tese de Doutorado, 1998.

CAMPOS, Cynthia Machado. As intervenções do Estado nas escolas estrangeiras de Santa Catarina na era Vargas. In : BRANCHER, Ana. (Org.). *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

CAMPOS, Cynthia Machado. Identidade e diversidade no Sul do Brasil: as tentativas de homogeneização do espaço catarinense na era Vargas. *Fronteiras: Revista de História*. Florianópolis. n. 7, 1999.

CANABARRO, Ivo dos Santos. *Uma abordagem cultural de um movimento político dos anos 30: o caso do integralismo em Ijuí*. Porto Alegre: URGs, 1994, Dissertação de Mestrado.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. O controle da opinião e os limites da liberdade: imprensa paulista (1920-1945). *Revista Brasileira de História*. V. 2, n. 23-24. São Paulo: ANPUH/Marco Zero. Set/91 – Ag/92.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994

CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e construção da identidade nacional coletiva. *Revista Brasileira de História*. S.P. v. 16, n. 31 e 32, 1996, p. 336.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papyrus, 1998.

CAROLA, Carlos Renato. *Assistência Médica, Saúde Pública e o Processo Modernizador da Região Carbonífera de Santa Catarina (1930-1963)*. São Paulo: USP, 2004. (Tese de Doutorado em História).

CAROLA, Carlos Renato. Modernização, Cultura e Ideologia do Carvão em Santa Catarina. In: GOULARTI FILHO, Alcides (Org.). *Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2004.

CARONE, Edgar. *Revoluções do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Difel, 1977.

CARONE, Edgard. *O Estado Novo (1937-1945)*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CASSOL, Ivone Maria. Integralismo e imprensa doutrinária no Rio Grande do Sul (1934-1937). In: TRINDADE, Héglio. *Revolução de 30: partido e imprensa partidária no RS (1928-1937)*. Porto Alegre: L&PM, 1980.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. EDUSC, 1999;

CAVALARI, Rosa Maria F. A Educação no projeto Integralista. In: DOTTA, Renato Alencar. POSSAS, Lídia M. V. CAVALARI, Rosa Maria F. *Integralismo: Novos Estudos e Reinterpretações*. Rio Claro: Arquivo do Município, 2004.

CAVALETT, Lauci Aparecida. *O Integralismo e o Teuto Brasileiro: Joinville, 1930-1938*. Florianópolis, UFSC, 1998, Dissertação de Mestrado em História.

CERVO, Amado Luis. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália: o papel da diplomacia*. Brasília: Ed. Da UnB: são Paulo: instituto Italiano di Cultura, 1992.

CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade do capitalismo hiper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In: CHAUÍ, Marilena e FRANCO, Maria S. C. *Ideologia e Mobilização Popular*. São Paulo: Paz e Terra CEDEC, 1978.

CHAVES, Niltonci Batista. *O diário dos campos: discursos e representações sociais em Ponta Grossa (Paraná) década de 1930*. Assis, 1998. Dissertação de Mestrado.

CHAVES, Niltonci Batista. A saia verde está na ponta da escada!_as representações discursivas do diário dos Campos a respeito do integralismo em Ponta Grossa. *Revista de História Regional*. vol. 4, n. 1, 1999.

COELHO, Rolando Christian Sant' Helena. *Assim nasceu Sombrio*. Sombrio: Correio do Sul, 2003.

COHEN, Esther. *O governo federal e o partido nazista no Brasil*. Niterói, UFF, 1998 (Dissertação de mestrado).

CORREA, Carlos Humberto. *Um Estado entre duas Repúblicas: A Revolução de 30 e a Política de Santa Catarina até 35*, Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984.

COSTA, Auricélio. *Imaruí do Senhor dos Passos: tópicos para a construção da história de Imaruí e do Senhor dos Passos*. Garopaba: Editora: São Joaquim, 2003.

DALL'ALBA, João Leonir. *O Vale do Braço do Norte*. Orleans: Edição do autor, 1973.

DALL'ALBA, João Leonir. *Laguna antes de 1880: documentário*. Florianópolis: Lunardelli/UDSC, 1979.

DALL'ALBA, João Leonir. *Imigração italiana em Santa Catarina*. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

DALL'ALBA, João Leonir. *Colonos e mineiros no grande Orleans*. Florianópolis: Lunardelli, 1986.

DALL'ALBA, João Leonir. *História do grande Araranguá*. Araranguá: Gráfica Orion Editora, 1997.

DALL'ALBA, João Leonir. *Pioneiros nas terras dos condes*. 2ª ed. Orleans: Gráfica do Lelo, 2003.

DALL'ALBA, João Leonir. *São Ludugero para o Brasil: Memórias do padre José Pereira Kuns*. Orleans: FEBAVE, 2005.

D'AMARAL, Max Tavares. *Contribuição da colonização alemã no Vale do Itajaí*. São Paulo, Instituto Hans Staden, 1950.

D' AQUINO, Ivo. *Nacionalização do ensino: aspectos políticos*. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1942.

DE BONI, Luis Alberto. (Org.). *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre: EST. Vol. I, II e III. 1987, 1990, 1996.

DE DECCA, Edgard. *1930: O silêncio dos vencidos*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DINIZ, Eli. O Estado Novo: Estrutura de Poder Relações de Classe. In: FAUSTO, Boris. História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III, *O Brasil Republicano*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

DITZEL, Carmencita de Holleben M. *Manifestações autoritárias: o integralismo nos campos gerais (1932-1955)*. Florianópolis, UFSC, 2004, Doutorado em História.

D'AQUINO, Ivo. *Nacionalização do ensino: aspectos políticos*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1942.

DOTTA, Renato Alencar. *O Integralismo e os trabalhadores: as relações entre a AIB, os sindicatos e os trabalhadores através do jornal Ação (1936-1938)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2003. (Dissertação de Mestrado em História).

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa. *Cadernos de Estudo do PPG em História da UFRGS*. Porto Alegre, n. 13, 1995.

FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FALCÃO, Luiz Felipe. A Guerra Interna: (integralismo, nazismo e nacionalização). In: BRANCHER, Ana (Org.). *História de Santa Catarina: estudos Contemporâneos*. 2 ed., Letras Contemporâneas, 2000.

FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre o ontem e o amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: Ed. da UNIVALLI, 2000.

FAUSTO, Boris. A crise dos anos 20 e a Revolução de 1930. In: *O Brasil Republicano*, Vol. 2; Sociedade e Instituições (1889-1930). Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: História e historiografia*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Ed. da Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005.

FELIX, Loiva Otero. Historiografia política: impasses e rumos nas décadas de 1970-90. *Logos*. Canoas, v. 11, n. 1, maio 1999.

FIORI, Neide Almeida. *Aspectos da evolução do ensino público: ensino público e política de assimilação no Estado de Santa Catarina nos períodos imperial e republicano*. Florianópolis: Secretaria de Educação/Ed. da UFSC, 1991.

FLORES, Marie Bernardete Ramos. A autoridade do passado. In: *A Farra do boi: palavras sentidos ficções*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. SERPA, Élio Cantalício. A Hermenêutica do Vazio: Fronteira, Região e Brasilidade na Viagem do Governador ao Oeste de Santa Catarina. *Projeto História*. São Paulo, 18 de maio de 1999.

FROTSCHER, Méri. *Etnicidade e Trabalho Alemão: Outros Usos e Outros Produtos do Labor Humano*. Florianópolis: UFSC, 1998. (Dissertação de Mestrado em História).

FROTCHER, Meri. *Da celebração da Etnicidade Teuto-brasileira À afirmação da brasilidade: ações e discursos das elites locais na esfera pública de Blumenau. (1929-1950)*. Florianópolis, 2003, UFSC (Tese de doutorado em História).

FREITAS, Marcos César De. *O Integralismo: fascismo caboclo*. São Paulo: Ícone, 1998.

FUCK, Márcia Allage; e SACHWEH, Maria da Salete. As interferências do movimento integralista na formação do homem de Canoinhas. *Revista de Divulgação Científica da Universidade do Contestado*, Caçador (SC), v. 12, n. 2, p. 218-219, dez/2003.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1997.

GABRIEL, Rosa Maria C. *O integralismo no rio Jundiá*. Criciúma: Unesc, 1993. Monografia de Especialização.

GHISLANDI, Chailene N. *Os camisas verdes na colônia de Nova Veneza na década de 1930*. Criciúma: Unesc, 2004. Monografia de graduação.

GERTZ, René. O integralismo na zona colonial alemã. In: DACANAL, José H. e GONZAGA, Sérgio. *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

GERTZ, René. O integralismo em Santa Catarina. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, 3ª fase, n. 5, p.16-28, 1984.

GERTZ, René. *O fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1991.

GERTZ, René. Estado Novo: um inventário historiográfico. In: SILVA, José Luiz Werneck (Org.). *O feixe e o Prisma*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

GERTZ, René. A construção de uma nova cidadania. In: MAUCH, Claudia; e VASCONCELOS, Naira (Org.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

GERTZ, René. Nazismo, facismo, integralismo e o apoio das oligarquias no Rio Grande do Sul e Santa Catarina no Estado Novo. *Estudos Ibero Americanos*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, julho de 1998.

GERTZ, René. História política. *Logos*. Canoas, v. 11, n. 1, maio de 1999, p. 13-33.

GIRON, Loraine Slomp. *As Sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

GOULART FILHO, Alcides. *Formação econômica de Santa Catarina*. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

HILTON, Stanley E. *O Brasil e a Crise Internacional (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

HOBBSAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, T. (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HERKENHOFF, Elly. *História da Imprensa de Joinville*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

HUNSCHE, Carlos Henrique. *O Integralismo Brasileiro*. Tese de Doutorado autorizada pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Friederich Wilhelm, Berlim, 1938.

HOBOLD, Paulo. *A história de Araranguá*. Complementada e atualizada por Alexandre Rocha. Araranguá: [s.n], 2005.

HARTMANN, Silvia. *Os joinvilenses e a ação integralista brasileira nos anos de 1934 a 1936*. Joinville: UNIVILLE, 2002. Monografia de graduação.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HERING, Maria Luiza Renaux. *Colonização e Indústria no Vale do Itajaí*. O modelo Catarinense de Desenvolvimento. Blumenau: Ed: da FURB, 1987.

IRSCHLINGER, Fausto Alencar. *Perigo verde: integralismo no norte do Rio Grande do Sul (1932-1938)*. Passo Fundo: UPF, 2001.

IANNI, Constantino. *Homens sem paz: os conflitos e os bastidores da emigração italiana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

JACY, A. Seixas; BRESCIANI, Maria Stella; BREPOHL, Marion (org.). *Razão e Paixão na Política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002.

KUEHNE, João. O integralismo nazi-fascista em Santa Catarina. In: Delegacia de Ordem Política e Social de Santa Catarina. *O Punhal Nazista no Coração do Brasil*. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1943.

KÜHN, Fabio. O poder da vila: a atuação da Câmara de Laguna. In: BRANCHER, Ana. Arend, Silvia Maria Fávero (Org.) *História de Santa Catarina: séculos XVI a XIX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

KLUG, João. Imigração e Imprensa e imigração em Santa Catarina. In: Dreher, Martin. RAMBO, Artur B. Tramontini, Marcos J. (Org.). *Imigração & Imprensa*. Porto Alegre: EST/ São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004.

LAVINA, Rodrigo. Indígenas de Santa Catarina: história de povos invisíveis. In: BRANCHER, Ana. *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

LUCENA, Liliâne M. F. de. Evolução urbana de Araranguá: fundação até 1960. *Episteme*, Tubarão, v. 10, n. 28/29, p. 97-123, nov./jun. 2002/2003.

LACOMBE, Américo J. *Introdução ao Estudo da História do Brasil*. São Paulo: Nacional/USP. 1973.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas, 2 Ed. São Paulo: Papyrus, 1986.

LONTTIN, Jucely. *Orleans 2000: história e desenvolvimento*. Florianópolis: Elbert, 1998.

JULLIARD, Jacques. A Política. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre (Orgs.). *História: novas abordagens*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LENZI, Carlos Alberto S. *Partidos e políticas de Santa Catarina*. Florianópolis. Ed. da UFSC, 1983.

LOBMANN, Helena. O integralismo na comunidade de São Carlos. In: HASS, Mônica (org.) *Partidos eleições e voto*. Chapecó: Argus, 2003.

MILKE, Daniel Roberto. *O integralismo na capital gaúcha: espaço político receptividade e repressão (1934-1938)*. Porto Alegre: Pucrs, 2003, Dissertação de Mestrado.

MEIRINHO, Jali. *República e oligarquia: subsídios para a história catarinense: 1889 – 1930*. Florianópolis: Insular, 1997.

MONTEIRO, Joecyr. *Nacionalização do ensino em Santa Catarina, 1930-1940*. Florianópolis: UFSC, 1979.

MARZANO, Luigi. *Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil*. Tradução de João Leonir Dall'Alba. Florianópolis: Editora da UFSC/Prefeitura Municipal de Urussanga, 1985.

MARQUES, Agenor Neves. *História de Urussanga*. Prefeitura Municipal de Urussanga, 1979.

MILANEZ, Pedro. *Fundamentos históricos de Criciúma*. Florianópolis: Ed. do autor, 1991.

MAGALHÃES, Marionilde. *Pangermanismo e nazismo: A trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1998.

MARTINS, Manoel de Oliveira. *Imbituba: história e desenvolvimento*. Florianópolis: Ribeiro, 1971.

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. Surgimento de uma Cultura Politizada: o Pangermanismo no Brasil. In: BRESCIANI, Maria Stella. SAMARA, Eni de Mesquita.

LEWKOWICZ, Ida. *Jogos da Política: Imagens Representações e Práticas*. São Paulo: Marco Zero, 1992.

NASPOLINI FILHO, Archimedes. *Criciúma 70 anos: 1925/1995: ensaio para a sua história político-administrativa*. 4ª ed. Criciúma: Editora do autor, 1995.

NASCIMENTO, Dorval do. *Faces da Urbe. Processo Identitário e Transformações Urbanas em Criciúma/SC (1945-1980)*. Porto Alegre: UFRGS, 2006 (Tese de Doutorado em História).

NOGUEIRA, Rui Alencar. *Nacionalização no Vale do Itajaí*. Rio de Janeiro, Biblioteca Militar, 1947.

NEU, Márcia Fernandes Rosa. *Porto de Imbituba: de armação baleeira a porto carbonífero*. Tubarão: UNISUL, 2003,

O Integralismo em Blumenau: histórico e estatística: Blumenau em Cadernos. Blumenau: v. 40, n.11/12, nov/dez 1999. p. 26-44.

OLIVEIRA, João. BARRETO, Alexandre. *O Dictador Catharinense*. Tubarão: A Imprensa, 1924.

OTTO, Clarícia. *Catolicidades e italianidades: Tramas do poder em Santa Catarina (1875-1930)*. Florianópolis: Insular, 2006.

O III Reich e o Brasil – Documentos autênticos capturados na II Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Laudes, 1960.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: Ed: da UFSC. Ed: Lunardelli, 1983.

PIAZZA, Walter F. *O Poder Legislativo Catarinense: das suas raízes aos nossos dias 1934-1984*. Florianópolis: Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984.

PIAZZA, Walter F. *A Colonização de Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

PESAVENTO, Sandra J. *O imigrante na política rio-grandense*. In: DACANAL, José H. GONZAGA, Sérgio. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

PISTORELLO, Daniela. *“Os homens somos nós”: o integralismo na região colonial italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: PUCRIS, 2001, Dissertação de Mestrado.

POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.

PIAZZA, Walter Fernando. *Atlas Histórico do Estado de Santa Catarina*. Edição do Departamento de Cultura da secretaria de Educação e Cultura. Florianópolis, julho de 1970.

PIAZZA, Walter F. *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994.

PIAZZA, Walter F. *O Poder Legislativo Catarinense: das suas raízes aos nossos dias 1834-1984*. Florianópolis: Lunardelli, 1984.

PRADO JUNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. 41. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PERAZZO, Priscila Ferreira. *O perigo alemão e a repressão no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.

PANDOFI, Dulce Chaves. Os anos 30: as incertezas de um regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves. *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PIMENTEL, José. BELLOLLI, Mario. *Criciúma: Amor I*. Criciúma: edições Uirapuru/Prefeitura Municipal, 1974.

PIMENTEL, José; BELLOLLI, Mario. *Mini biografia de um pioneiro*: Marcos Rovaris. Criciúma, 1980.

REGIS, Lebon. *O perigo alemão e o problema do ensino em Santa Catarina*. Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1917.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. História regional e Local: problemas teóricos e práticos. *História & perspectivas*, (16/17), Jan./Dez. 1997.

RECKZIEGEL, Ana Luíza Setti. História Regional: dimensões teórico-conceituais. *Historia: debates e tendências*. Passo Fundo, v. 1, n. 1, 1999.

SANTOS, Roselys Isabel Correa dos. Imigração e Imprensa Italiana em Santa Catarina. In: Dreher, Martin; RAMBO, Artur B. Tramontini, Marcos J. (Org.). *Imigração & Imprensa*. Porto Alegre: EST/ São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004.

SILVA, Elias Manoel da. *A Palmatória "Orleans já teve um tempo perigoso": Revolta Social em área de imigração no Sul de Santa Catarina na Velha República*. Brasília: UnB, 2006. (Dissertação de Mestrado em História)

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Maria do Carmo Capello de. *Estado e partidos políticos no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Alfa-omega, 1990.

SILVA, Walburga Arns da. *Saga de uma família teuto-brasileira: Lehrer Arns, registro e vida de um professor de colônia*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1998.

SILVA, Janine Gomes da. *Tempo de Lembrar, tempo de esquecer... As vibrações do centenário e o período da nacionalização: histórias e memórias de Joinville*. Florianópolis: UFSC, 2004.

SANTOS, Silvio Coelho. *Índios e Brancos no Sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng*. Florianópolis: Ed. Edeme, 1973.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem a Curitiba e a Província de Santa Catarina*. São Paulo: Itatiaia, 1978.

SERPA, Élio Cantalício. et al. Laguna e Lages: reformulação das condutas. *Revista Catarinense de História*. Florianópolis: Insular, 1995.

SORATTO, Delotide Cristina F. *Poderes Locais e a Implantação da Diocese de Tubarão-(1940-1960)*. Florianópolis: UFSC. 2002. (Dissertação de Mestrado em História).

SEVERINO, José Roberto. *Itajaí e a Identidade Açoriana: A Maquiagem Possível*. Itajaí: Editora da Univali, 1999.

SILVA, Marcos A. (Org.). *República em Migalhas: História Regional e Local*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1990.

SEYFERTH, Giralda. *A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo do desenvolvimento econômico*. Porto Alegre: Movimento, 1974.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Florianópolis: FCC, 1981.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: UnB, 1990.

SERPA, Élio Cantalício. A Identidade Catarinense nos Discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. *Revista de Ciências Humanas*, v. 14, n. 20. Florianópolis: Editora da UFSC, 1986, p. 63-79.

SILVA, Elias Manoel da. Orleans já teve um tempo perigoso: ethos político em área de imigração no Sul de Santa Catarina na Velha República. *Tempos Acadêmicos*, n. 2, Criciúma, Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2004.

SILVA, José Ferreira. *História de Blumenau*. Florianópolis: Edeme, 1972.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

SANTA Rosa, Virgínio. *O sentido do Tenentismo*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Formação histórica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1962.

SILVA, Hélio. 1930 - *A Revolução Traída*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SABINO, Anselmo Teles; e GHISLANDI, Chairlene Nuernberg. *A ação integralista no Sul de Santa Catarina na década de 1930*. *Tempos Acadêmicos: Revista do Curso de História: Unesc. Criciúma*, n. 2, 2004.

SABINO, Anselmo Teles. *As fileiras do integralismo em Araranguá (1934-1938)*. Criciúma: Unesc, 2005. Monografia de graduação.

SZVARÇA, Décio e CIDADE, Maria Lúcia. 1955: o voto verde em Curitiba. *História: questão e debates*. Curitiba, APAH, jun-dez, 1989.

SCHMOCKEL, Eugênio Victor. *Memória Jaraguense: o integralismo. O “Estado Novo” – 60 anos. “A noite dos tambores silenciosos” e o Assassinato de Ricardo Gruenwaldt*. Jaraguá do Sul: Gráfica Editora, 1997.

SCHOROEDER, Carlos Henrique. *A rosa verde*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Jaraguá do Sul: Ed. da UNERJ, 2005.

SOUTO, Américo A. da Costa. *Evolução histórico-econômica de Santa Catarina: estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)*. Florianópolis: Centro de Assistência Gerencial de Santa Catarina – CEAG/SC, 1980.

SILVA, Carla Luciana da S. CALIL, Gilberto G. *Velhos integralistas: a memória dos militantes do signo*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2000.

SIRINELLI, Jean-François. L’Históri Politique et culturelle Sciences Humaines. *Hors Série*, nº 18, sep/oct 1997.

SANTOS, Roselys Isabel Correa dos. *A terra prometida: emigração italiana: mito e realidade*. 2º ed. Itajaí: ed. Da UNIVALI, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático da Metrópole*. São Paulo: Sociedade e Cultura nos Frequentes Anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SEITENFUS, Ricardo Antonio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1940: o processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília INL. Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

TRINDADE, Hélió. Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937). In: DACANAL, José H. e GONZAGA, Sérgio (org.) *RS: economia e política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

TRINDADE, Hélió. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, Porto Alegre: UFRGS, 1974.

TANINI, Veridiana M. *Relação de amor e ódio: o caso Wolfran Metzler (Integralismo, PRP e igreja católica 1932-1957)*. Passo Fundo: Ed. Universidade Passo Fundo, 2003.

TRICHES, Janete. *As Oligarquias dos Partidos: Criciúma/SC: 1945-1992*. Brasília: UnB, 1994. Dissertação de mestrado em Ciência Política.

THOMPSON, E. P. *Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TRONCA, Ítalo. *A revolução de trinta: A dominação oculta*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

TEIXEIRA, José Paulo. *Os donos da cidade*. Florianópolis: Insular, 1996.

TRENTO, Ângelo. *Do Outro Lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.

UNGER, Beatriz Garcia. *Joinville: uma ideologia em marcha*. Joinville, 1989, Monografia de Especialização.

ULYSSÉA, Ruben. *Laguna: memória histórica*. Brasília: Letra Ativa, 2004.

VARGAS, Getúlio. *A nova Política do Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Ed., 1º v. 1938, p. 244.

Vargas, Getúlio. *As Diretrizes da Nova Política do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria e editora José Olympio, 1943.

VIEIRA FERREIRA, Fernando Luis. *Azambuja e Urussanga: memória sobre a fundação, pelo engenheiro Joaquim Vieira Ferreira, de uma colônia de imigrantes italianos em Santa Catarina*. 2º ed. Orleans: Gráfica do Lelo Ltda, 2001.

VASCONCELOS, Gilberto. *Ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VOLPATO, Terezinha Gascho. *Vidas Marcadas: trabalhadores do carvão*. Tubarão: Ed: Unisul, 2001.

VETORETTI, Amadio. *História de Tubarão: das origens ao século XX*. Tubarão, Prefeitura Municipal de Tubarão, 1992.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Elites Políticas em Minas Gerais na Primeira República. *Estudos Históricos: História e Região*. Rio de Janeiro: FGV, v. 8, n. 15, 1995, p. 40.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. História, Região e Poder: A busca de interfaces metodológicas. *Lócus: revista de história*. Juiz de Fora: Núcleo de História regional/EDUFJF, v. 3, n. 1, 1997.

WAHLE, Sigfried Carlos. O integralismo no Vale do Itajaí. *Blumenau em Cadernos*: v. 39, n. 02, fev 1998, p. 33-37.

WERLE, Marcelo. *Aspectos básicos da formação política integralista em São Carlos*. Caderno de CEOM. Chapecó: Grifos, 1996.

WEHLING, Arno. WEHLING, Maria José C. M. *Formação do Brasil Colonial*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. *Revista Catarinense de História* – n. 2, p. 5-15, 1994.

ZUMBLICK, Walter. *Este Meu Tubarão...!* Tubarão: Edição do autor, 1974.

ZUMBLICK, WALTER. *Teresa Cristina: a ferrovia do carvão*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.

ZANELATTO, João Henrique et al. Memória e Trabalho. Sentimentos, lutas e esperanças dos trabalhadores aposentados de Criciúma. XI Encontro Estadual de História: mídia e cidadania. Florianópolis: UFSC, junho/2006 (Anais Eletrônicos).

Anexos

**Comício no Magalhães
DA**

“ União pela Laguna ”

O Directorio da «União pela Laguna», convida o povo lagunense para assistir hoje, ás 20 horas, de frente ao «Clube Ideal», no arrabalde do Magalhães, o comício que essa União Civica levará a efeito em propaganda dos seus candidatos a eleição de 1.º de Março.

Usarão da palavra os srs. João Clemente de Carvalho, Manuel José Machado e Flavio Bortoluzzi Sousa.

Contando com o comparecimento de todos os lagunenses, desde já agradece o Directorio da «União pela Laguna»

Laguna, 27 - 2 - 36

Columna de Invasão do Sector Leste

Commandada pelo G^{al}. Trifino Corrêa

Ala de Invasão

Previne-se á população em geral, que todo aquelle que fôr encontrado em actos de pilhagem, roubo ou qualquer desrespeito ás Exmas. Familias será passado peias armas immediatamente.

Laguna, 6 de Outubro de 1930

O Commandante da Ala

Fontoura Borges

Dissidencia Liberal de Laguna

Eleitores !

Sois chamados, no dia 24, a eleger o directorio do Partido Liberal Lagunense. O directorio Liberal actual é apenas provisorio, e foi empossado logo após o triumpho da revolução. Este directorio foi quem indicou ao sr. Interventor o nome do sr. José F. Martins como prefeito provisorio.

O Directorio Central do Partido Liberal, quer agora consultar a opinião livre e espontanea do eleitorado lagunense, afim de saber si os actuaes dirigentes interpretaram plenamente os postulados da Alliança Liberal e da Revolução de Outubro. Esta consulta será feita com o novo systema do voto secreto. Com o voto secreto o eleitor poderá dizer francamente a sua opinião, sem receio de perseguições, porquanto seu voto não será conhecido. E' util frizarmos este particular : o voto não poderá ser conhecido por ninguem, porque o eleitor quando collocar a chapa dentro do envelope, estará sozinho no quarto da votação, e elle mesmo fechará o envelope.

Como já dissemos muitas vezes, o envelope é o mesmo, para os dois partidos em lucha.

Por isso os empregados publicos, que antes da victoria da revolução eram cidadãos que nem tinham direito de opinar, porquanto, uma opinião contraria a do chefe politico os collocava em situação melindrosa e difficil, hoje podem, perfeitamente, dispor da propria vontade, porquanto sendo o voto secreto, serão ao abrigo de qualquer surpresa ou vingança. Ninguem pois, poderá ser demittido ou removido porque deixou de votar no candidato do chefe politico, porquanto ninguem saberá em quem o empregado votou.

A Dissidencia Liberal, pois, confia que todos os empregados publicos, aos quaes o Directorio dissidente garante desde já a mais completa liberdade de opinião e de pensamento, votem, francamente com a Dissidencia, cumprindo dest'arte com um dever de patriotismo, e dando uma prova de verdadeira independencia moral.

Os membros do Directorio Dissidente são todos liberaes que deram sobejas provas de espirito democratico e de dedicação ao progresso e ao bem estar da collectividade lagunense.

Muitos problemas serios e immanentes esperam ser resolvidos, no interesse do povo desta terra. A cidade carece de muitos melhoramentos, que a colloquem na vanguarda de outras mais adeantadas do Estado. O problema da agua não está de todo resolvido, porque é necessario ainda que Laguna tenha o seu systema de canalisação da agua potavel, e do esgoto, problemas estes de vital importancia para o progresso e saude de uma collectividade.

O problema das communições, merece o mais franco estimulo, e deverá receber a sua solução mais immediata possivel, afim de que Laguna fique definitivamente ligada com a capital e com os districtos do proprio municipio. A continução das obras da barra e o pagamento dos operarios e do commercio que esperam receber as dividas que a COBRASIL contrahiui durante o serviço de construcção do molhe, representam tambem problemas que serão estudados com attenção e carinho e poderão ser resolvidos com uma acção conjuncta entre o povo e as autoridades.

O eleitorado, pois que tenha confiança no novo Directorio Liberal dissidente. Constituido por homens honestos e verdadeiramente liberaes, tudo fará para minorar as difficuldades nas quaes debate-se actualmente a grande maioria da população do nosso municipio.

Dissidencia Liberal de Laguna

A Dissidencia Liberal de Laguna apresenta aos suffragios do eleitorado do municipio os seguintes cidadãos, que deverão constituir o novo Directorio Liberal do Municipio.

Aurelio Rotolo, medico, residente em Laguna

Gil Ungaretti, dentista.

Manoel Martins Pinho, exportador

Eusebio Nunes Netto, exportador

Giocondo Tasso, exportador

João Silva de Oliveira, negociante

Antonio Paulo da Silva, negociante em Cabeçuda

Oswaldo Poeta, negociante

Manoel Guedes Queiroz, representante commercial.

Conscientes das proprias responsabilidades, os membros do novo Directorio, confiam que a grande maioria do eleitorado não lhes negará seu voto, contribuindo assim para que seja iniciada em Laguna uma nova era de paz, de concordia, de progresso.

Dissidencia Liberal de Laguna

AO ELEITORADO

Os eleitores do municipio serão chamados, no domingo proximo, dia 24, a dar seu voto para a eleição do directorio definitivo do Partido Liberal de Laguna. No cumprimento deste alto dever, os eleitores não esqueçam de votar conforme dictar sua consciencia, sem obedecer a pressões, a ameaças ou a receios de possiveis perseguições. O Chefe do Partido Liberal Catharinense, Dr. Nereu Ramos, garantiu para todos a maior liberdade e declarou que não permittirá que sejam praticadas vinganças por motivos politicos.

O eleitor vote, pois, obedecendo ao seu proprio interesse. Quem votar no directorio chefiado pelo Sr. Baptista, votará no Sr. Zeca Martins, que é o prefeito indicado pelo directorio provisorio de Laguna. E votar no Sr. Zeca Martins quer dizer dar sua adhesão a uma politica de perseguições, de vinganças, de arbitrariedades. Quer dizer mais: é aprovar os pesados augmentos de impostos feitos pelo actual prefeito provisorio.

O eleitor poderá votar sem receio de que o seu voto será descoberto, porquanto é absolutamente secreto. Quem, pois, foi obrigado, por motivos diferentes a dar sua palavra que votaria no Sr. Baptista, deve, antes de tudo, escutar os dictames da sua consciencia, e quando será sosinho no quarto, aonde deverá preparar a cedula, faça com que o seu interesse de homem livre e consciente prevaleça. Vote com a Dissidencia e terá cumprido com o seu dever, porque a a Dissidencia garantirá ao eleitor plena liberdade de opinião, respeito absoluto da lei, e o inicio de um periodo de verdadeira democracia, como a Alliança Liberal e a Revolução prometteram ao povo brasileiro. A Dissidencia Liberal promete tambem ao eleitorado a redução dos impostos, e uma administração tolerante, effi- caz e serena, que promova o progresso e o melhoramento de Laguna.

O eleitorado, portanto, prestará um assignalado serviço ao municipio, votando coheso e firme no Directorio da DISSIDENCIA LIBERAL DE LAGUNA.

Partido Liberal de Laguna

Ao povo

Não se illudam !

Cuidado com os cantos das sereias !

A Dissidencia de Laguna, chefiada pelo muito conhecido medico e opportunista Dr. Aurelio Rotolo, lançou um boletim, sem data, dirigido ao eleitorado. E' ridiculo o proceder do Dr. Aurelio Rotolo, cujas artimanhas são por demais conhecidas pelo povo e especialmente pela pobreza desta terra. O Dr. Rotolo procurando insinuar o eleitor a votar contra o directorio chefiado pelo snr. Antonio Baptista da Silva, solta sua bilis peçonhenta contra o actual prefeito. O eleitorado precisa não se esquecer, que o Dr. Aurelio Rotolo é o homem mais interesseiro que tem Laguna e que, visando exclusivamente a sua pessoa não vacilla em prejudicar os interesses do povo. O eleitor no dia 24 de Maio agindo com convicção do voto que vae dar, não votará na chapa chefiada pelo Dr. Aurelio Rotolo, porque foi este homem que, para prejudicar o povo de Laguna, denunciou o Dr. Paulo Carneiro ao Interventor Federal, para accumular os cargos de medico do hospital e medico municipal.

Assim procedeu o interesseiro Dr. Rotolo para afastar do nosso meio aquelle illustre medico, verdadeiro apostolo da caridade, afim de que Laguna voltasse á sua exlussiva feitoria para ter oppor-tunidade de vingar-se dos seus desaffectedos, que tivessem a infelicidade de precisar de seus serviços. Não se esqueçam que o Dr. Aurelio Rotolo, que falla em **consciencia e regenerar costumes**, é o homem que por algum tempo foi um — parasita dos cofres publicos — **recebendo deshonestamente o ordenado mensal de 600\$000 como topographo de segunda classe dos melhoramentos da barra de Laguna.** O chefe do Partido Liberal Catharinense, Dr. Nereu Ramos, em seu discurso aconselhou com palavras vehementes e claras **que procurassem eliminar do partido os individuos ambiciosos que visam exclusivamente o seu interesse particular com prejuizo da collectividade.**

Acautelem-se com o Dr. Aurelio Rotolo, porque o acto des-honesto que praticou como **sanguesuga** da Commissão da Barra, só merece o desprezo do eleitor que deseja castigar os deshonestos, interesseiros e vingativos.

LAGUNA, 16-5-931.